

Ione Rodrigues Diniz Morais



Construindo o ser professor

(geo)grafias da trajetória de vida



SERTÃO CULT

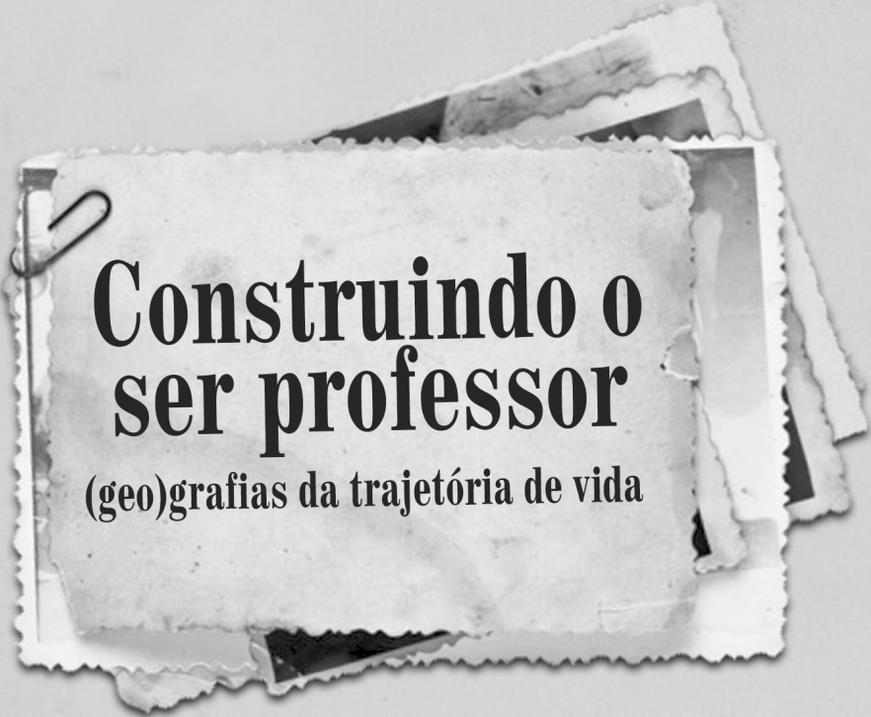




Ione Rodrigues Diniz Morais

Licenciada em Geografia (1985), mestre (1998) e doutora (2004) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora Titular da referida instituição, atualmente vinculada ao Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (DGE-CCHLA). Desde 1991 desenvolve atividades de gestão, ensino, pesquisa, extensão e outros fazeres afeitos à docência universitária. Na Gestão, assumiu as funções de coordenadora e vice-coordenadora de curso de graduação e pós-graduação, chefe e vice-chefe de departamento; atualmente, é Secretária Adjunta de Educação a Distância da UFRN. No Ensino de graduação, atuou nos cursos de licenciatura e/ou bacharelado em Geografia, Pedagogia e Turismo (presencial) e Tecnólogo em Gestão Pública (a distância); atualmente atua prioritariamente na Licenciatura em Geografia a Distância. No Ensino de pós-graduação, atuou em cursos de especialização e no Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA); na atualidade, é vinculada aos programas de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (PPGe-CCHLA), Pós-graduação em Geografia – Mestrado Profissional (GEOPROF-CCHLA/CERES-Campus de Caicó) e Pós-graduação em Geografia (GEOCERES-Campus de Caicó). Na Pesquisa, desenvolve projetos e orientações de trabalhos, em nível de graduação e pós-graduação, nas áreas de Geografia, principalmente nas subáreas de Geografia Urbana, Geografia Regional, Desenvolvimento Regional e Geografia e Saúde, e de Ensino de Geografia e de Educação mediada por tecnologias. Na Extensão, atua como coordenadora e colaboradora de ações nas modalidades de curso, programa, produto, projeto e, principalmente, evento. Participa de eventos locais-regionais, nacionais e internacionais como conferencista, palestrante, expositora/debatedora em mesa-redonda, entre outros, abordando temas correlatos as áreas em que atua como professora-pesquisadora. Possui uma produção científica diversa (capítulos de livros, artigos em periódicos, trabalhos em anais de eventos e material didático), com enfoque nas áreas em que atua na seara da pesquisa, destacando-se entre as publicações os livros de autoria própria e aqueles organizados ou produzidos em equipe.

Ione Rodrigues Diniz Morais



Construindo o ser professor

(geo)grafias da trajetória de vida

Sobral - CE

2021



Construindo o ser professor: (geo)grafias da trajetória de vida

© 2021 copyright by Ione Rodrigues Diniz Morais

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138

Renato Parente - Sobral - CE

(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222

contato@editorasertaocult.com

sertaocult@gmail.com

www.editorasertaocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Conselho Editorial

Alberto Pereira Lopes

Alisson Slider do Nascimento de Paula

Ana Paula Pinho Pacheco Gramata

Antonio Adílio Costa da Silva

Francisco Ari de Andrade

Irineu Soares de Oliveira Neto

Isorlanda Caracristi

Marcelo de Oliveira Moura

Maria Artemis Ribeiro Martins

Paulo Rogério de Freitas Silva

Raimundo Lenilde de Araújo

Sandra Liliana Mansilla

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Revisão

Karoline Viana Teixeira

Diagramação e capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

M827c Morais, Ione Rodrigues Diniz.

Construindo o ser professor: (geo) grafias da trajetória de vida / Ione Rodrigues Diniz Morais - Sobral- CE: Sertão Cult, 2021.

300p.

ISBN: 978-85-67960-42-5 - e-book - pdf

ISBN: 978-85-67960-43-2 - papel

Doi: 10.35260/67960425-2021

1. Educação. 2. Vivência- Educação. 3. Geografia. 4. Memorial- Educação. I. Título.

CDD 371.12
900



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

A Deus, fonte de luz, fé e speranza.
Aos meus pais (in memoriam),
chão da minha existência.
Aos meus filhos e esposo,
horizontes do meu viver.
Aos meus professores,
alumiadores do conhecimento.
Aos meus alunos,
razão do meu Ser professor.

Agradecimentos

No ano de 2020 celebrei 40 anos de atuação profissional, que compreendem 72% do meu tempo de vida, dos quais 29 anos foram dedicados à docência universitária. Sentimentos se mesclam em meio às lembranças do vivido, ao realismo do presente e às angústias, incertezas e esperanças no devir. Mas, indubitavelmente, há um sentimento que avulta e anima meu estado de espírito: GRATIDÃO.

Agradeço a Deus, cuja presença é real em meu viver, por ter sido fortaleza em todos os momentos. Por ter iluminado minhas escolhas, decisões e ações; pela história que me possibilita viver; pela dádiva da vida em sua plenitude.

Aos meus pais, Dione e Inácio, in memoriam, alicerces da minha existência, pela presença em minha trajetória, mesmo quando a vida redimensiona o existir. Pelos ensinamentos que fundamentam minha condição humana e por me ensinarem o Amor pleno, que transcende o tempo da vida terrena.

Aos meus filhos, Morais Júnior e Alexandre César, cuja existência representa o que de mais valioso a vida me proporcionou, pela compreensão e respeito aos itinerários que escolhi percorrer. Pela cumplicidade em nossos projetos de vida, pelas experiências de papéis invertidos e por me fazerem sentir a mais bela, genuína e esplêndida manifestação de Amor.

Ao meu esposo, Morais, pela convivência e pelo percurso entre aclives e declives, que me fizeram ainda mais combativa e resiliente, acentuando em meu ser a fortaleza dos princípios e valores familiares.

À amiga Ana Santana Medeiros Clemente, exímia professora em cuja alma habita a poesia. Pela competência na revisão gramatical de mais um texto marcante em minha vida; pelas experiências compartilhadas; pela perene e profícua amizade que guardo “debaixo de sete chaves, dentro do coração”, assim como fala a canção.

À amiga Eugênia Maria Dantas, contemporânea de formação no então Centro Regional de Ensino Superior do Seridó, Campus de Caicó, e de atuação na docência universitária, com quem compartilho parte considerável dos meus sonhos e realizações. Pelo conhecimento produzido e pelas experiências vivenciadas conjuntamente; pela presença sempre efetiva em momentos de conquistas e frustrações; pela amizade nutrida em meio às vivências que ultrapassam a rotina acadêmica e se instauram na tessitura da vida.

À Soneide Moura da Costa, aluna que tenho tido a grata satisfação de acompanhar todo o percurso da graduação e pós-graduação (atualmente minha orientanda de doutorado), que muito contribuiu no processo de aprimoramento do material para apresentação do Memorial. Pela presteza em compartilhar seu tempo e competências digitais e pela amizade construída desde que nos conhecemos.

Aos meus alunos de todos os níveis de formação, do passado e do presente, pelos ensinamentos e aprendizagens que construímos juntos. Pela cumplicidade na vivência dos desafios e das experiências teórico-metodológicas em nossas salas de aula, presenciais e virtuais; pelas contribuições a minha formação e atuação no cotidiano docente; pelas afetuosas relações de respeito, carinho e amizade; pelas lições de vida que suas histórias, ao cruzarem com a minha, possibilitaram-me apreender.

Aos professores de todos os níveis do meu percurso formativo, que contribuíram para que eu aprendesse a ler, escrever e contar.

Competências e habilidades que serviram de lastro em meu itinerário pelas diferentes áreas do conhecimento, a partir do qual escolhi a Geografia como porto para ancorar minha formação, minhas pesquisas e meus fazeres docentes.

Aos professores Rita de Cássia da Conceição Gomes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Beatriz Ribeiro Soares, da Universidade Federal de Uberlândia; José Borzacchiello da Silva, da Universidade Federal do Ceará, e Jussara Fraga Portugal, da Universidade do Estado da Bahia, por terem aceitado o convite para compor a Comissão Especial de Avaliação do Memorial, para fins de promoção à Classe Titular da carreira de Professor do Magistério Superior. Um momento singular em minha trajetória de vida.

Aos amigos professores e servidores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e de outras instituições nas quais desenvolvi atividades profissionais. Pelas experiências vividas; pela conjugação de esforços em ações educacionais e sociais; por me possibilitarem manter a crença de que a transição do sonho à realidade torna-se factível a partir de iniciativas construídas e implementadas coletivamente.

Aos demais familiares e amigos de outras jornadas da vida, pelo cuidado e afeto a mim dispensados, sobretudo em tempos de itinerância docente. Por fazerem parte do enredo de minha história e assumirem o importante papel de me requisitarem ao exercício de outras atribuições, por vezes secundarizadas ante a proeminência da atuação profissional.

Por fim, o sentimento de GRATIDÃO pela trajetória de vida encontra nas palavras de Cora Coralina sua expressão: “Não sei... Se a vida é curta ou longa demais para nós. Mas, sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas”. Essa é a premissa que lastreia minha trajetória de vida, construindo o meu Ser Professor.

Quero dizer coisas
que fiquem presas no tempo,
que atravessem o coração mais duro,
e, na leveza do voo dos pássaros,
expressar toda uma vida.

Quero dizer coisas
que só o amor e eu
sabemos eternizar.

(Decisão, de Valdenides Cabral de Araújo Dias)

Sumário

Apresentação Dr. José Borzacchiello da Silva.....	13
Apresentação Dra. Jussara Fraga Portugal.....	15
Apresentação Dra. Rita de Cássia da Conceição Gomes.....	23
PRÓLOGO: O PRESENTE, ENTRE O VIVIDO É DO DEVIR.....	25
1 (CARTO)GRAFIAS DA MEMÓRIA: SEMEADURAS DO/NO LUGAR.....	31
1.1 Matriz da minha existência: sobre minha origem e meu lugar.....	32
1.2 Primeiros percursos da escolarização: aprendendo a ler, escrever e contar.....	40
1.3 A escolarização em curso: aprendendo sobre espaço, tempo e pesquisa.....	51
1.4 Formação e iniciação à docência: aprendendo sobre ensino, ensinando.....	63
2 (RE)TERRITORIALIZAÇÕES EXISTENCIAIS: TRAVESSIAS, ENCRUZILHADAS E SOBREPOSIÇÕES.....	71
2.1 Primeira travessia: em busca da formação acadêmica.....	72
2.2 Primeira encruzilhada: a docência na Educação Básica.....	80
2.3 Segunda encruzilhada: a docência no Magistério Superior.....	85
2.4 Sobreposições: atuação profissional e formação continuada.....	90
2.5 Segunda travessia: em busca de novos horizontes de atuação.....	108
3 ITINERÁRIOS DE UMA CONSTRUÇÃO INACABADA: LAPIDANDO A PRÁXIS DOCENTE.....	113
3.1 A Gestão e o desafio da práxis política.....	115
3.2 O Ensino e o professor em construção.....	129
3.2.1 Ensino de Graduação.....	130

3.2.2 Ensino de Pós-Graduação.....	159
3.3 A Pesquisa e o fascínio da descoberta.....	164
3.3.1 Projetos de Pesquisa.....	165
3.3.2 Orientações de Pesquisa.....	171
3.3.3 Produção Científica.....	177
3.4 A Extensão e a socialização do conhecimento.....	183
3.4.1 Participação em Eventos.....	189
3.5 Ensino, Pesquisa e Extensão: percursos de um acontecer diferenciado.....	195
3.5.1 Laboratório de Estudos Geográficos.....	196
3.5.2 Base de Pesquisa Sociedade e Espaço.....	198
3.5.3 Licenciatura em Geografia a Distância.....	200
3.5.4 Bacharelado em Geografia.....	204
3.5.5 Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão.....	207
3.5.6 Programa de Pós-Graduação em Geografia — Mestrado Profissional.....	210
3.6 Trilhas diversas e outros fazeres acadêmicos.....	213
3.6.1 Colações de Grau.....	215
3.6.2 Bancas de Trabalho de Conclusão de Curso.....	217
3.6.3 Orientações de Estágio de Docência.....	220
3.6.4 Conselhos, Colegiados e Comissões.....	221
3.6.5 Parecerista de Periódico.....	222
3.6.6 Processo Seletivo Vestibular da UFRN.....	224
3.6.7 Agência de Desenvolvimento Sustentável do Seridó.....	229
EPÍLOGO: ENTRE O VIVIDO E O DEVIR, O PRESENTE.....	231
REFERÊNCIAS.....	238
APÊNDICES.....	243

Apresentação Dr. José Borzacchiello da Silva

Trajetórias de uma construção inacabada em busca da lapidação do Ser professor. Eis o itinerário percorrido pela Profa. Ione nessa escrita memorialista que coloca a disposição do leitor.

O memorial da Profa. Ione tem um movimento que permite seguir sua trilha acadêmica, seus apegos pessoais à família, aos lugares e ao magistério. Ela se revela essencialmente profissional, sequenciando sua vida de forma integral, dando lugar à subjetividade o que enriquece seu conteúdo, garante humanidade ao texto, tornando a leitura agradável. No que tange à vida profissional, o Memorial de Ione recupera 29 anos de magistério com nuances, idas e vindas de uma professora que, mesmo nascida em Acari, mantém seus vínculos de pertença com Cruzeta, seu lugar privilegiado de afetos e de lembranças. Esse apego à cidade pequena por ela analisada comprova sua sagacidade e instigante capacidade de ver e perceber o mundo, um mundo que atravessa escalas, impõe desafios, que com sabedoria são transpostos. Cruzeta, Caicó, Natal são escalas de uma trajetória ascendente de uma profissional séria e comprometida.

O texto apresenta muitas qualidades, contendo minuciosa descrição e análise das atividades desenvolvidas nos setores de ensino, pesquisa e/ou extensão e produção científica. Sua estrutura contem-

pla todas as etapas de 29 anos de trabalho. Merece destaque o relato de sua experiência no Ensino à Distância, atividade que lhe garantiu excepcional expertise. Sua vida acadêmica é completa; revela conhecimento, comprometimento e dedicação em todas as atividades realizadas. Um história de vida exemplar. A redação é primorosa, permitindo rápida compreensão dos conteúdos relatados. O texto é acadêmico e técnico simultaneamente, considerando os detalhes e minúcias da descrição das atividades, vivências e experiências adquiridas em sua trajetória. Revela uma profissional criteriosa nos apontamentos e relatos acerca de sua formação e atuação docente. Situa os fatos e acontecimentos no contexto histórico-cultural mais amplo em que se inscrevem. Seleciona adequadamente e com pertinência as referências teóricas e elementos que identificam sua liderança acadêmica

Ao enveredar pela leitura dessa escrita memorialista, o leitor acompanhará os diferentes momentos da vida da Profa. Ione. São percursos e itinerários pautados na compreensão do que é Ser Professor como proposta de vida da postulante.

*Dr. José Borzacchiello da Silva
Professor Titular e Emérito da Universidade Federal do Ceará.*

Apresentação Dra. Jussara Fraga Portugal

[...] tudo quanto dizemos e fazemos ao longo do tempo, mesmo parecendo desprovido de significado e importância, é, e não pode impedir-se de o ser, expressão biográfica, levou-me a sugerir um dia, com mais seriedade do que à primeira vista possa parecer, que todos os seres humanos deveriam deixar relatadas por escrito as suas vidas [...].

José Saramago¹

História de vida de professor; narrativas de si que entrelaçam percursos de formação-profissão. Esse é o escopo dessa produção literária tecida pelos meandros da escrita memorialista, originalmente apresentada pela Profa. Ione no contexto do processo de promoção da carreira do magistério no ensino superior (Classe E, Professor Titular). Contribuir com este momento avaliativo-formativo que demarca uma trajetória das histórias de vida (pessoais, de escolarização, revistando as memórias das escolas e dos professores e suas práticas, as reminiscências das itinerâncias de formação profissional) e que celebra os percursos de uma professora que gosta de ensinar.

[...] Minha vida se faz ao ser contada e minha memória se fixa com a escrita; o que não ponho em palavras, no papel, o tempo apaga².

1 SARAMAGO, José. Biografias. In: **O caderno de Saramago**, 22 de setembro de 2008. <http://caderno.josesaramago.org>. Acesso em: 02 jul. 2012.

2 ALLENDE, Isabel. **Paula**. Tradução de Irene Moutinho. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 16.

Em muitos momentos, durante a leitura atenta dessa escrita, me vi na narrativa da história contada. As memórias evocadas pela autora com muitos e pequenos detalhes, muitas vezes cruzavam com as que guardo no meu baú. Há singularidades, claro, mas muitas delas se entrecruzam com as minhas, das quais destaco: menina de classe popular que nasceu numa pequena cidade do sertão nordestino, cujos pais valorizam a educação como possibilidade de travessia para um mundo melhor, oriunda de escola pública precária, cujos professores leigos se preocupavam com o ensinar e garantir as aprendizagens dos alunos... Ah!!! E a presença marcante de um açude nas nossas vidas!!!

Ir para o açude para tomar *banho*, lavar roupa, brincar e aprender a pescar era uma prática sociocultural experienciada na minha infância e começo da adolescência. Era um importante lugar de sociabilidade existente na cidade. Nos períodos de estiagem, os banhos proibidos aguçavam mais o desejo de mergulhar naquelas águas escuras do açude da minha cidade natal, Antônio Cardoso (BA). No começo dos anos 1980, sem direito à água encanada, o açude era a única fonte de acesso à água para as atividades cotidianas. Aliás, a Profa. Ione teve dois. O açude público de Cruzêta e o de Caicó. Em Cruzêta, o açude assume uma representação especial por ser o elemento fundante da formação socioespacial do lugar e, conforme narrado, era concebido como um patrimônio da família, localizado no quintal de sua casa, compreensão que, conforme sua narrativa, “[...] demonstra o sentido que o açude tem em minha vida e como ele fez parte do cenário e do enredo de minha história”.

A importância de um açude presente no dia a dia é algo que muitos desconhecem, mas, para nós nordestinos, simboliza o direito à vida, uma vez que a água para o nordestino é tudo. Chuva é uma bênção. Para mim, o mais lindo fenômeno da natureza. Creio que talvez seja por essa representatividade e relevância que potencializamos e celebramos tanto a sua existência em nossas vidas.

E sobre os registros imagéticos (as fotos do seu pai), o que falar? As memórias que foram desencadeadas ao revisitar os álbuns de família retratam histórias de vivências e experiências, tempos e temporalidades; cenários e lugares; pessoas e eventos. A sua leitura possibilita, com o olhar de hoje, revisitar o passado, identificando o que foi mais marcante na sua itinerância.

Como você, professora Ione, também vivi e ainda hoje, pratico itinerâncias. Mudanças de lugar para garantir o direito à escola e a continuidade dos estudos. E hoje, esses deslocamentos são presentes e constantes para praticar a docência. No meu caso, do portão do sertão (Feira de Santana, a Princesa do Sertão) para o sertão (Serrinha no Território do Sisal), e agora do sertão para o litoral (Salvador).

Como uma tecelã, na escrita do seu memorial, Ione vai puxando os fios da memória e, com a linha e a agulha, vai bordando a sua narrativa e nos possibilitando conhecer a sua história, marcada por muitas travessias. Travessias que, segundo a narradora, “[...] possibilitaram desbravar fronteiras e alargar a compreensão do mundo em uma cuidadosa experiência que me fez (e faz) enxergar o meu lugar nesse universo e o meu universo nesse lugar: Sou professora”. Para mim, são geo(BIO)grafias marcadas pelas *geo(bio)travessias*³ que comportam um repertório de histórias de mobilidades – geográfica, social e cultural –, ritos de passagem, cujos percursos revelam processos de auto-re-organização das aprendizagens e do conhecimento de si e do mundo, neste devir.

Da escrita memorialista da Profa. Ione, destaco adjetivos que recolhi em trechos da parte final, no qual, a narradora alega que este foi o texto mais simples, complexo, prazeroso, e desafiante que já escreveu.

3 OLIVEIRA, Simone Santos de. “Travessias” de aluno de escola da roça a professor de universidade: percursos de vida e trajetórias de formação. 2017. 304f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2017.

Na sua escrita, a autora contempla as memórias das situações experienciadas cujas itinerâncias narradas descrevem, sobretudo, a sua atuação profissional no ensino, na gestão e na extensão universitária e, também, no campo da pesquisa na UFRN, práticas que imprimem marcas no devir ser-saber-fazer docente.

Coadunando com Delory-Momberger⁴, é possível inferir que as histórias narradas pela Profa. Ione colocam em evidência a “[...] dimensão socializadora da atividade biográfica, o papel que ela exerce na maneira pela qual os indivíduos se compreendem a si mesmos e se estruturam em um vínculo de co-elaboração de si e do mundo social”⁵.

Desse modo, ao tecer uma compreensão do vivido, a professora entrecruza experiências pessoais, formativas e profissionais, sinalizando o que defende Nóvoa; “[...] É impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal”⁶ [grifos do autor]. E assim, como uma escritora que brinca com as palavras e os seus significados, a Profa. Ione vai tecendo o seu enredo e dando sentidos ao experienciado em diferentes contextos e tempos.

No devir da escrita, a minha impressão é o modo como a professora Ione, o tempo todo, metaforicamente, de diferentes formas, nos possibilita questionar “[...] sobre a maneira pela qual o espaço nos constitui e pela qual nos construímos, biograficamente, no e com o espaço, é perguntar-se sobre a maneira pela qual praticamos e experimentamos o espaço”⁷.

Nesta construção autobiográfica, como ela mesma destaca, “[...] mais que a narrativa de minha história de vida, conferi alma a essa

4 DELORY-MOMBERGER, Formação e Socialização: Os Ateliês Biográficos de projeto. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2009, p. 370.

5 *Idem*.

6 NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: _____ (Org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 1994, p. 17.

7 DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica** – Ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Tradução de Carlos Eduardo G. Braga; Maria da Conceição Passeggi; Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2012, p. 70.

escrita memorialista na qual me revelo construindo o Ser professor a partir de (re)territorializações existenciais que possibilitaram transitar por lugares de memória e espaços de vivências que dizem das terras e grafias impressas nas (geo)grafias da minha trajetória.”

Nossa, e que trajetória! Uma trajetória, cujos percursos trilhados delinearam a busca da construção de si e que evidenciam as suas percepções e o entendimento sobre o vivido na sua trajetória na carreira docente e coloca em evidência as marcas dos lugares, dos cenários, das pessoas, das experiências, dos acontecimentos e dos tempos vividos. Trajetória que inspira. Fiquei inspirada ao realizar a leitura deste memorial e fico a pensar e a imaginar: ela deve ter inspirado muitos estudantes que passaram por sua vida.

Das grafias impressas nas (geo)grafias da sua trajetória emergem “[...] os percursos trilhados em busca da construção do que sou.” E assim, vai traduzindo-se em palavras, contemplando as histórias de uma vida e sinalizando que é de um certo lugar, ao descrever os cenários e seus contextos. E assim, ao mobilizar as memórias (e haja memórias), a Profa. Ione reforça o que defende Pineau, escrever sobre si “não é somente a narrativa de sua vida, mas a construção de sua historicidade”⁸.

Para traduzir uma vida, numa escrita narrativa institucional (memorial), é necessário desvelar-se para si e revelar-se para o outro. Contudo,

[...] traduzir a vida em palavras significa, por um lado, o risco de se revelar e de se expor na busca de explicações e justificativas que clarifiquem atitudes e (in)decisões, mas também a certeza de que traduzir é criar, traindo, para reinventar a tradição⁹.

8 PINEAU, Gaston. **Temporalidades na formação**: rumo a novos sincronizadores. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 2003, p. 210.

9 PASSEGGI, Maria da Conceição et al. Formação e pesquisa autobiográfica. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, p. 257-268, 2006, p. 267.

Mas, além dos cenários, eventos, acontecimentos, a narrativa é permeada pelo sentimento de gratidão e reconhecimento das marcas do trabalho colaborativo com os seus pares, sobretudo, os colegas-parceiros desta jornada, nomeando muitos deles. E mais uma vez, visceralmente, pode-se falar que a Profa. Ione retrata o que nos ensinou o grande poeta Gonzaguinha:

E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas¹⁰.

Assim, a professora, num mosaico de histórias, foi desvelando a construção e o desenvolvimento de “[...] uma *cartografia* que lhe é própria, descritível em termos de lugares, de sítios, de territórios, de redes, de conexões, de trajetos etc., que não é impossível de ser reconstituído”¹¹, mas que exigiu reconstruir o seu caminhar para grafar as trajetórias de sua vida através das (carto)grafias da memória, descrevendo as travessias, as encruzilhadas e as sobreposições, entre o vivido e o devir.

Segundo Delory-Momberger¹²,

É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela enfim, que dá uma história a nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa da nossa vida.

A Profa. Ione, nesta escrita, narra e se narra. Narra o lugar das vivências, narra a vida a partir do seu lugar e o lugar da vida nos luga-

10 GONZAGUINHA. Caminhos do Coração. In: _____. **Caminhos do Coração**. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1982. Faixa 10.

11 DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica** – Ensaio sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Tradução de Carlos Eduardo G. Braga; Maria da Conceição Passeggi; Nelson Patriota. Natal: EDUFRRN, 2012, p. 74.

12 DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João G. da Silva Neto, Luis Passeggi. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRRN, 2008, p. 37.

res. Vive e experiencia os lugares e seus cotidianos. Evoca memórias, interpreta histórias. Revela acontecimentos. Traduz experiências. Apresenta e descreve pessoas que fazem parte das memórias evocadas, das histórias narradas. Delineia modos de vida e seus cotidianos. Retrata situações, tensões e desafios vividos no devir da formação e profissão docente. Expõe práticas pedagógicas que sinalizam o ser-saber-fazer na escola e no campo da formação de professores, na docência universitária¹³.

Com a certeza que “[...] toda *biografia* se inscreve numa *escritura do espaço*, numa *geografia*”¹⁴, a Profa. Ione, através da sua escrita memorialística, coloca em cena os espaços e lugares da vida, fazendo das vivências uma tradução das grafias sobre os modos como aprendeu “[...] a conceber e perceber a Geografia como ciência, arte e vida; ciência que desvenda, arte que revela e vida que pulsa na (po)ética do espaço!”

Assim, convido o leitor a desvendar essa escrita memorialista, conhecer a trajetória de sua autora e, também, um pouco das geografias da Região do Seridó e seu entorno, sobretudo, de Cruzêta e Caicó, lugares de referência na história de vida da Profa. Ione.

Princesa do Sertão, manhã amena, anúncio do inverno chegando!

Dra. Jussara Fraga Portugal

Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia

13 PORTUGAL, Jussara Fraga. “**Quem é da roça é formiga!**”: histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais. 2013. 352 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

14 DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica** – Ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Tradução de Carlos Eduardo G. Braga; Maria da Conceição Passeggi; Nelson Patriota. Natal: EDUFERN, 2012, p. 69.

Apresentação Dra. Rita de Cássia da Conceição Gomes

A produção autobiográfica ora apresentada resulta de uma escrita originalmente elaborada para atender a exigências normativas institucionais. Nesse sentido, trata-se de uma escrita memorialista que tem como objetivo a produção de uma narrativa transmissora de uma história. Uma história de vida que, de forma magnífica, foi vivida e escrita por uma professora.

Que bela história de vida é a da Profa. Ione. História que se realiza em um espaço de muitas adversidades. Algumas, oriundas das condições naturais; outras, e no meu entendimento a maioria delas, produzidas por ações e decisões de agentes que, de forma contraditória, se apropriam de discursos e reproduzem práticas conservadoras e seletivas capazes de contrariar sonhos. Não foi o que aconteceu com a Profa. Ione, que nos presenteia com a sua história, demonstrando a importância e o significado da resistência.

O nosso primeiro encontro ocorreu por ocasião de minha participação na banca de concurso para o seu ingresso na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - campus de Caicó. Deste momento em diante, o nosso caminhar ora se cruzava, ora acontecia seguindo a mesma direção. E esse caminhar juntas conferiu importância ao nosso fazer/ser professora, pois foram muitas as oportunidades que tivemos de realizar projetos que, além do prazer da convivência, com

Ione, uma pessoa corajosa, sensível e responsável, produziram resultados marcados pela construção de conhecimentos e aprendizados.

Em mais um encontro em nossas vidas, tive a oportunidade de presidir a banca de examinadores instituída para o processo de promoção à classe de Professor Titular da Profa. Ione e, por conseguinte, avaliar seu Memorial. Uma narrativa da trajetória percorrida; o testemunho de uma vida de profissionalismo e responsabilidade com o processo de ensino-aprendizagem, bem como com o exercício da gestão que sempre se fez presente na sua prática acadêmica.

Portador de um conteúdo marcante, o memorial de Ione, ao explicitar sua bela história de vida, nos conduz ao entendimento de que a essência das tramas por ela construídas no percurso de sua profissão está centrada e orientada pelo objetivo maior que pretendias alcançar: ser professora.

Aos leitores dessa escrita memorialista, desejo que a história de vida da Profa. Ione sirva de exemplo para todos e todas que, assim como ela, objetivam fazer da academia não somente um lugar de trabalho, mas um lugar de reprodução da vida.

Dra. Rita de Cássia da Conceição Gomes
Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

PRÓLOGO: O PRESENTE, ENTRE O VIVIDO E O DEVIR

Na trajetória da docência universitária é lugar comum a escrita científica, reveladora de itinerários pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão que dizem do Ser professor no âmbito da sua práxis. Mas, nem sempre dizem do ser *per si*, cujos percursos, percalços e alcanços por vezes ficam contidos nas entrelinhas ou nos rascunhos das grafias da vida.

Não obstante, o Magistério Superior Federal possibilita que o professor, cumprindo requisitos dispostos na legislação, obtenha ascensão na carreira por meio da defesa do Memorial, no qual descreve e analisa, de forma discursiva e circunstanciada, o conjunto das atividades por ele desenvolvida. Para além de aspectos funcionais, considero que a escrita de um memorial cumprindo exigências normativas, em geral, somente ocorre em momentos relevantes da vida.

No meu percurso, um desses momentos ocorreu em 18 de junho de 2020. Decidida a não me aposentar, embora já reunisse as condições exigidas desde 2016, optei pela escrita de um memorial, objetivando a promoção à Classe E, Professor Titular, cumprindo a legislação¹⁵ que regulamenta a carreira do Magistério Superior na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

¹⁵ Resolução n. 136/2014-Consepe, de 22 de julho de 2014, que regulamenta a avaliação de desempenho para fins de progressão e promoção na carreira do Magistério Superior na UFRN. .

Indiscutivelmente o dia 18 de junho de 2020 tornou-se um marco indelével em minha vida. Impossível descrever meus sentimentos naquele lapso de tempo em que, mediante a banca e um plenário virtual formado por pessoas muito queridas, como familiares, alunos, ex-alunos, amigos, colegas de ofício, entre outros, apresentei o Memorial e, em seguida, ouvi as arguições dos avaliadores, respondi as questões formuladas e obtive o resultado extremamente satisfatório. Ao final desse processo, em meio a alegria que transbordava em sorrisos e lágrimas e ao coração embalado pelo sentimento de plena realização, nominei aquele momento em que as mensagens dos participantes se somaram as palavras dos avaliadores, condensando manifestações de reconhecimento pela minha história e de carinho pelo meu ser, como um dia marcado pela geografia dos afetos.

É o resultado dessa investigação autobiográfica que coloco à disposição do público como uma forma de compartilhar saberes e experiências da vida e enredos da minha história que se entrecruzam com histórias de outros, que dizem do tempo e do espaço vividos.

Enveredar pelos caminhos da escrita memorialista é se dispor a enfrentar o desafio de uma avaliação — não de um instrumento ou ação específicos, mas do percurso de atuação profissional, que representa uma faceta importante e substancial da minha própria trajetória da vida. Consciente da situação, passei a refletir sobre os riscos dessa exposição e, em meio a certezas e incertezas, escolhi submeter-me a este processo de avaliação em respeito à minha história e às pessoas que dela fazem parte.

Para além desse aspecto, a decisão também encontrou justificativa numa motivação de natureza pessoal: este não foi apenas um momento particular na minha trajetória como professora, mas a oportunidade única de escrever minhas memórias, visto que, excetuando-se as atuais circunstâncias, dificilmente essa iniciativa se concretizaria.

Nessa perspectiva, pautada na concepção de que o memorial se constitui um documento autobiográfico tecido a partir de uma narrativa histórica e reflexiva (SEVERINO, 2007) e no que preceitua a Resolução supramencionada quanto à escrita desse documento, o qual deve apresentar a descrição e análise das atividades acadêmicas e institucionais realizadas pelo docente, passei a delinear um itinerário para nortear sua elaboração.

Nessa tessitura, o que realizei, como realizei e em que contexto realizei foram perguntas que se territorializaram em meu pensamento e me conduziram a lugares da memória e espaços de vivência, em diferentes temporalidades. Assim, articuladamente, fui tecendo a trama em que presente e passado se configuram faces do processo de construção do meu Ser professor. Para além desses questionamentos, cujas possíveis respostas se voltam para as cercanias do eu, também me propus a refletir sobre as contribuições da minha atuação profissional.

Desse modo, esta escrita memorialista foi norteadada pelo objetivo de analisar minha trajetória de atuação na UFRN, nos segmentos de Gestão, Ensino, Pesquisa, Extensão, bem como outros fazeres acadêmicos e institucionais. De modo específico, busca evidenciar aspectos da minha vida que remetem à tessitura familiar e aos percursos de formação educacional e atuação profissional, inscritos em antecedentes e entremeios da docência universitária.

A definição dos objetivos repercutiu no itinerário discursivo da narrativa e está alicerçada na premissa de que uma análise dessa natureza não se encerra em si mesma. Assim, para ser elucidativa, requisita referências do passado. Acrescente-se, ainda, a convicção de que, em minha vida, antes e para além da atuação docente, a Educação é fundamento da estrutura familiar, tanto daquela de onde vim, quanto da que estou construindo.

Assim, as bases do que hoje sou — e nesse ser está a identidade de professora — foram fincadas no chão da minha existência, onde

avultam as vivências familiares e comunitárias, das quais sobressaem os valores que balizam minha educação doméstica e os itinerários da escolarização básica, da formação e da iniciação à docência. Omiti-los seria fazer uma escrita lacunar que deixaria sem sentido traços do meu perfil de formação educacional e atuação profissional. Representaria um débito insanável com os sujeitos presentes no meu passado, especialmente meus pais.

Em termos metodológicos, a elaboração desta autobiografia se fez uma experiência nova e desafiadora por ser um texto sobre minha história de vida, no qual sou o sujeito enunciativo e a memória é a fonte primordial da narrativa. Ao considerar o caráter subjetivo e seletivo da memória, o itinerário percorrido me levou a “puxar as redes das lembranças” (CALVINO, 2000, p. 68) e me apropriar de fontes documentais em um processo de imersão no passado.

Nesse processo, encontrei lembranças nitidamente configuradas que acionaram todos os meus sentidos (inesquecíveis cheiros!) e outras tantas que, mesmo empalidecidas, ainda (sobre)vivem em minha memória afetiva, bem como documentos que servem de atestado a essa (re)construção do passado. Por entre lampejos de razão e emoção, fui contando sobre os dias idos: “o passado de que foi contemporânea aquela que fui — conhecendo-lhe o futuro; portanto, na verdade, reconstruo-o em função desse futuro, que é o meu presente de hoje” (SOARES, 1990, p. 41).

A sistematização da narrativa, circunstanciada e analítica, foi estruturada em três capítulos, além deste prólogo e do epílogo.

O primeiro capítulo, *(Carto)grafias da Memória: Semeaduras no/do Lugar*, aborda eventos da minha infância e adolescência, enredados na tessitura familiar e nos percursos da escolarização básica e da iniciação à docência, tendo a cidade de Cruzeta como cenário desses acontecimentos.

O segundo, *(Re)Territorializações Existenciais: Travessias, Encruzilhadas e Sobreposições*, contempla momentos marcantes e desafiantes de minha trajetória de vida, nas perspectivas familiar, da formação educacional e da atuação profissional, que implicaram mudanças na vida e na lida, bem como consolidaram Caicó como lugar de morada, levando-me à condição de professora itinerante entre o sertão e o mar (Natal).

O terceiro, *Itinerários de uma Construção Inacabada: Lapidando a Práxis Docente*, apresenta uma narrativa do meu percurso profissional. Percurso feito de forma seletiva, por evidenciar os aspectos relevantes, e avaliativa, por refletir sobre suas contribuições para a minha prática docente, a formação dos alunos, a área do conhecimento em que atuo e a instituição a que estou vinculada.

Construindo o Ser professor: (geo)grafias da trajetória de vida constitui uma narrativa acerca dos itinerários percorridos em busca dessa construção, reconhecidamente inacabada, que contempla as terras e grafias que marcam meu existir. Nessa narrativa em que fui tecelã de minha história, costurando os retalhos da vida para confeccionar o tecido que conferiu *corpus* a esta escrita, bordei pessoas, eventos e lugares que fazem parte do enredo e dos cenários dessa trajetória.

Assim, “prepare o seu coração, para as coisas que eu vou contar, eu venho lá do sertão [...]”¹⁶ para minha história narrar. Uma história de superação, que diz do meu atuar, sendo professora em construção, aprendiz na arte de ensinar!

16 Disparada, música de Geraldo Vandré (1967).

(CARTO)GRAFIAS DA MEMÓRIA: SEMEADURAS DO/NO LUGAR

Cada vivente tem o seu sertão. Para uns são as terras além do horizonte e para outros, o quintal perdido da infância. [...] Para mim o sertão é a caatinga. E o do meu bem-querer, é quando descamba ali na Serra do Doutor — Riacho do Maxixe — e vai esbarrar nas barrancas do Piranhas (*Em alpendres d’Acauã*,¹⁷ Osvaldo Lamartine de Faria).

Começo a narrativa puxando o “novelo emaranhado da memória”, como diz a poesia de Saramago. Enlaço os fios de lembrança de pessoas, lugares e eventos, tecendo (carto)grafias da memória, reveladoras de sementeiras do/no lugar, impressas nos alicerces da minha existência.

Em “Matriz da minha existência: sobre minha origem e meu lugar”, a narrativa contempla aspectos relativos à minha ascendência familiar e à minha infância, cujas vivências tiveram lugar na cidade de Cruzeta, especialmente na Rua Raimundo Bezerra, onde estavam situadas a nossa casa e a mercearia/foto de nossa propriedade, territórios do meu universo de vida. O enredo é elucidativo do processo de construção identitária que fez de Cruzeta o meu espaço de pertença, por conseguinte, o meu lugar.

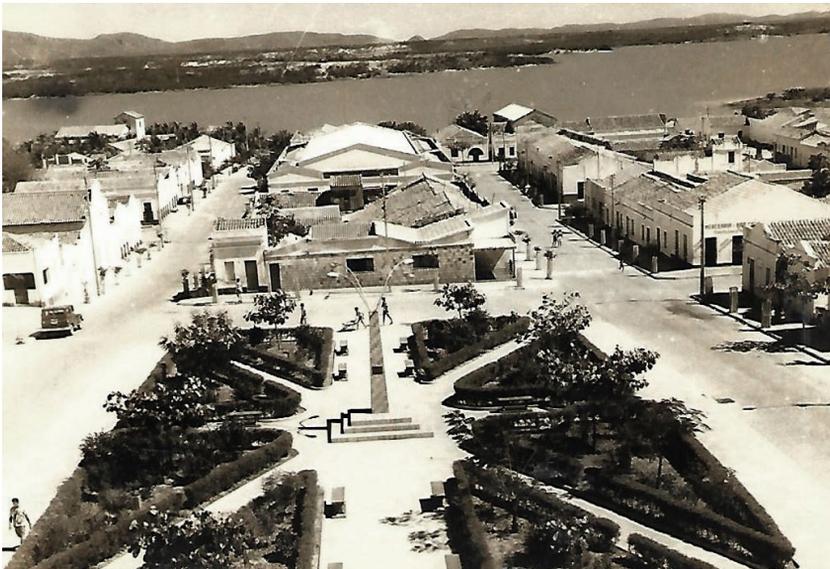
¹⁷ CAMPOS, Natércia (Org.). **Em alpendres d’Acauã**: conversa com Osvaldo Lamartine de Faria. Natal-RN: Fundação José Augusto e Imprensa Universitária, 2001, p. 13.

Na sequência, buscando evidenciar as sementeiras no/do lugar, confiro destaque à minha trajetória escolar (do jardim de infância ao 2º grau) e iniciação à docência, em Cruzeta. A narrativa revela uma trama que articula vivências e valores familiares, a dinâmica socioespacial da cidade e o contexto político nacional. Tempo que compreende minha infância e adolescência (de 1964 a 1981), fases em que finquei os alicerces e edifiquei parte do que hoje sou, especialmente no processo de construção do meu Ser professor.

1.1 MATRIZ DA MINHA EXISTÊNCIA: SOBRE MINHA ORIGEM E MEU LUGAR

Origem remete a começo e, assim, quando e onde se projetam como questões primeiras para dizer quem sou, a fim de demarcar a matriz da minha existência. Nasci no dia 4 de julho de 1964, no Sertão do Seridó, mais precisamente na cidade de Acari, mas sou de Cruzeta, pequenina cidade potiguar (Figura 1).

Figura 1 - Cidade de Cruzeta (1978)



Fonte: Inácio Rodrigues Viana (Trabalho escolar da autora, 1978).

Ser cruzetense me faz ser também reconhecida como piabeira, identidade associada ao Açude Público e à fartura de peixes nele existente, sobretudo em tempos de inverno, no sentido sertanejo de dizer. Para nós, cruzetenses, o açude assume uma representação especial, por ser o elemento fundante da formação socioespacial do lugar. Em Cruzeta, o açude que nomeia o lugar foi construído entre 1920 e 1929, na confluência dos rios Quimporó, Salgado e do Meio¹⁸ (CASCUDO, 2002, p. 319). Nessa encruzilhada,

a ação humana, tentando redimir o aparente paradoxo de deixar livres águas que corriam por terras sedentas para se lançar ao mar, reservou-lhes o destino de terem cerceada tamanha liberdade, represando as águas que parcialmente libertariam os homens do lugar das privações da seca (MORAIS, 2016, p. 319).

Da aglomeração humana, formada ao derredor do Açude Cruzeta, emergiu o povoado que deu origem à cidade¹⁹ (CASCUDO, 2002, p. 320), onde minha família se constituiu e fez morada. Portanto, nesse território foram impressas as bases da minha matriz existencial e, assim, Cruzeta se fez meu lugar.

Minha família tem origem em uma linda história de amor que teve início a partir do encontro de meu pai, Inácio Rodrigues Viana, pernambucano, proveniente de uma família de agricultores sem-terra, cortador de cana, que estudou até o 3º ano primário (sabia ler, contar e escrever e tinha uma admirável capacidade de leitura do mundo), com minha mãe, Dione Diniz Rodrigues, cruzetense, descendente de uma família de comerciantes (cuja genealogia remete a famílias tradi-

18 O ponto de confluência dos três rios onde foi construído o açude localizava-se no Sítio Remédios, para onde transitou o nome Cruzeta, o que, segundo alguns pesquisadores, faz alusão ao ponto de encruzilhada. O Açude Cruzeta foi construído pela Inspetoria de Obras Contra as Secas (Ífocs), posteriormente designado Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs).

19 O povoado foi fundado em 24 de outubro de 1920; elevado ao predicamento de vila em 1937; reconhecido Distrito do Município de Acari em 1938. Em 1953, com a emancipação política (Lei Estadual n. 915 de 24 de novembro de 1953), a vila foi alçada ao estatuto de cidade. A configuração territorial do município, que foi desmembrado de Acari, correspondeu à circunscrição da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, instituída desde 1944, no âmbito da Diocese de Caicó.

cionais do Seridó: Diniz, Azevedo e Nóbrega), estudante do ginasial. O encontro ocorreu em Campina Grande-PB, para onde meu pai migrou vindo de Goiana-PE, levado por um dos seus 23 irmãos, Adelino Rodrigues Teixeira Neto, que o ensinou a lidar com fotografia. Minha mãe, também migrante, veio de Cruzeta em uma das mudanças da família, decorrente do espírito andarilho do meu avô, Gedeão Diniz. Mais precisamente, o lugar do encontro foi o Foto Rodrigues, de propriedade de Tio Rodrigues, onde meu pai trabalhava como fotógrafo e minha mãe como atendente. Em 1959, ele, aos 26 anos, e ela, aos 14, iniciaram o relacionamento que, em princípio, enfrentou obstáculos — possivelmente pelas diferenças econômicas e de idade, situação diretamente associada ao contexto sociocultural da época.

Convictos dos sentimentos que nutriam reciprocamente, mesmo com o retorno da família de minha mãe a Cruzeta, eles mantiveram o relacionamento amoroso. Ela, aos 15 anos, disse não a um casamento arranjado. Ele, por sua vez, lutou por esse amor a ponto de, em 1961, mudar-se para Cruzeta trazendo na bagagem uma malinha com poucas roupas, uma máquina fotográfica (presente de seu irmão) e um sonho: o casamento (Figura 2). Segundo o relato de meu pai, diante desse fato e da convicção de ambos, meus avós abençoaram a união e, assim, em 5 de outubro de 1961, o casamento foi celebrado na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, em Cruzeta. Dessa união conjugal foram gerados quatro filhos²⁰ (Figura 3), dos quais eu sou a segunda.

20 Ivone Rodrigues Diniz, Ione Rodrigues Diniz, Itânio Diniz Rodrigues e Ivana Diniz Rodrigues (nomes originais). Em nossa casa também moravam duas jovens tias de minha mãe, Diva Maria de Azevêdo e Dalva Maria de Azevêdo, filhas do meu bisavô, Eduardo Azevedo (Seu Dudu), da Fazenda Fortuna, que tinham vindo estudar na cidade.

Figura 2 - Casamento de meus pais (1961)



Fonte: Adelino Rodrigues Teixeira Neto, 1961 (Acervo da autora).

Figura 3 - Retratos da família Rodrigues Diniz





Fonte: Acervo da autora, 1967, [1976?], 1981, [2005?] e 2011.

Em 1964, meus pais foram presenteados por meus avós maternos com um terreno para a construção da casa própria, cujo registro no Cartório Judiciário de Cruzeta data do ano de 1968. Essa casa localiza-se na Rua Raimundo Bezerra, sob o número 40 (Figura 4) e foi a morada de meus pais até o final de suas vidas. Para minha mãe, essa passagem ocorreu em 9 de julho de 2015. Desde então, eu tive consciência que seria quase impossível para meu pai sobreviver por muito tempo a essa separação. Dois anos e sete meses depois (9 de novembro de 2017), ele fez a mesma travessia.

Figura 4 - Casa da família Rodrigues Diniz em Cruzeta [197-]



Fonte: Inácio Rodrigues Viana, [197-] (Acervo da autora).

Esses registros são importantes porque neles está impressa a matriz da minha existência. Ao considerar o contexto histórico e locacional, os fatos encerram um conteúdo político-cultural que pode ser sintetizado na palavra coragem. Minha mãe, pela coragem de dizer não a algo que iria transformar sua vida, em tempos de forte submissão feminina, especialmente nas plagas sertanejas. Meu pai, pela coragem de empreender uma viagem sobre a qual tinha apenas a certeza da saída e nada sabia sobre o percurso e o devir, em tempos eivados de preconceito. Eles, pela coragem de lutar, enfrentar, resistir e superar tudo por Amor. Com eles, desde cedo aprendi que o Amor faz todo o sentido na vida e é a razão de nosso existir! Ao escrever esse fragmento textual, dou-me conta do quanto a coragem deles está impressa em mim e se fez e faz enredo em minha trajetória de vida.

Em julho de 1964, quando eu nasci, o Brasil já vivia sob a égide do regime militar, implantado em 31 de março desse mesmo ano, quando uma coalizão civil e militar depôs o presidente João Goulart, encerrando a democracia populista em curso no país (GERMANO,

1990). Essa época ficou marcada na história do país, entre outros fatores, pelos vários Atos Institucionais, que levaram à censura, perseguição política, supressão de direitos constitucionais e repressão àqueles que eram contrários ao regime.

Nesse mesmo ano, o município de Cruzeta celebrou 10 anos de sua instalação²¹ e, por força da legislação vigente no país, seu núcleo urbano foi alçado ao patamar de cidade. No primeiro recenseamento após sua emancipação política, o Censo Demográfico de 1960²², a cidade de Cruzeta contava apenas com 1.991 habitantes (38% da população do município). Portanto, era extremamente pequenina e, embora já possuísse alguns equipamentos e serviços públicos básicos²³, ainda era notável a precariedade, sobretudo no segmento de saúde. Nessa época, assim como eu, muitas crianças nasceram em Acari, cuja infraestrutura era um pouco melhor, pois contava com um médico e a Maternidade Ananília Regina. Esse quadro situacional define que, legalmente, minha naturalidade é Acari. Mas, por força do sentimento de pertença decorrente da identidade com o espaço vivido, sou cruzetense.

Em Cruzeta, vivi até os 17 anos (março de 1982), o que abrange fases importantes de minha formação, sendo marcantes as lembranças de pessoas, eventos e lugares. De minha infância tenho recordações do cotidiano familiar, envolto em atividades domésticas e profissionais desenvolvidas em nossa casa e na mercearia, designada Casa Viana, onde também funcionava o Foto Rodrigues. A mercearia, de propriedade de meus pais (herança de meus avós maternos), localizava-se no Mercado Público (Figura 5) e suas atividades envolviam toda a família.

21 1º de janeiro de 1954.

22 IBGE. **Censo demográfico de 1960**: Rio Grande do Norte - Paraíba, [196-]: População de Cruzeta no Censo de 1960: Total - 5.207; Rural - 3.216 e Urbana - 1.991.

23 MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Evolução urbana de Cruzeta**. Caicó, 1983. Datilografado, p. 5-10. Serviços públicos existentes na cidade: Energia elétrica (1956 - reinstalação), Grupo Escolar Otávio Lamartine (1935), Agência Municipal de Estatística (1956), Unidade do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) (1958), Matadouro Municipal (1958), Comarca (1959) e Mercado Público (1963). Serviços privados: Clube de Mães (1955), Sociedade Educadora (1957), Grêmio Lútero-Esportivo Cruzetense (1959), Sindicato Rural (1963) e Ginásio Cônego Ambrósio Silva, filiado à Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) (1964). Cf. GÓES, Terezinha de Medeiros Jesus. **Noções de geografia e história do município de Cruzeta**. Rio Grande do Norte: [s.n.], 1971.

Figura 5 - Casa Viana e Foto Rodrigues, no Mercado Público [1973?]



Fonte: Inácio Rodrigues Viana, [1973?] (Acervo da autora).

Nossa residência e a mercearia situavam-se na mesma rua, a Raimundo Bezerra (Figura 6), e seus ambientes eram compartilhados com os afazeres relativos as atividades de meu pai como fotógrafo. Em casa, meu pai realizava o trabalho de revelação em preto e branco. Na mercearia era feito o retoque das fotos e sua comercialização. Minha mãe atuava tanto na mercearia quanto no foto, cabendo a ela atribuições relacionadas a diferentes estágios do desenvolvimento dessas atividades, principais fontes do sustento familiar.

Figura 6 - Rua Raimundo Bezerra, em Cruzeta [197?]



Fonte: Inácio Rodrigues Viana, [197?] (Acervo da autora).

De fato, a mercearia era uma extensão de nosso lar; nela havia inclusive um lugar para a rede das crianças (situação ainda vivida por meus filhos, na década de 1980)²⁴. De igual modo, a Rua Raimundo Bezerra era uma extensão do meu universo familiar; nela residiam também meus avós e tios maternos, bem como famílias cujos laços de afetividade perduram até hoje.

Em minha infância, o brincar fazia parte do cotidiano e era sempre uma prática coletiva; fosse envolvendo irmãos ou amigos, fosse em casa, na mercearia ou na nossa rua. Fui de um tempo em que se brincava de boneca, roda, passagem do anel, tica-cola, bandeirantes, dentre outros. Em minha memória afetiva, assume relevo as lembranças dos “shows” (assim eram chamadas essas apresentações teatrais) realizados nas calçadas²⁵. Lembro vagamente que um “drama” por mim encenado contava a estória de uma professora.

Hoje percebo o quão longo esse ideal habita em mim. Tão longo que, ainda criança, levava a sério brincar de ser professora e, para atuar, planejava em um caderninho o que iria ensinar aos alunos, crianças da rua mais novas que eu. O quadro era o fundo de uma grande mala de minha mãe, no qual escrevia, com giz branco, os deveres para os meus alunos de brincadeira.

A Rua Raimundo Bezerra situa-se às margens do Açude Público Cruzeta, um lugar especial no acervo de minhas memórias. O banho de açude²⁶ era uma prática sociocultural quase que cotidiana e sua

24 As atividades comerciais de meus pais foram encerradas em 04 de agosto de 2012, haja visto que minha mãe havia passado por uma complicada cirurgia cardíaca em junho. Sendo ela o cérebro da atividade e de tudo que dizia respeito a dinâmica da vida deles, não havia condições de manter a mercearia em funcionamento. Era preciso poupa-la do trabalho e das preocupações que o comércio produzia no cotidiano deles. A última feira foi realizada por mim e por Jéssyca Steffany, que junto com sua tia Lúcia Oliveira, cuidavam de meus pais. Essa foi uma experiência extremamente dolorosa para mim, mas inevitável.

25 Roteirizados, ensaiados e dirigidos, sobretudo, pelos filhos de Antônio Geraldo de Almeida, uma família de artistas que, localmente, se destaca na música e na marcenaria, esta última um legado do pai.

26 Aprendi a nadar aos três anos com meu avô Gedeão, que se utilizava de uma metodologia de ensino nada convencional — adentrava o açude com um equipamento construído por ele, que consistia em dois cabaços amarrados por uma corda que, colocado sob meus braços, me fazia flutuar. Assim, logo aprendi a nadar.

localização, logo após a porta do muro de trás de nossa casa, me dava a impressão de ser um patrimônio nosso. Também inesquecíveis são as lembranças dos banhos de chuva, correndo pelas calçadas da nossa rua. Mais que uma vivência sertaneja, era uma forma peculiar de celebrar o tão esperado inverno.

No meu acervo memorial da infância também guardo lembranças das viagens com a família para Campina Grande, para visitar a família paterna, e às fazendas Fortuna, de meus bisavôs maternos, e Estrela do Norte, dos tios Celina e Davi, ambas no município de Cruzeta. Dentre as vivências rurais destaco, no mês de setembro, a moagem de cana no engenho na Fazenda Fortuna e, em outubro, o forró de D. Celina, na Estrela do Norte, evento beneficente em prol da festa de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira de Cruzeta.

Esboçada a matriz referencial que alicerça o chão da minha existência, indiscutivelmente avultam reminiscências de minha infância no contexto familiar. Não poderia ser diferente, pois, embora vivendo no semiárido, sou fruto de sementeiras fecundas. Em nossa casa, para além dos bens materiais básicos, por vezes até restritos, havia fartura em exemplos que dignificam e vivificam o espírito humanitário. Meus pais construíram nossa família a partir de fundamentos sólidos, que se traduzem em princípios e valores, para mim, extremamente significativos. Eis, portanto, que o amor, a fé, a educação e o trabalho se tornaram pilares da minha formação; vigas mestras das vivências para além da casa e da rua, quando a dinâmica da vida me fez ultrapassar esse universo para iniciar o processo de escolarização e, depois, prosseguir em minha formação estudantil e atuação profissional.

1.2 PRIMEIROS PERCURSOS DA ESCOLARIZAÇÃO: APREN- DENDO A LER, ESCREVER E CONTAR

A educação sempre teve um lugar especial em nossa família. As falas e os atos de meus pais logo me fizeram compreender o valor que atribuíam à educação, não somente como uma trilha para a profis-

sionalização, mas como um itinerário formativo que me levaria a ser alguém na vida. Certamente, por isso, sempre foram extremamente vigilantes em relação aos nossos estudos, especialmente minha mãe, a quem cabia acompanhar cotidianamente as atividades escolares. Essas reminiscências contribuem para elucidar o meu ingresso e minha trajetória no ambiente escolar.

A narrativa sobre como e quando ocorreu minha inserção na escola foi construída a partir de lembranças e falas de minha mãe, bem como de relatos da minha primeira professora, Jurandir Cardoso de Medeiros, dona Didi, hoje residente em Acari. Os relatos indicam que, com tenra idade, passei a frequentar o jardim de infância²⁷ que funcionava no Clube de Mães de Cruzeta. Registros fotográficos datados de 1967 e 1969 revelam minha presença e a de minha irmã Ivone no grupo de alunos do jardim de infância (Figura 7), o que me permite concluir que iniciei a vida escolar aos três anos de idade. Nesse espaço educativo, certamente permaneci até o ingresso no Ensino Primário.

Figura 7 - Jardim de Infância em Cruzeta (1967; 1969)



27 Segundo dona Didi, em conversação realizada em outubro de 2019, essa escolinha surgiu de uma solicitação do dr. Pedro Pires, chefe da Estação Experimental de Cruzeta, para que ela desenvolvesse atividades de alfabetização, já que tinha filhos em idade escolar.



Fonte: Acervo da autora, 1967 e 1969.

Esse processo de alfabetização, que parecia tão precoce, decerto contribuiu para que eu logo adquirisse competências e habilidades de leitura; o que levou minha mãe a buscar meu ingresso na escola formal. Conforme seus relatos, em 1969, ela não conseguiu minha matrícula no primeiro ano escolar porque a idade mínima exigida era sete anos e eu tinha apenas cinco anos. Incansável na perseguição de seu objetivo, no final daquele ano, para demonstrar que eu sabia ler, ela me fez passar por testes de leitura diante de pessoas da administração escolar.

Desafio enfrentado e vencido, em 1970, aos cinco anos e seis meses de idade, já alfabetizada, comecei a cursar o Ensino Primário que compreendia do 1º ao 5º ano, no Grupo Escolar Joaquim José de Medeiros em Cruzeta. Sendo filha de fotógrafo, o primeiro dia de aula, em 10 de março de 1970, mereceu o devido registro (Figura 8).

Figura 08 - Aluna do Ensino Primário em Cruzeta (1970)



Fonte: Inácio Rodrigues Viana, 1970 (Acervo da autora).

confortável, por me sentir insegura e temerosa de não corresponder e, talvez devido à idade, fosse mesmo um tanto imatura para enfrentar esses desafios. Mas guardo com carinho lembranças das aulas de Comunicação e Expressão (Português), especialmente dos momentos de “composição” (redação), nos quais éramos motivados a dissertar, em geral, a partir de uma gravura.

Avalio que essas experiências constituíram elementos primazes no meu desenvolvimento em relação à compreensão, interpretação e reflexão e, por conseguinte, à escrita. Um longo tempo depois, já atuando como professora universitária na disciplina Metodologia do Ensino de Geografia, no Curso de Pedagogia, encontrei convergência

No 1º ano do Ensino Primário, minha professora foi Judith Medeiros Toscano, que adotava uma metodologia de ensino diferente do padrão prevalente na época, pautada no ensinar pela exposição e aprender pela memorização. Sua metodologia se baseava em estratégias que primavam por um processo de ensino-aprendizagem em que o aluno era conduzido a desenvolver competências e habilidades de leitura e escrita por meio de reflexão, criação e atuação, pois também investia em atividades lúdicas. Confesso que as aulas de dona Judith não me deixavam

entre a práxis docente de dona Judith e os escritos sobre o construtivismo, o que somente ratificou minha convicção sobre quão revolucionária era a metodologia por ela adotada e como se fez eficiente em meu processo de alfabetização.

No decurso de realização do Ensino Primário, ressalto também a atuação dos professores do 2º ao 5º ano. No 2º e 3º ano, fui aluna de Maria da Paz Medeiros, exímia professora que se destacava, especialmente, no ensino da Língua Portuguesa, cuja atuação contribuiu decisivamente para aprimorar meu desenvolvimento cognitivo, sobretudo no universo da leitura e da escrita. A descoberta do mundo pela leitura me fazia viajar, sonhar e criar enredos sobre pessoas e lugares, ao mesmo tempo em que estimulava a escrita. Nesse processo, fui descobrindo minha afeição pelas letras e suas múltiplas combinações que se traduzem na linguagem da poesia — para mim, a mais fidedigna expressão da alma. Desse período em que o aprender a ler, escrever e contar foram basilares em minha formação, com certeza dona Da Paz deixou impressa sua marca, de tal modo que há muito da presença dela em minha produção textual, inclusive nos ensaios poéticos. Nos dois anos finais do Ensino Primário, fui aluna das professoras Maria de Lourdes Dantas e Rita Nísia de Medeiros, que lecionaram no 4º e 5º anos, respectivamente, sendo estes marcados pelo despertar do interesse por conteúdos de natureza histórico-geográfica.

Ao concluir o 4º ano (Figura 9), por estar entre os alunos com média anual mais elevada, fui indicada para “passar direto” para o Exame de Admissão, o que, em caso de aprovação, me credenciaria para o Ensino Ginásial. Todavia, por razões que desconheço, minha mãe foi contrária a essa situação. Assim, segui o fluxo normal da formação ao cursar o 5º ano primário (Figura 10).

Figura 9 - Ensino Primário, 4º Ano (1973)



Fonte: Inácio Rodrigues Viana, 1973 (Acervo da autora).

Figura 10 – Ensino Primário, 5º Ano (1974)



Fonte: Inácio Rodrigues Viana, 1974 (Acervo da autora).

Durante o Ensino Primário, algumas práticas do cotidiano escolar tornaram-se inesquecíveis, como a obrigatoriedade do uso do fardamento, fazer fila para ingressar na sala de aula e receber a merenda na cantina (lembro-me do gosto do “sonho de noiva” de Josefa Porfírio, merendeira da escola), cantar o Hino Nacional, às quintas-feiras, enquanto era hasteada a bandeira do Brasil, e marchar no Desfile Cívico de 7 de Setembro, um evento marcante na cidade.

Moreira (2018, p. 592), ao analisar práticas pedagógicas tradicionais, cuja temporalidade coincide com essas vivências minhas, ressalta que algumas delas correspondem a “uma demonstração pública de disciplina

e treinamento, caráter cívico, atitude de solenidade e respeito aos símbolos nacionais pelos estudantes.” No caso específico dos desfiles escolares,

o ritual que envolvia o 'desfile' evocava abstrações simbólicas, com o estabelecimento de feriado nacional; o hasteamento da bandeira; a entoação do hino nacional; o uso de vestimentas específicas impecáveis; o encadeamento da percussão e da música, produzindo alternância nos estados emocionais dos presentes, além da integração com o coletivo. A disseminação das práticas dos desfiles foi incentivada pelo ideário de se constituir uma nação pela Educação, entendimento assumido por boa parte do magistério. Fonte de silenciosa doutrinação, tanto os docentes envolvidos com a formação como aqueles em exercício foram também convencidos a cumprir seu papel de semeadores de valores cívicos e patrióticos (MOREIRA, 2018, p. 592).

Certamente, essas práticas escolares estavam diretamente associadas às diretrizes educacionais do regime militar, pautadas na ideologia patriótica e nacionalista, embora não fossem assim percebidas por mim, possivelmente pela tenra idade e imaturidade. Em uma tese de mestrado de respeito a professores e diretores de escola, seus discursos e ações baseados na necessidade da vigilância como estratégia de manutenção da ordem e da disciplina, ecoavam entre nós e sobre nossos comportamentos. Assim, a escola ratificava alguns princípios familiares, como o respeito e a valorização da educação.

Nesse contexto, em meu cotidiano se mesclavam as brincadeiras e o estudo, seguindo o enredo anteriormente descrito, porém com alguns acréscimos que a idade já me permitia usufruir. Refiro-me, especialmente, a dois eventos que marcaram a história e o cotidiano da cidade de Cruzeta. Primeiro, a Festa de Nossa Senhora dos Remédios que, naquele tempo, me chamava mais atenção pelo parque de diversões e pelo desfile da Filarmônica 24 de Outubro (Figura 11), pela qual preservo um especial apreço, pois seus acordes me aproximam de pessoas e me transportam a lugares cujo existir hoje somente habita minha memória.

Figura 11 - Procissão de Nossa Senhora dos Remédios e Filarmônica 24 de outubro, em Cruzeta [198-]



Fonte: Inácio Rodrigues Viana, [198-] (Acervo da autora).

Segundo, o espetáculo do transbordamento (sangria) do açude (Figura 12), ligado às lembranças de meu pai. Era quase um ritual quando o açude começava a tomar água: meu pai nos acordava cedo, antes da aula, para irmos à beira do açude colocar marcadores de pau para acompanhar a subida da água. Esse fio de memória demonstra o sentido que o açude tem em minha vida e como ele fez parte do cenário e do enredo de minha história.

Figura 12 - Sangria do Açude Público Cruzeta [199-]



Fonte: Inácio Rodrigues Viana, [199-] (Acervo da autora).

Mas, minha infância não foi somente brincar e estudar. O trabalho logo se fez presente, afinal este era um dos fundamentos de nossa vida familiar. É, sob esse prisma, que entendo a decisão de meus pais de atribuir responsabilidades²⁸ a mim e a minha irmã Ivone em relação à mercearia, já no ano de 1973, quando eu tinha apenas nove anos. Lembro-me do orgulho deles ao demonstrar para os fregueses que, mesmo tão novinhas, já sabíamos fazer a soma de um rol de feira (mesmo que pequeno) sem usar calculadora.

No interregno em que realizei o Ensino Primário (1970 a 1974), sob os auspícios do regime militar, foram implementadas mudanças na educação, mais precisamente em sua estrutura organizacional, decorrentes de críticas que ecoavam desde o início da década de 1960. Tais críticas remetiam à desarticulação dos níveis de ensino, separação dos ensinos clássico e científico e ausência de um ensino que preparasse mão de obra qualificada para o trabalho (QUEIRÓS, 2013).

Nesse ambiente de discussões e críticas, foi formulada a chamada Reforma do 1º e 2º graus, instituída em 11 de agosto de 1971, mediante a promulgação da Lei 5.692 pelo presidente Emilio Garrastazu Médici. Com base nesse documento, o Ensino de 1º grau passou a ter oito anos, unindo “o antigo ensino primário ao ginásio” e incorporando “às séries finais a iniciação para o trabalho e a sondagem de aptidões” (QUEIRÓS, 2013, p. 21037). O Ensino de 2º Grau, com duração de três anos, passou a ser unificado e de caráter profissionalizante, com oferta de “um leque de habilitações profissionais, eliminando-se a distinção entre escola secundária e escola técnica, se propondo eliminar a dualidade ensino geral e profissional” (PIZZATO, 2001, p. 117).

De acordo com Germano (1990, p. 241), o contexto em que a Lei 5.692/71 foi aprovada está “envolto em uma questão de hegemonia, posta por um Estado em que a função de domínio, [...], é claramente predominante em virtude da forma de ditadura militar que ele assu-

28 Obrigações que correspondiam a proceder a limpeza diária do ambiente e lá estar para ajudar no atendimento aos fregueses em horários que não coincidissem com os da escola.

miu.” Nessa perspectiva, a referida lei evidencia as relações entre esse regime de governo e os interesses capitalistas ao valorizar a formação específica, comprometida com a preparação de mão de obra para o trabalho, consoante com as necessidades do mercado.

Em 15 de março de 1974, ainda no decurso dos governos militares no Brasil, assumiu a Presidência da República o General Ernesto Geisel, em uma tessitura de crise interna e externa. Em nível mundial, o cenário era de crise política decorrente da guerra entre Israel e países árabes, o que gerou impactos negativos na economia, em função do aumento vertiginoso dos preços do petróleo e da recessão. A crise do petróleo abalou o mundo e repercutiu no Brasil, contribuindo para o fim do milagre econômico, o que gerou elevada insatisfação popular. Nesse contexto, o país enfrentava percalços também na política, inclusive com disputas internas no partido governista, a Aliança Renovadora Nacional (Arena).

Em 15 de novembro desse mesmo ano, foram realizadas eleições diretas apenas para deputados, senadores, vereadores e parte dos prefeitos. O resultado dessas eleições colocou em relevo o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido da oposição, que obteve expressiva vitória, passando a contar com elevado número de senadores e deputados. Ao delinear um novo arranjo de forças na política nacional, a eleição de 1974 passou a ser considerada um evento marcante que abalou a ditadura e, de acordo com Antônio Barbosa, historiador e professor da Universidade de Brasília, representou o ponto de inflexão no regime militar (FARIA; FONTENELLE, 2014), que há 10 anos comandava o país.

Em Cruzeta, o ano de 1974 demarcou os 20 anos da instalação do município. Nesse período, a cidade ampliou e aprimorou os serviços e equipamentos de infraestrutura urbana²⁹ e cintilava no contexto

29 MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Evolução urbana de Cruzêta**. Caicó, 1983. Datilografado, p. 5-10. Acrescente-se ao que foi relacionado anteriormente (1954-1964), que a cidade passou a contar com o Grupo Escolar Joaquim José de Medeiros (1965); Escritório da Associação Nordestina de

nacional como referência em pesquisas e experimentos feitos com o algodão mocó na Estação Experimental do Seridó³⁰, sediada em seu território. A dinâmica da Estação se refletia na vida da cidade, em termos de circulação de pessoas e de capital, em decorrência do significativo número de funcionários, predominantemente vinculados ao Ministério da Agricultura, que residiam na própria unidade de trabalho ou na cidade. Além disso, por ser a Estação um centro de pesquisa, recorrentemente, pesquisadores e alunos de Agronomia de diferentes localidades do país vinham conhecer os trabalhos e experimentos ali desenvolvidos, o que contribuía para movimentar a vida sociocultural e o segmento de alimentação e hospedagem da cidade.

Essa efervescência sociocultural repercutiu diretamente na mercearia do meu pai, cujo reconhecido carisma tornou o local um ponto de encontro, no horário noturno, de funcionários públicos, políticos, fregueses e amigos que discutiam vários assuntos, especialmente os de conteúdo político. A atuação de meus pais na mercearia oportunizou contatos com muitas pessoas, sobretudo as que se tornaram freguesas, o que fortaleceu suas convicções quanto à importância da educação. Imbuídos desse sentimento, dedicaram-se com afinco às atividades comerciais e fotográficas visando, dentro de suas poucas possibilidades, assegurar nossa sobrevivência e oferecer condições favoráveis para os estudos.

Crédito e Assistência Rural (Ancar) (1965); uma quadra de esportes (1969); a Praça João de Góes (1969, em frente à Igreja Católica); Correios e Telégrafos (1969); a designação de um médico para atuar na cidade (1970, por sinal ele ainda reside na cidade); um parque infantil (1970); movimento de escoteiros (1970), bem como serviços de energia (1966, de Paulo Afonso) e abastecimento d'água pela Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte (Caern) (1969) e a implantação do projeto de arborização urbana (1970). Cf. GÔES, Terezinha de Medeiros Jesus. **Noções de geografia e história do município de Cruzêta**. Rio Grande do Norte: [s.n.], 1971.

- 30 CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Cruzeta**: retalhos de sua história. Natal: (s.n.), 2010, p. 56-57: Um exemplo da importância da Estação Experimental do Seridó foi a realização do 2º Congresso Nacional do Algodão, em 1954, ano em que o município de Cruzeta foi instalado. O objetivo desse congresso foi discutir temáticas vinculadas à cotonicultura, desde o plantio à exportação. Esse evento projetou Cruzeta no cenário nacional, tendo sido notícia na revista *O Cruzeiro* e contado com a participação de autoridades do alto escalão da República, além do jornalista Assis Chateaubriand.

Em dezembro de 1974, nossa família registrou um evento marcante: minha mãe³¹ concluiu a 8ª série do 1º Grau no Ginásio Cônego Ambrósio Silva, vinculado à Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), em Cruzeta. Considero importante esse registro como uma forma de ratificar a importância que a educação assume no meu contexto familiar.

Também em dezembro de 1974, aos 10 anos, concluí o 5º ano do Ensino Primário no Grupo Escolar Joaquim José de Medeiros. Assim, estava devidamente credenciada a enfrentar um temido desafio: realizar o Exame de Admissão, de caráter obrigatório para o ingresso no Ensino Ginásial, que abrangia conhecimentos de Português, Matemática, História e Geografia. Estudei com o livro de preparação para o exame, chamado *Programa de Admissão*. De acordo com Nunes (2000), esse exame correspondia a uma linha divisória decisiva entre a escola primária e a escola secundária e se apresentava para os jovens como um rito de passagem, impregnado de significados e carregado de conflitos, que mobilizava toda a família.

Obter a aprovação nas provas tinha uma importância equivalente à aprovação nos exames vestibulares ao ensino superior. Era uma espécie de senha para a ascensão social (NUNES, 2000, p. 45).

Envolta nessa mística de significados, realizei o exame, obtive excelente resultado e, por conseguinte, a almejada aprovação.

Considerando que as mudanças decorrentes da Lei 5.692/71 já haviam sido implantadas, a continuidade do meu percurso de es-

31 Com base em fontes documentais, somente agora, descobri que, em 1959, minha mãe cursou a 7ª série do Curso Ginásial no Colégio Diocesano Pio XI, em Campina Grande. Portanto, no lapso de tempo entre 1959 e 1973 (14 anos), ela não estudou. Certamente porque ocorreram muitos eventos importantes em sua vida, como o retorno da família para Cruzeta, o casamento e o nascimento dos quatro filhos (entre 1962 e 1970). A motivação para retomar os estudos estava ligada à consciência das dificuldades econômicas, pois a mercearia e o estúdio fotográfico já se mostravam insuficientes para garantir o sustento familiar. O retorno aos estudos, em meio a uma forte resistência de meu pai, somente foi possível graças à intervenção exitosa de tio Sival Azevedo. Assim, em 1974, ela concluiu o Ensino de 1º Grau.

colarização básica se deu sob a vigência dessa nova organização do sistema educacional brasileiro.

1.3 À ESCOLARIZAÇÃO EM CURSO: APRENDENDO SOBRE ESPAÇO, TEMPO E PESQUISA

Em 1975, ingressei na 5ª série do Ensino de 1º Grau no Ginásio Cônego Ambrósio Silva, estabelecimento vinculado à CNEC. Essa instituição, merecedora de registro pela importância que assumiu em minha vida, é detentora de uma história singular.

A CNEC surgiu em Recife, no ano de 1943, idealizada por um jovem acadêmico de Direito, Felipe Tiago Gomes, objetivando

atender crianças e jovens que não possuíam ofertas de estudos pelo poder público ou não tinham condições financeiras para ingressar em colégios privados (HISTÓRIA DA CNEC..., [19-]).

O chamado Movimento Ginasiano Pobre emergiu como uma centelha de luz para um grupo de jovens cruzetenses, que transformaram a inconformidade com a falta de condições de continuar os estudos na cidade em motivação para a luta. Em 1964, a iniciativa desses jovens resultou na criação do Ginásio Cônego Ambrósio Silva, vinculado à CNEC. Esse fato representou uma conquista para a sociedade local e de São José do Seridó, município vizinho, uma vez que a pobreza nesses municípios dificultava ou impedia o deslocamento para outras localidades em busca de formação.

Pelo caráter filantrópico, a CNEC pautava-se em um modelo organizacional no qual o envolvimento da comunidade na escola era fundamental para sua existência e funcionamento. Isso ocorria por meio de contribuições de pessoas, com dinheiro ou sob a forma de trabalho gratuito, inclusive como diretor e/ou docente, além do pagamento de

uma mensalidade simbólica pelas famílias que podiam assumir tal compromisso financeiro. Era um quadro complexo, dada a predominância de famílias pobres em Cruzeta e São José do Seridó. Todavia, a força do coletivo era de tal magnitude que as contribuições ainda permitiam que uma parcela de alunos mais carentes se tornasse bolsista.

O fato de meus pais despenderem uma contribuição financeira para a CNEC, sendo detentores de recursos limitados, aumentava a minha responsabilidade com os estudos e o desejo de corresponder às expectativas deles e as minhas próprias. Nessa instituição, estudei durante sete anos, da 5ª a 8ª série do Ensino de 1º Grau, realizei dois cursos em nível de 2º grau e, ainda, vivenciei minha primeira experiência docente: aspectos elucidativos da representação que essa escola assume em minha história.

Quando ingressei no referido ginásio, em 1975, as instalações próprias ainda estavam em construção, mas já havia condições mínimas para o funcionamento. Nesse nível de ensino, o cotidiano escolar era marcado por permanências, como a obrigatoriedade do uso do fardamento e a participação no Desfile Cívico de 7 de Setembro (Figura 13), e novas práticas, como adentrar a sala de aula sem fazer fila e somente cantar o Hino Nacional ou o da CNEC em eventos. A manutenção dessas práticas que envolvem conceitos de disciplina e respeito se inscrevem nos signos da valorização da formação ordeira, da pátria e do nacionalismo, inculcados pelo ideário militar na sociedade e, em especial, na escola. Não obstante, o desfile cívico, por exemplo, era um evento muito aguardado pela sociedade local, de modo que, nós, estudantes, nos sentíamos orgulhosos em desfilar, sentimento compartilhado com nossas famílias e nossa escola.

Figura 13 – Desfile 7 de Setembro da CNEC – Ensino de 1º Grau em Cruzeta [1978?]

Fonte: Inácio Rodrigues Viana, [1978?] (Acervo da autora).

Do período em que cursei o Ensino de 1º Grau em (1975-1978), as lembranças aparecem um tanto difusas em minha memória, talvez pela turbulência típica da pré-adolescência e adolescência, visto que concluí esse nível de ensino aos 14 anos. Lembro que no ambiente escolar predominavam relações afetuosas e respeitadas entre alunos, professores e demais profissionais. Mas, era reconhecível o rigor em relação ao comportamento dos alunos, o que era fundamental para os indisciplinados. No entanto, em algumas situações, esse rigor causou-me indignação, por conta das severas punições sofridas por colegas ao cometerem atos que considerava mais afeitos à inquietude juvenil do que a uma desobediência *per se*. Ademais, alguns diretores e professores atuavam de forma um tanto invasiva, pois a vigilância extrapolava o ambiente escolar e incidia sobre nossos comportamentos nos poucos espaços de sociabilidade existentes na cidade. Apesar disso, reconheço que essas vivências contribuíram para a minha formação e, possivelmente, o rigor escolar reforçou práxis semeadas no ambiente familiar, relativas ao respeito às pessoas, o cumprimento de horários, a responsabilidade com as rotinas e atividades escolares, entre outros.

Hoje, ao avaliar esse período, encontro no contexto histórico nacional, enredado nas diretrizes políticas que demarcaram o pe-

ríodo dos governos militares no Brasil, os elos que clarificam essas práxis escolares e societais.

No período entre a 5ª e a 8ª série do Ensino de 1º Grau, a dedicação aos estudos foi ampliada, não só pela necessidade de verticalização do conhecimento que se impunha, mas pela consciência, cada vez mais nítida, de que estava na educação o meu futuro. Nessa fase, a rotina escolar mudou significativamente, haja vista a organização do currículo em várias disciplinas³², ministradas por professores com atuações bastante diferenciadas em termos de domínio de conteúdo, didática e metodologia.

A análise do passado com as lentes de hoje possibilita inferir que a estrutura curricular correspondente a essa etapa do meu processo formativo estava em sintonia com os preceitos da Lei 5.692/71, na qual a preparação para o trabalho, visando ao atendimento de demandas do mercado, era um dos fundamentos básicos. O elenco de disciplinas por série revela que a educação geral era exclusiva nas séries iniciais (5ª e 6ª séries) e predominante nas séries finais (7ª e 8ª séries). A formação específica, presente nas séries finais, era ofertada por meio das disciplinas Programa de Saúde, Prática de Comércio e Prática de Escritório.

Atendendo ao ideário da Reforma do Ensino de 1º Grau no contexto do regime militar, também integravam o currículo as disciplinas de Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira. Conforme Germano (1990, p. 191), a inserção de tais disciplinas no currículo tinha por finalidade a realização

32 Estrutura Curricular do Ensino de 1º grau do Ginásio Cônego Ambrósio Silva, de 1974 a 1978: 5ª série - Língua Portuguesa, Língua Estrangeira (Inglês), Geografia, História, Educação Moral e Cívica, Ciências Físicas e Biológicas, Matemática, Desenho e Educação Física; 6ª série - Língua Portuguesa, Língua Estrangeira (Inglês), Geografia, História, Educação Moral e Cívica, Ciências Físicas e Biológicas, Matemática e Educação Física; 7ª série - Língua Portuguesa, Língua Estrangeira (Inglês), Geografia, História, Educação Moral e Cívica, Ciências Físicas e Biológicas, Matemática, Desenho, Educação Física, Prática de Comércio e Prática de Escritório; e 8ª série - Língua Portuguesa, Língua Estrangeira (Inglês), História, Matemática, Desenho, Educação Física, Prática de Comércio, Prática de Escritório, Organização Social e Política Brasileira (OSPB), Estudos Sociais do RN e Programa de Saúde. Fonte: Histórico escolar da autora, 1978.

de um ensino propagandístico da ‘ideologia da segurança nacional’ e dos feitos da ‘Revolução’ de 1964, com vistas à obtenção de alguma forma de consenso e legitimação.

Buscando situar o momento na tessitura das lembranças, recordo-me que a passagem do Ensino Primário para o Ensino de 1º Grau foi uma vivência fascinante. A estrutura do currículo por disciplinas me fez vislumbrar muitos caminhos para desbravar ou aprofundar nas diferentes áreas do conhecimento. As disciplinas de formação geral foram relevantes pelas possibilidades de transitar por horizontes múltiplos no âmbito das linguagens, dos conhecimentos matemáticos, das ciências naturais e sociais. As disciplinas especiais de iniciação para o trabalho, já mencionadas, não tiveram o mesmo impacto em minha formação, possivelmente porque já tinha um projeto de vida delineado, que me levaria aos caminhos da docência. Todos os meus esforços convergiam para sua realização.

Nesse período, predominava um processo de ensino e aprendizagem pautado na exposição pelo professor e na memorização pelo aluno. As situações em sala de aula deixavam bem delimitados os papéis — cabia ao professor copiar o conteúdo no quadro e ao aluno, recopiar no caderno; tarefa que era para mim duplicada, pois escrevia tudo em rascunho para, em casa, passar a limpo para o caderno.

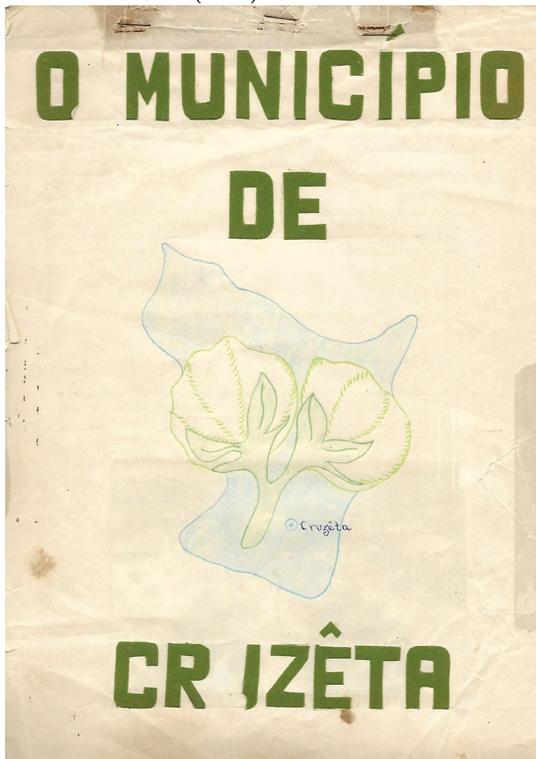
Não obstante, havia professores cuja atuação primava pela compreensão, ultrapassando a memorização, e estimulavam a busca pelo conhecimento por meio da pesquisa bibliográfica, cujo resultado, quase sempre, alternava cópia e criação textual. Essas experiências nos levavam a desbravar o universo do conhecimento, associado às possibilidades de leitura e compreensão do mundo que se apresentavam a partir de múltiplas janelas (disciplinas).

Nessa fase de minha formação, admirava os professores nos quais enxergava maiores possibilidades de aprender, o que me instigava a estudar com afinco, e de aprender a ensinar, pois ficava a observar a

postura, o discurso, a práxis; o ser e o agir. Hoje avalio que, embora não tivesse clareza, nessas atitudes já estava em curso a construção do meu Ser professor. Também nesse período, ampliou-se o meu interesse pelos conteúdos de natureza histórico-geográfica, despertado nos anos finais do Ensino Primário. Desse modo, espaço e tempo foram assumindo relevância no meu percurso estudantil.

Assim, ao revisitar o passado em busca de referências do meu itinerário formativo, deparo-me com um documento que parece prenunciar minha trajetória acadêmica e profissional. Trata-se de um trabalho resultante de pesquisa realizada em grupo³³, na disciplina OSPB, mi-

Figura 14 – Trabalho escolar de OSPB – Ensino de 1º Grau (1978)



nistrada pela professora Alexandrina de Oliveira Campos, na 8ª série do Ensino de 1º Grau, em 1978. O trabalho tem como título “O Município de Cruzeta” (Figura 14) e aborda aspectos históricos, socioculturais, econômicos e da infraestrutura urbana. Foi ilustrado com fotos (e não imagens reproduzidas) da paisagem citadina, da festa da colheita, da procissão da padroeira, do

Fonte: Acervo da autora, 1978.

33 Com Tânia Silva de Góes e Carlos Alberto de Medeiros.

transbordamento (sangria) do açúcar, dentre outros, cujos créditos são de meu pai.

Para além do significado que o trabalho assume, por ter os registros fotográficos a partir do olhar de alguém tão especial, dou-me conta de dois aspectos: primeiro, o seu conteúdo se insere na Geografia Urbana e, segundo, esta experiência demarcou minha iniciação à pesquisa escolar. Portanto, esse trabalho é o marco inicial do meu encontro com a pesquisa e a Geografia, área por mim escolhida para trafegar no decurso da formação acadêmica e da atuação profissional, conforme será evidenciado *a posteriori*.

Certamente, algumas situações familiares contribuíram para que o interesse por conhecimentos histórico-geográficos fosse ampliado ao longo da vida. Entre elas, o gosto do meu pai em adquirir livros³⁴ e revistas, o que nos colocava em condições privilegiadas de estudo e pesquisa. Naquela época, em Cruzeta, o comércio de livros era feito de porta em porta. Era vendida uma caixa de livros diversos, sem que o comprador tivesse possibilidade de escolha. Dentre essas aquisições de meu pai, tive um feliz encontro com a Enciclopédia de Estudos Sociais, em quatro volumes (não lembro a autoria), com conteúdo de Geografia, História, Moral e Cívica e OSPB, que se tornou nossa fonte primordial de estudos e pesquisas escolares. Além de alguns poucos e valiosos livros, em nossa casa também circulavam jornais e revistas, como *O Cruzeiro* e *Manchete*³⁵, o que possibilitava o acesso a informações ditas da atualidade em diferentes escalas geográficas. Esse tipo de aquisição não era comum na cidade. Assim, para adquirir as revistas, meu pai as encomendava ao motorista do único ônibus que fazia ligação entre Cruzeta e a capital do estado, onde era efetuada a compra. Acrescente-se que, na década de 1970, ter uma

34 Ressalta-se que nossos livros eram compartilhados com amigos da rua onde morávamos ou colegas de classe.

35 Ainda hoje guardo o exemplar da revista *Manchete*, de fevereiro de 1973, Edição Especial, cuja reportagem de capa era “Amazônia: um novo Brasil”, adquirida por meu pai por CR\$ 10,00.

televisão em casa revolucionou nosso modo e ritmo de vida; o acesso à informação e à imagem passou a ser cotidiano e encantador.

Ainda na perspectiva de nos proporcionar uma formação diferenciada, meus pais estimularam a realização do curso de datilografia. Em Cruzeta, essa formação era ministrada pela professora Maria da Salete Soares, na Escola de Datilografia José Soares de Araújo. Realizei o curso entre os meses de junho de 1976 a junho de 1977 (Figura 15), período em que meus pais compraram uma máquina de datilografia e, quando pertinente, os trabalhos escolares passaram a ser entregues datilografados. Esse tipo de formação estava em sintonia com a política educacional da época, fundamentada na perspectiva de preparação para o trabalho, conforme preceituava a Lei 5.692/71.

Figura 15 – Conclusão do curso de Datilografia (1977)



Fonte: Inácio Rodrigues Viana, 1977 (Acervo da autora).

No contexto local, esse nível de investimento financeiro na educação era um tanto particular e colocava em relevo o projeto de fa-

mília delineado por meus pais. Para além dos investimentos, eles realizavam um acompanhamento constante e participavam do nosso processo formativo. Dentre as várias estratégias de participação que adotavam, considero fundamental expor uma prática exercitada por meu pai, quando estávamos na mercearia em plena preparação para a feira dominical. Em tempos de mercadorias vendidas em sacas de 50 ou 60 quilos, era comum que, semanalmente, entre quarta e sexta-feira, no horário matutino, sob a coordenação de minha mãe, a família se reunisse para pesar e embalar gêneros como açúcar, goma, feijão, arroz, café e sabão. Durante essa atividade, meu pai, cuja tarefa era encher os sacos do produto e repassá-los para as próximas fases até chegar à prateleira, fazia perguntas sobre assuntos diversos, como datas comemorativas, nomes de ministros e presidentes da república, capitais de países, eventos históricos, entre outros. As respostas, por vezes, ocorriam prontamente; outras, nem tanto. Quando isso acontecia, ele logo complementava ou corrigia. Esse conhecimento sobre o contexto histórico e político, que transitava da escala local à mundial, meu pai obteve na escola da vida, cujo centro era a mercearia, seu *habitat* por excelência durante 51 anos (1961 a 2012) e espaço de ensino-aprendizagem. Esse fragmento de lembrança é simplesmente uma relíquia em minha memória afetiva.

O ambiente da Rua Raimundo Bezerra, onde morávamos, também era favorável a processos educativos. Nesse aspecto, ressalto a existência da Biblioteca Carneval³⁶, de José Evaldo de Oliveira (meu professor de Desenho na CNEC), localizada em sua residência, que possuía um grande acervo, disponibilizado aos leitores sob rigoroso registro de empréstimo e devolução, e também de censura. Seu Evaldo, como é conhecido, avaliava se o livro escolhido pelo leitor estava adequado à sua faixa etária. Mediante esse procedimento de controle, quando tinha aproximadamente 15 anos, fui impedida

36 Essa biblioteca ainda existe em João Pessoa, onde reside seu proprietário, e sua designação corresponde à junção do nome Evaldo ao de sua esposa, Maria do Carmo.

de ler *O Estudante*, de Adelaide Carraro; entretanto, sob sua orientação, li vários romances de José de Alencar, o que ampliou meu interesse pela literatura.

A fase de minha vida em que cursei o 1º Grau, entre os 10 e 14 anos, marcada pelas rotinas escolar e de trabalho, também foi eivada de mudanças, que remetem ao modo de vida e à ampliação da escala espacial de vivências. Além da casa, da rua e da escola, outros espaços de sociabilidade foram desbravados e, por conseguinte, novas práticas sociais foram inseridas no cotidiano. Vivências que remetem às manhãs de sol nas margens do açude; à festa da colheita e seus desfiles pelas ruas da cidade (Figura 16); à coroação

Figura 16 - Desfile na Festa da Colheita de Cruzeta [1975?]



Fonte: Inácio Rodrigues Viana, [1975?] (acervo da autora).

de Nossa Senhora no dia 31 de Maio; aos jogos de voleibol na quadra municipal; aos bailes na Associação Educadora de Cruzeta e aos passeios na praça, principal ponto de encontro dos jovens na cidade, quase um território nosso. Um lugar de amizades, amores e desamores.

No contexto familiar, esse foi um período de mudanças estruturais, mediante a decisão de minha mãe de assumir, em 1976, o cargo de professora polivalente na Escola Municipal Joaquim Lopes Pequeno, em Cruzeta. Em decorrência, afigurou-se a necessidade de prosseguir os estudos, o que se

efetivou por meio da formação no 2º grau, Habilitação em Magistério, realizado em Acari, entre os anos de 1977 e 1979. Desde então, ela passou a atuar como professora e, em 1980, tornou-se docente da Escola Estadual Joaquim José de Medeiros, onde encerrou suas atividades em 2007, mediante aposentadoria.

No período em que cursei o Ensino de 1º Grau (1975 a 1978) ocorreram importantes eventos de natureza política no Brasil. No ano de 1976, em reação a vitória do MDB nas eleições dois anos antes, foi promulgada a Lei n. 6339/76. A chamada Lei Falcão³⁷ implementou mudanças no Código Eleitoral e, por conseguinte, nas propagandas eleitorais³⁸ transmitidas por televisão e rádio no território brasileiro, bem como alterou o tempo do mandato presidencial, que passou de cinco para seis anos.

Ainda na escalada das reações ao crescimento da oposição, em 14 de abril de 1977 foi outorgada a Emenda Constitucional n. 8, conhecida como Pacote de Abril, que, entre outras medidas, fechou temporariamente o Congresso Nacional e alterou o processo eleitoral, repercutindo nas eleições de 1978. A referida emenda impôs uma reforma política, no âmbito da qual destacam-se os seguintes pontos: eleição indireta para um terço do Senado (senadores biônicos) — o que garantiu maioria parlamentar a Arena e sobrevida ao regime militar —; ampliação do mandato presidencial de cinco para seis anos e manutenção de eleições indiretas para presidente da república, governadores dos estados e prefeitos dos municípios em áreas de segurança nacional.

Já em 13 de outubro de 1978, no governo do presidente Ernesto Geisel, o Congresso Nacional promulgou a Emenda Constitucional n. 11, que revogou os atos institucionais e complementares contrários à

37 Idealizada pelo Ministro da Justiça Armando Falcão.

38 Proibia os candidatos de quaisquer partidos de anunciar, em suas propagandas, outras informações além de breves dados sobre sua trajetória de vida, de veicular músicas com letra, discursos ou imagens. Permitia a exibição de foto do candidato na televisão, juntamente com seu respectivo nome, partido e a leitura de seu currículo. E, ainda, a menção do horário e local dos comícios.

Constituição Federal: um grande passo rumo a redemocratização do país. Essa emenda constitucional entrou em vigor em janeiro de 1979, como parte da abertura política iniciada em 1974.

Em 15 de novembro de 1978, ocorreram eleições gerais no Brasil, cujos resultados conferiram maioria aos governistas, embora a oposição tenha registrado uma boa performance. Nessa perspectiva, para a oposição e a imprensa brasileira, os resultados da eleição representaram uma vitória antigovernamental, devido ao desempenho do MDB nas urnas, sobretudo em estados da Região Centro-Sul (ALVES; BATISTA, 1979). O resultado das eleições acelerou o processo de redemocratização do país.

Em nível local, entre os anos de 1974 e 1978, foi mantida a dinâmica de investimentos em prol da melhoria da infraestrutura urbana³⁹. Dois eventos provocaram repercussão socioeconômica e educacional no município: a instalação do Perímetro Irrigado Cruzeta, em 1976, e a implantação do Ensino de 2º Grau, em 1978.

O Perímetro Irrigado Cruzeta, cuja instalação estava associada às políticas públicas voltadas para o semiárido, visando à fixação do homem no campo, engendrou uma fase de prosperidade econômica, decorrente da produção de tomate em larga escala, destinada ao atendimento de indústrias pernambucanas. O capital gerado com essa produção, em grande medida, circulava na própria cidade, impactando positivamente o comércio, e se traduziu em melhoria da qualidade de vida das famílias dos colonos que, antes, viviam na condição de trabalhadores rurais sem-terra.

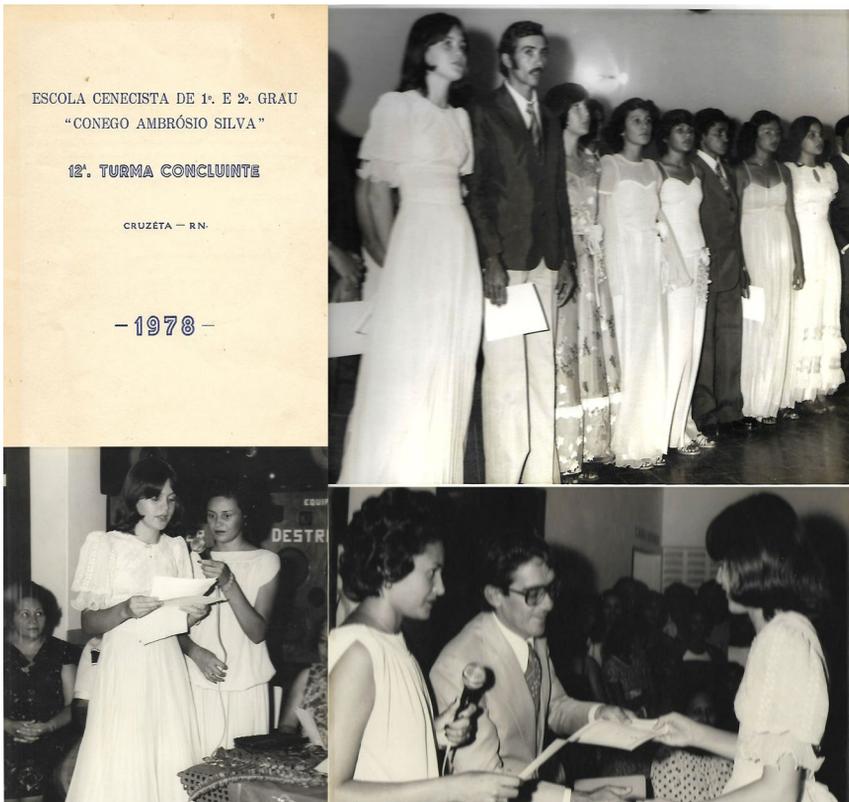
O Ensino de 2º Grau foi implantado, em 1978, na Escola Cenequista de 1º e 2º Graus Cônego Ambrósio Silva (antigo Ginásio da

39 MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Evolução urbana de Cruzêta**. Caicó, 1983. Datilografado, p. 10-12: Inauguração da Associação Educadora (1975), ambiente para realização de eventos e festas dançantes; ampliação dos serviços de energia e abastecimento d'água (1970); reorganização da Biblioteca Municipal Professora Terezinha de Jesus Medeiros Góes (1977); criação do Setor Municipal de Educação (1977); instalação de um Posto de Serviços da Telecomunicações do Rio Grande do Norte (Telern) (1978); ampliação do Cemitério Público (1978); restauração da Cadeia Pública (1978), entre outros.

CNEC), por meio da Habilitação em Auxiliar de Escritório. Esse evento assinalou um novo período na história da educação local, visto que residir em outros lugares restringia o acesso aos estudos e, em tempos de estrada carroçável, o deslocamento diário para Acari era um desafio. Essa realidade acompanhei a partir das vivências de minha mãe, entre 1977 a 1979, e minha irmã Ivone, de 1978 a 1980.

Ainda em 1978, foram articuladas as condições para a Escola Cônego Ambrósio Silva ofertar o Ensino de 2º Grau, Habilitação em Magistério. Nesse ano, concluí o Ensino de 1º Grau, com direito à solenidade de entrega do diploma (Figura 17) e baile de formatura, com a certeza de poder prosseguir os estudos sem me afastar da família, o que considerava impossível, e realizar a habilitação almejada, o magistério.

Figura 17 – Solenidade de Conclusão do Ensino de 1º Grau/CNEC (1978)



Fonte: Inácio Rodrigues Viana, 1978 (Acervo da autora).

1.4 FORMAÇÃO E INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: APRENDENDO SOBRE ENSINO, ENSINANDO

Em 1979, como já referido a Escola Cenecista de 1º e 2º Graus Cônego Ambrósio Silva passou a ofertar em nível de 2º grau, as habilitações em Auxiliar de Escritório e Magistério. As diretrizes curriculares desses cursos foram concebidas na perspectiva da Reforma de Ensino de 2º Grau, implementada na tessitura do regime militar, comprometida com a preparação técnica voltada para o mundo do trabalho. Nessa conjuntura, não havia dúvidas de que eu iria cursar o magistério. Mas, em tempos de ingresso no mercado de trabalho que, não raro, ocorriam por conta de indicação política, considerei oportuno ampliar minhas possibilidades de formação e, por conseguinte, de atuação profissional, optando por cursar as duas habilitações concomitantemente.

O 2º Grau em Cruzeta seguiu uma estrutura curricular na qual o primeiro ano, chamado de Unificado, compreendia disciplinas comuns aos ingressantes nesse nível de ensino. A partir do segundo ano, os alunos escolhiam a habilitação a ser seguida, sendo o currículo voltado para a formação específica — Auxiliar de Escritório ou Magistério.

Assim, no ano de 1979, cursei o Unificado. A estrutura curricular⁴⁰ compreendia disciplinas que apresentavam um caráter de continuidade com o processo formativo. Outras matérias, em contrapartida, configuravam novidades, como era o caso de Física, Química e Biologia.

Reconhecidamente, esse foi o ano mais difícil de minha vida estudantil, avaliação que está diretamente associada as disciplinas de Física, Química e Biologia, além do desafio de conciliar o estudo

40 Disciplinas do 1º ano do Ensino de 2º grau da Escola Cenecista de 1º e 2º graus Cônego Ambrósio Silva (1979): Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Língua Estrangeira (Inglês), História, Geografia, Matemática, Física, Química, Biologia, Educação Física e Desenho. Fonte: Histórico escolar da autora, 1981.

com as obrigações na mercearia. As dificuldades, transformadas em terror, eram compartilhadas pelos alunos da primeira e da segunda turma do curso (esta última, a minha). Era nosso primeiro contato com tais disciplinas e, para mim, o conteúdo parecia complexo, muito distante do meu cotidiano, dos meus interesses e do que havia estudado até aquele momento. Além disso, essas disciplinas foram ministradas por profissionais que atuavam na cidade, com formação em agronomia, odontologia e medicina, convidados a lecionar de forma colaborativa, conforme apregoavam os ideais da CNEC.

Hoje, a análise dessa situação me permite inferir que, apesar de nossas fragilidades em termos de conhecimentos que eram pré-requisito para estas disciplinas, a situação era mais crítica porque tais profissionais dominavam o conteúdo, mas não tinham formação para a docência. Logo, a metodologia de ensino baseada predominantemente em aula expositiva e conteúdo copiado no quadro, com pouquíssima abertura para questionamentos, em uma tessitura de reconhecidas dificuldades dos alunos em lidar com conhecimentos tão abstratos, resultava em um elevado nível de frustração e tensão. Todavia, com redobrado esforço, obtive aprovação por média em todas as disciplinas naquele ano.

Concluído o Unificado e já definido que iria cursar as duas habilitações — Auxiliar de Escritório (noturno) e Magistério (diurno) —, presumi que o ano seguinte seria simplesmente de continuidade. Porém, não foi este o enredo.

Em 1980, diante da carência de professores em Cruzeta, fui convidada pela direção da CNEC⁴¹ para assumir as disciplinas de Geografia e OSPB nas 7ª e 8ª séries do 1º Grau. Assim, aos 15 anos, o sonho de lecionar começava a se realizar em 25 de março de 1980. Minha atuação como professora da CNEC perdurou até dezembro de 1981. Portanto, nesses dois anos, fui ao mesmo tempo aluna e profes-

41 O convite também foi feito à minha irmã, Ivone, a Rosângela de Medeiros Silva e a Silma de Medeiros Silva (também irmãs), amigas e vizinhas da Rua Raimundo Bezerra.

ra nesse estabelecimento de ensino, atividades que conciliei com os afazeres na mercearia. Durante o ano de 1981, ainda trabalhei como auxiliar de supervisão no Centro Educacional, vinculado à Secretaria de Educação do Município de Cruzeta.

Nos anos de 1980 e 1981, realizei o Ensino de 2º Grau, Habilitação em Auxiliar de Escritório, a partir de uma estrutura curricular que abrangia disciplinas de formação geral e específica⁴². Ressalto que, no segundo ano desse curso, fui aluna da minha irmã Ivone, na disciplina Literatura Brasileira.

Durante os dois anos desse curso, embora a prática dos professores fosse similar à vivenciada no primeiro ano, as dificuldades em Física, Química e Biologia foram amenizadas. O padrão de desempenho acima da média foi mantido em todas as disciplinas, pois, mesmo não sentindo interesse por algumas delas, redobrava o esforço visando assegurar um certo nível de aprendizagem. Tinha clareza da importância das disciplinas da estrutura curricular de Auxiliar de Escritório para a aprovação no vestibular — bem como do que desejava ser e do caminho que precisaria percorrer para chegar a esse intento.

Nesse mesmo período, realizei o Ensino de 2º Grau, Habilitação em Magistério, cuja estrutura curricular⁴³ atendia satisfatoriamente aos meus anseios de formação. No segundo ano do magistério, fui aluna de minha mãe Dione, na disciplina Didática Geral. O processo

42 Disciplinas do Ensino de 2º grau - Auxiliar de Escritório da Escola Cenecista de 1º e 2º graus Cônego Ambrósio Silva (1980-1981): 2º ano - Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Língua Estrangeira (Inglês), História, Geografia, Matemática, Física, Química, Biologia, Educação Física, Educação Moral e Cívica, Organização e Técnicas Comerciais e Psicologia. 3º ano - Língua Portuguesa, Matemática, Física, Química, Biologia, Educação Física, Educação Artística, Organização Social e Política do Brasil, Redação e Expressão, Mecanografia, Contabilidade e Custo, Programas de Saúde e Ensino Religioso. Fonte: Histórico escolar da autora, 1981

43 Disciplinas do Ensino de 2º grau - Magistério da Escola Cenecista de 1º e 2º graus Cônego Ambrósio Silva (1980-1981): 2º ano - Língua Portuguesa, Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil, Educação Artística, Educação Física, Literatura Infantil, História e Filosofia da Educação, Estrutura e Funcionamento de 1º e 2º Graus, Didática Geral, Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, Estatística Aplicada à Educação e Biologia Educacional. 3º ano - Língua Portuguesa, Programas de Saúde, Ensino Religioso, Educação Física, Psicologia da Educação, Jogos e Recreação, Matemática Aritmética, Metodologia da Comunicação e Expressão, Metodologia das Ciências, Metodologia dos Estudos Sociais, Metodologia da Matemática e Práticas de Ensino. Fonte: Histórico escolar da autora, 1981.

formativo nesse curso foi totalmente diferente daquele vivenciado no de Auxiliar de Escritório. Não somente pelo queria ser, mas por ter assumido outra configuração. O elenco de professores, formado predominantemente por profissionais com Licenciatura ou Magistério (Ensino de 2º Grau) e larga experiência na docência, se tornou um diferencial. A despeito da predominância da prática de copiar conteúdo no quadro, alguns docentes investiam em metodologias de ensino que propiciavam a articulação entre abordagem teórica e prática, pautadas em exposições dialogadas, a partir das quais éramos estimulados a pensar e a nos pronunciar. O universo dos conteúdos e das práticas dialogava com a minha primeira experiência docente e me fazia projetar horizontes futuros.

No Magistério, o exercício de avaliar a atuação do professor foi por mim aguçado. No segundo ano, destaco a atuação das professoras Dione Diniz Rodrigues, Maria Nazareth de Azevedo Vital e Alexandrina de Oliveira Campos, que ministraram as disciplinas Didática Geral, Psicologia da Educação e Sociologia da Educação, respectivamente. A deferência deve-se à forma como os conteúdos disciplinares foram ensinados, proporcionando conhecimentos para o chão da escola e para a vida, imprimindo marcas que até hoje estão grafadas na minha práxis.

No terceiro ano do Magistério, confiro destaque às disciplinas de Prática de Ensino/Estágio Supervisionado, ministrada por Maria da Salete Aguiar Diniz, e às Metodologias da Comunicação e Expressão, das Ciências, dos Estudos Sociais e da Matemática, ministradas por Anaíde Dantas, Maria do Socorro Silva, Maria Lindinaide Galvão de Araújo e Valdeci Gorete de Macedo, respectivamente.

Essas disciplinas proporcionaram vivências importantes, por meio de atividades que encontravam sintonia com a sala de aula, sendo as professoras exigentes em relação à qualidade dos projetos elaborados, das intervenções realizadas e dos materiais didáticos produzi-

dos. Nesse quadro de exigências, éramos estimulados a desenvolver criatividade, autonomia, criticidade e inovação para atuar em sala de aula, bem como competências e habilidades para produção textual, desenho, pintura, entre outras. Essas aprendizagens, somadas às acumuladas até então como aluna e professora, contribuíram para a conformação do repertório de conhecimentos e práticas que busquei experienciar no Estágio Supervisionado, realizado no período de setembro a novembro de 1981, e que inseri na bagagem da vida.

Do Magistério, guardo em meu acervo documental o caderno de oito matérias no qual passava a limpo os escritos copiados no quadro de giz pelos professores das disciplinas estudadas em 1981; dois “álbuns” do Período Preparatório, construídos em Metodologia da Comunicação e Expressão e Metodologia da Matemática, todo o material do Estágio Supervisionado relativo às fases de caracterização, observação, participação e regência de sala de aula, bem como o relatório final.

Essa fase de minha formação, entre 1979 e 1981, concomitante aos primeiros passos na docência, foi decisiva para o delineamento de minha trajetória futura. Indiscutivelmente, o curso de Magistério em nível 2º Grau, foi minha primeira escola de formação, onde foram firmados os alicerces, representados por princípios e valores que balizam até hoje minha atuação e condição de Ser professora. Mediante sua realização, foi-me conferido o título de Professor de Ensino de 1º Grau de 1ª a 4ª série, conforme registrado no diploma, recebido em solenidade pública, ocasião em que também recebi o diploma de Auxiliar de Escritório (Figura 18), seguida de baile de formatura. Com muito orgulho integrei a primeira turma de Magistério de Cruzeta (Figura 19).

Figura 18 - Solenidade de Conclusão do Ensino de 2º Grau/CNEC (1981)



Fonte: Inácio Rodrigues Viana, 1981 (Acervo da autora).

Figura 19 - 1ª Turma do Magistério de Cruzeta (1981)



Fonte: Inácio Rodrigues Viana, 1981 (Acervo da autora).

Concluídas as duas habilitações em nível de 2º Grau, perguntas que afligiam meu pensamento há algum tempo tornaram-se mais contundentes: E agora? O que fazer da/na vida? Pergunta simplória de elaborar, mas complexa para responder aos 17 anos e com vivências que não ultrapassavam o universo cruzetense. Pela trajetória

de vida, o vestibular afigurava-se como o próximo passo e a UFRN, como a instituição almejada. Porém, o prenúncio de casamento trazia um dilema: qual curso e onde realizar?

Nesse contexto de decisões, houve convergência entre a escolha do curso e o local de sua realização. A Licenciatura em Geografia, área pela qual já nutria interesse e havia iniciado minha atuação docente, foi o curso escolhido, sendo este ofertado pela UFRN em Caicó, cidade onde passaria a residir logo após o casamento.

Realizado o certame em dezembro de 1981, obtive aprovação para ingressar na Licenciatura em Geografia da UFRN, no então Centro Regional de Ensino Superior do Seridó (Ceres), campus de Caicó⁴⁴. Em tempos de vestibular, com elevado ponto de corte, minha turma se resumiu a duas alunas, eu e Marli Santos, colega de curso que se tornou uma amiga. Nesse momento, iniciou-se uma nova fase em minha vida, marcada por mudanças substanciais que delinearam novos itinerários fundamentais à realização do que almejei ser e do que hoje sou.

44 A UFRN estabeleceu-se em Caicó em 1973, mediante a criação do Núcleo Avançado de Estudos Superiores (NAC), cuja instalação efetiva ocorreu em 1974. O NAC foi criado no âmbito da política de interiorização da universidade, por meio da Resolução n. 105/73-Consupe, de 18 e outubro de 1973 (MEC, UFRN, 2008). Em 1977, a UFRN deflagrou um processo de reestruturação dos campi do interior, a partir do qual foi criado o Centro Regional de Ensino Superior do Seridó (Ceres), formado pelo Campus de Caicó, antigo NAC, e pelo recém-criado Campus de Currais Novos. De acordo com a Resolução n. 59/77-Consuni, de 21 de dezembro de 1977, de criação do Ceres, o Campus de Caicó passou a ser constituído pelos departamentos de Formação Básica e Formação Profissional.

(RE)TERRITORIALIZAÇÕES EXISTENCIAIS: TRAVESSIAS, ENCRUZILHADAS E SOBREPOSIÇÕES

Mudaram os homens e os lugares, mudaram a vida e a lida, mas tem coisa que não há como mudar: o sentido de pertença, de ser ou de aqui estar, de se dizer seridoense e sentir a alma do lugar (*Seridó Norte-Rio-Grandense: uma geografia da resistência*, Ione Rodrigues Diniz Morais).

Traços marcadamente identitários definem minha personalidade; sou ser(tão) enraizada e gosto de ser e de dizer ser. Sendo assim, ultrapassar fronteiras que me conduzem a (re)territorializações é sempre um processo eivado de dilemas existenciais.

Neste capítulo, urdindo os fios da memória e as fontes documentais, tramei uma narrativa que contempla fases de mudanças substanciais em minha vida, às quais impuseram (re)territorializações existenciais, marcadas por travessias, encruzilhadas e sobreposições.

(Re)territorializações existenciais que têm como marcos temporais o ano de 1982, com o início da formação acadêmica e da construção de um núcleo familiar, e o ano de 2011, mediante as possibilidades de novos horizontes de atuação profissional.

(Re)territorializações existenciais que me puseram em travessia, primeiro, de Cruzeta para Caicó, o que me manteve nas circunscrições do Seridó, território onde finquei meus projetos de vida e, depois, de Caicó a Natal, o que me fez professora itinerante pelos caminhos do sertão ao mar.

2.1 PRIMEIRA TRAVESSIA: EM BUSCA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA

O ingresso na universidade e a constituição do núcleo familiar foram fatores decisivos para que, em 1982, eu passasse a residir em Caicó. As aulas na UFRN iniciaram em 1º de março e, seis dias depois,

Figura 20 – Meu Casamento



Fonte: Acervo da autora.

ocorreu a celebração do meu casamento com Francisco de Moraes Lima (FIGURA 20).

Nesse contexto, a cidade ainda vivia as repercussões da crise da cotonicultura, acentuada na segunda metade da década de 1970, o que fortaleceu sua condição de polo de atração populacional. Entretanto, nesse período, Caicó foi beneficiada por políticas públicas⁴⁵ que melhoraram sua infraestrutura urbana e ratificaram sua condição de centro regional prestador de serviços⁴⁶.

45 MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Desvendando a cidade:** Caicó em sua dinâmica espacial. Brasília: Senado Federal, 1999, p. 156; 160-162. Entre 1977 e 1983, Caicó foi beneficiada em termos de infraestrutura urbana (pavimentação de ruas, construção de ponte e de matadouro público, obras de drenagem, entre outras) por conta da inserção no Programa para as Cidades de Porte Médio, um instrumento da política urbano-territorial adotada pelo governo federal. A partir desse programa, a cidade foi incluída no Projeto Comunidade Urbana de Recuperação Acelerada (Projeto Cura), também voltado para melhorias de infraestrutura urbana (pavimentação de ruas e construção e restauração de praças).

46 MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Desvendando a cidade:** Caicó em sua dinâmica espacial. Brasília: Senado Federal, 1999, p. 124-126: No início da década de 1980, Caicó, cuja centralidade regional foi construída historicamente (primeiro município do Seridó), dispunha dos serviços e equipamentos básicos de uma cidade e já se destacava no segmento comercial. Contudo, pelo seu papel, enquanto centro regional, a cidade sediava equipamentos que, pela natureza do serviço prestado, assumiam uma escala regional. Como, por exemplo, o 1º Batalhão de Engenharia e Construção, Instituto Nacional de Previdência Social, Parque de Exposição de Animais, Hospital do Seridó, instituições educacionais (Colégio Diocesano Seridoense, Colégio

A mudança de Cruzeta para Caicó, inicialmente, não foi tranquila. O ritmo e o modo de vida de uma minúscula cidade e de um centro regional diferem substancialmente e interferem no cotidiano. Para além de outros aspectos, os números são elucidativos: em 1980, a cidade de Cruzeta contava com 3.732 habitantes e a de Caicó, com 30.793 residentes (IBGE, 1980). Ademais, a nova fase da vida, em um outro lugar, por si só já evidenciava desafios.

Nessa travessia, literalmente mudei das margens do Açude Público Cruzeta para as margens do Açude Público Itans, onde passei a residir na vila funcional do Departamento Nacional de Obras contra as Secas (Dnocs), situação que perdurou até julho de 2015, quando passei a morar na cidade. Assim, o objeto espacial açude continuou a integrar o meu cenário de vida, a emoldurar a paisagem cotidiana, o que explica o significado que assume em minha existência.

Residir na Vila do Itans, a aproximadamente cinco quilômetros do centro da cidade de Caicó, fez dessa pequena distância uma enorme dificuldade e impôs uma dependência de outrem que jamais pensei ou desejei ter. Todavia, para além da situação familiar, estava em curso o meu projeto de formação profissional. Buscar estratégias de superação de quaisquer obstáculos era a alternativa (exatamente assim — artigo definido). Uma vez encontradas, estas viabilizaram o atendimento às demandas apresentadas na tessitura desse novo modo de vida, em que a realização do curso superior tornou-se uma prioridade.

O ingresso na UFRN, Ceres, Campus de Caicó, na Licenciatura em Geografia, teve como marco inicial o cadastro e a matrícula em disciplinas, procedimentos realizados ainda no prédio da Emissora Rural de Caicó, onde funcionava a instituição, sob a orientação da professora Tásia Hortêncio de Lima Medeiros, coordenadora do curso.

Santa Terezinha, Centro Educacional José Augusto e UFRN) e instituições bancárias (Banco do Rio Grande do Norte e Banco do Brasil).

A configuração da turma, com apenas duas alunas, era um fato inusitado e trouxe implicações para a oferta de disciplinas, que não seguiu rigorosamente o nivelamento estabelecido na estrutura curricular. As disciplinas por nós cursadas⁴⁷ estavam em consonância com demandas de turmas já existentes e, assim, o currículo seguiu um fluxo diferente daquele estabelecido para condições normais de oferta.

O currículo do curso de Geografia, nesse período, evidenciava nuances da ideologia da segurança nacional e da difusão dos feitos da “Revolução de 1964”, ao conter a disciplina Estudos dos Problemas Brasileiros (GERMANO, 1990). As disciplinas de formação geral foram ministradas por professores que atendiam outras licenciaturas, tais como: Antropologia e Sociologia (Sebastiana Fernandes de Medeiros), Introdução à Economia I (Regina Maria Brito Lopes); Estudos de Problemas Brasileiros (José Taveira); Língua Portuguesa (Inês Fernandes); Metodologia da Ciência (Monsenhor Ausônio Tércio de Araújo); Elementos de Matemática (Rosângela Dias) e Técnicas Audiovisuais de Ensino (Lídia Brito). As disciplinas de natureza pedagógica foram ministradas por professores do curso de Pedagogia (Ananita, Afra Góes, Josidete Maia e Clóvis Almeida).

As disciplinas específicas de Geografia contemplavam as áreas física, humana e técnica. Na área de Geografia Física, atuavam os professores Maria das Graças do Lago Borges, em Climatologia; Tásia Hortêncio de Lima Medeiros, em disciplinas sobre Recursos Hídri-

47 Disciplinas ofertadas para os ingressantes em 1982.1 na Licenciatura em Geografia da UFRN, Ceres, Campus de Caicó: 1982.1 - Antropologia I, Ciência Política I, Introdução à Economia I, Estudos de Problemas Brasileiros I e Língua Portuguesa I; 1982.2 - Sociologia I, Introdução à Ciência Geográfica, Metodologia da Ciência, Elementos de Matemática e Psicologia I - Geral; 1983.1 - Cartografia I, Cartografia II, Biogeografia, Fundamentos de Petrografia e Mineralogia, Geografia Física I, Geografia Humana I e Elementos de Estatística; 1983.2 - Geologia Geral, Geografia Física III, Geografia Humana II, Geografia Regional I e Geografia do Brasil I; 1984.1 - Geografia Física II; Metodologia da Ciência IV, Geografia Física V, Geografia Regional II, Geografia do Brasil II e Estrutura e Funcionamento do 1º e 2º Grau; 1984.2 - Geografia do Mar, Geografia Humana III, Geografia do Brasil III, Introdução à Educação, Psicologia da Educação III, Técnicas Audiovisuais de Ensino; 1985.1 - Antropologia II, Metodologia da Ciência Geográfica, Técnicas e Pesquisa Geográfica, Didática II e Estudos de Problemas Brasileiros II; 1985.2 - Introdução à Ecologia e Prática de Ensino de Geografia. Fonte: UFRN. PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO. Histórico escolar da autora, 1985.

cos; Heitor Neves Maia, em disciplinas de Geologia e Geomorfologia. Na área de Geografia Humana, lecionavam as professoras Maria da Guia de Moraes, em disciplinas epistemológicas e de estudos populacionais; Maria do Socorro Santos e Marielza, em disciplinas com enfoque regional; e Isabel Fernandes Dantas, em disciplinas com abordagens sobre aspectos territoriais do Brasil e ensino. Na área Técnica, as disciplinas de Cartografia ficavam a cargo da professora Maria das Graças do Lago Borges.

A abordagem de alguns professores que ministravam as disciplinas específicas da Geografia, independente da área de atuação, buscava ultrapassar os dualismos e enfatizar as relações e interações existentes nos fenômenos geográficos. Essa perspectiva teórica foi crucial para que eu construísse a concepção de Geografia como uma área de conhecimento que se instituiu na interface entre o físico e o humano, o social e o natural, e não como uma ciência cindida. Compreensão esta que se tornou basilar em minha atuação como professora de Geografia na Educação Básica e no Ensino Superior.

Em termos metodológicos, não diferindo muito do ambiente escolar, predominavam práticas baseadas em aula expositiva, sendo recorrente a atitude do professor de copiar o conteúdo no quadro de giz e a minha, de escrever em rascunho para, ao chegar em casa, passar a limpo para os cadernos — que ainda hoje tenho guardados. Contudo, alguns docentes buscavam inovar sua prática pedagógica mediante o uso de recursos didáticos, como textos datilografados, livros e retroprojetor (extremamente disputado entre eles), sendo esporádicas as estratégias que fugiam a esse escopo, como, por exemplo, aula de campo.

Reconheço que, em níveis diferenciados, todos os professores contribuíram para a minha formação acadêmica, inclusive sendo estabelecidas amizades que perduram até os dias atuais. Entretanto, é compreensível que tenha carinho e reconhecimento especiais por

aqueles que, por razões diversas, deixaram marcas indeléveis em minha formação pessoal e profissional.

No que se refere aos docentes que atuaram em disciplinas de formação geral, ressalto o então Padre Tércio, professor de Metodologia da Ciência, que promoveu minha iniciação científica com maestria, utilizando-se de uma peculiar metodologia de ensino, que reunia humor, ironia e imensurável sabedoria. Nas disciplinas de natureza pedagógica, destaco a atuação de Josidete Maia, professora de Didática, disciplina que aprimorou meus conhecimentos em uma área estratégica para minha formação e atuação profissional pelos caminhos da docência.

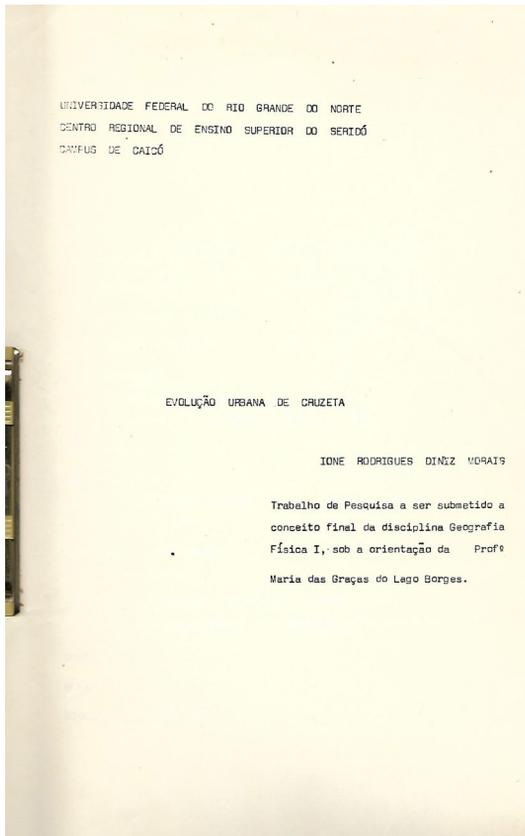
Dentre os docentes que atuaram nas disciplinas de formação específica, faz-se mister um reconhecimento especial, considerando dois aspectos: primeiro, a atuação em disciplinas/áreas pelas quais nutria maior identificação e, segundo, a participação em meu processo formativo, compartilhando saberes e experiências para além do ambiente universitário, que foram decisivos para o que se delineou *a posteriori* em minha vida. No primeiro aspecto, destaco a professora Isabel Fernandes Dantas, cuja atuação nas áreas de Geografia Humana e de Prática de Ensino, na qual se realizava o estágio curricular, configurava momentos de aprendizagem por excelência. Sua prática docente era a síntese entre domínio de conteúdo e didatismo, mesclados pelo atributo da generosidade em ensinar para a vida.

Reunindo os dois aspectos citados, destaco a professora Maria das Graças do Lago Borges, que ministrava disciplinas das áreas de Cartografia e Geografia Física, sem jamais descuidar do conteúdo humano, embora nem sempre explícito, contido nas fórmulas matemáticas, dados estatísticos, representações cartográficas e abordagens sobre o tempo e o clima. As aulas da professora Graça Lago eram simultaneamente instigantes e desafiadoras, fosse na Cartografia — em tempos de vigorosas abordagens teóricas e demandas de aplicação da linguagem matemática nos estudos e produtos cartográficos — fosse na Climatologia, em que os conceitos eram abstrações complexas,

mas elucidativas de fenômenos que passavam a ser compreendidos, resultando em produção do conhecimento.

Das experiências vivenciadas sob a orientação da professora Graça Lago, merece registro a realização de uma pesquisa científica na disciplina Geografia Física I – Geral, ministrada no semestre 1983.1 (3º período do curso), a partir de um tema por nós escolhido. Dessa experiência resultou a monografia “Evolução Urbana de Cruzeta”, na qual abordo aspectos relativos à localização geográfica, toponímia, cronologia de desenvolvimento, população, infraestrutura e economia do município (Figura 21).

Figura 21 - Evolução urbana de Cruzeta (1983)



Fonte: Acervo da autora, 1983.

Até a escrita do Memorial, não tinha consciência do que representava esse trabalho em meu itinerário formativo, para além da práxis com a metodologia do trabalho científico. De fato, ao optar por essa temática, estava dando continuidade à trilha de pesquisa iniciada em 1978, na 8ª série do 1º Grau). Isso representa o meu segundo encontro com a pesquisa e a Geografia Urbana, área que, mais tarde,

se fez presente em meu processo de formação continuada e atuação profissional.

Entre 1982 e 1985, período de realização da Licenciatura em Geografia, o cenário nacional foi marcado por intensa efervescência política. A partir de 1983, sob a influência da Emenda Constitucional n. 5, conhecida por emenda Dante de Oliveira⁴⁸, que propunha eleições diretas para presidente e vice-presidente da República, fortaleceu-se o movimento das “Diretas Já”, que levou multidões às ruas das principais cidades do Brasil. Em abril de 1984, a proposta de emenda foi rejeitada por não conseguir a quantidade mínima de votos para aprovação.

A despeito desse fato, ocorreram mudanças nas alianças governistas, que contribuíram para a chegada da oposição ao poder. Nesse contexto, concorrendo ao Colégio Eleitoral, Tancredo Neves lançou-se candidato à Presidência da República pelo PMDB, partido de oposição. Em 15 de janeiro de 1985, foi eleito presidente da República, porém, não chegou a tomar posse devido a problemas de saúde, que o levaram à morte. Nessa tessitura, o vice-presidente, José Sarney, assumiu o cargo. Assim, passados 21 anos, a eleição indireta de 1985, que elegeu um civil para a Presidência da República Federativa do Brasil, demarcou o fim do regime militar e inaugurou uma nova fase na organização política do país, sob os preceitos constitucionais da democracia. Foi no decurso desse quadro político que realizei minha formação acadêmica.

Ao avaliar meu percurso formativo na universidade, concluo que se fez em sintonia com o seu tempo, em termos de abordagens teóricas e metodológicas. Uma Geografia preponderantemente descritiva; práticas de ensino, baseadas na exposição e na cópia no quadro; e recursos didáticos restritos a cópia de livros, uso de retroprojeto e de

48 O deputado Dante de Oliveira foi o autor da emenda que propunha uma nova escrita para os artigos 17 e 148 da Constituição Federal de 1967, bem como a extinção de seus parágrafos. Tal emenda, se aprovada, permitiria a realização das próximas eleições presidenciais a partir do voto direto e no mês de novembro de 1984.

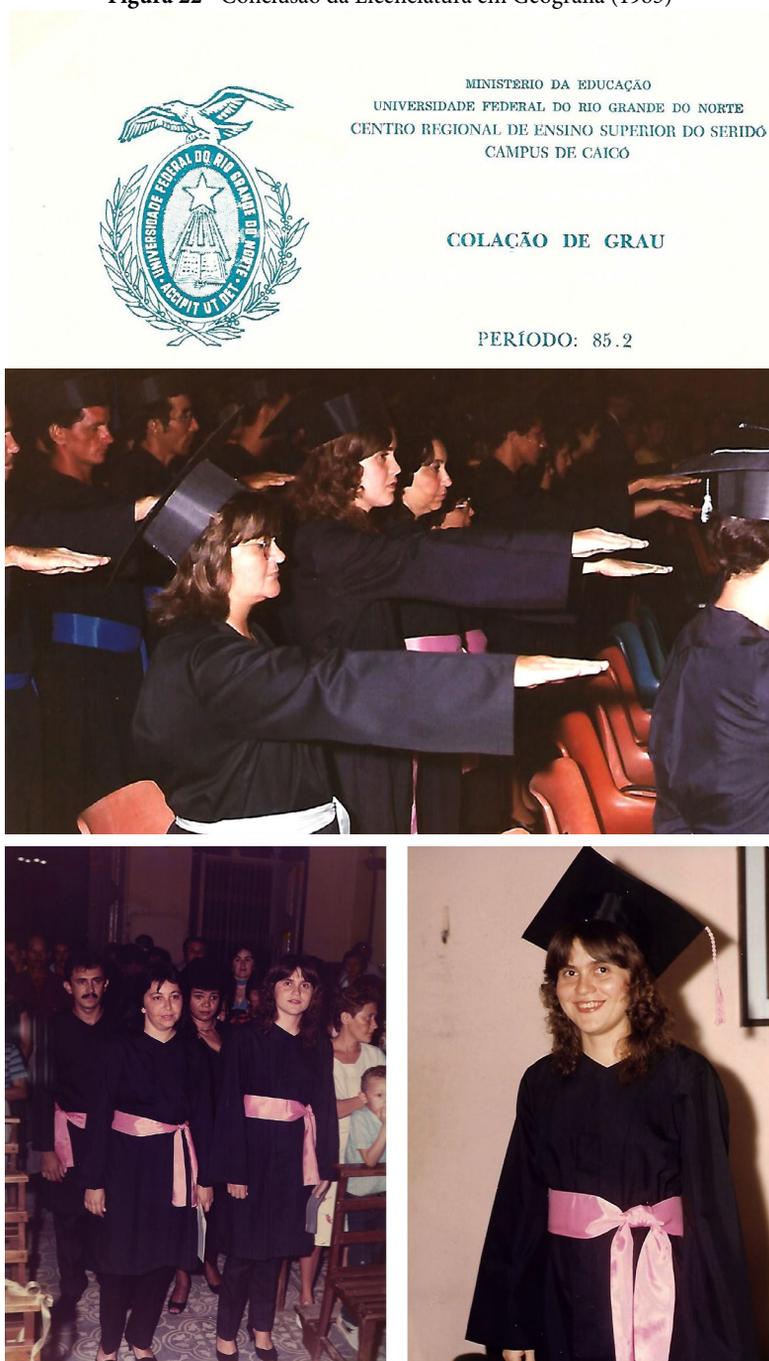
mapa impresso. Eram evidentes as condições precárias, em termos de infraestrutura. Apesar disso, também eram marcantes o compromisso e o esforço dos professores para promover uma formação que nos habilitasse a uma atuação docente qualificada em termos teórico-metodológicos e humanitários.⁴⁹

Durante a realização da Licenciatura em Geografia, mantive o padrão de desempenho satisfatório, coerente com o meu percurso estudantil. Algumas disciplinas da área de Geografia Física despertavam meu interesse, dentre elas Climatologia (objeto do meu concurso para o Magistério Superior), pela forma como era ensinada, articulando aspectos físicos e humanos. Porém, inequivocamente, foram as disciplinas da Geografia Humana, a partir das quais fui aprendendo a ler o mundo em suas múltiplas interfaces e escalas geográficas, que me fascinaram e que, posteriormente, se tornaram minha principal área de atuação docente; meu território de buscas e descobertas; meu lugar de reflexão.

Assim, entre desafios e superações, passaram os quatro anos de minha graduação, uma fase primordial na construção do meu Ser professor, que teve, em dezembro de 1985, seu marco final mediante a conclusão da Licenciatura em Geografia (Figura 22). Nesse período, deparei-me com encruzilhadas ao trafegar pelos caminhos das vivências familiares, da formação e da docência.

49 Um dado elucidativo remete aos licenciados em Geografia Ceres-UFRN nas turmas de 1982.1 (duas alunas), 1983.1 (uma aluna) e 1986.1 (11 alunos), dentre os quais 31% (quatro) se tornaram professores do referido curso por meio de concurso público.

Figura 22 - Conclusão da Licenciatura em Geografia (1985)





Fonte: Inácio Rodrigues Viana, 1985 (Acervo da autora).

2.2 PRIMEIRA ENCRUZILHADA: A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Entre 1982 e 1985, período em que realizei a graduação em Geografia, a dinâmica urbana de Caicó não passou por alterações significativas, mantendo-se o curso do processo já delineado nos anos de 1970, que imprimia a mudança de seu perfil agrário/rural para urbano/terciário, com acentuação de seu papel como centro regional do Seridó potiguar. Nesse interstício, o ritmo e o modo de vida na cidade grande (em relação a Cruzeta) foram sendo assimilados e incorporados ao cotidiano. Embora residisse na Vila do Itans, área rural de Caicó, era uma assídua transeunte da cidade, o que me fez desbravá-la — de modo que a grandeza vislumbrada de início foi reduzida, à medida que fui me apropriando de percursos e lugares e tecendo relações de sociabilidade.

Diferentemente da dinâmica da cidade, no plano da vida pessoal, esse breve interregno foi marcado pela ocorrência de eventos que redimensionaram minha condição de ser e estar no mundo. Remeto-me ao nascimento do meu primeiro filho, Francisco de Moraes Lima Júnior, em 2 de abril de 1984, quando passei a viver a mais desejada e realizadora experiência de minha existência — a maternidade.

Tornando ainda mais complexo o contexto de mudanças, apenas cinco dias após o nascimento do meu filho, foi publicado o resultado do primeiro Concurso Público para Professor do Estado do Rio Grande do Norte, no qual fui aprovada, tendo sido classificada em segundo lugar, no âmbito do 10º Núcleo Regional de Educação, sediado em Caicó.

Em meio à alegria pela maternidade e à aprovação no concurso, configurou-se um dos momentos mais difíceis de minha vida. De um lado, a possibilidade concreta de realizar o sonho de voltar a atuar como professora e, de outro, a angústia e a insegurança, mediante o contexto familiar. Como conciliar família, estudo e trabalho?

Nesse ínterim, o papel de minha mãe e de D. Alexandrina, amiga da família e minha ex-professora do magistério, foram decisivos no sentido

de mostrar, por meio de suas experiências de vida, como seria possível desempenhar esses múltiplos papéis e tarefas, sem negligenciar minha condição de mãe, razão maior do meu conflito. Assim, temerosa, mas fortalecida pelo apoio delas, decidi assumir o cargo de Professor 6 – Estatutário, nível A, do Quadro Geral de Pessoal do Estado, sendo nomeada em 22 de maio de 1984, com carga horária parcial (24 horas).

Na condição de professora da Rede Estadual de Ensino, iniciei minhas atividades em agosto de 1984, tendo sido designada para atuar na 2ª série do Ensino de 1º Grau na Escola Estadual Vilagran Cabrita, na cidade de Caicó. Essa escola foi erigida em um espaço pertencente ao 1º Batalhão de Engenharia e Construção do Seridó que, na época, em certa medida, assumia o seu custeio. Em decorrência dessa situação, a direção da escola, atendendo às exigências daquela instituição, determinava que professores e alunos estivessem presentes em algumas de suas atividades, o que incluía a formatura dos seus integrantes, impreterivelmente às sextas-feiras, às 6 horas. Essa obrigatoriedade me causava insatisfação, por entender que extrapolava minhas atribuições, sendo esta a motivação para permanecer nessa escola apenas até dezembro de 1984.

Em fevereiro de 1985, comecei a atuar na Escola Estadual Professor Joaquim Guedes Correia Gondim Neto – Ensino de 1º Grau, localizada na Vila 1 do Perímetro Irrigado Sabugi, onde se desenvolvia o projeto de colonização implantado pelo Dnocs, nos moldes já descritos em relação ao Perímetro Irrigado Cruzeta. Nessa escola, inicialmente, desenvolvi atividades como docente de 5ª a 8ª série do Ensino de 1º Grau, lecionando as disciplinas de História, Programas de Saúde, Ciências e Geografia, no turno vespertino.

Nesse sentido, durante o ano de 1985, conciliei as atividades profissionais e a formação acadêmica. Ao final desse ano concluí a Licenciatura em Geografia e pensei que, a partir de então, a dinâmica da vida iria se tornar menos atribulada, envolvendo as atividades da escola e da família. Ledo engano.

Um enorme desafio e inesperada oportunidade se configurou, já em fevereiro de 1986, ao ser convidada pela professora Graça Lago para ministrar a disciplina Cartografia Geral no Curso de Geografia do Ceres, em condição temporária e sem vínculo empregatício. Não hesitei diante do convite e, nessa conjuntura, iniciei minha atuação como professora do Ensino Superior, o que ocorreu nos semestres 1986.1, 1986. 2 e 1987.1.

Até a vivência dessa experiência, apesar dos alvissareiros presságios de alguns professores, como Isabel Fernandes e Graça Lago, não pensava na possibilidade de realizar concurso para a docência universitária. Ser professora efetiva e concursada da Rede Estadual de Ensino já ultrapassava o sonho primeiro, que era atuar na Rede Municipal de Ensino em Cruzeta. Porém, a partir desse período, enxerguei possibilidades e redimensionei meu projeto de vida, de modo que chegar à docência universitária tornou-se um objetivo a ser perseguido.

Ainda no ano de 1986, aconteceu outro evento especial, de repercussão familiar. Em dezembro, nasceu meu segundo filho, Alexandre César Diniz Moraes Lima, ratificando minhas convicções acerca da maternidade como uma experiência singular e de elevado significado afetivo.

Nesse contexto, em que família e trabalho passaram a definir o ritmo da vida, impôs-se a necessidade de conciliação das atividades na UFRN e na Escola Estadual Professor Joaquim Guedes Correia Gondim Neto. Na referida escola, minha atuação correspondeu a apenas cinco anos (1986-1991), mas foi extremamente significativa em termos de aprendizagem e experiências docente e administrativa. As vivências nessa pequenina escola da zona rural foram marcantes em termos de relacionamento humano, sendo o grupo de professores formado por pessoas que comungavam dos mesmos ideais e motivações (Figura 23). Assim, nós nos desafiávamos em realizar uma prática pedagógica que fizesse sentido para aqueles jovens, filhos de colonos, cujas famílias se dedicavam ao plantio de tomate. Nosso esforço foi o de valorizar os saberes e as condições de vida locais, sem deixar de abrir janelas do

e para o mundo. Dentre as pessoas que estiveram comigo nessa experiência, pelas quais tenho imenso carinho, destaco a professora Elza Filgueira (*in memoriam*), então diretora; Ana Santana Medeiros Clemente, professora de Português, com quem compartilhei muitos sonhos e iniciativas, e Manuel Barbosa Filho, que assumiu comigo a administração da referida escola.

Figura 23 - Escola Estadual Professor Joaquim Guedes Correia Gondim Neto – Ensino de 1º Grau (1986[?] E 1991)



Fonte: Acervo da autora, [1986?] e 1991.

Em termos administrativos, inicialmente, minha atuação nessa escola ocorreu na condição de vice-diretora, função desempenhada de julho de 1986 a agosto de 1989, e, posteriormente, como diretora, no período de setembro de 1989 a novembro de 1991. Assumi a direção da escola mediante processo eleitoral⁵⁰, uma conquista do movimento docente estadual, tendo concorrido ao pleito juntamente com o professor Manuel Barbosa Filho, candidato à vice-diretor. Embora sendo chapa única, discutimos com a comunidade local (famílias residentes nas vilas I e II do Perímetro) as propostas para a gestão e obtivemos expressiva votação, o que legitimou nossa plataforma de atuação. Fomos designados para um período de dois anos. Todavia, perto de expirar esse prazo, a Secretaria de Educação e Cultura do Estado divulgou nota estendendo a gestão até dezembro de 1991. Nesse período,

⁵⁰ Em Caicó, no ano de 1989, as eleições diretas para diretor e vice-diretor ocorreram nas escolas estaduais José Augusto e Calpúrnica Caldas de Amorim, grandes estabelecimentos localizados na cidade, e na Escola Estadual Professor Joaquim Guedes Correia Gondim Neto, situada na zona rural.

minha atuação na escola ocorreu tanto no exercício das funções administrativas quanto da docência.

Permaneci na direção da Escola Estadual Professor Joaquim Guedes Correia Gondim Neto até novembro de 1991, quando solicitei exoneração do cargo de Professor da Rede Estadual de Ensino, em decorrência da convocação para o ingresso no Magistério Superior; uma conquista que acrescentou sobremaneira à realização do meu projeto de vida.

Nova encruzilhada na vida; reconhecidamente mais desafiadora em termos de conciliação entre família e trabalho. Todavia, nela percebi o delineamento do que seria o horizonte da minha vida profissional e, por conseguinte, de minhas realizações pessoais. Portanto, na encruzilhada, a decisão foi prosseguir.

2.3 SEGUNDA ENCRUZILHADA: A DOCÊNCIA NO MAGISTÉRIO SUPERIOR

O interregno que compreende a realização do Concurso Público de Provas e Títulos para a referência inicial da classe de Professor Auxiliar, da carreira do Magistério Superior, da UFRN, em 1989, e a convocação para assumir o cargo, em 1991, correspondeu a um período de intensa ebulição política no Brasil. Em 1989, foi realizada a primeira eleição presidencial⁵¹ após a promulgação da Constituição Federal de 1988, conhecida como Constituição Cidadã.

Nesse contexto, foi eleito presidente do Brasil Fernando Collor de Mello, do Partido da Reconstrução Nacional. Logo no início de seu governo, a sociedade foi surpreendida pela adoção de medidas econômicas de forte impacto, dentre elas o confisco do dinheiro depositado em cadernetas de poupança, privatizações, abertura do mercado às importações, congelamento de preços e uma reforma

51 Eleição realizada em dois turnos (15 de novembro e 17 de dezembro de 1989); no segundo turno, competiram Fernando Collor e Luís Inácio Lula da Silva.

administrativa, marcada pela extinção de órgãos e empresas estatais e prefixação dos salários. Inicialmente, tais medidas reduziram a inflação, mas também resultaram em enorme recessão econômica. Por outro lado, nas entranhas do governo, foi montado um forte esquema de corrupção e tráfico de influência.

Em meio à forte turbulência política, crise econômica e insatisfação popular, a partir de agosto de 1992, ganhou força o movimento estudantil “caras-pintadas”, que pedia o *impeachment* do presidente Collor. Em 1º de outubro desse ano, o Senado instaurou o referido processo e, no dia seguinte, o presidente foi afastado do cargo, assumindo interinamente o vice-presidente Itamar Franco. O julgamento de Collor no Senado Federal teve início em 29 de dezembro de 1992, todavia, para evitar o *impeachment*, o presidente enviou uma carta ao Senado, na qual apresentou sua renúncia. Não obstante, no dia seguinte, Collor foi condenado à perda do mandato e à inelegibilidade por oito anos.

Foi nessa tessitura política que, em 1991, iniciei as atividades funcionais como professora efetiva de Ensino Superior, após dois anos de uma angustiante espera. No concurso, realizado em 1989, concorri à vaga para Fundamentos de Climatologia, disciplina da Licenciatura em Geografia do Ceres, Campus de Caicó. A banca examinadora do concurso era formada por Rita de Cássia da Conceição Gomes e Cleonice Furtado de Souza, professoras da UFRN, Campus Central, e Wolf Dietrich Heckendorff, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus de João Pessoa.

A Prova Didática, cujo desempenho foi decisivo para minha aprovação, foi realizada no dia 8 de agosto de 1989, no Campus de Caicó, sob o tema “A importância da Zona de Convergência Intertropical para o Nordeste brasileiro”. A precisão desses dados se deve ao fato de que ainda guardo o plano dessa aula, sistematizado em fichas, onde estão definidos o tema, os objetivos, os tópicos de conteúdo e as referências.

Divulgado o resultado, foram aprovados três candidatos: José Gregório da Costa, eu e Sandra Kelly de Araújo. A homologação do resultado do concurso ocorreu em 13 de dezembro de 1989, mas so-

mente em 7 de novembro de 1991, por meio da Portaria n. 1305, publicada no Diário Oficial da União n. 225, de 20 de novembro de 1991, é que se efetivou minha nomeação.

Prosseguindo aos trâmites legais, em 26 de novembro de 1991, ocorreu a posse e a apresentação à diretora do Ceres, professora Maria Lúcia da Costa Bezerra. No dia seguinte, assumi as funções de professora da UFRN, no Ceres, Campus de Caicó, tendo sido lotada no Departamento de Formação Básica (Figura 24).

Figura 24 - UFRN, Centro de Ensino Superior do Seridó (1995)



Fonte: Inácio Rodrigues Viana, 1995 (Acervo da autora).

O ingresso no quadro de professor efetivo da UFRN, aos 27 anos, foi bem mais do que inicialmente sonhei em relação ao meu projeto de Ser professora. O sentimento de vitória era indescritível, mas a consciência das responsabilidades inerentes ao cargo e dos possíveis percalços no caminho a ser trilhado não deixavam dúvida de que se iniciava uma nova e definitiva etapa de minha vida, na qual apenas a aposentadoria, possivelmente, colocaria um ponto final ou inscreveria pontos de reticência.

Em 1991, quando assumi as atividades funcionais no Ceres, a estrutura organizacional compreendia o Campus de Caicó, onde havia os departamentos de Formação Básica e de Formação Profissional, e o Campus de Currais Novos, configuração desenhada no processo de reestruturação dos campi do interior em 1977. Ao integrar o quadro docente da instituição, passei a conviver com ex-professores, dentre outros

que atuavam no Ceres, tendo em vista que sua pequena dimensão favorecia o encontro das pessoas e o compartilhamento de espaços. Nesse período, vivenciei uma situação inusitada junto a Regina Maria Brito Lopes, então graduada em Economia e docente do Campus de Caicó. Regina foi minha professora na graduação e, quando ingressei no quadro docente da UFRN, ela se tornou minha aluna no curso de Geografia.

A Licenciatura em Geografia do Ceres, curso do qual fui aluna e me tornei professora, foi criado em 1973, no contexto de implantação do Núcleo Avançado de Estudos Superiores (NAC). Em 1974, registrou a primeira turma de ingressantes. Porém, em 1975, os alunos aprovados no processo seletivo para esse curso foram absorvidos pela Licenciatura em Estudos Sociais⁵². Em 1978, a realização de vestibular para o curso de Geografia demarcou o retorno da oferta específica, que persiste até os dias atuais.

Ao ser implantada no Ceres, a Licenciatura em Geografia adotou o currículo do curso ofertado no Campus Central, cujos códigos de disciplinas pertenciam ao Departamento de Geografia (DGE), do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA). Essa situação vigorou até 1997, quando foi realizada a primeira reestruturação curricular, cuja implementação ocorreu no ano seguinte. Durante o período em que estive lotada no Ceres, o curso passou por reestruturações curriculares nos anos de 2004, 2009 e 2011, em meio às mudanças nas diretrizes para oferta de licenciatura, das quais participei efetivamente, inclusive assumindo a coordenação de dois processos.

Desde o meu ingresso na UFRN, em 1991, até o ano de 2011, minha atuação nos segmentos de Ensino, Pesquisa, Extensão, Gestão, dentre outros fazeres vinculados à docência, teve como cenário

52 ROCHA, Genyilton Odilon Rêgo da. Uma breve história da formação do(a) professor(a) de Geografia no Brasil. *Revista Terra Livre*. São Paulo, SP, n. 15, p. 129-144, 2000. Disponível em: <<https://agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/364>>. Acesso em: 11 nov 2019: A oferta de Cursos Estudos Sociais, licenciatura curta, ocorreu no contexto de introdução dessa área de estudos no currículo do 1º e 2º grau no período do governo militar. Em outubro de 1964, o Conselho Federal de Educação aprovou a criação das licenciaturas em Letras, Ciências e Estudos Sociais, com duração de três anos. Mediante a Portaria n.n.n.n. 117 do Ministério da Educação e Cultura (MEC), de 24 de abril 1966, foi estabelecido o currículo mínimo da Licenciatura Curta em Estudos Sociais, com duração de 2.025 horas, o qual, sem alteração curricular, foi reduzido para 1.200 horas, em 17 de janeiro de 1972.

principal o Ceres. Nesse período, vivenciei importantes alterações em sua estrutura organizacional e participei ativamente de discussões, decisões, sistematização de documentos e implementação de ações. Foram 20 anos de aprendizagens significativas no campo das tessituras políticas, administrativas e acadêmicas, em um contexto no qual era perene a preocupação, o envolvimento e o compromisso com a instituição na perspectiva de, conjuntamente, pensar o Ceres que tínhamos e o que desejávamos ter.

Decerto, esse é um período extremamente significativo de minha trajetória na UFRN, não só pela temporalidade, mas pelo significado das vivências. Nesse tempo, trafeguei por caminhos sinuosos, estradas planas e íngremes, percursos em terra firme e por areias movediças, que me fizeram delinear e conferir nitidez à matriz do meu Ser professor. Nesses 20 anos de atuação no Ceres, nasci e cresci como professora universitária e vivi experiências marcantes que me fizeram provar o gosto e o desgosto que o ambiente acadêmico proporciona. Nessa tessitura, cresci em todos os momentos, porém me agigantei na adversidade.

No entremeio desses processos, consciente de que o ingresso na docência universitária, apenas com a graduação, em um contexto de transformações sociais relevantes, exigia ultrapassar as fronteiras do conhecimento e do espaço vivido, me dispus a realizar itinerários formativos para qualificar minha atuação e redimensionar minha condição humana.

2.4 SOBREPOSIÇÕES: ATUAÇÃO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO CONTINUADA

Na passagem do final século XX para o início do século XXI, minha trajetória de vida foi marcada por sobreposições afeitas à atuação profissional e à formação em nível de pós-graduação.

Seguindo a orientação da professora Maria Lúcia da Costa Bezerra (*in memoriam*), então Diretora do Ceres, submeti-me à seleção

do Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* (Prepes)⁵³, para cursar a Especialização em Geografia Humana, ofertada na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), em Belo Horizonte. O Prepes era um programa voltado à formação de professores de Ensino Superior, cujos cursos assumiam uma oferta modular, nos meses de julho e janeiro, no período de dois anos. Meu ingresso na Especialização em Geografia Humana ocorreu em julho de 1994.

A realização desse curso representou um divisor de águas em minha vida em um amplo sentido. Foi a primeira vez que me afastei dos filhos; o que pareceu quase insuportável. Por serem ainda crianças (Morais Júnior com 10 anos e Alexandre, com sete), nos períodos de afastamento para o curso, ficaram ora sob a responsabilidade do pai, ora dos avós em Cruzeta. Mas a consciência da necessidade de realizar tal formação e o apoio das colegas, especialmente da professora Lúcia Costa, foram fundamentais para a permanência no curso e para a percepção de que, como diz o poeta Fernando Pessoa, “navegar é preciso”.

Por outro prisma, esse curso possibilitou uma significativa imersão no universo da Geografia Humana, posto que a estrutura curricular⁵⁴ se apresentava bem demarcada na área e o corpo docente era formado por profissionais bastante qualificados, entre os quais vários assumem destaque na Geografia brasileira contemporânea.

Considerando que minha atuação na UFRN, naquele período, já ocorria preponderantemente em disciplinas da área de Geografia Humana, meus interesses e anseios em relação ao curso foram

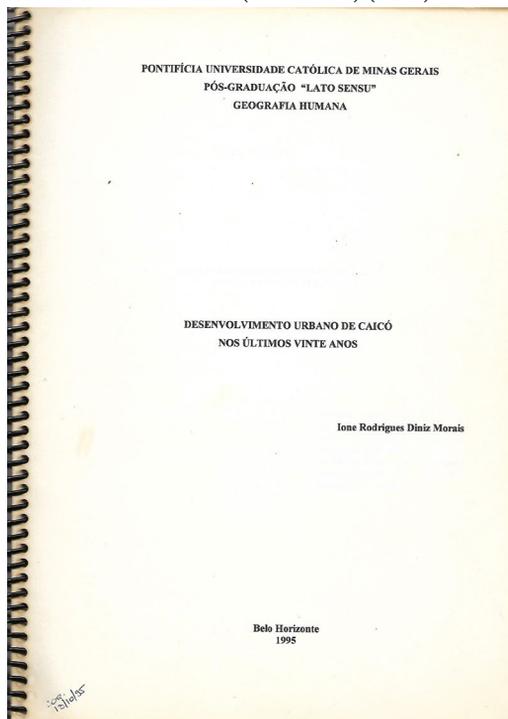
53 Não consegui obter o significado dessa sigla.

54 Currículo da Especialização em Geografia Humana (XXIII Prepes) PUC-MG (1994-1996), por módulo, disciplina e professor: 1º módulo (julho 1994) - Métodos de Análise Geográfica/ Cássio Eduardo Viana Hissa, Técnicas de Comunicação Científica/ José Moreira de Souza, Tópicos Introdutórios: Geografia Humana/ João Francisco de Abreu e Geografia da População/ Cássio Eduardo Viana Hissa; 2º módulo (janeiro de 1995) - Cartografia/ Ana Clara Mourão Moura, Geografia Agrária/ Darlene Aparecida de Oliveira e Técnicas Quantitativas/ Leônidas da Conceição Barroso; 3º módulo (julho de 1995) - Geografia Urbana/ Beatriz Ribeiro Soares, Análise Regional/ Ralf Edmundo da Silva Matos e Geografia Política/ Célio Augusto da Cunha Horta; 4º módulo (janeiro de 1996) - Métodos e Técnicas de Ensino/ Rosalina Batista Braga, Geografia e Planejamento Urbano e Regional/ Beatriz Ribeiro Soares e Tópicos Avançados: Geografia Humana/ Cássio Eduardo Viana Hissa. Fonte: PUC-MG. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU (PREPES). Histórico escolar da Especialização em Geografia Humana, 1996.

plenamente atendidos. A aquisição, ampliação e aprofundamento de conhecimentos contribuíram para qualificar a minha práxis, em termos teórico-conceituais e metodológicos, e, em certa medida, ainda hoje repercutem em meu fazer docente.

No percurso formativo da especialização, em 1995, ocorreu meu terceiro encontro com a pesquisa e a Geografia Urbana, na disciplina homônima, ministrada pela professora Beatriz Ribeiro Soares, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Desse encontro surgiu a monografia intitulada “Desenvolvimento urbano de Caicó nos últimos vinte anos (1975-1995)”⁵⁵. Neste trabalho, além de uma caracterização do município e da cidade, foram evidenciados o processo histórico de ocupação do espaço, os

Figura 25 - Desenvolvimento Urbano de Caicó nos Últimos vinte anos (1975-1995) (1995)



Fonte: Acervo da autora, 1995.

processos e as formas espaciais urbanos, com enfoque na área central e periférica, bem como os problemas e as contradições urbanas (Figura 25). Nesse primeiro trabalho produzido sobre Caicó, a fotografia também se fez texto e, assim, mais uma vez a cidade lá está revelada pelas lentes de meu pai.

Esta monografia, que hoje parece tão embrionária, é resultado do esforço de apropriação de uma abordagem teórico-conceitual para compreender uma dada

55 Guardo em meu acervo documental os três trabalhos que demarcam meus encontros com a Geografia Urbana e a pesquisa, bem como os textos e trabalhos das demais disciplinas da especialização.

realidade socioespacial, em uma tessitura marcada pela dificuldade de conciliar estudo, trabalho e família.

A excelente avaliação obtida serviu de motivação para dar continuidade ao percurso investigativo na área de Geografia Urbana. A partir desses resultados, despertei para o aparente paradoxo que envolvia Caicó — apesar de imersa em um contexto de crise econômica, a cidade evidenciava um processo de crescimento urbano.

A inexistência de pós-graduação em Geografia, na UFRN, foi decisiva para a escolha pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, em nível de mestrado, por ter visualizado nessa área a possibilidade de realizar um trabalho com abordagem geográfica. Nessa perspectiva, em 1995, submeti um projeto de pesquisa, cuja problematização contemplou a dinâmica espacial urbana de Caicó, à seleção do referido programa, ofertado pelo CCHLA. Mediante aprovação, iniciei o curso em março de 1996, sem afastamento das atividades funcionais, e ainda realizando a especialização, cuja conclusão somente correu em julho do mesmo ano.

A vivência de situações sobrepostas envolvendo atividades profissionais e de formação fizeram de 1996 um ano emblemático em minha vida. Simultaneamente, atuei como professora e coordenadora da Licenciatura em Geografia do Ceres, concluí a Especialização em Geografia Humana e iniciei o Mestrado em Ciências Sociais. Esse intrincado contexto foi amenizado, em março 1997, quando obtive afastamento das atividades funcionais, por dois anos, para dar continuidade ao mestrado. Não obstante, em decorrência da condição de vida familiar, com residência fixa em Caicó, realizei todo o curso viajando semanalmente para Natal.

Diferentemente da especialização, onde transitava por minha área de formação e de atuação docente, o percurso pela área de Ciências Sociais foi mais árduo e exigente. Todavia, o que se configurava obstáculo foi transformado em potencialidade pela competente atuação dos professores e pelo meu empenho em superar limitações e acrescentar conhecimento à minha formação. A realização da Pós-Graduação em Ciências

Sociais, em nível de mestrado, demarcou o meu primeiro contato com os clássicos da área. Durante o curso, tive a oportunidade de ampliar meus horizontes de leitura e conhecimento por meio das abordagens teóricas e metodológicas das disciplinas que integravam o currículo⁵⁶.

No Mestrado em Ciências Sociais, meu projeto vinculou-se à linha de pesquisa Desenvolvimento Regional, evidenciando uma clara interface com a Geografia. A dissertação foi orientada pela professora Maria do Livramento Miranda Clementino, cujos conhecimentos de Sociologia e Economia, áreas que também se integram aos estudos urbanos, foram fundamentais para a análise da dinâmica espacial citadina que me propus investigar.

Conforme anteriormente registrado, o interesse em estudar a dinâmica espacial urbana de Caicó surgiu da constatação de que, a partir da década de 1980, quando a crise do algodão já havia sido consumada, a cidade vivenciou um processo de crescimento, evidenciado em dados demográficos e na ampliação de seu sítio urbano. Desvendar esse aparente paradoxo constituiu-se o cerne da pesquisa, que objetivou compreender, em suas dimensões sociais, políticas e econômicas, o curso dos acontecimentos pós-crise do algodão em Caicó e suas implicações na organização/reorganização do espaço citadino.

Metodologicamente, a pesquisa pautou-se em fontes bibliográficas, historiográficas e documentais, bem como em relatos memoriais que possibilitaram dissertar sobre o processo de construção da cidade, na perspectiva de sua organização intraurbana e da centralidade que ocupa na rede urbana regional e estadual. Nessa experiência, optei por definir um itinerário de investigação no qual a cidade foi estudada a partir de uma periodização, que compreendeu desde a fase de sua formação ao

56 Pós-graduação em Ciências Sociais (mestrado) na UFRN/CCHLA (1996-1998) – disciplinas, professores e períodos letivos: 1996.1 - Teoria e Metodologia das Ciências Sociais I/ Dacier de Barros Silva e Ideologia, Cultura e Sociedade/ Maria da Conceição de A. Moura; 1996.2 - Teoria e Metodologia das Ciências Sociais II/ Norma Takeuti e Economia Política/ Eleonora Bezerra de Melo Tinôco Beauprand; 1997.1 - Formação Econômica e Social do Nordeste/ Denise Mattos Monteiro, Estado e Sociedade/ José Willington Germano e Seminário de Dissertação/ Maria Lina Leão Teixeira; 1997.2 - Dissertação de Mestrado; 1998.1 - Dissertação de Mestrado e 1998.2 - Dissertação de Mestrado. Fonte: UFRN. PRO-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO. Histórico escolar do Curso de Ciências Sociais: Mestrado, 1998.

momento atual (naquele contexto, o ano de 1998). Essa periodização possibilitou a elaboração de uma sequência inédita de representações cartográficas da cidade que revelam as fases de expansão do sítio urbano e serviu de base para a sistematização dos resultados da pesquisa.

Dessa forma, a estrutura da dissertação contemplou três fases. A primeira fase, do século XVIII à década de 1960, analisa a ocupação do espaço caicoense e os vínculos em relação à pecuária e à cotonicultura; a trajetória de Caicó e sua importância no contexto da economia algodoeira do estado, além das formas espaciais urbanas que surgiram atreladas ao dinamismo da cotonicultura. A segunda abrange a década de 1970 e analisa a tessitura da crise da cotonicultura em escala local e regional, sob a ótica de suas causas e das repercussões socioeconômicas e espaciais, bem como as políticas públicas implementadas em Caicó nesse período, que ratificaram sua condição de centro regional do Seridó potiguar. A terceira corresponde aos anos de 1980-1990, período em que os desdobramentos da crise do algodão levaram à emergência de processos, funções e formas espaciais reveladores de uma *nova geografia* da cidade, delineando um novo perfil econômico marcadamente urbano/terciário (MORAIS, 1999).

No que se refere à fundamentação teórica, o estudo sobre a dinâmica espacial urbana, tendo a cidade de Caicó como referência empírica, baseou-se no conceito de espaço social, enquanto “expressão da produção material do homem, resultado de seu trabalho social [e] como tal, refletirá as características do grupo que o criou” (CORRÊA, 1990, p. 55). Dessa concepção, deriva a perspectiva de apreensão do espaço urbano, cuja organização demonstra a estrutura da sociedade, reveladora dos processos que, em seu interior, são engendrados. Para Corrêa (1995, p. 9), o espaço urbano é

fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais.

Articulada a essas concepções, emerge a noção de organização espacial urbana, entendida como “a própria sociedade espacializada” (CORRÊA, 1990, p. 53).

Considerando esse enfoque, recorreu-se às categorias de análises que contemplam a dimensão social do espaço, conforme Santos (1988, p. 50): processo, “definido como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança”; forma, “aspecto visível de uma coisa”; função, “sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma”; e estrutura, “implica a interrelação de partes de um todo; o modo de organização ou construção.”

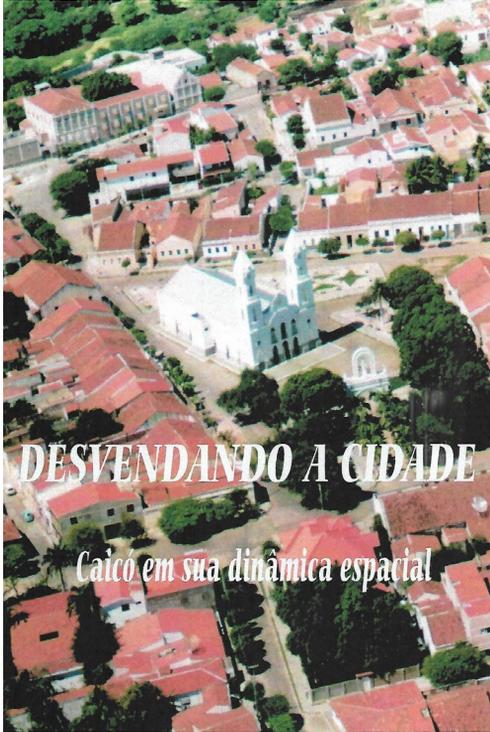
Para elucidar os processos que influenciaram o crescimento demográfico-espacial da cidade de Caicó, buscou-se aporte em Cano (1985, p. 15) que propõe “estudar e planejar o urbano, não em seus específicos limites e sim como produto de uma dinâmica socioeconômica, que transcende os limites do urbano.” Nessa perspectiva, emerge a compreensão de que a urbanização é um processo gestado no âmbito da “reestruturação das relações entre o campo e a cidade, e portanto, através de uma perspectiva histórica” (CANO *apud* CLEMENTINO, 1995, p. 20).

Associada a essa compreensão e considerando as particularidades da realidade investigada, recorreu-se à concepção de urbanização terciária, conforme definida por Santos (1989), como aquela que se processa em localidades ou regiões onde não houve uma passagem da população do setor primário para o secundário e, em seguida, para o terciário, como transcorreu nos países (ou regiões) industriais. Arelada a essa concepção, o enfoque sobre o perfil da economia com tendência à terciarização, que se evidencia pela posição do setor terciário na composição da renda interna e sua participação no emprego total, fundamentou-se em Oliveira (1980).

Sob o título “Desvendando a cidade: Caicó em sua dinâmica espacial” (Figura 26), a dissertação foi defendida em 18 de novembro de 1998, sendo a banca examinadora constituída pelas

professoras Maria do Livramento Miranda Clementino (orientadora), Ângela Lúcia de Araújo Ferreira (UFRN) e Ana Cristina Fernandes, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Figura 26 - Desvendando a cidade: Caicó em sua dinâmica espacial (1998)



Fonte: Acervo da Autora, 1998.

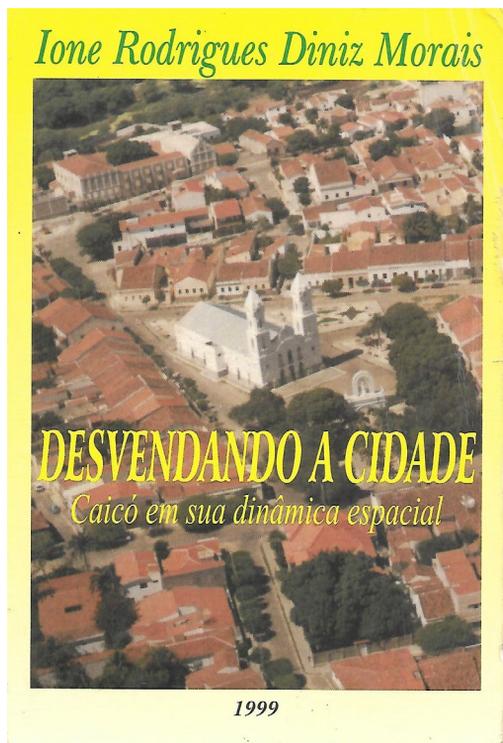
Histórica do Ceres⁵⁷ (Labordoc); durante os registros fotográficos da cidade e foi meu companheiro no cotidiano da escrita, sobretudo nas madrugadas. No dia da defesa, foi somente com ele que contei para cronometrar o tempo da apresentação e organizar o material logo após o término, diante da euforia que se instaurou entre os poucos presentes mediante a avaliação da banca.

Na defesa desse trabalho utilizei, como recurso didático, um retroprojetor para expor transparências contendo textos e mapas, ou melhor, desenhos pintados manualmente. Nesse dia, a sala contava com um número reduzido de pessoas, entre elas meu filho, Alexandre, cuja atuação merece registro. No decurso da realização do trabalho, ele me ajudou nas entrevistas, sendo o encarregado de manusear nosso pequeno gravador; nas pesquisas documentais no Laboratório de Documentação

57 A destinação dos primeiros documentos do provenientes do Fórum Municipal, que integram o Labordoc, resultaram de uma iniciativa do então juiz da comarca de Caicó, Dr. Henrique Baltazar de me procurar, em uma reunião do Lions Club, para saber do interesse do Ceres pela guarda desse acervo. Em seguida, articulei um contato entre o referido juiz e Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues Pereira, na época professor de História no Ceres. A partir desse movimento, fontes documentais preciosas passaram ao domínio do Ceres.

O êxito obtido com a aprovação desse trabalho motivou a busca pela publicação, que ocorreu logo no ano seguinte (Figura 27). Também na fase de divulgação e comercialização do livro, Alexandre foi um ajudante impecável, ao me acompanhar nas palestras e se responsabilizar pela organização da mesa de exposição e pelo controle das vendas.

Figura 27 - Desvendando a cidade: Caicó em sua dinâmica espacial (1999)



Fonte: Acervo da autora, 1999.

A realização da pesquisa e a escrita da dissertação de mestrado foram uma experiência marcante, prazerosa e edificante em vários sentidos, constituindo-se o primeiro trabalho realizado sob um rigoroso aparato científico. Sua construção, a partir de uma abordagem da Geografia Urbana, conferiu um sentido de continuidade à minha atuação como pesquisadora, e ainda se aliou ao desejo de obtenção do título de mestre. A publicação foi também uma grande conquista, que possibili-

tou a divulgação e socialização do conhecimento produzido. O livro, que se encontra com edição esgotada, é bastante utilizado por estudiosos, pesquisadores e professores que atuam ou se interessam pelos estudos urbanos associados ao território potiguar.

As contribuições da Pós-Graduação em Ciências Sociais, em nível de Mestrado, repercutiram diretamente no exercício da docência, em

termos de aquisição e aprofundamento de abordagens teóricas e metodológicas, bem como de experiências relativas ao saber-fazer pesquisa. Tais abordagens, ao dialogarem com conceitos e noções da Geografia, associados a temas como políticas públicas, desenvolvimento regional e identidade cultural, favoreceram a práxis docente na área da Geografia Humana, na qual minha atuação tem sido preponderante.

Decorridos dois anos do término do mestrado, em dezembro de 2000, me submeti à seleção para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, em nível de Doutorado, CCHLA. Obtida a aprovação, iniciei o curso em março de 2001, sem afastamento das atividades funcionais.

Vivenciando mais uma fase de sobreposição de fazeres, o ano de 2001 configurou-se particularmente difícil, devido ao acúmulo de atividades decorrentes do Ensino, da Pesquisa e, sobretudo, da Gestão. Nesse ano, além da chefia do Departamento de História e Geografia⁵⁸ (DHG, Ceres), fui designada para coordenar a Especialização em Desenvolvimento Sustentável no Semiárido Nordestino⁵⁹, curso vinculado ao referido departamento. Permaneci nessas funções até abril de 2002, quando obtive afastamento das atividades por dois anos, para concluir o doutorado. Ressalto, ainda, que também realizei o doutorado me deslocando, semanalmente, para Natal. Todavia, as viagens foram vividas com maior leveza e até prazer, porque possibilitavam o encontro com os filhos que, desde o ano 2000, estudavam em Natal.

A realização do doutorado em Ciências Sociais favoreceu a continuidade da formação na linha de pesquisa Desenvolvimento Regional, possibilitando a verticalização do conhecimento. Outrossim, também favoreceu a integralização da carga horária, haja vista o

58 Essa estrutura somente foi alterada pela Resolução n. 011/2010-Consuni, de 13 de setembro de 2010, que aprovou a criação do Departamento de História no Ceres, por desmembramento do DHG, que doravante passou a se denominar Departamento de Geografia (DGC).

59 A proposição desse curso, no âmbito do DHG, decorreu do meu envolvimento e de Muirakytan Kennedy de Macedo, professor de História do Ceres, Campus de Caicó, no processo de elaboração do Plano de Desenvolvimento Sustentável do Seridó, entre 1999 e 2000.

aproveitamento de todas as disciplinas do mestrado, otimizando o tempo do curso. Desse modo, ao cursar duas disciplinas⁶⁰, integralizei a carga horária exigida ainda em 2001 e, assim, direcionei o tempo do afastamento (abril de 2002 a abril 2004) à construção da tese. O projeto de pesquisa desenvolvido no doutorado surgiu do interesse em ampliar o horizonte de investigação delineado no mestrado para uma perspectiva regional, que tratasse do Seridó na tessitura posterior as crises da cotonicultura (meados da década de 1970) e da mineração (meados da década de 1980), pilares de sua estrutura produtiva. A despeito das crises econômicas, na década de 1990 e nos primeiros anos do século XXI, o Seridó se destacava no estado em termos de indicadores sociais.

Dessa intrincada situação, emergiram os questionamentos que nortearam a pesquisa: Como explicar a dinâmica regional do Seridó na tessitura pós-crisis econômicas? Quais estratégias foram utilizadas pela sociedade regional, buscando a mitigação ou superação das sequelas das crises, em um contexto marcado pela reestruturação econômica e pela globalização? Considerando esses questionamentos, a investigação objetivou compreender o processo de estruturação regional do Seridó, em suas dimensões econômica, política e cultural. Nessa perspectiva, buscou-se

entender a tessitura histórica na qual se inseriram os primeiros *rascunhos* do Seridó e a trama regional que fundamentou sua estruturação político-administrativa, econômica e sociocultural; os *impressos* regionais em suas trajetórias *topográficas*; os processos sociais que delinearão os cenários de resistência e ao se projetarem no espaço reescreveram o *texto* regional fazendo emergir a *geografia da resistência*. (MORAIS, 2016, p. 23-24).

60 Pós-graduação em Ciências Sociais (mestrado) na UFRN/CCHLA (2001.2) - disciplinas e respectivos professores: Sociologia do Trabalho/ Eleonora Bezerra de Melo Tinóco Beaugrand e Estado e Proteção Social/ Ilza Araújo Leão de Andrade. Fonte: UFRN. PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO. Histórico escolar do Curso de Ciências Sociais: Doutorado, 2001.

O termo *geografia da resistência* surgiu em uma conversa com José Lacerda Alves Felipe, amigo e reconhecido professor de Geografia da UFRN, com quem compartilhei ideias e descobertas. Ao relatar as particularidades da dinâmica territorial do Seridó e o fato de não encontrar na literatura uma abordagem conceitual que servisse à sua elucidação, o professor Lacerda disse parecer uma *geografia da resistência*. Nesse momento, percebi que havia encontrado o termo; o desafio era investir em sua elaboração, conferindo-lhe conteúdo e significado.

Nesse trabalho, a abordagem teórica fundamenta-se em uma perspectiva de conceber a região como uma construção histórico-social, na qual se entrelaçam política, economia e cultura, enquanto instâncias da sociedade definidoras de sua organização espacial. Essa abordagem dialoga com os escritos de Costa (1988, p. 26), quando afirma que

não se trata de termos a totalidade social apenas na região [...], mas de buscarmos uma leitura da questão regional (evidência empírica) através de uma abordagem totalizante que reconheça a efetiva complexidade da realidade.

A noção de reestruturação, baseada em Soja (1993, p. 193-194), aponta para a perspectiva de “uma ‘freada’, senão de uma ruptura nas tendências seculares, e de uma mudança em direção a uma ordem e uma configuração significativamente diferentes da vida social, econômica e política.” Sendo assim, “evoca uma combinação sequencial de desmoroamento e reconstrução, de desconstrução e tentativa de reconstituição [...]”, implicando fluxo e transição, posturas ofensivas e defensivas, em um cenário de continuidade e mudança (SOJA, 1993, p. 193-194).

O termo *resistência* foi empregado na acepção de subsistir, de existir em sua substância, de estar e manter-se com vida, sendo entendido não como a simples recusa de novos valores, mas no sentido de manu-

tenção e reinterpretação dos antigos, no contexto dos novos⁶¹ (YÁZIGI, 2001). Processo em que os saberes e práticas regionais, impregnados de identidade, foram afetados.

Essa tessitura em que identidade e patrimônio cultural, elementos do capital social do Seridó, configuraram-se elementos da resistência, também requisitou a compreensão dos termos modernização e tradição. O suporte teórico foi encontrado em Castro (1996, p. 289; 299), que define a modernização como um

processo de mudança econômica, social e política pelo qual são superadas estruturas tradicionais, criando novas formas de produção, mecanismos racionais de dominação e novos padrões de comportamento;

e a tradição como algo que alude a “transmitir ou entregar valores, crenças, conhecimentos, etc., através de gerações.”

Mantendo a perspectiva metodológica adotada no mestrado, elaborou-se uma leitura da região, considerando sua historicidade, ou seja, as fases de formação e estruturação, no âmbito das quais foram tecidas estratégias que conduziram à reestruturação e delinearão sua configuração como *geografia da resistência*. Os resultados da pesquisa permitiram identificar que a sociedade seridoense fez do capital social um elemento primordial para a reestruturação da região, (re)criando matrizes simbólicas em cenários de resistência (economia, política e cultura) e projetando sua identidade nas coisas, nas falas e nos saberes regionais. Nesse contexto, imprimiu estratégias de resistência a partir do que “tem de mais essencial, o patrimônio cultural e o território regional, também concebido como parte do seu ser” e “reescreveu o *texto* regional atribuindo um matiz mais forte a sua elaboração imagé-

61 YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano. São Paulo: Contexto, 2002, p. 14: “[...] muitas cidades antigas conseguiram, com alguma substancialidade, selecionar elementos de sua paisagem, porque conheceram traços de resistência desde tempos passados. Não significa que recusassem novos valores, mas que mantiveram e reinterpretaram os antigos no contexto dos novos” [grifo nosso].

tico-discursiva e ao seu desenho geográfico, enquanto referência identitária”, demonstrando que, “em relação ao Seridó, a avalanche da globalização não fez a ‘terraplanagem das diferenças’”⁶² (MORAIS, 2016, p. 493-494).

No Seridó, os dispositivos sociais empreendidos no sentido de resistir, manter e reinterpretar os antigos valores, na contextura dos novos, transmutou-se para os discursos e práticas regionais, conferindo identidade aos *seres*, às *coisas* e ao espaço. Esse processo atribui ao Seridó uma personalidade regional. Tal identificação encontra sintonia com a noção de personalidade do lugar, metaforicamente apresentada por Yáziqi (2001), como um conjunto de traços identitários que envolve história, costumes, espacialidades, tipos humanos, pertença, formas linguísticas, mitos e diferenciais do meio ambiente.

Em síntese, a leitura do Seridó como uma *geografia da resistência* se traduz na espacialização de uma sociedade com forte teor identitário; na constância de uma base territorial impregnada de conteúdo geográfico, histórico e cultural; na permanência de uma cartografia regional, cujos contornos foram delineados historicamente, apesar das mudanças estruturais internas e externas; na demarcação de um espaço com caráter particular que subsistiu, reinventou-se e ressignificou-se ao longo do tempo.

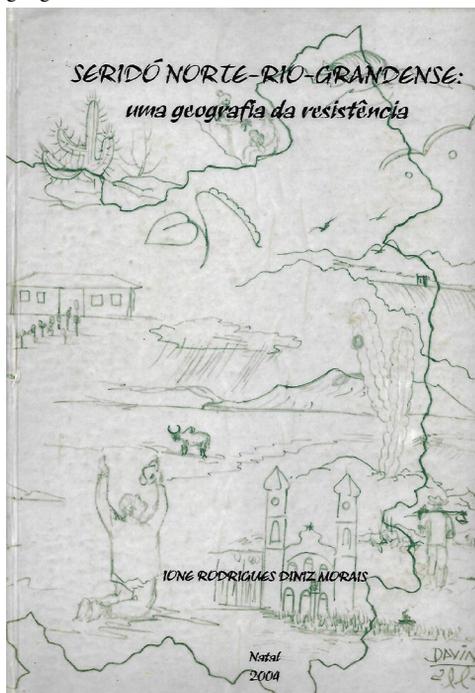
A elaboração da tese demarcou um momento singular em minha trajetória de vida. Intelectualmente e profissionalmente, representou a convergência e culminância de sonhos e esforços que, de forma contundente, se materializaram nesses escritos sobre o Seridó, a partir de uma abordagem teórica, histórico-geográfica e cartográfica inéditas. Não apenas obtive o título de doutora, o que por si só é representativo, mas o trabalho imprimiu uma marca que me identifica: a professora/pesquisadora da *geografia da resistência*.

62 MACEDO, Muirakytan Kennedy de. **A penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense**. Natal: Ed. Sebo Vermelho, 2005, p. 185. O autor, ao finalizar a análise dos principais elementos do discurso regionalista seridoense, afirma que estes são “variações em torno de um tema que expressam uma versão da região, quem sabe a penúltima se o rolo compressor da globalização fizer a terraplanagem das diferenças”.

O conhecimento sistematizado na tese tem contribuído para pesquisas sobre a região e o estado, além de servir como ferramenta teórico-metodológica para o estudo de outros espaços que resistem à tendência homogeneizadora da globalização — dela participando não pelo que é massivo, mas pelo que tem de particular, ou seja, a outra face da globalização. Pessoalmente, significou realizar o trabalho querido, no sentido pleno da palavra, que diz de mim e do chão da minha existência, da terra e do homem do meu sertão. Aquele (ser)tão demarcado pelas fronteiras do Seridó, insculpido em minh'alma.

Nesse trabalho, desenvolvi o ofício da pesquisa tecendo os fios da história e da geografia para bordar a trama textual, na qual espaço e tempo são pares indissociáveis e lugares, paisagens e territórios, historicamente (re)construídos, foram artefatos para

Figura 28 - Seridó Norte-Rio-Grandense: uma geografia da resistência (2004)



Fonte: Acervo da autora, 2004.

o meu pensar sobre a região. Um percurso de investigação que se fez com rigor científico, mas também com imenso prazer.

A defesa da tese “Seridó norte-rio-grandense: uma geografia da resistência” (Figura 28), orientada pela professora Eleonora de Melo Tinôco Beuagrand Bezerra, que me conduziu de forma certa e magistral, realizou-se no dia 7 de julho de 2004. A banca examinadora foi constituída por minha orientadora e pela professora Dinah dos

Santos Tinoco, ambas da UFRN, por José Borzacchiello da Silva, da Universidade Federal do Ceará (UFC), e Beatriz Ribeiro Soares, da UFU (Figura 29). Após os ritos de defesa, a tese foi aprovada, tendo sido registrada na Ata da Sessão de Avaliação a decisão da banca de “acrescentar a ‘menção de louvor’ ao conceito, diante da qualidade do trabalho apresentado” (UFRN, 2004).

Figura 29 - Banca de defesa de tese (2004)



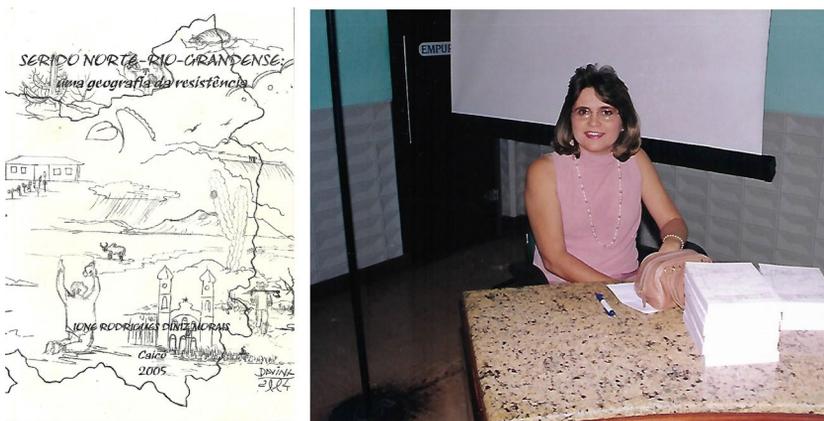
Fonte: Inácio Rodrigues Viana, 2004 (Acervo da autora).

O dia da defesa da tese foi bastante diferente daquele vivido no mestrado. Houve uma expressiva participação da família (meus pais, irmãos e filhos) e dos alunos, especialmente aqueles que, naquele mo-

mento, cursavam o mestrado em Natal. Na apresentação do trabalho, utilizei como recurso o projetor multimídia e as representações cartográficas foram confeccionadas com suporte digital — o que revela os avanços obtidos em um curto espaço de tempo. A sessão de defesa foi bem-sucedida e as festividades começaram já no ambiente da universidade, estendendo-se ao familiar.

Partindo da concepção de que a plena realização por produzir um trabalho dessa natureza se concretiza quando conseguimos socializar esse conhecimento, em 2005, busquei contribuições institucionais e somei recursos próprios para publicar a tese no formato de livro (Figura 30), cuja edição esgotou por volta de 2015. Visando à publicação da segunda edição (Figura 31), participei de um edital da Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PPg/UFRN) e, por meio deste, em 2016, atingi meu objetivo.

Figura 30 - Lançamento da 1ª edição do livro *Seridó Norte-Rio-Grandense: uma geografia da resistência* (2005)



Fonte: Inácio Rodrigues Viana, 2005 (Acervo da autora).

Figura 31 - Lançamento da 2ª edição do livro *Seridó Norte-Rio-Grandense: uma geografia da resistência* (2018)



Fonte: Acervo da autora, 2018.

A análise desse percurso de vivências, marcados pela sobreposição entre os itinerários de formação e trabalho, indiscutivelmente me conduzem à conclusão de que somente foram possíveis porque se constituíram numa faceta de um projeto familiar, compartilhado pelos meus entes mais queridos, cuja referência maior foi a trajetória da minha família, aquela de onde vim, orquestrada por meus pais.

No período de 10 anos (1994-2004), trilhando os caminhos da formação continuada, da especialização ao doutorado, realizei várias pesquisas que resultaram em trabalhos sobre temas geográficos. Esses trabalhos, ao serem publicados, representaram uma das formas de contribuir por meio da minha formação e atuação na ciência geográfica e na universidade, no sentido de socializar o conhecimento produzido.

Nesse percurso, cresci e amadureci como pessoa e como professora-pesquisadora ao realizar travessias epistemológicas, teórico-conceituais e metodológicas. Travessias que me possibilitaram desbravar fronteiras e alargar a compreensão do mundo em uma cuidadosa experiência que me fez (e faz) enxergar o meu lugar nesse universo e o meu universo nesse lugar: Sou professora. Assim, reconheço-me em permanente (re)construção e, consciente do meu inacabamento, tal

qual a artesã que manuseia os bilros para confeccionar a renda, vou enlaçando os fios do conhecimento e da experiência, *mutatis mutandis*, para tecer e lapidar a minha práxis docente.

2.5 SEGUNDA TRAVESSIA: EM BUSCA DE NOVOS HORIZONTES DE ATUAÇÃO

Em 2011, a travessia de Caicó para Natal promoveu uma mudança de vida inusitada, pois jamais planejei sair do Ceres. Realizar essa travessia não foi uma simples remoção funcional, almejada por tantos que trabalham nos *campi* do interior. De fato, foi uma estratégia para reconquistar a minha paz de espírito, condição basilar para atuar profissionalmente e simplesmente viver, que se somou à perspectiva de ampliar os horizontes de atuação profissional. Nessa conjuntura, reinventei meus planos e me reinventei como pessoa para, longe de estabelecer rupturas, buscar as continuidades no trabalho e na vida. Desde então, moro em Caicó e trabalho em Natal. Essa estadia me possibilitou um retorno à convivência diária com meus filhos até o momento em que alçaram seus próprios voos no horizonte da vida.

O contexto em que ocorreu minha remoção do DHG, Ceres, Campus de Caicó, para o DGE, CCHLA, Campus Central, está associado à designação, pelo Ministério da Educação, de códigos de vagas para concurso de professor na UFRN para atuar no ensino a distância, sendo a Licenciatura em Geografia, ofertada nessa modalidade, contemplada com três vagas. Considerando o meu envolvimento com o referido curso, desde a elaboração do projeto até sua implementação, inclusive atuando como coordenadora e professora, a partir de entendimento prévio, a Secretaria de Educação a Distância (Sedis), então detentora dos códigos de vaga, manifestou interesse em efetivar uma permuta, a partir da qual eu passaria a ser lota-

da no DGE, CCHLA⁶³, e o código de vaga seria repassado ao DHG, Ceres. Cumpridos os trâmites legais, minha remoção por permuta de vaga foi consolidada e assumi as atividades no Campus Central (FIGURAS 32 e 33) no dia 1º de agosto de 2011

Figura 32 - Campus Central da UFRN em Natal



Fonte: Soneide Moura, 2020.

Figura 33 – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN (CCHLA). Campus Central em Natal



Fonte: Soneide Moura, 2020.

63 A lotação no DGE, por meio de uma vaga destinada à Educação a Distância, tornou-se possível em virtude de encaminhamentos decorrentes de discussões entre os professores vinculados a essa modalidade de ensino, a Sedi e a Reitoria, acerca de aspectos que envolviam os cursos e os docentes, sobretudo em relação à lotação na secretaria, quando a oferta de disciplinas era assumida pelos departamentos. Dessa tessitura emergiu a Resolução n. 33/2011-Consepe, de 19 de abril de 2011, que prescreve a relocação dos professores da Sedi nos departamentos acadêmicos da UFRN, podendo a atuação docente ocorrer em cursos a distância e presencial. Mediante esse cenário, as três vagas destinadas à Licenciatura em Geografia a Distância foram ocupadas por mim e pelos professores Eugênia Maria Dantas e Adriano Lima Troleis, todos lotados no DGE, do CCHLA.

Ao me inserir no DGE⁶⁴, este já era um departamento com sólida atuação acadêmica na graduação e pós-graduação. Em nível de graduação é responsável pela oferta de disciplinas dos cursos de Licenciatura em Geografia, presencial e a distância, Bacharelado em Geografia, Engenharia Florestal, Aquicultura, Turismo, Ecologia, Políticas Públicas e História. Também oferta as disciplinas do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia (PPGe), em nível de mestrado e doutorado, e do Programa de Pós-Graduação em Geografia, mestrado profissional (Geoprof).

No DGE, mantive o perfil de trabalho construído no decurso de minha vida, marcado por uma atuação dedicada, responsável e comprometida, não somente por dever institucional, mas por me realizar nesse fazer-ser. Por ter ocupado uma vaga para professor da Licenciatura em Geografia a Distância, em nível de graduação, minha atuação tem se voltado prioritariamente para esse curso, especialmente em disciplinas das áreas de Geografia Humana e Ensino. Ressalto, ainda, que em nível de pós-graduação, minha atuação foi expressivamente ampliada, repercutindo no ensino, na pesquisa, na orientação de trabalhos, na participação em ações de extensão e na produção científica.

Minha atuação tem ocorrido por meio da realização de trabalhos em equipe, o que tem assegurado boas relações de sociabilidade e um ambiente de trabalho profícuo e saudável. Essa situação deriva da forma como as relações humanas são tecidas pelos que fazem o departamento: sempre pautadas no respeito, na amizade, no compromisso e no compartilhamento de responsabilidades.

64 Sua criação ocorreu em 1980, por meio da Resolução n. 126/80-Consepe, de 17 de julho de 1980, que desmembrou o Departamento de Filosofia, História e Geografia, resultando na formação de três departamentos independentes. No entanto, o Curso de Geografia é bem mais antigo, pois sua origem remonta à Faculdade de Filosofia de Natal, criada em 1953, cuja federalização ocorreu por meio do Decreto n. 62.380, de 11 de março de 1968. O primeiro vestibular para o curso de geografia ocorreu em fevereiro de 1957.

Considerando que, desde 2012, assumi um cargo de gestão vinculado à Educação a Distância, as interações por mim estabelecidas ultrapassam os integrantes do DGE e se instituem com colegas de outros departamentos, especialmente os ofertantes de cursos nessa modalidade.

Outrossim, ressalto que a mudança de ambiente de trabalho. Longe de representar rupturas, possibilitou a continuidade de atividades de ensino, pesquisa, extensão e orientação de alunos no Ceres, além de abrir novos horizontes de relações com o CCHLA.

O Geoprof representa a experiência que melhor traduz e sintetiza essa intrincada situação. Quando o idealizei, tinha clara a percepção de que, somente agregando professores dos referidos centros, poderíamos constituir um mestrado em Geografia, que fosse ofertado no Campus de Caicó. Assim surgiu o Geoprof, primeira pós-graduação *multicampi* da UFRN, que demarcou o início da oferta de mestrado no Ceres.

Os nove anos de lotação no Campus Central também foram importantes no sentido de me proporcionar, no decurso de alguns anos, o retorno a uma convivência diária com meus filhos, que há 11 anos residiam em Natal. Foi uma fase de emoções e vivências marcantes, decorrentes das tomadas de decisões que delinearam o horizonte de suas vidas; da intensa dedicação aos estudos visando à realização de concursos; do medo e das angústias com o dever e das alegrias e da gratidão mediante as conquistas obtidas com muito esforço e responsabilidade.

Em 2011, Moraes Júnior concluiu o curso de Medicina na UFCG; entre 2013 e 2015, realizou a Residência Médica em Cirurgia Geral no Hospital Monsenhor Walfredo Gurgel em Natal, e, desde 2019, realiza a Residência Médica em Urologia no Hospital Getúlio Vargas, em Recife. Além do percurso formativo, desenvolveu atividades profissionais como médico da Estratégia da Fa-

mília e cirurgião, em Natal. Entre 2015 e 2016, foi professor efetivo da Escola Multicampi de Ciências Médicas do Rio Grande do Norte, da UFRN, em Caicó, de onde solicitou demissão pela impossibilidade de conciliar a agenda de trabalho e estudo. Em 2014, Alexandre foi aprovado no Concurso para a Advocacia Geral da União, tendo sido designado, inicialmente, para atuar em Marabá (PA), depois em Barreiras (BA) e, desde 2015, desenvolve suas atividades funcionais em Brasília (DF). Portanto, desde o início de 2019, com o ninho novamente vazio, minha estadia em Natal tem sido bastante solitária, sendo ritmada pela ocupação com o trabalho durante os dias úteis da semana e a expectativa do retorno para casa (em Caicó) nos finais de semana; um tempo exíguo e vivido intensamente.

Mediante a tessitura que envolveu esse período de lotação em Natal e residência em Caicó, que imprimiu a minha condição de professora itinerante, sou levada a reconhecer que a travessia se fez compensadora e promissora. Não somente reconquistei minha paz de espírito e vivi experiências significativas no âmbito familiar e profissional, como fiz sementeiras em terrenos férteis que asseguram animadoras floradas e colheitas. Mas, uma pergunta se impõe: até quando? Enquanto busco a resposta em meio a poucas certezas e muitas incertezas, prosseguindo vou pelos caminhos da docência e me permito pensar ser “aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores”, como diz Cora Coralina.

ITINERÁRIOS DE UMA CONSTRUÇÃO INACABADA: LAPIDANDO A PRÁXIS DOCENTE

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado (*Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire).

A narrativa sobre os itinerários de uma construção inacabada em busca do Ser professor reúne lembranças e referências documentais que dizem da minha atuação no Magistério Superior. Por entender que é no amálgama entre ação e significado que se confere sentido à vivência, para além do relato das ações, considero importante também destacar o que representam para mim esses 29 anos de docência na UFRN.

Ser professora universitária assume expressivo significado em minha trajetória de vida por corresponder à realização de um sonho, que ultrapassou muitíssimo os primeiros contornos rabiscados ainda na infância. É, por excelência, a concretização de um projeto de vida que se faz inacabado, por inacabado ser o processo de construção e lapidação do meu Ser professor. No decurso e no percurso dessa atuação, como diz Drummond, por vezes “tinha uma pedra no meio do caminho”, ou melhor, tinham pedras no meio do caminho. Entretanto, tais pedras jamais me fizeram parar: apenas tornaram mais valiosas as travessias, o enfrentamento das

encruzilhadas e as vivências das sobreposições de eventos de natureza profissional, formativa e familiar.

Os principais antecedentes históricos dessa trajetória, anteriormente evidenciados, delineiam o caminho percorrido em termos de formação e experiências, bem como os eventos que oficializaram a minha condição de professora universitária. A partir dessa matriz, proponho apresentar uma narrativa, de forma discursiva e consubstanciada, que coloca em relevo a minha práxis docente. Um exercício de reflexão sobre em que, como e onde atuei, bem como em que medida essa atuação, preponderantemente voltada à formação de professores em Geografia, tem sido contributiva.

São 29 anos de atuação nos segmentos de Gestão, Ensino, Pesquisa, Extensão e outros fazeres afeitos à lida de um professor universitário; um longo, substancial e significativo capítulo da minha vida. Assim, já se afigura a certeza da impossibilidade de tudo contemplar, visto que, para além da dimensão objetiva, comprovada em fontes documentais, a narrativa autobiográfica comporta uma dimensão subjetiva. Tal dimensão revela o que a memória seletivamente guardou e diz da minha percepção e do meu sentimento em relação a essa trajetória. Ao reconhecer que a totalidade dos eventos escapa aos meus registros memoriais e documentais, fiz escolhas sobre o que e como narrar, acerca dos itinerários percorridos na construção do meu Ser professor, a partir dos quais busco lapidar a minha práxis.

A narrativa que discorre sobre a minha trajetória na UFRN, cujas ações nos segmentos de Gestão, Ensino, Pesquisa, Extensão e outros fazeres acadêmicos são coexistentes, foi sistematizada a partir de um sequenciamento, objetivando torná-la mais elucidativa. Nesse sentido, embora o Ensino tenha sido a atividade primeira, optei por iniciar a análise pela Gestão, pela possibilidade de construir uma linha do tempo na qual esse segmento apresenta-se na tessitura de eventos

marcantes, como aqueles associados à formação continuada e ao que chamei de percursos de um acontecer diferenciado, dentre outros, afeitos à práxis política. Outrossim, registra-se que, em alguns segmentos, as informações foram dispostas a partir de uma periodização que corresponde à fase de lotação no Ceres, Campus de Caicó, que compreende de 1991.2 a 2011.1, e à fase de lotação no CCHLA, Campus Central, que abrange de 2011.2 aos dias atuais.

3.1 A GESTÃO E O DESAFIO DA PRÁXIS POLÍTICA

Em minha trajetória profissional na UFRN, no Ceres, logo configurou-se o desafio de atuar na Gestão. Desde então, as funções administrativas passaram a fazer parte do meu cotidiano funcional. Durante esse período, assumi as funções de vice-coordenador e coordenador de curso de graduação, chefe de departamento e coordenador de curso de especialização, em geral, por mandatos de dois anos (Apêndice 1).

Na Gestão, minha primeira experiência ocorreu apenas três meses após o ingresso no quadro docente da UFRN, ao ser designada para a função de vice-coordenador do curso de Geografia do Departamento de Formação Profissional do Campus de Caicó, por meio da Portaria n. 165/92-R, de 19 de março de 1992. Exercer essa função com tão pouco tempo na instituição foi um desafio que se configurou a partir do convite da professora Tásia Hortêncio, coordenadora do curso de Geografia, com a aquiescência dos demais colegas.

No ano de 1993, em decorrência da remoção da professora Tásia para o Campus Central, fui convencida pelos colegas a renunciar à vice-coordenação do curso para viabilizar a candidatura à coordenação. Eleição realizada e cumpridos os trâmites legais, em 28 de abril de 1993 fui designada coordenadora do curso de Geografia, mediante a Portaria n. 432/93-R, publicada em 20 de julho de 1993. Sobre esse período inicial, tenho nítida a lembrança de que, ao assumir a

coordenação do curso, fiquei surpresa ao descobrir que tudo de que dispunha para seu funcionamento eram dois birôs, uma máquina de datilografia (enorme) e um pequeno armário de madeira com duas portas. Nesse contexto, passei a contar com o valioso trabalho da então servidora Eugênia Maria Dantas⁶⁵, na condição de secretária.

Nesse período, além de Ensino e Gestão, também me envolvi com atividades de Pesquisa e Extensão, conforme relato *a posteriori*, e iniciei o processo de formação continuada por meio da Especialização em Geografia Humana (junho de 1994).

Esse breve relato acerca dos três primeiros anos de minha atuação na UFRN evidencia o nível de efervescência que envolveu essa experiência inicial e me faz perceber como transformei o medo em motivação e o quanto a coragem, que identifiquei no perfil de meus pais, se fez presente em mim nessa fase. Foram muitos eventos em tão pouco tempo, mas, nada era efetivamente inicial, por se tratar de trajetória de vida e, assim sendo, a continuidade se faz.

Nesse fazer contínuo, avaliada por colegas e alunos, fui eleita para mais um mandato de dois anos à frente da coordenação do curso de Geografia, tendo sido designada para a função pela Portaria n. 588/95-R, de 20 de junho de 1995. Motivação, confiança, comprometimento e sentido de pertença formavam o amálgama de mim, que se traduzia em atitude diante da realidade existente e do que sonhava para o curso de Geografia e para o Ceres.

Imbuída desses sentimentos, a partir de 1993, participei do processo de elaboração das Diretrizes para uma Política de Interiorização da UFRN, que resultou na recriação do Centro Regional de Ensino Superior do Seridó (Ceres)⁶⁶ por meio da Resolução n. 004/95-Con-

65 Também foi aluna e tornou-se professora Ceres, onde ingressou em 1995 e, desde então, desenvolvemos uma parceria de trabalho profícua que, entre outros, resultou em uma perene amizade.

66 Nesse contexto era evidente que o Centro Regional de Ensino Superior do Seridó, criado em 1977, não havia se consolidado, do ponto de vista das vivências e rotinas administrativas e acadêmicas. Assim, em 1995, a UFRN recriou o Centro Regional de Ensino Superior do Seridó, mantendo a constituição que abrange os dois campi já mencionados. Essa iniciativa ocorreu

suní⁶⁷, de 28 e abril de 1995. Nessa tessitura, o Ceres foi reestruturado e passou a contar com os departamentos⁶⁸ de Ciências Exatas e Aplicadas (DCEA) e de Estudos Sociais e Educacionais (Dese), no Campus de Caicó, além do Departamento de Ciências Sociais e Humanas (DCSH), no Campus de Currais Novos. Ressalta-se que, após esse evento, o termo *Regional* foi suprimido da designação do centro, sendo mantida a grafia da sigla que o identifica, Ceres.

Em dezembro de 1995, em pleno mandato na coordenação do curso de Geografia e faltando um módulo para concluir a Especialização em Geografia Humana, fui aprovada na seleção para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, em nível de Mestrado. Iniciei o referido curso em março de 1996, mantendo as atribuições de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Essa situação perdurou até março de 1997, quando solicitei exoneração da coordenação do curso, encerrando o segundo mandato, devido ao afastamento para prosseguir o mestrado.

Em 1999, ao retornar às atividades funcionais no Ceres, participei ativamente das discussões que envolveram os professores de História e Geografia, acerca da estrutura departamental implementada em 1995, no Campus de Caicó, que reuniu professores de Pedagogia, Direito, História e Geografia no Dese. A discussão era pautada na falta de identidade existente nesse departamento e nas dificuldades que se impunham à gestão, diante de interesses tão diversos. Nessa tessitura, o Dese passou por um processo de desmembramento mediante a criação do DHG, oficializada por meio da Resolução n. 003/99-Consuni de 16 de abril de 1999. Nesse departamento, foram lotados os professores de História e Geografia do Ceres e criados os códigos para as disciplinas

sob novas condições, de modo que o centro passou a gozar de autonomia acadêmica e financeira, situação que perdura nos dias atuais.

67 Conselho Universitário da UFRN.

68 DCEA (cursos de Matemática e Ciências Contábeis) e Dese (cursos de Geografia, História e Pedagogia) em Caicó; e o DCSH (cursos de Letras e Administração) em Currais Novos. Em 1998, voltou a funcionar o curso de Direito em Caicó.

de ambos os cursos — até esse momento, os códigos dos componentes curriculares de Geografia eram do DGE, CCHLA.

No decurso da implantação do DHG, em meio a processos políticos e busca de melhorias para o recém-criado departamento, fui convencida a candidatar-me para a chefia dessa unidade. Decorrido o processo eleitoral, fui designada para a função de chefe do DHG, pela Portaria n. 547/99-R, de 28 de julho de 1999, na qual há o registro de que não fazia jus a nenhum benefício pecuniário pelo exercício dos encargos atribuídos, ou seja, assumiria a função sem gratificação.

No exercício da chefia do DHG, sentia-me motivada pela confiança dos colegas e da direção do Ceres, bem como pelo desejo de implementar políticas voltadas para a qualificação docente, a melhoria da qualidade do ensino, o fortalecimento das ações de extensão e

Figura 34 – Solenidade de recebimento do título de Cidadã Caicoense



pesquisa e a implantação da pós-graduação, em nível de mestrado. Um sonho já acalentado por vários professores.

Ainda no ano de 1999, ocorreu um evento que merece ser mencionado. Por meio de proposição do Vereador José Gregório da Costa, também professor do Curso de Geografia do Ceres, a Câmara de Vereadores de Caicó me concedeu o título de Cidadã Caicoense (Figura 34)

Fonte: Acervo da autora, 1999.

Em março de 2001, iniciei o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, do CCHLA, mantendo as atividades de gestão, ensino, pesquisa e extensão.

Permaneci na chefia do DHG de 28 de julho de 1999 a 28 julho de 2001, período em que enfrentei muitos desafios junto com a professora Eugênia Dantas, vice-chefe, e demais professores dos cursos de História e Geografia, objetivando criar e fomentar uma dinâmica funcional que propiciasse a consolidação do departamento. Nessa tessitura de implantação do departamento, a precária infraestrutura, resumida a uma sala com apenas dois birôs, um computador e um armário, tornava-se opaca mediante o dinamismo da maioria dos professores.

Uma situação exemplar é que data desse período a oferta dos quatro primeiros cursos de especialização do Ceres, todos vinculados ao DHG: Identidade Regional: a Questão Nordeste; História do Nordeste; Desenvolvimento Sustentável no Semiárido Nordestino e Patrimônio Histórico-Cultural e Turismo. Nesses cursos, atuei como professora. Já na Especialização em Desenvolvimento Sustentável no Semiárido Nordestino, fui coordenadora no período de maio de 2001 a abril de 2002.

Prosseguindo as atividades funcionais, em julho de 2001, encerrei a gestão como chefe do DHG, mas atendendo solicitações dos colegas, aceitei disponibilizar meu nome para a vice-chefia. Após os procedimentos regimentais, fui eleita para a função, cuja designação ocorreu por meio da Portaria n. 390/2001, de 21 de agosto de 2001. Todavia, declinei dessa função em abril de 2002, em decorrência do afastamento, de 2002 a 2004, para continuar o doutorado.

Apesar de o período de afastamento ter se prolongado até abril de 2004 e a defesa da tese, ocorrido em julho do mesmo ano, retornei às atividades já no início do semestre 2004.1. Esse retorno decorreu de decisão minha, em função do resultado dos alunos da Licenciatura

em Geografia no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), que se mostrou insatisfatório; o que requisitou um empenho maior dos professores do curso.

Nesse contexto, foi deflagrado o processo eleitoral para a coordenação da Licenciatura em Geografia. Mediante discussões entre os professores e a direção do Ceres, mais uma vez meu nome foi consensualmente indicado para concorrer ao pleito. Assim, pela terceira vez, assumi a gestão do curso, designada pela Portaria n. 463/2004-R, de 25 de agosto de 2004.

Nessa gestão, foi consolidada a reestruturação curricular do curso, em consonância com as novas diretrizes, destacando-se os seguintes pontos: ampliação da carga horária do Estágio Curricular Supervisionado, que passou para 400 horas, a partir do quinto semestre, distribuídas ao longo de quatro semestres; alteração nos nomes e nas ementas de disciplinas; criação de disciplinas designadas seminários temáticos, cujo diferencial seria a ementa aberta, ou seja, construída pelo professor, considerando o contexto histórico em que fossem ofertadas; reestruturação do elenco de disciplinas obrigatórias e optativas; além da inserção das disciplinas Metodologia do Ensino de Geografia e Língua Brasileira de Sinais (Libras), de carga horária destinada à prática como componente curricular e de Atividades Acadêmicas Científico-Culturais (AACC), num total de 200 horas.

Em 2005, no âmbito da política de expansão da oferta de cursos a distância, na UFRN, eu e a professora Eugênia Dantas fomos convidadas pela coordenação da Sedi para integrar o grupo de trabalho responsável pela elaboração do Projeto Pedagógico da Licenciatura em Geografia a Distância. Esse grupo era formado também por docentes do DGE, do CCHLA e da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O trabalho culminou com a implantação do curso em 2007.2.

Em 2006, concluí a gestão na coordenação do curso de Geografia e, por meio de eleição, fui reconduzida para a cargo. A designa-

ção ocorreu através da Portaria n. 472/2006-R, de 28 de agosto de 2006. Nessa gestão, deflagrei o processo de discussões e iniciativas envolvendo alunos e professores, visando à criação do Bacharelado em Geografia no Ceres. Sob minha coordenação, foram realizadas diversas reuniões com o objetivo de delinear o projeto pedagógico, cuja sistematização foi assumida por mim e pela professora Eugênia Dantas. Naquele contexto, seguindo a orientação da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), o Projeto Pedagógico do Curso de Geografia do Ceres, Campus de Caicó, simultaneamente, correspondeu à reestruturação da licenciatura e ao delineamento do bacharelado.

Além dessa atividade, em 2006, por indicação dos colegas, liderei o primeiro grupo de professores interessados em discutir e elaborar um projeto visando à criação de uma pós-graduação *stricto sensu* no Ceres. A motivação se alicerçava na certeza de ampliar a contribuição institucional ao desenvolvimento da região do Seridó e seu entorno, além de fortalecer a atuação do centro no âmbito da própria universidade.

Entre o segundo semestre de 2006 e o início de 2007, possivelmente pelo fato de ter assumido de forma recorrente funções administrativas e me envolvido em discussões e ações afeitas à dinâmica acadêmica, meu nome foi indicado para compor, junto com o professor Camilo Rosa da Silva, uma chapa visando concorrer ao processo eleitoral para a direção do Ceres. Nesse processo, em meio a um clima de forte tensão e disputa, éramos representantes de uma parcela significativa da comunidade universitária, especialmente de alunos e professores.

Formulamos coletivamente um plano de gestão ousado e inovador e nos preparamos para a discussão de ideias e propostas com respeito, responsabilidade e compromisso. Todavia, fomos surpreendidos por práticas políticas desprezíveis, abjetas, ignóbeis, que jamais pensei haver no ambiente universitário e que me proporcionaram a mais amarga das experiências de minha vida. Vivi uma experiência

que contrariou severamente minha concepção do que é política e sua práxis. Causou-me profunda indignação ouvir de pessoas da instituição e da sociedade que, no Brasil, inclusive na universidade, é natural que os processos eleitorais se configurem de forma tão violenta; é a natureza do jogo político. A despeito de respeitar as opiniões contrárias, mantenho firme a convicção de que política não é um jogo e não é natural que se efetive a partir de práticas repugnantes, que firam os princípios e os valores morais e civilizatórios que norteiam a sociedade democrática.

Concluída a consulta eleitoral, embora o resultado apontasse uma maioria de aproximadamente 400 votos para a nossa chapa, perdemos a eleição; o que se elucida a partir da resolução que normatizou o processo.

Apesar do amargor e das cicatrizes indeléveis, reconheço que esta experiência também foi marcante no sentido de aprender com a dor da alma, talvez a que mais impõe sofrimento; de me fortalecer no enfrentamento das situações adversas e de, infelizmente, constatar que, embora as situações vividas tenham ocorrido no âmbito de eventos e cenários institucionais, internamente, a busca por apoio e justiça encontrou respostas gélidas e inércia.

Por outro lado, essa experiência também possibilitou perceber o quão confortante e necessário é ter amigades, contar com o respeito e a consideração de alunos, colegas, servidores da instituição e pessoas da sociedade onde atuamos. Ademais, torna-se cristalino que, em momentos como este, é na família que encontramos o imprescindível acolhimento.

Consumado o processo eleitoral no semestre 2007.1, continuei a desenvolver minhas atividades no Ceres, com a mesma dedicação e compromisso, inclusive ampliando a atuação para o Campus de Currais Novos, ao assumir uma disciplina no curso de Turismo.

Nesse íterim, dei prosseguimento às atividades de coordenação do primeiro grupo de trabalho, constituído em 2006, para fins de elaboração da proposta de um mestrado. A primeira iniciativa resultou, em 2007, no projeto institucional de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação e Sociedade, em nível de Mestrado⁶⁹.

Esse projeto, submetido à avaliação da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), não obteve da comissão da área que o analisou (Educação) um parecer favorável. Os motivos remetiam à inconsistência em torno da articulação entre estrutura curricular, área de concentração e linhas de pesquisa, além de corpo docente com produção intelectual abaixo das exigências mínimas estabelecidas pela área. Ressalta-se que a proposição reunia um grupo de recém-doutores e professores novatos na instituição. Foi apresentado recurso consubstanciado, no qual foram indicados os ajustes, visando suprir parcialmente as inconsistências da proposta, a Capes manteve o parecer emitido.

A despeito do resultado negativo, transformei o revés em motivação e continuei a liderar o grupo de trabalho criado com o propósito de elaborar tal projeto. Considerando o parecer da Capes, o projeto foi reelaborado e, em 2008, apresentado às instâncias internas da UFRN sob a designação de Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas⁷⁰. Novamente a proposição não logrou êxito; sequer foi cadastrada na Capes, visto que a avaliação da própria UFRN considerou muito ampla a designação do programa e apontou problemas semelhantes àqueles evidenciados anteriormente.

Apesar desses reveses, havia conquistas a comemorar, sendo uma delas a conclusão do Projeto Pedagógico do Curso de Geografia, mo-

69 Área de concentração em Educação e Sociedade e três linhas de pesquisa: Gestão, Políticas Públicas e Formação de Professores; Linguagem e Práticas Educacionais; Cultura, Espaço e Sociedade. Os professores envolvidos na proposta eram vinculados ao Dese e ao DHG, Campus de Caicó, e ao DCSH, Campus de Currais Novos.

70 Área de concentração em Educação e Sociedade e três linhas de pesquisa: Gestão, Políticas Públicas e Formação de Professores; Linguagem e Ensino; e Cultura e Sociedade. O grupo de professores que integrou a proposição anterior foi basicamente mantido.

dalidade Licenciatura e Bacharelado. Na condição de coordenadora do curso, em 25 de março de 2008, encaminhei ofício ao chefe do DHG, professor José Gregório da Costa, solicitando providências quanto à tramitação do referido projeto. Estavam fincadas as bases da criação do Bacharelado em Geografia.

No mês de agosto de 2008, concluí a quarta gestão na coordenação do curso de Geografia do Ceres. Nesse contexto, a Licenciatura em Geografia a Distância já havia sido implementada e fui convidada pela professora Eugênia Dantas para compormos uma chapa, visando à eleição para coordenação e vice-coordenação do curso. Cumpridos os trâmites legais, fui designada vice-coordenadora da Licenciatura em Geografia a Distância pela Portaria n. 685/08-R, de 28 de agosto de 2008.

Nesse mesmo ano, na tessitura da segunda tentativa frustrada de aprovação da proposta de pós-graduação *stricto sensu* do Ceres, contando com a aquiescência dos colegas, fui mantida na coordenação do grupo de trabalho. Em um esforço de aprimoramento da proposta, à luz das experiências e contribuições anteriores, realizamos em 2009 a terceira investida, ao apresentar o Projeto Institucional de Pós-Graduação Interdisciplinar *Stricto Sensu* em Ciências Humanas — nível de Mestrado⁷¹. A configuração da proposta revelava a identidade acadêmico-científica dos grupos de pesquisa aos quais os professores de História, Geografia, Pedagogia (Campus de Caicó) e Letras (Campus de Currais Novos) estavam vinculados. Apesar do refinamento da proposta, também não obtivemos sucesso, tendo em vista problemas enfrentados internamente, de modo que sequer submetemos a proposta à avaliação da Capes.

Nesse ínterim, o grupo de trabalho responsável pela elaboração da proposta do mestrado foi mantido, mas resolvi atuar apenas como

71 Área de concentração em Sociedade e Cultura e linhas de pesquisa em História, Espaços e Representações; Educação, Políticas e Práticas Culturais e Literatura, Linguística e Cultura.

colaboradora, já que estava muito envolvida com a Licenciatura em Geografia a Distância. A coordenação do grupo, formado agora somente por professores do Dese e do DHG, foi assumida pela professora Grinaura Medeiros de Moraes. Esse trabalho resultou, em 2010, no Projeto Institucional de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação — nível de Mestrado⁷². Esta foi a quarta proposição de pós-graduação para o Ceres que, uma vez submetida aos trâmites avaliativos, também não logrou êxito.

Continuando as atividades funcionais, em agosto de 2010 concluí a gestão na vice-coordenação do Curso de Geografia a Distância, na época vinculado à Sedis. Todavia, logo em seguida, fui designada coordenadora pró-tempore do referido curso, pela Portaria n. 1059/2010-R, de 10 de setembro de 2010, tendo ficado nessa condição até 22 de novembro do mesmo ano, período em que foram realizadas as eleições para a coordenação. Nesse pleito eleitoral, fui conduzida à coordenação do curso, sendo a designação efetivada pela Portaria n. 1392/2010-R. Apesar da vinculação do curso à Sedis, no Campus Central, e das rotinas afeitas à coordenação exigirem deslocamentos semanais para Natal, mantive minha lotação no Ceres, exercendo atividades de ensino, pesquisa e extensão, além de outras correlatas ao exercício funcional.

Essa situação foi modificada em 2011.2, quando ocorreu minha remoção para o DGE, CCHLA, e passei a desempenhar minhas atividades no Campus Central. Nesse ínterim, dei continuidade ao mandato na coordenação da Licenciatura em Geografia a Distância, que foi encerrado em 2012.

Em março de 2012, sob a presidência do Vereador Dilson Freitas Fontes, a Câmara Municipal de Caicó me concedeu a Comen-

72 Área de concentração em Educação Brasileira e três linhas de pesquisa: Políticas Públicas, Gestão e Organização Educacional; História, Cultura e Práticas Educativas e Prática Pedagógica e Processos de Ensino e de Aprendizagem.

da de Honra ao Mérito Mãe Quininha, de acordo com o Decreto Legislativo n. 001/2012, de 05 de março, em reconhecimento aos serviços prestados à sociedade.

Figura 35 – Comenda de Honra Mãe Quininha



Fonte: Acervo da autora, 2012.

No curso de minhas atividades no Campus Central da UFRN, além da coordenação do curso de Geografia a Distância, assumi um cargo administrativo, vinculado à Reitoria e as funções de coordenação e vice-coordenação de Programa de Pós-Graduação (Apêndice 1).

O cargo administrativo assumido foi o de secretária adjunta da Sedis⁷³, para o qual fui convidada em 2012, pela reitora Ângela Maria Paiva Cruz e pela secretária de Educação a Distância, Maria Carmem Freire Diógenes Rego. Recebi com surpresa o referido convite, por não cogitar assumir mais nenhuma função, ante a particular condição de professora itinerante. Porém, o desejo de ver a Educação a Distância

73 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Relatório de gestão 2003-2011. Natal: EDUFRN, 2011, p. 118: A Sedis foi criada em 2003, com o objetivo de “fomentar a educação na modalidade a distância e estimular os usos das tecnologias de informação e comunicação como ferramenta de ensino e aprendizagem”.

prosperar ainda mais na UFRN me fez aceitar a indicação, por acreditar que poderia contribuir com esse processo. A designação para o referido cargo ocorreu em 22 de maio de 2012 (Portaria n. 821/2012-R); sendo este assumido sem gratificação funcional. Desse modo, entre maio e novembro de 2012, acumulei a Coordenação da Licenciatura em Geografia a Distância e a Secretaria Adjunta da Sedis, cargo no qual me encontro até os dias atuais.

Na Sedis, minhas atribuições consistem em assessorar a secretária no planejamento e execução de ações pedagógicas voltadas para os cursos de graduação e pós-graduação a distância e para a formação de professores e tutores, bem como no levantamento de dados, na elaboração de documentos, no delineamento de políticas e ações, na proposição de pautas de discussões e na participação de reuniões junto a diferentes instâncias da UFRN, especialmente o fórum de coordenadores de cursos a distância.

Sobrepondo-se às atividades desenvolvidas no DGE e na Sedis, ainda fui eleita para a coordenação do Geoprof, cuja criação foi por mim liderada, conforme descreverei adiante. Nessa função permaneci de abril de 2015 a abril de 2017 (Portaria n. 555/2015-R, de 27 de março de 2015), período em que houve a conclusão da primeira turma desse mestrado.

O acúmulo de atividades me fez declinar da indicação para continuar na função. Entretanto, mediante discussões entre os professores do programa, aceitei dispor meu nome para a vice-coordenação (Portaria n. 652/2017-R, de 7 de abril de 2017). Com a renúncia do coordenador, foi realizada nova eleição em setembro desse mesmo ano e, nesse pleito, fui reconduzida para a vice-coordenação pela Portaria n. 2130/2017-R, de 28 de setembro de 2017, cujo mandato encerrou em setembro de 2019.

Portanto, desde esse período, em termos administrativos, minha atuação restringe-se às atribuições de secretária adjunta da Sedis

(Figura 36), cargo assumido em 2012, durante a primeira gestão da professora Ângela Maria Paiva Cruz, e no qual fui mantida em seu segundo mandato. Com a eleição do professor José Daniel Diniz Melo para a Reitoria, em maio de 2019, fui reconduzida ao cargo.

Figura 36 - Momentos de minha atuação na Sedis



Fonte: Acervo da autora, [200-].

O percurso pelos meandros da Gestão revela que, em 29 anos de atuação na UFRN, essa atividade tornou-se recorrente, constituindo-se exceção apenas os curtos períodos de afastamento para realizar pós-graduação.

Ao longo do tempo, no exercício de funções e cargos administrativos, tenho buscado ir além do desempenho das atribuições que lhes são inerentes. Remeto-me à participação ativa em planejamento e ações que têm desafiado a UFRN, sobretudo na implementação das políticas de interiorização, que envolvem ensino de graduação e pós-graduação, e de oferta de cursos na modalidade a distância.

Esse esforço revela o desejo de contribuir com a instituição e com a sociedade, na medida em que a expansão de oferta do Ensino Su-

perior, presencial ou a distância, e a implantação da pós-graduação, no interior, são estratégias efetivas para promover inserção social, democratização do acesso ao ensino e melhoria dos processos formativos. Igualmente, o envolvimento com a concepção, a elaboração de projetos e a gestão de cursos de graduação e pós-graduação em Geografia demonstram minha intenção de colaborar com a área de conhecimento na qual atuo mais diretamente.

Como gestora, vivenciei o desafio da práxis política no ambiente universitário, que me conferiu experiências marcantes, positivas e negativas, a partir das quais pude selecionar aquelas que servem de referências em meu cotidiano e merecem ser guardadas no acervo da memória. Nesse campo de atuação, busquei no repertório de aprendizagens pretéritas, advindas de vivências familiares e da escola rural, onde atuei, referências primazes para delinear os itinerários. E, assim, a partir de uma prática pautada em compromisso, respeito, tolerância e diálogo, impregnados pelo desejo de ser ponte entre sujeitos e situações, de conciliar extremos e de construir juntos, fui aprendendo a ser, lapidando meu perfil de professora-gestora em plena ebulição construtiva.

3.2 O ENSINO E O PROFESSOR EM CONSTRUÇÃO

O Ensino, primeiro campo em que atuei na UFRN, ainda hoje se faz preponderante em meu fazer docente. Não somente como uma exigência da legislação vigente, mas também como uma práxis que me realiza. A tentativa de traduzir esse sentimento de realização me levou à origem etimológica da palavra ensinar⁷⁴, que significa gravar, colocar marca em.

Ao transitar do significado à vivência, encontro nessa definição a essência de minha prática docente, lastreada e movida pelo desejo de en-

74 Do latim *insignare*, o termo significa gravar, colocar uma marca em; de *in* que corresponde a em, mais *signum*, que quer dizer marca, sinal.

sinar para além da transmissão do conteúdo ou do compartilhamento de saberes. Ensinar a partir de uma relação que deixa marcas nos alunos; marcas que dizem de atributos e valores humanos que se somam às competências e habilidades pertinentes ao conhecimento científico. Realmente, ao ensinar, gosto de deixar marcas, como um acervo para a vida, e rastros para que os alunos possam me (re)encontrar.

Ao longo do tempo, minha atuação no ensino, que se realiza em interação com a pesquisa e a extensão, possibilitou acumular aprendizagens significativas, em termos de conhecimentos teóricos e metodológicos, e experiências fundamentais à construção do meu Ser professor. O itinerário percorrido me conduziu, inicialmente, ao ensino em cursos de graduação; posteriormente, essa atuação foi ampliada para cursos de especialização e programas de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado. Visando tornar mais elucidativa minha trajetória nesse segmento, a narrativa foi sistematizada considerando esses diferentes níveis de ensino e a periodização relativa às fases de lotação no Ceres, Campus de Caicó (1991.2 a 2011.1), e no CCHLA, Campus Central (2011.2 aos dias atuais).

3.2.1 ENSINO DE GRADUAÇÃO

Durante os 20 anos de lotação no Ceres, Campus de Caicó, ministrei disciplinas na graduação, principalmente na Licenciatura em Geografia e, em menor escala, no curso de Pedagogia (Licenciatura e Pró-Básica)⁷⁵ e no Bacharelado em Geografia; e, no Campus de Currais Novos, no Bacharelado em Turismo (Apêndice 2).

Ao iniciar minha atuação como professora da Licenciatura em Geografia, em 1991.2, fui designada para ministrar as disciplinas Cartografia, Geografia dos Continentes e Países, Geografia Regional do Brasil e Organização do Espaço, as três últimas vinculadas à área

⁷⁵ Programa instituído no âmbito das políticas educacionais para a formação de professores em serviço.

de Geografia Humana. Essa experiência inicial foi marcante, no sentido de atuar em disciplinas da área pela qual tinha maior interesse e por ter sido a base para a trajetória docente a ser percorrida.

No período em que estive lotada no Ceres (1991.2 a 2011.1), ministrei 23 componentes curriculares nos cursos já mencionados, os quais compreendiam disciplinas e atividades com carga horária variável (60, 90 e 135 horas) e, por vezes, com oferta de duas turmas, devido ao número elevado de alunos. Nesse cenário, a sobrecarga de trabalho era recorrente, tendo em vista a elevada carga horária destinada ao ensino e às demais atividades desenvolvidas.

Na Licenciatura em Geografia, ministrei 17 componentes curriculares, dos quais 13 eram da área de Geografia Humana. Havia disciplinas predominantemente teóricas, com abordagens sobre a organização do espaço, análise regional, população, economia e urbana, além de outras com enfoque em fenômenos políticos, econômicos, culturais e ambientais nas diferentes escalas geográficas, do regional ao mundial. As demais disciplinas ministradas foram nas áreas de ensino (quatro), de natureza predominantemente prática por corresponderem ao estágio realizado nas escolas; epistemológica (um) e técnica (um). Quanto à oferta por semestre, os componentes curriculares com maior número de registros foram: Prática de Ensino de Geografia (depois denominada Estágio Curricular Supervisionado) e Geografia Regional. Considerando o elenco de disciplinas ministradas, torna-se evidente a predominância nas áreas de Geografia Humana e Ensino de Geografia.

Nos 20 anos de atuação como professora do curso de Geografia no Ceres, vivenciei uma trajetória marcada por mudanças e avanços relativos aos paradigmas dessa ciência e ao seu ensino. Vivi tempos de travessias teóricas e metodológicas que marcaram a passagem de uma ciência descritiva que estudava a Terra para uma ciência analítica, que tem como objeto de estudo o espaço geográfico. Vivi tempos

de travessias didático-pedagógicas que delinearão uma evolução da aula somente expositiva para a aula expositiva, problematizadora e dialogada; da aula baseada em copiar no quadro para a aula a partir da discussão de um texto. Vivi tempos de travessias metodológicas, na tessitura de inovações tecnológicas que impulsionaram a substituição do uso do retroprojeto pelo projetor multimídia; do uso do mapa impresso pela cartografia digital, dentre outros.

Vivenciei um crescente processo de aprimoramento no saber-fazer docente que me colocou diante de uma instigante busca por conhecimentos de natureza epistemológica, teórico-conceitual e metodológica. Foi uma profícua fase de experienciar, pela repetição, criação e recriação, metodologias de ensino pautadas em estratégias que primavam pela problematização e compreensão do conteúdo, na esteira da articulação entre teoria e prática e entre disciplinas, de modo a contribuir para a formação crítica, autônoma e criativa dos alunos (Figura 37).

Nesse período, minha prática docente na Licenciatura em Geografia foi marcada por experiências diversas, algumas afigurando-se mais relevantes. Assumir a Prática de Ensino/Estágio Curricular Supervisionado, componente curricular que oportuniza ao aluno a experiência com o universo da sala de aula, foi uma oportunidade de ensinar a ensinar; mas, principalmente, de aprender ensinando e de aprender com o outro. Por ser o momento de realização do temido estágio, esse componente exigia uma atuação diferenciada, visto que, por vezes, os alunos demandavam mais que a orientação didático-pedagógica para o estágio. De fato, eles precisavam de norte, de alguém que os ajudasse a realizar itinerários e tomar decisões que dizem da identificação ou não com a docência. No Estágio Supervisionado, eu e a professora Eugênia Dantas compartilhávamos desde o planejamento à execução das atividades, que compreendiam, entre outras, assistir e avaliar aulas ministradas pelos alunos nas cidades

onde residiam; o que nos fazia trafegar por muitos caminhos nas circunscções da região do Seridó.

Figura 37 - Momentos de atuação no Ceres, Campus de Caicó



Fonte: Acervo da autora, [199-] e [200-].

Assim, considerando a experiência com o Estágio Supervisionado, que revelava a angústia e insegurança dos alunos ao assumir uma sala de aula, e a reestruturação curricular, que preconizava a destinação de uma carga horária prática nos componentes curriculares, eu e a professora Eugênia delineamos um projeto de ensino envolvendo

nossas disciplinas. O projeto de ensino interdisciplinar foi realizado em 2008.2⁷⁶, nas disciplinas Geografia Regional, sob minha responsabilidade, e Didática, ministrada por Eugênia, sob o tema “Explorando o Brasil em sala de aula”. No projeto, registramos a intenção de construir um ensino baseado na interdisciplinaridade, objetivando a aquisição de competências e habilidades relativas aos conteúdos, à leitura cartográfica e à prática docente. Essa experiência foi bastante enriquecedora para nós e para os alunos, que reconheciam a contribuição ao processo formativo; mas, em alguns casos, demonstraram claramente a insatisfação com as avaliações.

Outra experiência interessante no ensino remete ao uso da pesquisa e da linguagem gráfica e cartográfica como estratégia metodológica em disciplinas por mim ministradas, como: Geografia dos Continentes e Países, Geografia Regional do Brasil, Geografia do Rio Grande do Norte, Geografia da População e Geografia Urbana. De acordo com o conteúdo da disciplina, delineei um itinerário de pesquisa e, quando possível, abrangendo informações locais, cuja busca era feita em fontes documentais impressas ou digitais. Os dados coletados eram apresentados em tabelas, gráficos e/ou representações cartográficas, seguidos de análise. Ressalta-se que o uso dessas estratégias, na década de 1990, era algo inovador no Ceres, posto que o ensino ainda estava centrado na exposição feita pelo professor no ambiente físico da sala de aula.

A atuação na área de ensino na Licenciatura em Geografia me credenciou a ministrar disciplinas no curso de Pedagogia relativas à Metodologia do Ensino de Geografia e Prática de Ensino. Meu envolvimento com as disciplinas dessa área favoreceu a parceria com a professora Maria das Dores Medeiros, que atuava no Ensino de História no curso de Pedagogia, Pró-Básica. Com ela assumi o desafio de vivenciar experiências de planejamento, desenvolvimento e avaliação de atividades em uma perspectiva interdisciplinar. Essa experiência estava baseada

76 Em meu acervo documental, guardo uma cópia do projeto de ensino realizado em 2008.2.

em abordagens teórico-conceituais, de natureza histórico-geográficas e na articulação entre teoria e prática, sendo considerados relevantes o conhecimento e a práxis dos alunos-professores.

No Ceres, Campus de Currais Novos, atuei como professora do Bacharelado de Turismo, especificamente na disciplina Geografia Aplicada ao Turismo, em três semestres. Essa atuação decorreu de compromisso assumido ainda na fase de elaboração do projeto que resultou na implantação do curso, motivada pelo desejo de contribuir com a ampliação da oferta da graduação e o fortalecimento desse campus — e, por conseguinte, do Ceres. Ministrando essa disciplina representou um esforço a mais, por não ter asseguradas as condições para o deslocamento semanal de Caicó a Currais Novos, sendo recorrente o uso de veículo próprio. Essa situação persistiu até a contratação de um professor para atender a esta e outras demandas do curso.

Ainda no Ceres, Campus de Caicó, atuei como professora do Bacharelado em Geografia, no semestre 2011.1, ao ministrar Introdução à Ciência Geográfica, disciplina de natureza epistemológica.

A partir do semestre 2011.2, considerando a lotação no DGE, CCHLA, minha atuação no ensino (Apêndice 3) tem ocorrido no Bacharelado em Geografia e, principalmente, na Licenciatura em Geografia a Distância. Também atuei no Tecnólogo em Gestão Pública a Distância, vinculado ao DCEA, Ceres. Uma experiência pontual, por ser este um curso de oferta única, conforme discorrerei adiante.

A narrativa sobre minha atuação no ensino, entre 2011.2 e 2020.1, seguirá uma sequência que contempla o Bacharelado em Geografia, o Tecnólogo em Gestão Pública e a Licenciatura em Geografia a Distância. Nesse período, ministrei 20 componentes curriculares, dos quais cinco no Bacharelado em Geografia, 11 na Licenciatura em Geografia a Distância e quatro no Tecnólogo em Gestão Pública (Apêndice 3)

No Bacharelado em Geografia, entre as disciplinas que ministrei, três são da área de Metodologia do Trabalho Científico; uma é de caráter epistemológico e outra, de natureza teórico-prática, envolvendo planejamento nas escalas urbana e regional. Nesse curso, ressalto a experiência vivenciada nas disciplinas da área de Metodologia do Trabalho Científico.

Na condição de professora recém-chegada ao departamento, fui designada para ministrar Técnica de Pesquisa Geográfica, disciplina que não constava no elenco de componentes curriculares por mim já ministrados em nível de graduação. Todavia, encarei a designação como uma oportunidade de aprimorar meus conhecimentos sobre o assunto, tanto na perspectiva teórica quanto prática. Não se tratava somente de saber-fazer pesquisa, mas de ensinar sobre o tema, movida pelo desejo de deixar marcas desse processo nos alunos e contribuir para a descoberta do fascínio pela trilha formativa da investigação.

Inicialmente, realizei uma sondagem com os colegas, visando saber qual a percepção deles acerca da disciplina e do comportamento dos alunos em relação à matéria. Os resultados não foram animadores, pois prevaleceu a visão de que a disciplina, de natureza técnica, oferecia poucas possibilidades de dinâmica. Os alunos a consideravam enfadonha e desinteressante.

Ao me aprofundar nas leituras sobre o assunto, passei a enxergar a possibilidade de criar estratégias metodológicas que propiciassem situações de ensino e aprendizagem para ultrapassar a simples exposição pelo professor e a leitura de fontes bibliográficas pelo aluno. Ao contrário do que haviam me anunciado, considerei que a disciplina apresentava potencial de articulação entre teoria e prática e assumia um papel importante no currículo e na formação dos alunos do bacharelado. Ainda serve de base instrumental na elaboração de trabalhos acadêmicos (inclusive na monografia de final de curso) bem como na atuação profissional como geógrafo.

Convicta desses pressupostos, passei a delinear um plano de ensino que atendesse a prerrogativa de conferir sentido, para o aluno, ao que era ensinado em Técnica de Pesquisa Geográfica, além de experimentar uma metodologia que propiciasse situações de aprendizagem teórico-práticas a partir da aplicação do conhecimento. Surgiu, assim, a ideia do Ateliê de Pesquisa, uma reinvenção do projeto de ensino experimentado na Licenciatura em Geografia, cuja essência é o aprender fazendo — nesse caso, com enfoque sobre o saber-fazer pesquisa.

O plano de ensino de Técnica de Pesquisa Geográfica foi estruturado em três tópicos. No primeiro, Ciência e Pesquisa, buscou-se caracterizar os diferentes tipos de conhecimento; reconhecer a importância do objeto de estudo e do método na produção científica; e compreender o conceito de pesquisa científica, seus objetivos e classificação. No segundo, Métodos e Técnicas de Pesquisa Científica, partindo do pressuposto de que o aluno já havia estudado sobre o significado de ciência e a relação entre ciência e pesquisa, definiu-se como objetivo apreender as principais técnicas de pesquisa científica e suas diferentes etapas de realização. O terceiro tópico, Ateliê de Pesquisa Científica, articulando teoria e prática, propunha a elaboração de um projeto de pesquisa, com base na normalização técnica.

A metodologia desenvolvida nessa disciplina pautou-se em exposição de conteúdo permeada por questionamentos; atividades teórico-práticas individuais e em grupo, em sala de aula e fora dela; orientações coletivas e individuais; elaboração individual de um projeto de pesquisa, visando à construção da monografia de final de curso; e, por fim, a realização de um seminário para apresentação dos referidos projetos pelos alunos.

Essa proposta metodológica pressupõe o aprimoramento de competências de autoavaliação e avaliação, por meio da participação dos alunos em atividades teórico-práticas, individuais e coletivas. Os alu-

nos foram avaliados nos seguintes critérios: participação nas aulas, considerando o nível de elaboração das respostas às questões formuladas (pertinência, coerência lógica e profundidade) e as contribuições nas avaliações coletivas; e elaboração do projeto de pesquisa, considerando a sistematização dos conhecimentos e a forma de expressão por meio da linguagem escrita.

No seminário, após a apresentação de cada aluno, o projeto foi avaliado a partir de critérios que serviram de parâmetro tanto para a avaliação do professor quanto para a banca de examinadores, constituída por dois alunos previamente designados para assim atuarem. Logo, o aluno foi avaliado em dois momentos: na apresentação oral do projeto de pesquisa, considerando segurança, clareza na exposição e capacidade de responder, de forma argumentativa, aos questionamentos e/ou colocações da banca examinadora; e em sua atuação como membro de banca examinadora, considerando a postura como avaliador e a pertinência das questões colocadas no momento de sua atuação. Nessa experiência, professor e alunos compartilharam saberes e vivenciaram uma prática de avaliação colaborativa e contributiva.

A fim de dar continuidade a essa experiência e considerando que Técnica de Pesquisa Geográfica é pré-requisito para Preparação de Monografia⁷⁷, estabeleci uma articulação entre os planos de ensino respectivos e requisitei ministrar também esta disciplina, cuja culminância é a elaboração do Trabalho Conclusão de Curso (TCC).

Ao assumir a disciplina Preparação de Monografia, depois designada Metodologia do Trabalho Científico, construí um plano de ensino também estruturado em três tópicos de conteúdo: Projeto de Pesquisa Científica, Trabalho Monográfico e Projeto de Pesquisa e Monografia. Buscando articular a disciplina com a anterior (pré-

⁷⁷ Quando assumi as atividades no DGE, a disciplina denominava-se Preparação de Monografia. Em 2015, após aprovação da plenária departamental, minha sugestão de mudança de nome foi aprovada, passando a designação para Metodologia do Trabalho Científico. A mudança decorreu da necessidade de estabelecer uma melhor relação entre ementa e designação.

-requisito) e conferir-lhe um caráter teórico-prático, delineei como objetivos: revisar o processo de elaboração de projeto de pesquisa; compreender a estrutura técnica de uma monografia a partir da constituição de suas partes e de seus respectivos significados; identificar aspectos relacionados à apresentação do trabalho monográfico, quanto aos critérios de avaliação, planejamento e apresentação oral; e elaborar a estrutura preliminar da monografia, contendo o referencial teórico e a definição de capítulos com suas respectivas sínteses.

Em termos metodológicos, a disciplina foi desenvolvida seguindo o princípio da dialogicidade, articulando exposições e problematizações sobre a estrutura técnica, os aspectos gráficos da redação e a apresentação oral da monografia; orientações individuais e em grupo para a realização de pesquisa bibliográfica, entre outros; e realização de um seminário nos moldes em que foi realizado em Técnicas de Pesquisa Geográfica.

Os critérios de avaliação foram definidos levando em conta os produtos - projeto de pesquisa e monografia em sua versão preliminar - e a atuação no seminário, como expositor e avaliador. Nessas disciplinas, o Ateliê de Pesquisa Científica compreendeu dois estágios de aprendizagem, que envolveram compreensão e aplicação. Para atingir esses objetivos, construí sequências didáticas desenvolvidas ao longo do semestre, de modo que, em Técnica de Pesquisa Geográfica, conduziram à elaboração do projeto de pesquisa. E, em Metodologia do Trabalho Científico, resultaram no delineamento da monografia em versão preliminar. Na primeira disciplina, objectivei a compreensão do significado dos elementos de um projeto de pesquisa (problema de pesquisa, objetivos, metodologia, referencial teórico, entre outros) e, na segunda, dos elementos de uma monografia (pré-textuais, textuais e pós-textuais). Nas duas situações, a compressão foi fundamental à aplicação no processo de elaboração dos referidos documentos.

Nessas experiências, considerei oportuno investir na realização do seminário como momento de culminância das atividades do Ateliê, o que se mostrou eficiente em termos de socialização dos resultados e de experiência com a avaliação compartilhada. Essa estratégia foi muito interessante, na medida em que permitiu avaliar a aprendizagem dos alunos por meio de procedimentos que eu ainda não tinha experimentado e também significou uma vivência nova para eles.

Nos semestres em que ministrei essas disciplinas, obtive avaliações bastante positivas. Na visão dos alunos, a experiência vivenciada os deixou mais seguros em termos do saber-fazer pesquisa científica e da elaboração da monografia. Para alguns colegas que, na condição de orientadores, contribuíram conosco, a metodologia facilitou o trabalho de orientação, posto que os alunos se mostraram mais interessados e seguros.

Particularmente, considero que as sequências didáticas elaboradas e a metodologia adotada, aprimoradas a cada semestre, foram fundamentais para que tanto eu quanto os alunos desconstruíssemos a visão de que tais disciplinas eram pouco atrativas e de baixo nível de repercussão no processo formativo. A experiência contrariou essa percepção e, ao conferir protagonismo aos alunos no processo de ensino e aprendizagem, transformou-se em algo instigante e prazeroso, para mim e para a maioria deles. As repercussões dessa experiência metodológica decerto contribuíram para a indicação de meu nome como avaliadora em bancas de qualificação e de dissertação de alunos que cursaram essas disciplinas.

Outrossim, embora as orientações individuais e o volume de trabalhos para avaliar tenham demandado muito esforço, considero que vivenciei metodologias criativas e inovadoras em um campo temático, no qual ainda não havia atuado. As repercussões positivas dessas experiências extrapolaram o ensino e incidiram sobre minha atuação como pesquisadora e orientadora de trabalhos científicos.

No período de 2014.2 a 2016.2, atuei como professora do curso de graduação a distância, Tecnólogo em Gestão Pública, vinculado ao Ceres, Campus de Caicó. Sua oferta destinou-se prioritariamente à qualificação de 500 servidores federais da UFRN, da Universidade Federal do Semiárido (Ufersa) e do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), vinculados aos polos de Natal, Caicó, Currais Novos, Santa Cruz e Mossoró. Nesse curso, ministrei disciplinas da área de Metodologia do Trabalho Científico.

No processo de estruturação dos planos de ensino, aliei a expertise adquirida como professora da Licenciatura em Geografia a Distância e disciplinas com enfoque em Pesquisa e Metodologia do Trabalho Científico. Os planos de ensino foram concebidos a partir de uma lógica que integrou os componentes curriculares ministrados: Metodologia do Trabalho Científico, Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso e Estágio Supervisionado. Em decorrência do projeto pedagógico e do perfil do aluno do curso, as proposições didático-pedagógicas conduziram a uma trilha formativa a fim de associar teoria e prática.

Em Metodologia do Trabalho Científico, foram abordados conteúdos relativos a ciência e pesquisa, articulados a etapas de elaboração de um projeto de pesquisa e sistematização dos resultados obtidos, na perspectiva de um relatório. Assumindo um caráter mais pragmático, em Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso, os alunos foram orientados quanto à elaboração e execução de um projeto de pesquisa, cuja problematização foi relacionada a seus respectivos ambientes de trabalho. Já em Estágio Supervisionado, configurou-se a oportunidade para a execução do referido projeto que, em alguns casos, transformou-se em projeto de intervenção, pois os alunos eram funcionários das instituições e, assim, tinham condições de intervir ou contribuir para tal. Concluída essa fase, os alunos, já devidamente matriculados no TCC, passaram à etapa de sistematização dos resultados

do projeto de pesquisa ou de intervenção em relatórios e banners apresentados a uma banca constituída por professores do curso.

A atuação docente no Tecnólogo em Gestão Pública foi importante por acrescentar as experiências na área de Metodologia do Trabalho Científico; por possibilitar a criação de uma proposição teórico-metodológica articulada e diferenciada; e por ministrar a capacitação dos tutores a distância para atuarem nas referidas disciplinas, bem como dos professores orientadores dos projetos de pesquisa ou intervenção.

Na Licenciatura em Geografia a Distância, ministrei 11 disciplinas, sendo oito na área de Geografia Humana, uma na área de Ensino, uma na área de Metodologia Científica e uma na interface entre as duas últimas. Ministrar disciplinas nesse curso configurou-se um grande desafio, visto que, inicialmente, tanto eu quanto os demais colegas não tínhamos experiência com essa modalidade de ensino. Nossa trajetória de formação e experiência docente, assim como os percursos formativos dos alunos, estavam circunscritos à modalidade presencial.

Nesse contexto em que prevaleciam referenciais de ensinar e aprender, pautados no contato direto entre professor e aluno e na sala de aula como um ambiente físico, literalmente nos disponibilizamos a aprender sobre a docência na modalidade a distância. Essa disposição implicou redimensionar concepções e práticas sobre ensino, aprendizagem e os sujeitos envolvidos nesse processo (especialmente o professor, o aluno e o tutor). Desse modo, fomos requisitados a desenvolver competências e habilidades para lidar com processos, linguagens e recursos afeitos ao Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)⁷⁸, que se efetiva como sala de aula, e a experimentar metodologias, processos e instrumentos avaliativos pertinentes à modalidade.

78 A UFRN, por meio da Sedis, possui um ambiente virtual de aprendizagem customizado, identificado como Moodle Mandacaru, plataforma educacional que se destina ao ensino de graduação ofertado pela universidade.

Em meio à minha reinvenção como docente em um curso de formação de professores, estava diante de um (re)começo em que se mesclavam a angústia pela vivência do novo e a esperança na Educação a Distância. Sua elevada capilaridade espacial possibilita atingir territórios longínquos, onde o Ensino Superior presencial dificilmente ou jamais chegará. Nesse sentido, para algumas pessoas, essa modalidade se configura a única oportunidade de ter acesso a esse nível de formação. No conjunto dessas assertivas, reside a esperança de que o ensino mediado por tecnologias da informação e comunicação efetivamente seja capaz de transformar vidas e lugares.

Ao longo de nove anos de docência na Licenciatura em Geografia a Distância, sempre me coloco na condição de aprendiz. A cada semestre, submeto a experiência vivida nas disciplinas à avaliação dos alunos, dos tutores presenciais e a distância⁷⁹, assim como procedo a uma autoavaliação. Nesse sentido, creio que minha atuação como professora vem sendo aprimorada e enriquecida, pois há experiências do ensino presencial que transitam para a modalidade a distância e vice-versa; evidentemente com as devidas adaptações, quando necessário.

A experiência nas duas modalidades de ensino me faz reconhecer que a ação docente na Educação a Distância torna-se mais exigente por requisitar, com bastante antecedência, um cuidadoso planejamento, levando em conta, entre outras, a variável exequibilidade. Essa variável pressupõe olhar para si, enquanto professor, e para o aluno, bem como avaliar as condições técnicas, tecnológicas e financeiras disponíveis para a oferta. Considerando que a graduação a distância da UFRN é semipresencial, entre

79 A graduação a distância na UFRN é semipresencial e tem na tutoria um dos seus pilares. Na instituição, adota-se a tutoria a distância, exercida por um professor da área de oferta do curso, que assessoria as atividades docentes, e a tutoria presencial, desenvolvida também por um professor da área do curso, que atua no polo de apoio presencial, cujas atribuições são: contribuir com a formação do aluno, em termos de organização do tempo e do cronograma de estudos; acompanhar seu desempenho nas atividades presenciais e virtuais; estimular e promover as interações necessárias ao fluxo do processo de ensino e aprendizagem e motivar sua participação nas atividades e permanência no curso.

muitos exemplos que fundamentam essa assertiva, destaco a realização de atividades presenciais nos polos, que exige antecedência nos encaminhamentos relativos a divulgação de informações, procedimentos de viagem e mobilização de pessoas que, direta ou indiretamente, atuam para que tais ações aconteçam, como professor, tutor a distância e presencial, coordenadores de curso e de tutoria, coordenador e secretário do polo, chefe de departamento, equipe da Sedis (Coordenadorias Pedagógica, de Tecnologia Educacional, de Projetos e Administrativa) e motorista.

Ciente dessa situação, no final de um semestre já planejo as disciplinas que ministrarei no seguinte. A partir dessa ação, elaboro o plano de ensino, em que constam as informações básicas sobre o percurso a ser trilhado, especialmente a distribuição das aulas por semana, o calendário de atividades presenciais e *online* e a realização de Projeto ou Ateliê de Ensino. Embora seja passível de replanejamento e flexibilização ao longo do semestre, disponibilizo esse plano logo no primeiro dia de aula, para que o aluno possa planejar suas atividades e a própria vida.

Por ter essa convicção, minha ação docente no AVA se inicia com uma mensagem motivacional aos alunos e a divulgação do plano de ensino. A partir desse contato inicial, implementa-se a dinâmica da sala de aula virtual, que se estende ao longo do semestre. De modo geral, semanalmente, são disponibilizados orientações e materiais didáticos das aulas, como artigos, livros, capítulos de livros, vídeos, filmes, entre outros. Também há fóruns com questões problematizadoras, relativas ao conteúdo da(s) aula(s), que também servem para sanar dúvidas sobre conteúdos e atividades. Nos devidos momentos, acrescentam-se a essa rotina as orientações das atividades avaliativas. As atribuições na sala de aula virtual são desenvolvidas e compartilhadas com tutores a distância e, quando possível, com estagiários

de docência de pós-graduação, o que se traduz em uma frequência diária no AVA, com raras exceções.

No que se refere aos procedimentos didático-pedagógicos utilizados em minha prática docente na Educação a Distância, confiro destaque à realização de Projeto de Ensino⁸⁰, posteriormente designado Ateliê de Ensino, experiência construtiva, prazerosa e exitosa. O projeto é disponibilizado para o aluno junto com o plano de ensino. O desenvolvimento ocorre ao longo do semestre, em etapas distintas, mas articuladas. Na etapa virtual, que ocorre no AVA, são realizadas as orientações de atividades e avaliações prévias. A etapa presencial, que ocorre nos polos de apoio presencial, consiste na apresentação, pelos alunos, de resultados e produtos, seguida da avaliação da equipe docente. Em geral, as atividades são realizadas em grupo, devido ao elevado número de alunos, e em cada polo de apoio presencial onde o curso é ofertado⁸¹.

O Projeto de Ensino, da elaboração à realização, conta com o apoio da equipe docente vinculada às disciplinas envolvidas, formada por professores, tutores a distância e estagiário de docência, quando existe, e dos tutores presenciais. Ao final das atividades presenciais de cada projeto, ainda como uma etapa metodológica da disciplina, é realizada uma avaliação que envolve a equipe docente e os alunos, visando à identificação de pontos fortes e frágeis e à obtenção de sugestões para o aprimoramento dessa prática.

Na Licenciatura em Geografia a Distância, a primeira experiência com o Projeto de Ensino como proposição didático-metodológica ocorreu em 2014.1, articulando os conteúdos das disciplinas Introdução à Ciência Geográfica, sob a responsabilidade de Eugênia

80 O uso do Projeto de Ensino interdisciplinar como aporte metodológico, inicialmente, foi uma experiência vivenciada na Licenciatura em Geografia presencial, no Ceres, que adaptei para a modalidade a distância.

81 A oferta de cursos a distância se insere na perspectiva de um programa, que se vincula a uma política pública, e, sendo assim, é regida por editais de fomento à modalidade. Em decorrência, essa oferta, que se efetiva em larga escala, não ocorre anualmente.

Dantas, e Metodologia Científica (2º período), componente por mim ministrado (Apêndice 4). O referido projeto tinha como objetivo a elaboração de um artigo científico sobre os paradigmas da Geografia, a ser apresentado em um Seminário Temático realizado nos polos.

Em 2015.1, a partir do aprimorando da experiência anterior, foi desenvolvido o Projeto de Ensino sob o tema “Espaço geográfico em múltiplas escalas: explorações para a sala de aula”, que articulou todas as disciplinas do 6º período da Licenciatura em Geografia a Distância⁸² (Apêndice 5). Nessa edição do projeto, definiu-se como objetivo compreender a dinâmica espacial no contexto das relações globais-regionais da contemporaneidade; analisar aspectos geoeconômicos e ambientais em diferentes escalas geográficas, assim como elaborar e executar um plano de aula sobre temas geográficos, sendo estes previamente definidos pela equipe de professores. A etapa virtual envolveu orientações para a elaboração do plano de aula e sua avaliação prévia. A etapa presencial correspondeu às aulas ministradas pelos grupos de alunos em seis polos de apoio presencial do Rio Grande do Norte.

A segunda edição do Projeto de Ensino “Espaço geográfico em múltiplas escalas: explorações para a sala de aula” foi realizada em 2016.2, integrando apenas quatro disciplinas do 6º período⁸³ (Apêndice 6). Nesse semestre, o projeto manteve os objetivos descritos na primeira edição e foi realizado em três polos de apoio presencial situados no território potiguar.

Em 2017.1, a experiência com o Projeto de Ensino “Prática Docente em Geografia” envolveu apenas as disciplinas Geografia Regional do Mundo II, sob minha responsabilidade, e Estágio Supervisionado II, ambas ofertadas no 7º período (Apêndice 7). Considerando a necessidade de articular os conteúdos disciplinares, foram definidos

82 Geografia Regional do Mundo I, disciplina por mim ministrada; Geografia Regional do Brasil; Espaço, Tecnologia e Globalização, Instrumentação para o Ensino IV e Estágio Supervisionado I.

83 Geografia Regional do Mundo I, por mim ministrada; Geografia Regional do Brasil; Instrumentação para o Ensino IV e Estágio Supervisionado I.

como objetivos: elaborar um plano de aula sobre um tema de natureza econômica, política, cultural ou ambiental, relativo à África, Ásia ou Oceania, e executá-lo. As aulas foram ministradas pelos grupos de alunos, previamente definidos, nos polos aos quais estavam vinculados.

A partir dessas experiências, constatei a dificuldade dos alunos da Licenciatura em Geografia a Distância em relação a diversos aspectos da docência. Entre esses aspectos, ressalto a elaboração de um plano de aula, desde a seleção do conteúdo, passando pela definição de objetivos e metodologia até a avaliação, bem como a atuação em sala de aula como professor.

Em decorrência da constatação e por considerar a importância de conhecimentos e experiências relativos à docência na formação do licenciado, promovi alterações na proposição metodológica em pauta. Defini então como enfoque prioritário a ação docente e acentuei a perspectiva do aprender fazendo, a partir da articulação entre o conteúdo de disciplinas, por mim ministradas, e o ensino na Geografia Escolar. Em meio aos ajustes na proposição metodológica, o projeto passou à designação de Ateliê de Ensino, assumindo a definição de se constituir uma atividade de prática como componente curricular, que visa oportunizar aos envolvidos a reflexão acerca da ação docente, considerando aspectos teóricos, metodológicos e avaliativos.

Em 2017.2, o Ateliê de Ensino foi desenvolvido em Geografia do Nordeste, ofertada no 7º período, sob o tema “A geografia na sala de aula.” Teve como objetivos compreender os aspectos socioeconômicos do Nordeste e avaliar a práxis docente no Ensino de Geografia (Apêndice 8). Nessa versão, houve mudanças na metodologia, decorrentes de questionamentos dos alunos, em experiências anteriores, relativos a uma atuação docente que reverberasse em uma boa aula. Consciente de não existir um modelo a seguir e que este resultado se faz a partir

da interação de múltiplos fatores, resolvi inverter os papéis e colocar os alunos na condição de avaliadores das aulas ministradas pela estagiária à docência⁸⁴, utilizando a mesma planilha de critérios com que a equipe docente os avaliava. A etapa virtual do Ateliê consistiu apenas em orientações sobre o cronograma das atividades nos polos. Na etapa presencial, as atividades compreenderam três momentos: no primeiro, a preparação dos alunos para o desempenho do papel de avaliadores; no segundo, ministrar aulas sobre os aspectos socioeconômicos do Nordeste pela estagiária de docência; e, no terceiro, a atuação dos alunos, como avaliadores, a partir de critérios relativos a abordagem do conteúdo, procedimentos metodológicos, recursos didáticos e instrumentos de avaliação, bem como a práxis do professor. Por fim, procedeu-se à avaliação geral da disciplina e do Ateliê, realizada em três polos de apoio presencial do Rio Grande do Norte.

A atuação do aluno como avaliador foi interessante, visto que a maioria conseguiu avaliar a aula da estagiária, com base nos critérios, identificando os aspectos em que atendeu às expectativas e aqueles que consideravam merecer maior atenção ou revisão. Possivelmente, o desempenho dos alunos, cuja participação na atividade foi satisfatória, decorreu das experiências anteriores, nas quais eles estavam na condição de avaliados.

Entre 2018.1 e 2020.1, minha atuação na Licenciatura em Geografia a Distância voltou-se para os ingressantes em 2017.2, que se encontram distribuídos em quatro polos de apoio presencial. Essa situação potencializou as ações do Ateliê de Ensino, possibilitando uma avaliação contínua do desempenho dos alunos, observando avanços, carências e fragilidades. Por outro lado, tem me desafiado no sentido de (re)inventar as situações de ensino-aprendizagem.

No semestre 2018.1, o Ateliê de Ensino foi desenvolvido na disciplina Organização do Espaço, ofertada no 2º período, sob

84 Silmara Lopes de Souza, na época minha orientanda do PPGGe.

o tema “Conceitos básicos da geografia: vivenciando a práxis docente” (Apêndice 9). Nessa versão, foram definidos como objetivos compreender os conceitos de região, território, lugar e paisagem, além de vivenciar a práxis docente na perspectiva de planejamento, elaboração e execução de uma aula voltada para a disciplina Geografia no Ensino Fundamental II — do 6º ao 9º ano. O Ateliê, em sua etapa virtual, envolveu as orientações sobre planejamento e elaboração de um plano de aula, inclusive com avaliação prévia do plano e retorno aos alunos. Na etapa presencial, ocorreu a execução do plano de aula pelos grupos de alunos, seguida dos procedimentos de avaliação.

Esta experiência evidenciou que os alunos obtiveram certo êxito, na tentativa de articular os conceitos básicos da Geografia e o conteúdo escolar. Todavia, as dificuldades que apresentaram na elaboração do plano, em termos de compreensão do significado de seus elementos (conteúdo, objetivos, metodologia e avaliação) e da imprescindível articulação entre eles, se refletiram nas aulas ministradas: pautadas na exposição do conteúdo e sem perspectiva de uma ação avaliativa. Mediante a avaliação feita pela equipe docente, parte considerável dos alunos demonstrou desconhecimento sobre os elementos de um plano de aula e suas intrínsecas relações.

A constatação desse quadro ampliou a motivação para investir em mais uma experiência didático-pedagógica com esse enfoque. Assim, em 2018.2, assumi a disciplina Didática e Ensino de Geografia, ofertada no 3º período, e, nela, realizei o Ateliê de Ensino (Apêndice 10). Nesta versão, sob o tema “O professor e o plano de aula: da concepção à elaboração, transitando por itinerários formativos” foram explorados os seguintes tópicos de conteúdo: “O plano de aula como instrumento de orientação da atuação docente”; “Plano de aula: concepção e elementos básicos” e “O professor e as estratégias para planejar e elaborar um plano de aula”. A partir desses tópicos, definiu-se como objetivo geral realizar atividade prática envolvendo aspectos teóricos, metodológicos e avaliativos sobre a elaboração de um plano de aula. Já como objetivos específicos compreender a importância

do plano de aula para a atuação docente, reconhecer o papel do professor em sua elaboração e vivenciar a práxis docente na perspectiva do planejamento e da elaboração de um plano de aula voltado para a disciplina Geografia no Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano.

Nessa versão do projeto, a etapa virtual foi restrita às orientações pelo AVA acerca do cronograma, dos recursos e materiais que os alunos deveriam levar para a atividade presencial. Na etapa presencial, iniciei minha atuação alternando problematizações e exposições sobre os aspectos fundamentais de um plano de aula: desde a seleção dos conteúdos, passando pela definição de objetivos e de estratégias metodológicas, até a avaliação. Em seguida, foi destinado um tempo para que os alunos, agrupados, elaborassem um plano de aula sob a orientação da equipe docente. Por fim, os alunos socializaram os planos elaborados. Nessa oportunidade, foram instigados a contribuir com comentários e questionamentos dos trabalhos apresentados, aos quais se somaram a avaliação feita por mim e pela tutora. A avaliação compartilhada e colaborativa apontou convergência, no sentido de que o Ateliê de Ensino contribuiu para clarificar o processo de elaboração de um plano de aula e de sua importância para a docência. Avalio que todos os alunos avançaram nesse processo, embora em níveis diferenciados.

Em 2019.1, Formação Territorial do Brasil, ofertada no 4º período, foi a disciplina na qual desenvolvi o Ateliê de Ensino, cujo tema foi “O plano de aula e a práxis docente em geografia” (Apêndice 11). Nesse semestre, foi possível realizar apenas atividades virtuais, o que exigiu redimensionar o projeto. Sendo assim, estabeleceu-se como objetivo elaborar um plano de aula de Geografia, tendo como referência os conteúdos das aulas⁸⁵, de número 8 a 12. E, a partir desse plano, construir um recurso didático, com base em uma das linguagens usadas no ensino de Geografia, e elaborar um instrumento de avaliação, contendo duas questões discursivas e três questões objetivas. Tratando-se de uma atividade virtual, os alunos foram orientados quanto à realização das atividades e à gravação

85 O material didático das disciplinas dos cursos a distância da UFRN compreende um conjunto de aulas que são numeradas sequencialmente. Não obstante, o professor tem autonomia para organizar a sequência que adotará, de acordo com a proposição didático-pedagógica por ele delineada para a disciplina que ministra.

de um vídeo, objetivando descrever o recurso didático e suas etapas de construção, além de apresentar o instrumento de avaliação, considerando as devidas articulações com o plano de aula. O vídeo foi postado em fórum específico no AVA, servindo à avaliação da disciplina.

Nessa experiência, o plano de aula continuava em pauta, mas priorizei os recursos didáticos e os instrumentos de avaliação no ensino de Geografia. Os alunos demonstraram criatividade na elaboração dos recursos didáticos, recorrendo a diversas linguagens, dentre as quais se destacou a musical e a cartográfica. No que se refere à elaboração de questões para avaliação, verificou-se maior nível de dificuldade, o que se revelou sobretudo na escrita da proposição, ou seja, na formulação. Todavia, mediante ajustes, utilizei algumas delas na prova e esse procedimento deixou os elaboradores surpresos e lisonjeados, conforme expressaram. Sob a ótica dos alunos, o único ponto negativo dessa experiência foi a ausência de atividades presenciais.

Em 2019.2, o Ateliê de Ensino foi desenvolvido na disciplina Geografia Urbana, 5º período, assumindo a temática “A aula de campo como estratégia metodológica no ensino da Geografia Escolar: a cidade como laboratório de prática docente” (Apêndice 12). Nessa versão, as atividades do Ateliê foram norteadas pelos seguintes objetivos: aplicar os conceitos básicos da Geografia Urbana à análise espacial da cidade; reconhecer a atividade de campo como instrumento que possibilita as práticas de observação, registro, análise e interpretação do espaço geográfico; e vivenciar a práxis docente no ensino de Geografia, na perspectiva da elaboração de um plano de uma aula de campo e de sua execução, tendo a cidade como conteúdo básico e o enfoque articulado à disciplina Geografia no Ensino Fundamental II ou Ensino Médio.

A etapa virtual correspondeu a recomendações de leitura bibliográfica acerca do tema aula de campo e dos escolhidos pelos grupos para ministrar as aulas. Também foram dadas orientações quanto à elaboração do roteiro da aula de campo, considerando a escolha do local e suas implicações em termos de distância, percursos e riscos, bem como a duração da aula (três por polo). A etapa presencial consistiu em aulas

de campo realizadas nas cidades de Lajes, Macau, Nova Cruz e Currais Novos, sedes dos polos de apoio presencial, onde os alunos estão vinculados (Figura 38). Embora os tópicos de conteúdo da aula de campo fossem os mesmos, as abordagens e as configurações espaciais foram bastante diferenciadas, assim como os itinerários metodológicos.

Figura 38 - Ateliê de ensino em Geografia Urbana - Polos de Lajes, Macau e Nova Cruz (2019.2)



Fonte: Acervo da autora, 2019.

Em minha avaliação, esta foi a experiência em que os alunos apresentaram maior nível de dificuldade, certamente por não dispensarem a devida atenção às orientações e/ou não terem adquirido as competências e habilidades relativas ao domínio de conteúdo e emprego da metodologia. No decurso da execução das atividades, foram evidenciados problemas que remetem à fragilidade ou inadequação da abordagem conceitual, dificuldade de articular conceito e empiria, bem como de dimensionar as distâncias entre os pontos do roteiro da aula, dentre outros. Considerando que se procedeu à avaliação de cada aula no próprio local de sua realização, eu e a estagiária de docência procuramos transformar cada problema identificado em situação de ensino e aprendizagem.

Não obstante, considero esta edição do Ateliê a mais marcante, por ter se pautado em uma perspectiva ousada e inovadora para mim e para os alunos. Deparei-me com situações inesperadas de ensino, que exigiram a sistematização de argumentos elucidativos dos aspectos conceituais e metodológicos, inerentes à aula de campo, que somente se afiguraram no momento de sua realização. Em meio a abordagens conceituais e procedimentos metodológicos, por vezes confusos e equivocados, ora estava aprendendo sobre questões urbanas particulares daqueles lugares, com geografias tão diversas, ora a abordagem teórico-empírica e didático-pedagógica se transformava em conteúdo a ser por mim ensinado. Esse processo de ensino-aprendizagem encontra sintonia no que Callai (2011) definiu como Educação Geográfica, enquanto uma forma de ensinar que, ao levar em conta o contexto no qual o aluno está inserido, confere significado a sua aprendizagem. Em minha avaliação, reside nesses aspectos a relevância da aprendizagem que obtive com a experiência e que me fez enxergar a necessidade de revisão da proposta como forma de torná-la mais eficiente e menos ariscada. Seguramente, essa edição do Ateliê de Ensino foi a que deixou mais lições para a minha práxis docente.

No semestre 2020.1, o Ateliê de Ensino envolveu as disciplinas Geografia Regional do Mundo I e Geografia Regional do Brasil, ofertadas no 6º período da Licenciatura em Geografia a Distância; ambas sob minha responsabilidade (Apêndice 13). Essa versão tem como tema “Seminário temático como metodologia de ensino na geografia escolar: as relações globais-regionais na contemporaneidade”, e, em consonância com os conteúdos das disciplinas, contempla as relações entre o Brasil e os continentes americano e europeu, a partir de elementos e/ou aspectos associados as cinco macrorregiões do país: Nordeste, Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Objetiva-se identificar elementos ou aspectos que articulem uma das regiões brasileiras a um dos continentes estudados (América ou Europa); compreender a dinâmica espacial empreendida por estes elementos ou aspectos, no contexto das relações globais-regionais da contemporaneidade; elaborar um artigo científico e os recursos didáticos (slides) para fins de apresentação no Seminário Temático. Caberia a cada grupo, após o sorteio da região pela qual ficará responsável, escolher o elemento ou aspecto desse recorte que evidenciaria a relação mencionada, tornando-se alvo da pesquisa cujos resultados seriam apresentados no seminário.

Todavia, com a paralisação das aulas devido à pandemia, somente no retorno às atividades funcionais é que saberei dimensionar as perspectivas de realização do Ateliê de Ensino 2020.1.

A avaliação dos alunos acerca da experiência com o Ateliê de Ensino, embora em algumas situações sejam reveladoras de certo desconforto ou frustração com os comentários avaliativos, de modo geral apontam para o reconhecimento de sua importância no percurso de formação. Entre os aspectos considerados positivos, destacam o encontro presencial com o professor e os demais membros da equipe, as contribuições que proporcionam a experiência devidamente acompanhada e as avaliações. Em especial, a avaliação realizada imediatamente após as aulas que, segundo eles, repercute diretamente em suas práticas docentes. Fragmentos textuais de manifestações dos alunos no fórum de avaliação das dis-

ciplinas, disponibilizado no AVA, em diferentes semestres letivos, são ilustrativos da percepção que têm das experiências vivenciadas e do trabalho realizada pela equipe.

Quero agradecer por todas as aprendizagens adquiridas durante a disciplina por meio das atividades aplicadas pelas professoras, que foram de extrema importância em nossa formação e auxiliarão nossa prática de ensino com bons planos de aula para nossos discentes. A metodologia aplicada foi riquíssima, pois também contribuiu para uma maior socialização entre os estudantes do curso, por meio da qual dialogamos e trocamos ideias, aprendendo novos conhecimentos uns com os outros (ALUNO A).

A atividade Ateliê de Ensino nos remeteu à importância da aula de campo como metodologia, nos proporcionando mais uma estratégia a ser aplicada que auxilia na construção do conhecimento através da observação e da análise do espaço vivido e concebido. Sugiro que o Ateliê de Ensino permaneça conosco pelos próximos semestres, enriquecendo nossa formação (ALUNO B).

A atividade do Ateliê de Ensino é de suma importância para a nossa formação acadêmica, já que seremos futuros professores de Geografia. Portanto, avalio com nota máxima toda essa experiência vivenciada no último dia 28/08/19, onde foi possível enriquecer o nosso conhecimento sobre o tema abordado (aula de campo). E as considerações feitas pela professora Ione e pela professora Laís consolidaram a aprendizagem desta atividade. Espero por mais momentos assim nas disciplinas futuras. Obrigado! (ALUNO C).

Há pessoas que marcam a nossa vida, que despertam algo especial em nós, que abrem nossos olhos de modo irreversível e transformam nossa maneira de ver o mundo. Nessa trajetória didática não seria diferente, vocês são essas pessoas! Os seus ensinamentos foram muito além dos conteúdos, tivemos aprendizados importantes para a vida. Ione, a sua missão vai muito além da missão de uma professora; a senhora sabe despertar a nossa admiração de um modo único, e se tornou uma inspiração para nós. Muito obrigada pela sua dedicação, paciência e carinho ao lecionar. Nós só podemos agradecer por fazer parte das nossas vidas, e

tenha certeza de que tudo o que aprendemos vamos levar por toda a nossa vida (ALUNO D).

Quero te desejar toda felicidade do mundo e te dizer que foi graças a professores do seu jeito de ser que me despertaram o fascínio pela disciplina de Geografia. Sou muito grato a Deus por ter colocado profissionais como você em minha vida. A cada encontro, a cada disciplina que você ministrou, pudemos sentir o prazer que têm pela profissão e isso fez com que, a cada dia, eu pudesse ter a confirmação do que eu pretendo ser em um futuro bem próximo. Você consegue mostrar a verdadeira essência de ser um professor. Muitos falam que é uma profissão desgastante, estressante e tal, mas você consegue dar sentido para superar tudo isso. Espero que possamos nos encontrar em outras disciplinas, antes da conclusão do curso, e, até mesmo, na colação de grau. Será muito gratificante para mim e acredito que para os demais que tiveram o prazer em cursar com você! Tudo de bom, professora! (ALUNO E).

Por acreditar no potencial do Ateliê de Ensino para a formação e atuação dos alunos, quase sempre alunos-professores, tenho me dedicado com afinco ao planejamento e às vivências dessas experiências. Inegavelmente, quando nos colocamos à disposição para esse tipo de prática, não estamos apenas ensinando, mas também aprendendo e nos desafiando em termos de ação docente.

Avalio que as vivências docentes na Licenciatura em Geografia a Distância por meio do Ateliê de Ensino têm se configurado um espaço-momento de experimentação que se faz na trama entre o vivido e o dever, com direito ao exercício da (re)invenção, que comporta repetição e inovação. São experiências plurais, instigantes e encantadores.

O percurso de atuação na Educação a Distância na UFRN, ao longo de 12 anos, se tornou uma experiência marcante não somente para o desempenho funcional, mas também para a minha condição humana. A inserção nesse processo formativo redimensionou minha práxis e a forma de perceber o mundo, colocando em xeque a concepção de distância que, até por formação, estava muito presa a uma dimensão próxima do absoluto.

O que significa ensinar e aprender a distância tornou-se um questionamento que acompanha meu dia a dia como a professora que me propus ser-aprender-fazer, em um processo de (des)construção-(re)construção de mim mesma.

Em tempos de ensino-aprendizagem mediado pelas tecnologias da informação e comunicação, considero ainda mais relevante pensar no e sobre o aluno; no planejamento e sua exequibilidade; no conteúdo, na metodologia e na avaliação em processos semipresenciais; na *presença* na sala de aula virtual; na linguagem como instrumento de comunicação e interação; e nas relações com os sujeitos envolvidos (aluno; tutor a distância e presencial; coordenador de curso, de tutoria, de polo; equipe da Sedis e colegas de ofício).

Metaforicamente, diria que a experiência com a Educação a Distância produziu em minha atuação docente um “desencaixe”, ao promover o “deslocamento das relações sociais de contextos locais”, leia-se aulas presenciais, “e sua reestruturação através de extensões indefinidas de espaço-tempo” (GIDDENS, 1991, p. 21), que acontecem por meio do AVA. Esse desencaixe, longe de me pôr fora do lugar, produz um movimento de (re)encaixe que me insere em outras possibilidades de tecer o ensino e a aprendizagem, ao ressignificar o meu saber-fazer e os lugares onde estes assumem sentido. Conexões, nós e redes conformam a trama do ambiente de aprendizagem, que se constitui espaço de minha ação docente, a sala de aula virtual.

Nesse momento em que a narrativa precisa seguir, vislumbro uma encruzilhada que me faz parar e pensar acerca do lugar do ensino em minha trajetória docente. Simplesmente é a viga mestre, que me faz Mestre, cuja atuação em diferentes situações e ambientes tem na sala de aula o seu lugar. Por mais que me prepare para a aula nossa de cada dia há 40 anos, ao ensinar sempre encontro algo que me acrescenta e desafia. Perceber e decifrar as potencialidades e avanços dos alunos, bem como as fragilidades e limites, têm se constituído vetores de motivação para que eu continue a atuar como professora e mantenha o perfil de inquietude e busca por trilhas que contribuam com seus percursos formativos.

O que dizer desse lugar meu? A sala de aula me encanta, entre outros motivos, por jamais se repetir; por se apresentar aos meus olhos como um espaço enigmático, místico. É o espaço por excelência para o métier da docência, na medida em que meu ser e agir professoral encontram a razão do seu existir, o aluno.

Gosto de dizer aos meus alunos e demais pessoas do meu convívio que, independentemente da modalidade de ensino, a sala de aula é para mim um lugar, no sentido geográfico do termo, que se traduz em identidade. Nela eu me encontro no encontro com os alunos. Eu me realizo na realização de minha práxis. Eu me desafio desafiando meus potenciais, limites e incompletudes. Eu me ultrapasso ultrapassando meus horizontes. Eu me faço e me sinto pertencer, e assim sou, sendo no habitat do meu atuar professoral (Figura 39).

Figura 39 - Atuação no ensino virtual e presencial



Fonte: Acervo da autora, 2018 e 2019.

3.2.2 ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Na contemporaneidade, a trajetória de um professor do Magistério Superior conduz ao envolvimento com a pós-graduação, o que se afigura fundamental, tendo em vista o papel que a universidade assume no processo de produção e difusão do conhecimento. Em minha atuação profissional, o ensino na pós-graduação teve início a partir de experiências vividas no Ceres, em um contexto de efervescência acadêmica, motivado pelo retorno de professores que haviam se afastado para cursar mestrado ou doutorado, inclusive eu, e a chegada de docentes com titulação.

Nessa tessitura, em 1999, surgiu a Especialização em Desenvolvimento Regional no Espaço do Semiárido, primeira pós-graduação do Ceres, proposta e coordenada pela professora Maria das Graças do Lago Borges⁸⁶; nela atuei apenas como orientadora de um TCC, no formato de monografia. Nas duas primeiras décadas do século XXI, foram ofertados outros cursos de pós-graduação no Ceres, em nível de especialização, nos quais ministrei disciplinas e orientei monografias. Esses cursos eram vinculados ao DHG e ao DCEA⁸⁷.

Nesses cursos de especialização, ministrei disciplinas nas áreas de Geografia Humana, sobretudo aquelas cujos conteúdos se articulavam a temas como espaço, economia e desenvolvimento, e de Ensino e Metodologia do Trabalho Científico. Nessa fase, a pesquisa científica avultou o meu interesse tanto na perspectiva da prática, enquanto professora e pesquisadora, quanto na de ensinar sobre esse tema; o que motivou o meu envolvimento com a área de Metodologia do Trabalho Científico.

86 Primeira professora do Ceres a obter o título de doutora.

87 Ensino de pós-graduação na UFRN, Ceres, por departamento, curso/disciplina e semestre. No DHG - Identidade Regional: A Questão Nordeste/A Ocupação do Espaço Nordeste (2002.2); História do Nordeste/A Ocupação do Espaço Nordeste (2000.2 e 2001.2); Desenvolvimento Sustentável no Semiárido Nordeste/Economia e Perspectiva de Desenvolvimento no Semiárido (2002.1); Patrimônio Histórico-Cultural e Turismo/ Desenvolvimento Sustentável, Meio Ambiente e Turismo Ecológico no RN (2002.2). No DCEA - Contabilidade e Controladoria/Didática do Ensino Superior (2003.1) e Auditoria e Perícia/Metodologia da Pesquisa (2007.1). Fonte: UFRN. Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas (Sigaa), 2019.

A atuação no Ensino de pós-graduação foi ampliada e fortalecida nas áreas de Geografia Humana e Ensino, a partir de 2011, quando ingressei no DGE, CCHLA. O credenciamento em programas de mestrado e doutorado tornou-se um divisor de águas em minha trajetória, por qualificar a ação docente em vários segmentos, entre eles o de Ensino.

No período de 2012.1 a 2020.1, atuei em cinco programas de pós-graduação⁸⁸, em nível de mestrado e/ou doutorado, assumindo disciplinas e orientações, e, em um deles, também a coordenação.

Em 2012.1, iniciei minha atuação como professora de pós-graduação em nível de mestrado, ao compartilhar a disciplina Turismo e Desenvolvimento, do curso de Turismo, com o professor Francisco Fransualdo de Azevêdo.

No Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema), vinculado ao Centro de Biociências da UFRN, onde obtive meu primeiro credenciamento (2012), ministrei a disciplina Desenvolvimento e Sustentabilidade no Brasil. A experiência possibilitou aprofundar leituras e fomentar discussões com os alunos acerca de temáticas associadas à minha formação na Pós-Graduação em Ciências Sociais, na linha de pesquisa de Desenvolvimento Regional. Em 2016, solicitei descredenciamento desse programa, devido ao meu envolvimento com os Programas de Pós-Graduação em Geografia, acadêmico e profissional, vinculados ao CCHLA.

88 Ensino de Pós-graduação na UFRN por centro, programa/nível, disciplina e semestre: Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA - Campus de Natal) - Pós-Graduação em Turismo/Mestrado - Turismo e Desenvolvimento (2012.1); Centro de Biociências (CB - Campus Central) - Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente/Mestrado e Doutorado - Desenvolvimento e Sustentabilidade no Brasil (2012.2, 2013.2, 2014.2 e 2015.2); CCHLA (Campus Central) - Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia/Mestrado e Doutorado - Dinâmica e Produção do Espaço Urbano e Regional (2013.1 e 2019.1), Dinâmicas Territoriais do Rio Grande do Norte (2014.2 e 2015.2) e Dinâmica Socioespacial do Nordeste Brasileiro (2017.1); Ceres (Campus de Caicó)/CCHLA - Pós-Graduação em Geografia /Mestrado Profissional - Colóquios Temáticos (2015.2, 2016.2, 2017.2, 2018.2 e 2019.2), Geografia, Ambiente e Sociedade (2016.1), A Geografia no Espaço Escolar (2016.2, 2018.2 e 2019.2) e Cartografia Escolar (Cartografia Escolar (2017.1 e 2018.1); Ceres (Campus de Caicó) - Pós-Graduação em Geografia/Mestrado - Dinâmica Socioespacial no Semiárido Nordestino (2020.1). Fonte: UFRN. Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas (Sigaa), 2020.

Desde 2013, quando fui credenciada no PPGe, passei a atuar no ensino, já tendo ministrado disciplinas que discutiam temáticas como produção do espaço, na perspectiva urbano-regional, e dinâmicas territoriais e socioespaciais, na escala regional (Nordeste) e estadual (Rio Grande do Norte).

Nesse programa, uma experiência interessante ocorreu na disciplina Dinâmica e Produção do Espaço Urbano e Regional (2019.1), obrigatória para os alunos cujas pesquisas estão vinculadas à linha Dinâmica Urbana e Regional. Com o propósito de favorecer a articulação entre a disciplina e os interesses de pesquisa dos alunos, previamente procedi à leitura de seus respectivos projetos. A partir desse reconhecimento, elaborei um plano de ensino, articulando os elementos da ementa e as temáticas de pesquisa dos alunos. Metodologicamente, a terceira unidade da disciplina foi reservada para a apresentação de um texto, cuja sistematização revelou o esforço de diálogo entre as referências que fundamentaram a disciplina e os objetos de estudo. Após a apresentação, discussão e avaliação coletiva (professor e alunos), o trabalho assumiu a forma de artigo. A oferta dessa disciplina foi compartilhada com a professora Beatriz Ribeiro Soares, da UFU.

No Geoprof, atuo no ensino desde sua implantação em 2015.2. Em decorrência do perfil do curso, voltado para a formação de professores, e em consonância com sua área de concentração, Ensino de Geografia, minhas atividades docentes têm se pautado em estratégias metodológicas aplicadas, sendo a sala de aula onde os alunos-professores atuam o laboratório de experiências. As disciplinas versam sobre sociedade e ambiente, cartografia escolar e pesquisa na Geografia Escolar.

Nesse curso, tenho buscado aprimorar e criar estratégias de ensino-aprendizagem, especialmente na disciplina A Geografia no Espaço Escolar, que compartilho com a professora Tânia Cristina Meira Garcia, lotada no Dese; a partir de um trabalho colaborativo envolvendo os alunos do Ceres e do CCHLA. Nessa disciplina, ministro o eixo temático Ensino e Pesquisa na Geografia Escolar, a partir de

uma análise da trajetória dessa ciência, das perspectivas de ensino no século XXI e da relação entre ensino e pesquisa na Educação Básica.

Metodologicamente, o encontro dos alunos, em sua maioria professores de Educação Básica, com a abordagem sobre pesquisa na Geografia Escolar, ocorre a partir do que chamei de itinerários percorridos, ou seja, do relato de suas experiências docentes. No segundo momento, os alunos são conduzidos a leituras e discussões teóricas sobre essa abordagem. No terceiro momento, em suas próprias salas de aula, ocorre o vivenciar da sequência didática que norteia a práxis da pesquisa na Educação Básica.

Essa práxis se efetiva por meio do projeto de ensino “A Pesquisa no âmbito da Geografia Escolar”, cujo tema é “Geografia e Cidadania”. A definição prévia do título e do tema, para além da observância aos elementos da ementa da disciplina, constitui uma estratégia para promover a educação geográfica. A ideia é conferir sentido ao conteúdo a partir de situações que se vinculam ao cotidiano e ao espaço vivido do aluno. Do ponto de vista teórico-metodológico, o projeto fundamenta-se nas proposições do educar pela pesquisa, enquanto princípio educativo, sistematizadas por Demo (2015). A sequência didática, por mim elaborada, abrange: a) elaboração de um projeto de ensino norteado pela pesquisa como princípio educativo, enquanto estratégia metodológica no ensino de Geografia; b) elaboração de planos de aula associados ao referido projeto; c) execução do projeto (vivência), conforme delineado nos planos de aula; d) mostra, que consiste em uma exposição de materiais resultantes do trabalho desenvolvido, acompanhada do relato de experiência dos alunos, de uma autoavaliação e avaliação da metodologia norteadora do projeto; e) sistematização do relatório de atividades.

Os resultados dessa experiência são sistematizados para a apresentação na Mostra intitulada “A pesquisa no âmbito da geografia escolar: itinerários reconstruídos”, que consiste em um relato da prá-

tica docente vivenciada, acompanhado de documentos audiovisuais (vídeos, fotos, entre outros), cuja culminância ocorre com a avaliação e autoavaliação pelo aluno-professor. Nesse momento, os alunos avaliam a experiência e tecem análises comparativas acerca dos itinerários percorridos e reconstruídos. Enquanto docente responsável pela unidade na disciplina, faço a avaliação.

A docência nesse nível de ensino foi ampliada em 2018, mediante a criação do Programa de Pós-Graduação em Geografia (Geoceres), segundo mestrado dessa área do Campus de Caicó. Na condição de membro permanente do programa, em 2020.1, assumi a disciplina Dinâmica Socioespacial no Semiárido Nordeste, junto com os professores Iapony Rodrigues Galvão e Rita de Cássia da Conceição Gomes. Todavia, em razão da pandemia, as atividades acadêmicas na UFRN foram suspensas, de modo que ainda não ministrei as aulas sob minha responsabilidade.

O itinerário percorrido na pós-graduação, devidamente associado à pesquisa, vem ampliando meu acervo de conhecimentos e minhas possibilidades de atuação docente. Ensinar nesse nível de formação tem exigido, constantemente, a aquisição ou aprofundamento de abordagens teóricas e metodológicas, bem como a criação ou recriação de situações de ensino e aprendizagem que contribuam para a formação intelectual dos alunos e repercutam sobre suas pesquisas. Outrossim, as experiências com o ensino na pós-graduação têm contribuído para o exercício de outras atividades acadêmicas, notadamente a pesquisa, a orientação científica, a produção intelectual e a participação em eventos.

3.3 À PESQUISA E O FASCÍNIO DA DESCOBERTA

Na minha trajetória docente, a Pesquisa é um dos pilares de seu desenvolvimento, sendo articulada ao Ensino e à Extensão. Sua prática se efetiva por meio de projetos e orientações de trabalhos acadê-

micos que geram resultados e repercutem sobre outras atividades da vida docente, entre as quais destaco a produção científica.

Os projetos de pesquisa, nos quais atuo como coordenadora ou colaboradora, contemplam basicamente duas áreas: Geografia Humana, principalmente a Geografia Urbana e Regional, e Ensino, no que concerne à formação de professor, metodologias de ensino e tecnologias educacionais. Tais projetos estão vinculados aos seguintes grupos de pesquisa: Território e Desenvolvimento; Dinâmica Socioespacial no Semiárido do Nordeste Brasileiro; Pesquisa e Ensino em Geografia; e Inovação Tecnológica em Saúde.

As orientações de trabalhos acadêmicos ocorrem em nível de graduação, através de monografias, e de pós-graduação, por meio de monografias, dissertações e teses, cujas temáticas estão vinculadas às linhas de pesquisa e aos respectivos programas a seguir elencados: Desenvolvimento Regional, no Prodema⁸⁹; Dinâmica Urbana e Regional, no PPGe; Metodologia do Ensino, no Geoprof, e Dinâmica Socioespacial no Semiárido Nordestino, no Geoceres.

A produção científica corresponde a publicação de livros, capítulos de livros, artigos em periódicos e anais de eventos, entre outros. Em geral, as publicações resultam de atividades de pesquisa realizadas individualmente ou com colegas e alunos; neste último caso, em decorrência da orientação de trabalhos acadêmicos. No âmbito da Pesquisa, em setembro de 2019, realizei uma Missão Técnica à UFU, que contou com a participação das orientandas Soneide Moura e Laís Correia, com o objetivo de promover um intercâmbio de conhecimentos com professores e alunos vinculados ao grupo de pesquisa coordenado pela professora Beatriz Soares. Nessa oportunidade, foram apresentados projetos e resultados de pesquisa desenvolvidos nas duas instituições de ensino pelos participantes das atividades realizadas no decurso da Missão Técnica.

89 Solicitei descredenciamento desse programa em 2016.

3.3.1 PROJETOS DE PESQUISA

Meu envolvimento com a Pesquisa ocorreu logo no início das atividades funcionais, quando contava apenas dois meses de ingresso na UFRN. A primeira experiência nesse segmento ocorreu em janeiro de 1992, no Ceres, como colaboradora do projeto de pesquisa “O texto didático: uma sistematização das experiências com o meio”, coordenado pela professora Gilvanete Correia Bezerra, que culminou com a elaboração de uma “Proposta Curricular para o Ensino em Escolas da Zona Rural”.

Após essa experiência, a atuação nas áreas de Ensino, Gestão e Extensão, bem como a qualificação em nível de especialização retardaram meu envolvimento com a Pesquisa, o que somente ocorreu em 1997, quando já estava realizando o mestrado. Nesse ano, o primeiro projeto que coordenei, “Dinâmica da organização espacial urbana: a cidade de Caicó”, e seu respectivo plano de trabalho foram aprovados pela Pró-Reitoria de Pesquisa (Propesq). Otoniel Fernandes da Silva Júnior⁹⁰, bolsista vinculado a esse projeto, se tornou o meu primeiro orientando de iniciação científica. Desde então, venho desenvolvendo atividades de pesquisa, seja como coordenadora ou colaboradora de projetos.

No Ceres, entre 1997 e 2011, coordenei 20 projetos de pesquisa e atuei em quatro como colaboradora; sendo estes cadastrados na Propesq. Os projetos que coordenei se inseriam na área de Geografia Humana, com enfoque em estudos urbanos, regionais e populacionais, cuja empiria circunscrevia predominantemente o Seridó potiguar⁹¹. Nos projetos em que minha atuação ocorreu na condição

90 Atualmente professor da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Mossoró.

91 Projetos de pesquisa na área de Geografia, por período (2000 – 2013): Cidades do Seridó Potiguar: história e geografia do lugar (2000 – 2002); Síndrome de Berardinelli no Estado do RN: distribuição geográfica e genealógica (2000); Seridó Potiguar: dinâmica da população regional (2001 – 2002); Sistematizando o conhecimento sobre o Município de Caicó (2005 – 2006); Estudos regionais do Rio Grande do Norte (2005 – 2007); Perfil socioespacial das pequenas cidades do Rio Grande do Norte (2007 – 2009); Sociedade e meio ambiente: análise da desertificação no Seridó Potiguar (2008 – 2010); Diagnóstico da situação dos resíduos sólidos dos municípios do Seridó Potiguar (2008 – 2009); Dinâmica socioespacial das cidades médias do Rio Grande do Norte (2009 – 2011); A cidade em sua construção histórico-geográfica (2010)

de colaboradora, o Ensino foi a área de investigação predominante. Nesse contexto, a atuação na pesquisa revelava traços de continuidade do percurso iniciado durante meu processo formativo, conferindo destaque à Geografia Urbana a partir de abordagens sobre organização espacial cidadina, história e a geografia do lugar, pequenas e médias cidades. Nos estudos regionais, o enfoque eram os aspectos ambientais, econômicos e populacionais.

O desenvolvimento desses projetos de pesquisa contou com a participação de alunos de iniciação científica, tanto na condição de bolsistas como de voluntários. Era comum que, ao longo do tempo, o voluntário se tornasse bolsista. O voluntariado na pesquisa era decorrente da dinâmica de funcionamento do Laboratório de Estudos Geográficos (Laborgeo), cuja idealização e coordenação compartilhei com a professora Eugênia Dantas. Nesse laboratório, envolvemos alunos que partilhavam a convicção de que, embora a bolsa fosse um estímulo, mais valioso era o conhecimento e a experiência adquiridos. Inclusive, na perspectiva de valorizar a participação dos alunos nas atividades de pesquisa, em alguns casos elaborei e cadastrei projetos que surgiram a partir de demandas por eles apresentadas.

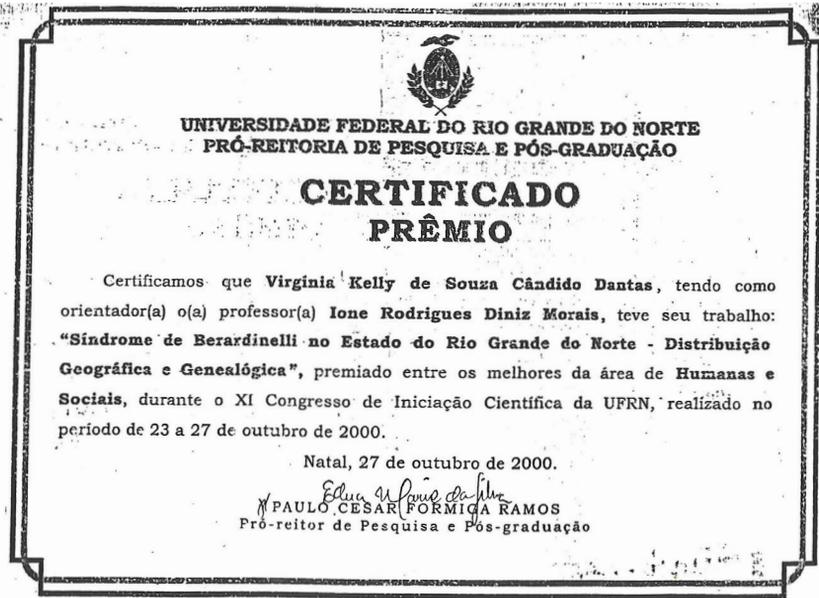
Entre os projetos de pesquisa que coordenei, alguns se destacaram pela contribuição aos bolsistas, em termos de percurso formativo, e à sociedade. Assume esse perfil o projeto “Síndrome de Berardinelli no Estado do RN: distribuição geográfica e genealógica” (2000), idealizado pela aluna da Licenciatura em Geografia, Virgínia Kelly de Sousa Cândido, que atuou como pesquisadora voluntária.

A importância acadêmica desse trabalho foi reconhecida no XI Congresso de Iniciação Científica (CIC) da UFRN, realizado em 2000, no qual a aluna apresentou os resultados. Nesse congresso, o trabalho foi considerado um dos melhores da área de Humanas e

- 2011); Exploração do minério de ferro na Serra do Bonito: impactos ambientais e sociais no Município de Jucurutu-RN (2010 – 2011); Crescimento urbano, economia e meio ambiente: uma leitura da dinâmica urbano-regional no Rio Grande do Norte (2011 – 2012); Dinâmica socioespacial do Rio Grande do Norte: uma abordagem regional (2011 – 2013).

Sociais, fazendo jus a uma premiação (Figura 40). A experiência foi fundamental para que a aluna desse prosseguimento à formação acadêmica. Nesse sentido, redimensionou a problematização e elaborou um projeto de pesquisa com o qual ingressou no PPGe da UFRN.

Figura 40 - Certificado de premiação do trabalho no XI CIC/UFRN (2000)



Fonte: Acervo da autora, 2000.

Em termos de contribuição social, embora Virgínia Kelly já integrasse a Associação dos Pais e Pessoas com a Síndrome de Berardinelli do Estado do Rio Grande do Norte (Aspobern), sediada em Currais Novos, o envolvimento com esse projeto de pesquisa ampliou seu conhecimento e sua atuação. A partir dos resultados do projeto, a aluna esteve à frente de ações extensionistas, como palestras em diversas instituições que contribuíram para a descoberta de outras pessoas com a síndrome e para a realização de eventos. Dentre esses eventos, destaca-se o “Encontro de Pessoas com a Síndrome de Berardinelli”, em nível estadual, realizado em 8 de julho de 2000, no Colégio Comercial de Currais Novos. Esse encontro contou com a participação de profissionais do Instituto Hermes Pardini, de Belo Horizonte (MG), inte-

ressados no estudo genético do diabetes lipoatrófico, que realizaram palestras, conversações investigativas com os participantes e coleta de sangue das pessoas com a síndrome. Os resultados foram relevantes para as pesquisas sobre essa doença, realizadas pelo referido instituto e para a Aspobern, que potencializou suas ações em prol da melhoria da qualidade de vida dos portadores da síndrome.

Outro projeto de pesquisa que repercutiu na formação acadêmica da bolsista foi “Cidades do Seridó Potiguar: história e geografia do lugar”, desenvolvido nos anos de 2001 e 2002. Em sua segunda versão, esse projeto teve a aluna Andressa Carla Nóbrega de Azevedo como bolsista de iniciação científica. Na condição de professora de Geografia da Educação Básica na Rede Municipal de Ensino de Timbaúba dos Batistas, Andressa vivencia em seu cotidiano a escassez de materiais para abordar conteúdos que remetam ao espaço, em sua dimensão local. Essa realidade e sua experiência no projeto mencionado, serviram de base à investigação norteada pela temática “A geografia do lugar”, articulando Geografia Urbana e Ensino, desenvolvida no Geoprof, sob minha orientação. O TCC⁹² correspondeu a um produto no formato de livro paradidático, “Pelas trilhas da cidade: a geografia urbana de Timbaúba dos Batistas”, que foi acompanhado do Relatório Técnico-Científico, designado “A elaboração de um livro paradidático como proposta metodológica para o ensino de Geografia Urbana”.

Entre 2012 e 2020, fase que compreende minha lotação no DGE, CCHLA, coordenei 11 projetos de pesquisa e atuei em 16 como colaboradora, todos cadastrados na Propesq. Os projetos de pesquisa sob minha coordenação⁹³, são predominantemente na área da Geografia

92 No Geoprof, por ser um mestrado profissional, o trabalho de conclusão do curso compreende um Produto acompanhado de um Relatório Técnico-Científico. No caso em pauta, o produto foi o livro paradidático.

93 Projetos de Pesquisa na área de Geografia, por período (2011-2020): Crescimento urbano, economia e meio ambiente: uma leitura da dinâmica urbano-regional no Rio Grande do Norte (2011 – 2012); Dinâmica socioespacial do Rio Grande do Norte: uma abordagem regional (2011 – 2013); Espaço urbano, economia e meio ambiente (2012 – 2014); Dinâmica urbana e regional: interfaces entre sociedade, economia e meio ambiente (2014 – 2016); O fenômeno urbano em sua diversidade: processos, formas, relações e escalas (2016 – 2017); Expansão

Humana, leia-se Geografia Urbana e Regional (07), e, em menor escala, na área de Ensino de Geografia (02). Esse perfil se repete em relação aos projetos de que participei ou participo como colaboradora.

Não obstante o reconhecimento de que minha linha de investigação predominante remete à Geografia Urbana e Regional, o universo temático e a escala geográfica de análise foram ampliados em decorrência da experiência acumulada e da vinculação a programas de pós-graduação. O desenvolvimento de pesquisas na área do Ensino de Geografia está diretamente articulado a minha inserção no Geoprof. Essa bifurcação de interesses justifica o meu empenho, desde 2016, em desenvolver dois projetos de pesquisa, anualmente, sendo um com enfoque na Geografia Urbana e Regional e outro, no Ensino de Geografia, inclusive com bolsas de iniciação científica. Conforme os dados demonstram, em 2020.1, estão em andamento os projetos “Dinâmica urbano regional do Nordeste” e “Ensino de Geografia: o desafio de repensar abordagens teóricas e práticas docente.”

Como colaboradora, atuei em projetos que também tiveram repercussão importante, dentre os quais destaco: “Vulnerabilidade socioambiental em áreas urbanas: estudos longitudinais em regiões metropolitanas do Nordeste brasileiro”⁹⁴ e “Pesquisa aplicada ao estudo e ao desenvolvimento de recursos e tecnologias educacionais para formação humana em saúde”. O projeto “Vulnerabilidade socioambiental em áreas urbanas: estudos longitudinais em regiões metropolitanas do Nordeste brasileiro” (2013 a 2019) objetivou analisar a relação entre o processo de transbordamento urbano, no período de 1970 a 2010, e o aumento da vulnerabilidade socioambiental da população nos municípios de Natal, no Rio Grande do Norte, e João

urbana e vulnerabilidade socioeconômica: reflexões acerca dos centros sub-regionais do Rio Grande do Norte (2017 – 2018); Dinâmica urbano-regional do Nordeste (2018 – 2020); Metodologias de ensino de geografia: linguagens e tecnologias educacionais (2016 – 2018) e Ensino de geografia: o desafio de repensar abordagens teóricas e práticas docentes (2018 – 2020). Fonte: UFRN. Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas (Sigaa), 2020.

94 O projeto foi aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e desenvolvido em parceria com a UFCG, durante cinco anos, sob a coordenação do professor Gesinaldo Ataíde Candido.

Pessoa e Campina Grande, na Paraíba. Nesse projeto, meu envolvimento deu-se em face da vinculação ao Prodemá. No âmbito desse programa, orientei a aluna Laís Ariane Martins Barbosa Correia, que produziu a dissertação intitulada “Vulnerabilidade socioambiental: análise da cidade do Natal/RN a partir do Índice Geral de Vulnerabilidade Socioambiental por bairro”.

O projeto “Pesquisa aplicada ao estudo e ao desenvolvimento de recursos e tecnologias educacionais para formação humana em saúde”⁹⁵ (2019) objetivou desenvolver metodologias, processos e protocolos educacionais voltados para a formação em saúde. O envolvimento com este projeto deu suporte à realização da pesquisa sobre o tema “Formação em saúde mediada por tecnologias, no período do meio técnico-científico-informacional”, que vem sendo desenvolvida, sob minha orientação, pela doutoranda Soneide Moura da Costa⁹⁶, vinculada ao PPGGe. A pesquisa já resultou na publicação de alguns resultados, inclusive no formato de livro.

Na trajetória percorrida na Pesquisa, ao me arvorar na leitura do mundo, fui me apropriando dos conceitos, métodos e técnicas que me ajudaram na elaboração dos projetos, cujo desenvolvimento tem contribuído não somente para aprimorar a atuação nesse segmento, mas também para a formação discente; na medida em que estes possibilitam a orientação de iniciação científica. Além desses aspectos, como pesquisadora, tenho buscado acrescentar ao conhecimento produzido ou evidenciar novas trilhas de compreensão de temas, fenômenos e espaços investigados. Esse tem sido o meu esforço para contribuir, especialmente, com o conhecimento geográfico e a formação de professores em Geografia.

95 Esse projeto foi desenvolvido com o apoio do Ministério da Saúde e coordenado pelo professor Ricardo Alexandro de Medeiros Valentim.

96 Soneide Costa foi minha aluna de graduação e integrante do Laborgeo, no Ceres, entre 2008 e 2011.

Ao refletir sobre esse percurso, reconheço a complexidade que envolve a atividade, ao mesmo tempo em que me sinto seduzida pelo seu *modus operandi*. A busca pelo desconhecido me instiga, assim como a práxis do ensinar a perguntar, problematizar, objetivar e operacionalizar estratégias e ferramentas de Pesquisa. Nas duas faces dessa experiência, que me definem como pesquisadora e professora, encontro prazer em fazer pesquisa trilhando os caminhos da Metodologia do Trabalho Científico, os quais enxergo como balizas norteadoras deste enigmático itinerário que me conduz ao fascínio da descoberta.

3.3.2 ORIENTAÇÕES DE PESQUISA

A atuação no ensino de graduação e pós-graduação, diretamente articulada à Pesquisa, conduz ao exercício da orientação de trabalhos acadêmicos. A condição de ensinar e aprender por meio da orientação me fascina e me coloca em constante busca e descoberta, o que projeta novos questionamentos e suscita novas procuras.

As atividades como orientadora de trabalhos acadêmicos começaram em 1997, por meio da iniciação científica e, gradativamente, foram ampliadas a partir da orientação de monografias, dissertações e, mais recentemente, teses.

Entre novembro de 1991 e julho de 2011, período que demarca a fase de minha lotação no Ceres, realizei atividades de orientação de iniciação científica e de TCC, em nível de graduação e especialização.

As orientações de iniciação científica envolveram 24 alunos dos cursos de Geografia, sendo 23 da licenciatura e 01 do bacharelado. Essas orientações corresponderam a 28 planos de trabalho vinculados a projetos de pesquisa, visto que, em alguns casos, estes foram desenvolvidos em dois anos. Os planos de trabalho, em consonância com os projetos de pesquisa, inseriam-se na área de Geografia Humana, sendo recorrentes

temáticas como dinâmica urbana e regional, economia e meio ambiente, resíduos sólidos, população, práticas culturais e identidade.

Na graduação em História (licenciatura e bacharelado), orientei seis monografias de conclusão de curso, que tinham como objeto de estudo o espaço urbano, por vezes na interface com a economia, e contemplaram municípios do Seridó. Um trabalho que merece registro, pela beleza da escrita e pelo ineditismo, é “Fragmentos de memórias das apanhadoras de algodão: experiências cotidianas do trabalho e da família”⁹⁷, que problematizou a invisibilidade das mulheres naquele contexto de produção de riqueza; um dos textos mais lindos que já li.

Na Especialização em História do Nordeste foram orientadas três monografias que contemplaram abordagens sobre a cidade, na perspectiva da formação sociopolítica, e as políticas públicas. Neste caso, o objeto de estudo foi a política das adutoras no Rio Grande do Norte e o papel da Igreja Católica nesse contexto⁹⁸.

Na Especialização em Desenvolvimento Sustentável no Semiárido Nordestino, em sua primeira edição (1999), orientei a monografia “Dinâmica da cidade de Caicó - João XXIII: uma proposta de delimitação do bairro”⁹⁹, cuja importância reside na inexistência desse tipo de delimitação na cidade. Na segunda edição, em 2003, foram cinco orientações de monografias acerca da agricultura familiar no Seridó, considerando as dimensões político-institucional, social e econômica.

A partir de 2012, já atuando no DGE, CCHLA, mantive as atividades de orientação de iniciação científica de, pelo menos, dois alunos bolsistas por ano. Ampliei significativamente a atuação como orientadora de monografia, especialmente do Bacharelado em Geografia do referido centro, e iniciei atividades de orientação em nível de mestrado e doutorado; neste último caso, ainda em andamento.

97 Edna Maria de Melo (2009).

98 Hugo Tavares Dutra (2003).

99 Ana Maria de Assis (1999).

As orientações de iniciação científica envolveram 13 alunos da graduação em Geografia, sendo quatro da licenciatura e dois do bacharelado do Ceres e sete do bacharelado do CCHLA. Essas orientações envolveram 21 planos de trabalho vinculados a projetos de pesquisa sob minha coordenação. A discrepância entre os números se justifica pelo fato de que sete alunos atuaram como bolsistas de iniciação científica por até três anos.

Nesse período, os planos de trabalho que nortearam as orientações de iniciação científica versaram sobre temáticas da área de Geografia Urbana e Regional, como expansão urbana e vulnerabilidade socioeconômica; processos, formas, relações e escalas no/do urbano; dinâmica urbana e regional; economia, meio ambiente e desenvolvimento. Na área de Ensino de Geografia, os planos de trabalho problematizaram o ensino de Geografia no contexto da era digital, enfatizando os desafios e as possibilidades do uso das TICs na sala de aula; o saber-fazer docente no ensino de Geografia; as linguagens e tecnologias educacionais utilizados como metodologia na Geografia escolar; e as metodologias de ensino de Geografia.

Em 2020.1, as orientações de iniciação científica ocorrem a partir de planos de trabalho iniciados no ano anterior. “Urbanização no/do Nordeste e a geografia dos centros regionais” objetiva compreender a geografia dos centros regionais do Nordeste à luz das regionalizações propostas em dois documentos publicados pelo IBGE: Regiões de Influência das Cidades (Regic 2007) e Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias, de 2017. “O ensino de Geografia no contexto da era digital: desafios e possibilidades do uso das TIC na sala de aula” visa compreender os fatores que explicam a subutilização dessas tecnologias pelo professor da área, no seu cotidiano escolar.

As orientações de monografias de conclusão do curso de graduação envolveram 15 alunos do Bacharelado em Geografia, dos quais 12 eram vinculados ao CCHLA e três ao Ceres. Esses trabalhos versaram sobre temáticas da Geografia Humana, com abor-

dagens sobre produção do espaço urbano; centro e centralidade urbana; expansão urbana e impactos ambientais; gestão ambiental urbana; dinâmica populacional; cidade e economia, meio ambiente e economia; e práticas culturais e espaço.

Quanto às orientações em nível de mestrado, até o primeiro semestre de 2020, foram defendidas 16 dissertações, sendo seis vinculadas ao PPGe (CCHLA), cinco ao Prodema (CB) e cinco ao Geoprof (CCHLA/Ceres). Os primeiros trabalhos foram defendidos em 2014, sendo um do PPGe e quatro do Prodema. Em 2018, ocorreram as primeiras defesas de trabalhos sob minha orientação, no Geoprof, correspondentes a duas dissertações e um produto acompanhado de relatório técnico-científico. Os temas dos trabalhos por mim orientados estão vinculados às linhas de pesquisa e aos programas nos quais desenvolvo atividades como professora permanente.

No Prodema, minha vinculação a linha de pesquisa Cultura e Desenvolvimento possibilitou a orientação de dissertações sobre os temas Desenvolvimento sustentável e facções têxteis, Desenvolvimento sustentável em comunidade quilombola, Indicadores de sustentabilidade e mobilidade urbana, Vulnerabilidade socioambiental urbana e Gestão e gerenciamento de resíduos sólidos.

No PPGe, minha atuação está atrelada a linha de pesquisa Dinâmica Urbana e Regional a partir da qual orientei dissertações sobre Uso do território e construção de novas territorialidades, Comércio e cidade, Comércio de confecções e circuitos da economia urbana, Comércio de bairro e circuitos da economia urbana, Comércio tradicional e reestruturação produtiva e Dinâmica urbana e centralidade regional.

No Geoprof, as orientações de trabalho de final de curso vincularam-se a linha de pesquisa Metodologia do Ensino de Geografia e contemplaram temáticas como Formação de professores de geografia a distância, O ensino no cenário da pós-graduação em Geografia no Brasil, Produção videográfica sobre o lugar, Livro paradidático como proposta metodológica para o ensino de geografia urbana lo-

cal e Sequências didáticas propostas para o ensino médio sobre a temática indígena na geografia escolar.

Em 2020.1, encontram-se em andamento três orientações de mestrado, sendo uma no PPGe, sobre o tema cidades saudáveis, uma no Geoceres, acerca da organização do espaço urbano, e outra no Geoceres, sobre trilhas pedagógicas para o ensino na geografia escolar na perspectiva da educação geográfica. Em nível de doutorado, oriento quatro teses vinculadas ao PPGe, que versam sobre formação em saúde mediada por tecnologias e seus impactos no território; urbanização da região canavieira nordestina; cidades saudáveis e produção do espaço urbano.

A orientação de pesquisa, em seus diferentes níveis, tem se configurado gratificante em minha trajetória docente, com a qual me identifico e me realizo. A partir das experiências adquiridas ao longo do tempo e, especialmente após ministrar disciplinas na área de Metodologia do Trabalho Científico, em cursos de graduação e especialização, aprimorei o meu saber-fazer docente no tocante à orientação de pesquisa.

Procuro conduzir o aluno por um itinerário formativo no qual ele vai elaborando e/ou reelaborando o projeto de pesquisa, à luz da compreensão de cada um de seus elementos e intrínsecas relações. Na condição de mediadora desse processo, busco criar situações em que o orientando se reconheça protagonista nesse percurso. Tal postura visa contribuir para sua maturidade científica e compreensão do itinerário da pesquisa. De modo geral, minha expectativa é criar um clima favorável à desmitificação do medo e da insegurança do orientando nessa travessia e à percepção de que a experiência foi positiva, sendo os resultados obtidos um reflexo de seu esforço intelectual.

Nesse sentido, considero desafiante compartilhar com os orientandos os momentos nos quais constroem a trama desse processo. É emocionante acompanhar a evolução de cada um, reconhecendo os diferentes ritmos de apreensão do conhecimento, e fascinante aprender por meio desse ensinar diferenciado que se faz acontecer, solidariamente, no decurso de uma orientação de pesquisa.

3.3.3 PRODUÇÃO CIENTÍFICA

No percurso como professora-pesquisadora, que se fez gradativo e ascendente em termos acadêmico-profissionais, fui construindo minha produção científica, que resulta de atividades desenvolvidas, sobretudo, na seara da pesquisa. Essa produção encontra-se publicada em livros, capítulos de livros, artigos em periódicos, trabalhos em anais de eventos, além de produções como material didático e relatórios técnico-científicos.

De modo geral, a produção versa sobre Geografia Urbana e Regional a partir de abordagens conceituais e do enfoque sobre fenômenos espaciais em suas dimensões econômicas, políticas, culturais e ambientais, e Ensino, seja na perspectiva da própria Geografia ou da Educação mediada por tecnologia, recorrentemente identificada como educação a distância.

Minha primeira publicação foi um artigo elaborado na disciplina Ideologia, Cultura e Sociedade, ministrada pela professora Maria da Conceição de Almeida Moura, na Pós-Graduação em Ciências Sociais. Esse artigo foi publicado na Revista Ceres, em sua primeira edição (julho/dezembro de 1997), sob o título: “Vivendo o final do século XX: imaginário e informação na relação ideal/real”¹⁰⁰.

No conjunto da minha produção científica, atribuo maior relevância aos livros, especialmente àqueles que correspondem às publicações da dissertação e da tese, cujas abordagens teóricas e metodológicas foram apresentadas anteriormente. Meu primeiro livro foi publicado em 1999, sendo mantida a designação da dissertação: “Desvendando a cidade: Caicó em sua dinâmica espacial”. O segundo, “Seridó Norte-Rio-Grandense: uma geografia da resistência”, teve a primeira edição publicada em 2005 e a segunda, em 2016, pela UFRN/Sedis. Também são relevantes as publicações de livros orga-

100 Essa revista, que foi o primeiro periódico do Ceres, organizado na gestão das professoras Maria Lúcia da Costa Bezerra e Edneide Maria Pinheiro Galvão, diretora e vice-diretora, respectivamente, representou uma iniciativa resultante das sementeiras que vislumbravam a criação da pós-graduação.

nizados com colegas da UFRN, nas quais assumo a autoria ou coautoria de capítulos, produzidos em equipe (Figura 41).

Figura 41 - Livros Organizados





Fonte: Acervo da autora, 2020.

Na área de Geografia Humana, compartilhei a organização do livro “Geo-grafias: cidade e região em tempos diversos” (EDUFRN, 2014) com a professora Eugênia. Esse livro é uma coletânea de artigos de professores de Geografia e História da UFRN, do IFRN e da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), que contempla temáticas sobre cidade e urbano, na perspectiva de uma escrita histórica, do modernismo urbano, do sentimento de medo do crime, da territorialização dos espaços públicos, dos problemas ambientais e, ainda, sobre região, a partir de abordagens históricas (manuscritos e impressos), literatura de cordel, fotografia e reestruturação urbano-regional (capítulo de minha autoria junto com Eugênia Dantas).

Na área de Ensino, integrei a equipe de organização de quatro livros, sendo dois com abordagens acerca do ensino de Geografia e dois com enfoque em educação mediada por tecnologias, área também contemplada em outros dois livros, cuja produção se fez em equipe, conforme descrito a seguir:

- “Educação geográfica: ensino e práticas” (EDUFRN, 2014) é uma coletânea de artigos sobre a práxis e a identidade do professor (capítulo de minha autoria junto com a professora Tânia Garcia), a formação do professor, o estágio supervisionado, o ensino de cartografia e a relação entre espaço, memória e identidade;

- “Geografia e Ensino” (EDUFRN, 2017) reúne artigos de professores da UFRN, vinculados ao Geoprof, que têm desenvolvido reflexões sobre os seguintes temas: eixos estruturantes para o ensino das Ciências Humanas no Ensino Fundamental, história da Geografia Escolar no Brasil, cartografia na Educação Básica, livro didático, Programa Institucional de Bolsa de iniciação à Docência (Pibid) e formação docente e ensino de Geografia mediado por tecnologias informacionais (capítulo de minha autoria junto com Eugênia Dantas e Adriano Troleis).

- “Inovação tecnológica em educação a distância: uma abordagem convergente” (EDUFRN, 2013) reúne artigos sobre a produção e o uso da tecnologia na educação, considerando experiências e produtos desenvolvidos na Sedis e em outras instituições;

- “Formação mediada por tecnologia: impacto do Avasus nos serviços de saúde no Brasil” (Sedis/UFRN, 2019) contempla uma análise estatística do Ambiente Virtual de Aprendizagem do Sistema Único de Saúde (Avasus), acerca do perfil dos usuários, o delineamento do alcance espacial dessa plataforma a partir de integrantes no Programa Mais Médicos e os impactos da formação por meio do Avasus nos serviços de saúde no Brasil;

- “Ensino Remoto Emergencial: proposta de design para organização de aulas” (Sedis/UFRN, 2020), produção realizada por uma equipe de professores da UFRN, objetiva a sistematização de uma abordagem teórica e metodológica na perspectiva da construção do design para oferta de conteúdo educacional no ensino remoto. Apresenta-se como um material instrucional destinado a ação docente.

- “Ensino Remoto Emergencial: orientações básicas para elaboração do plano de aula” (Sedis/UFRN, 2020), produção também realizada em equipe, consiste no delineamento de uma proposta de orientações básicas para a elaboração do plano de aula em situação emergencial, no formato de ensino remoto.

Reflexões sobre Geografia Urbana e Regional, do Ensino de Geografia e da Educação Mediada pela Tecnologia também foram publicadas

sob a forma de capítulos em livros, dos quais participei da organização e daqueles organizados por outrem (Apêndice 14).

No elenco da produção científica, também consta a elaboração de material didático. Na Licenciatura em Geografia a Distância, essa atividade ocorreu na condição de professora conteudista e integrante da equipe de elaboração de material didático, sob o formato de livro, utilizado como referência básica nas disciplinas Organização do Espaço¹⁰¹ (edições 2008 e 2012), Geografia da População¹⁰² (edições 2009 e 2011) e Geografia do Nordeste¹⁰³ (edições 2010 e 2012).

Os artigos científicos publicados em periódicos, de autoria própria ou produzidos em coautoria, seguem a mesma trilha de abordagem temática, inscrevendo-se nas áreas de Geografia Urbana e Regional; Ensino de Geografia e Educação Mediada por Tecnologia (Apêndice 15).

Minha produção científica também compreende artigos apresentados em eventos locais, regionais, estaduais, nacionais e internacionais publicados em seus respectivos anais, que têm como foco discussões de natureza geográfica ou relativas ao ensino e à educação, assumindo o perfil das produções anteriores, no que se refere à autoria e coautoria.

Os artigos publicados em anais de eventos locais, regionais e estaduais, ou seja, que se realizaram nas circunscrições territoriais do Rio Grande do Norte, da Paraíba ou de Pernambuco, foram produzidos em coautoria (Apêndice 16).

Em eventos que assumem a escala macrorregional, relativa ao Nordeste brasileiro, os artigos publicados em anais também foram produzidos em coautoria e contemplaram a área de Ensino de Geografia, conforme identificado a seguir: “Tutor de apoio presencial em Geografia: relatos de

101 Produção em parceria com a professora Eugênia.

102 Produção em parceria com as professoras Eugênia e Maria José da Costa Fernandes, da UERN.

103 Produção em parceria com as professoras Eugênia e Aristotelina Pereira Barreto Rocha, da Escola Agrícola de Jundá (UFRN).

uma experiência na UFRN³; no III Encontro Regional de Práticas de Ensino em Geografia, Campina Grande-PB (2016) e “A pesquisa no âmbito da Geografia Escolar: refletindo sobre a prática docente”, no IV Encontro Regional de Práticas de Ensino em Geografia, Crato-CE (2018).

A produção científica decorrente da publicação de artigos em anais de eventos nacionais (Apêndice 17 -) tem se revelado uma estratégia importante de divulgação dos resultados de pesquisas nas quais estou envolvida. Ressalta-se que há outros trabalhos apresentados em eventos nessa escala geográfica, principalmente na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC, 2005, 2008, 2010, 2011 e 2012), todos na área de Geografia Urbana.

A produção científica publicada em anais de eventos internacionais revelou-se bem expressiva e relevante. Os artigos de autoria própria contemplam, preponderantemente, temáticas vinculadas à Geografia Urbana e Regional; apenas dois fugiram a esse escopo ao abordar a Educação a Distância e o Ensino de Geografia (Apêndice 18).

Os artigos publicados em anais de eventos internacionais, em que assumo a coautoria, também enveredaram, principalmente, pelas trilhas da Geografia Urbana e Regional, e em menor escala, por temáticas afeitas ao ensino de Geografia, formação de professor e educação a distância (Apêndice 19).

As produções técnicas abrangem um conjunto de documentos que se configuram relatórios de pesquisa, anualmente elaborados para fins de comprovação junto às instâncias competentes; prefácio de livros e plano diretor. Em relação a este último, ressalto minha participação no Plano Diretor dos *campi* do Ceres, publicado em 2014, que apresenta um diagnóstico do uso e ocupação desse espaço e as diretrizes e proposições para as ocupações e edificações futuras.

Rer ler os títulos das produções cadastradas no Currículo Lattes e no Sigaa, manusear os textos impressos ou buscá-los na mídia digital me fazem lembrar a trajetória percorrida no processo de elaboração — marcada por dificuldades, superações, frustrações e alegrias que permeiam a busca pelas descobertas e a chegada aos resultados e suas possíveis elucidações. Nesse processo, fui construindo a capacidade de leitura do mundo à luz do que sou e do lugar de onde falo, professora-pesquisadora (Figura 42).

Figura 42 - Referências da minha atuação como professora-pesquisadora



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Ao pensar sobre o que representa essa produção científica, concluo que o significado está no conhecimento sistematizado, cuja qualidade foi avaliada por comissões científicas, e nos contextos em que foi produzida, envolta em situações complexas, marcadas por uma enorme e intensa carga horária de trabalho.

Portanto, representa muito, uma vez que assume exatamente a dimensão da possibilidade do produzir, no limiar do impossível, numa tessitura em que o Ser professor se cruzava com outras identidades. Estas insistiam em não me deixar esquecer que, para além da profissional, tenho outros papéis sociais que igualmente assumem sentido no meu existir.

Pelo valor que atribuo a esses escritos, espero deixar impresso nos livros, capítulos de livros e artigos marcas de mim e do que aprendi na vida, resultados da minha forma de pensar e perceber o mundo pelas lentes da Ciência.

3.4 A EXTENSÃO E A SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Na UFRN, o segmento de Extensão, articulado ao Ensino e à Pesquisa, se organiza a partir de ações que assumem as modalidades de projeto, curso, evento, produto e programa, adastrados no sistema acadêmico da Pró-Reitoria de Extensão (Proex). Assim como nos demais segmentos, meu envolvimento com ações extensionistas ocorre desde o início das atividades na docência universitária — na condição de coordenadora ou colaboradora.

Minha primeira atividade na Extensão ocorreu entre os anos de 1992 e 1993, ao assumir a coordenação do curso “Educação Ambiental Florestal para Professores da Zona Rural”, realizado em Caicó, cujo objetivo era a formação de professores de escolas

rurais pautada em uma proposta de educação ambiental voltada para a realidade do semiárido.

Dentre as ações de Extensão que coordenei, no período 1992 e 2011, quando estive lotada no Ceres, destaca-se o “Encontro Estadual de Geografia”, evento por mim coordenado em três edições (respectivamente, 1999, 2001 e 2010, realizadas em Caicó). Esse encontro, anualmente realizado por uma das instituições de Ensino Superior públicas do estado potiguar, objetiva propiciar discussões de temas relacionados à dinâmica socioespacial do território potiguar¹⁰⁴ e suas articulações em diferentes escalas (mundial, nacional, regional e local), além de contribuir para a difusão e socialização do conhecimento produzido na Geografia e a integração e o intercâmbio entre alunos, egressos e professores da área.

Nesse período, ainda me envolvi em ações extensionistas que assumiram escala regional, sendo dois eventos sediados no Ceres, Campus de Caicó, e um projeto desenvolvido em diferentes cidades da Região do Seridó. Os eventos foram o “Seminário de Estudos Geográficos”, que coordenei em suas três primeiras edições (entre 2007 e 2011), cujo objetivo era discutir um tema geográfico da atualidade, e o “Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão Ceres/UFRN (SEPE)”, cujas edições de 2009 e 2010 ocorreram sob minha coordenação, conforme será detalhado *a posteriori*. O projeto no qual atuei como coordenadora foi “Arborização comunitária: estudantes e sociedade, unidos por um amanhã mais verde e com um ar mais puro” (2008). Este projeto, proposto por aproximadamente 30 alunos de Geografia, preocupados com a problemática ambiental urbana em escala regional, gerou ações por eles realizadas como palestras, plantio de árvores, participação em programas radiofônicos e feiras culturais em escolas, nas cidades de Caicó, Jucurutu e Parelhas.

104 A cada ano, a instituição que sedia o evento escolhe um tema geográfico da atualidade, com repercussão sobre o território potiguar, para nortear as reflexões e discussões.

Na Extensão, também atuei como colaboradora de ações em modalidades como curso, evento e projeto nas áreas da Ciência Geográfica e do Ensino de Geografia, tendo esta última assumido expressividade. Minha atuação como colaboradora na modalidade de curso ocorreu como ministrante de módulos nos cursos de: “Atualização de Professores: uma Ação em Serviço”¹⁰⁵ (1992); “Atualização de Professores de 1º Grau — Rede Municipal de Ensino” (1993); “Atualização em Geografia para Professores de 5ª a 8ª séries” (1993); “Capacitação para Professores de 5ª a 8ª Séries — Rede Estadual de Ensino” (1994); “Repensando o Ensino de Geografia nas Escolas de 1º e 2º graus” (1999); “Monitoria: articulação entre Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão” (2009) e “Círculo de Palestra sobre Estágios Supervisionados das Licenciaturas” (2010). Como colaboradora de eventos, integrando a comissão científica, participei do “III Encontro Estadual de Geografia”¹⁰⁶ (1993) e do “6º Encontro de Tutores da Educação a Distância da UFRN/UAB” (2011).

Na condição de orientadora de ações desenvolvidas pelos alunos, colaborei com o projeto “Organização do Espaço: compreender e intervir” (2008), desenvolvido no Laborgeo, sob a coordenação da professora Eugênia Dantas. Consistiu na continuidade da ação “Urbanizar o Campus de Caicó: uma proposta didático-pedagógica”¹⁰⁷. Sua realização decorreu da reorganização espacial do referido campus, que envolvia pavimentação e edificações, sem as devidas preocupações com o conforto ambiental, a paisagem, os fluxos e a acessibilidade. Em sua segunda versão, articulando teoria e prática educativa, o projeto tinha como objetivo manter a área plantada na etapa anterior, o que exigia cuidados com irrigação e poda realizados pelos alunos, sob orientação de um técnico; refletir sobre o processo de uso e ocupação do espaço e confeccionar uma maquete do espaço

105 Coordenado pela professora Gilvanete Correia Bezerra, do curso de Pedagogia do Ceres, Campus de Caicó.

106 Coordenado pelo professor José Gregório da Costa, do curso de geografia Ceres, Campus de Caicó.

107 O objetivo desse projeto foi arborizar o espaço universitário, com árvores da flora regional que tinham características de frondosidade, copas amplas e resistência aos períodos de estiagem, além do plantio de árvores frutíferas do semiárido.

estudado. Ainda hoje, as ações desse projeto são visíveis no Campus de Caicó, por meio de alguns espaços arborizados naquele período.

Entre 2012 e 2020, período que compreende minha lotação no DGE, CCHLA, continuei a atuar como coordenadora e colaboradora de ações de extensão, inclusive com registro de ampliação, em termos de modalidade e de quantitativos. Essa situação associa-se às ações desenvolvidas na Sedis, por meio de projetos, programas, eventos, cursos e produtos prioritariamente voltados para a Educação a Distância.

Sob minha coordenação foram realizadas no Campus Central da UFRN, em Natal, ações de Extensão na modalidade de eventos, dentre as quais ressalto:

- “Encontro de Tutores” (respectivamente, as edições de 2013 e 2014), com foco na discussão sobre a prática dos sujeitos envolvidos na Educação a Distância¹⁰⁸ e a capacitação para o exercício de suas respectivas atribuições;

- “3º Encontro Regional de EaD” (2013), que reuniu alunos, professores, tutores e coordenadores de curso, tutoria e polos, para discutir temas vinculados à modalidade de ensino (rotinas, AVA e processos de ensino e aprendizagem) e às áreas de formação específica;

- “Geografia, Pesquisa e Ensino: buscando caminhos, desbravando horizontes” (2017), que colocou em pauta o tema Pesquisa e Ensino de Geografia, a partir de um diálogo entre pesquisadores de instituições de ensino superior do país, docentes e discentes do Geoprof e professores da rede básica de ensino;

- “XV Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância e IV Congresso Internacional de Educação Superior a Distância (Esud) 2018”, no qual atuei como coordenadora adjunta.

108 Professor, tutor presencial, tutor a distância, coordenador de polo de apoio presencial, coordenador de curso, coordenadora de tutoria, secretário de curso e secretário de polo.

O Esud 2018 é o evento de maior expressão, dentre aqueles em que atuei na coordenação, pela proeminência do tema na contemporaneidade e pelas conexões geográficas que sua realização estabeleceu, assumindo uma escala mundial. Esse evento, promovido pela Associação Universidade em Rede (UniRede), no período de 20 a 23 de novembro de 2018, foi sediado pela UFRN, Campus Central, tendo como temática “Educação em rede: construindo uma ecologia para a cultura digital”. Nessa edição do evento, conferencistas e palestrantes nacionais e internacionais (Portugal, África do Sul, Canadá e Noruega) discutiram com pesquisadores, professores, alunos, tutores e demais participantes as experiências de educação em rede, vivenciadas em diferentes contextos e realidades.

Outras ações de Extensão, por mim coordenadas, se inscreveram na modalidade de curso: “Gênero e Diversidade na Escola” (2012 a 2014), ofertado a distância, com o objetivo de contribuir para a formação de professores da Educação Básica, quanto ao tema Diversidade sociocultural; e “Projeto de Capacitação 2012 (DED-Capes)”, que visou capacitar recursos humanos da UFRN envolvidos na oferta de cursos a distância, quanto à produção de materiais didáticos, tutoria, estágio e coordenação de polo.

Na modalidade de produto, coordenei as ações extensionistas que culminaram com as publicações “Educação Geográfica: ensino e práticas” e “EaD: percursos e experiências”, ambas realizadas em 2014, por meio de parceria entre a PPG e a Sedis.

A partir de 2012, minha participação como colaboradora em ações de Extensão foi bastante ampliada. Na área de Educação a Distância, abrangeu cursos e eventos voltados à formação de professores e tutores e produtos relativos ao desenvolvimento de AVA. Na área de Geografia, envolveu colóquios, encontros e seminários, de abrangência regional e nacional, promovidos pelos programas

de pós-graduação. A seguir alguns dos eventos mais relevantes em que atuei como colaboradora (Apêndice 20).

Ainda em relação à colaboração em ações de Extensão, resalto os projetos: “Adesão a Universidade Aberta do SUS da Universidade Federal do Rio Grande do Norte” (2013) e “Coleção 15 anos Sedis/UFRN” (2017); o programa: “Processos formativos para integrante do Ministério Público do RN” (2018); e o produto: “Desenvolvimento de ambiente virtual de aprendizagem para EaD” (2018). Todas essas ações aconteceram no âmbito das atividades da Sedis.

O conjunto dessas informações permite avaliar que o meu envolvimento em ações extensionistas tem ampliado as relações com diferentes interlocutores, especialmente professores, pesquisadores e alunos das áreas em que atuo. Reconheço as repercussões dessas práticas no meu saber-fazer docente, por serem vivências que deixam um legado de aprendizagem. Considero também relevantes as contribuições para a divulgação e socialização do conhecimento produzido pelos pesquisadores e, nesse universo, eu me incluo.

Com base nessa premissa, avalio que minha atuação na Extensão, seja como coordenadora ou colaboradora em ações de diferentes naturezas, se fez contributiva para a UFRN e para a Geografia acadêmica e escolar, na medida em que propiciou oportunidade de intercâmbio de saberes e experiências ou de produção científica. Tais ações se fizeram instrumentos na construção e fortalecimento de nexos entre a universidade e a sociedade e, de modo particular, entre universidade e escola.

Nesse ínterim, torna-se importante também ressaltar uma outra face da Extensão universitária, que se revela por meio da participação em eventos científico-culturais, a qual se viabiliza na interrelação com a pesquisa, o ensino e a orientação de trabalhos acadêmicos.

3.4.1 PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS

Na tessitura das vivências docentes, recorrentemente tenho participado de eventos científico-culturais, que abrangem desde a escala local à internacional, especialmente nas áreas de Geografia e Ensino/Educação. Ao longo do tempo, meu envolvimento com esse tipo de atividade tem evidenciado uma tendência de crescimento gradual e ascendente que possui conexão com o percurso da formação continuada e da atuação profissional, especialmente como docente de pós-graduação.

Certamente, o percurso da formação continuada contribuiu para o processo de maturidade intelectual e científica, repercutindo, entre outros, no saber-fazer pesquisa e na sistematização dos seus resultados. Acrescente-se que a inserção como docente, em programas de pós-graduação, ampliou as possibilidades de pesquisa de autoria própria e por meio da orientação de trabalhos. Desse modo, a participação em eventos tem sido cada vez mais uma ação que envolve colegas ou orientandos de graduação e pós-graduação.

Na condição de professora universitária, o marco inicial da participação em eventos ocorreu no ano de 1995, no Ceres, por meio de uma palestra promovida pelo Departamento de Formação Profissional para alunos de graduação sobre “A nova ordem mundial”, na qual focalizei o contexto histórico de mudanças na geopolítica mundial e nas fronteiras dos países da Europa. Nesse mesmo ano, participei do Seminário de Estudos Geográficos como expositora/debatedora na mesa-redonda sobre “Geografia e ensino: um momento de avaliação” e mediadora da mesa-redonda “O Rio Grande do Norte e novos espaços de produção”. Também proferi palestra no Seminário de Estudos Seridoenses sobre o tema “Desenvolvimento urbano de Caicó nos últimos vinte anos”.

Delineado esse cenário inicial e considerando o volume de dados relativos a participações em eventos científico-culturais no decorrer

de minha trajetória, fez-se necessário proceder a uma seleção e atribuir destaque a algumas delas. Outrossim, procedeu-se à sistematização dos dados, a partir de uma sequência que leva em conta a classificação dos eventos, quanto à escala de abrangência espacial, dos locais aos internacionais, e à tipologia de minha participação assim classificada: conferências, palestras, minicursos, exposição/debate ou mediação em mesas-redondas, integração em comissão organizadora e comissão científica, e apresentação de trabalhos de autoria própria ou em coautoria.

De modo geral, as temáticas contempladas nos trabalhos apresentados e/ou publicados em eventos, bem como as discussões e reflexões tecidas em conferências, palestras e mesas-redondas, revelam os itinerários percorridos, especialmente na Pesquisa. A partir deles, fui construindo uma produção científica, que se inscreve nas áreas de Geografia e Ensino/Educação, cujos principais títulos foram expostos anteriormente.

Na Geografia, priorizo os estudos urbanos e regionais, na interface com a economia, cultura, meio ambiente, planejamento e desenvolvimento, cujas referências empíricas remetem às escalas territoriais do Rio Grande do Norte, do Seridó e de Caicó. No Ensino, as análises se voltam principalmente para a Geografia, a partir de temas como linguagens, tecnologias educacionais, pesquisa, metodologias, recursos didáticos, prática docente, estágio supervisionado e formação de professor. Na Educação, o enfoque é na modalidade a distância, em termos de institucionalização, prática docente e tutoria.

Em eventos locais, regionais e estaduais, cuja abrangência atinge os territórios do Rio Grande do Norte, da Paraíba ou de Pernambuco, em suas respectivas circunscrições territoriais, a participação ocorreu como conferencista, palestrante, expositora/debatedora e mediadora em mesa-redonda, além de ministrante de aulas, integrante de comissão organizadora e apresentadora de trabalhos produzidos em

coautoria (ver Produção Científica). Em geral, esses eventos correspondem a ações de Extensão, anualmente ou eventualmente, realizadas pela UFRN, por instituições de ensino superior públicas ou privadas ou por órgãos governamentais.

Em eventos nessa escala geográfica, confiro destaque à participação como conferencista na abertura do III Seminário de Geografia e Ensino: o Desafio da Educação Geográfica, promovido pela UFCG-PB, na cidade homônima, em 2015. Nessa conferência, abordei o tema “Ensinar geografia na contemporaneidade: conceitos, conteúdos e metodologias”.

A participação em eventos dessa escala se fez mais representativa em palestras, as quais versaram, principalmente, sobre temas como cidade, urbano e região, tendo como base empírica a cidade de Caicó e a Região do Seridó, além da dinâmica territorial, com ênfase nos aspectos socioeconômicos, ambientais e de desenvolvimento do Rio Grande do Norte. Na área de Educação, as palestras discutiram sobre humanização, espaço e poder na contemporaneidade (Apêndice 21).

Na condição de expositora e debatedora em mesas-redondas, participei de eventos como a VII Semana de Estudos Históricos do Ceres, discutindo acerca de “Espaço e cultura: (carto)grafias seridoenses e cenários de resistência” (Caicó-RN, 2008); no Seminário Temático sobre Estágio e Formação Docente da UERN, discutindo sobre “O papel do estágio na formação do professor” (Mossoró-RN, 2014) e no VIII Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão do Ceres (Sepe), refletindo a respeito dos “Caminhos da pós-graduação no Ceres/UFRN: desafios e travessias” (Caicó-RN, 2017).

Também atuei como moderadora nas mesas-redondas “Espaço, Tempo e Memória”, na V Semana de Estudos Históricos Ceres (Caicó-RN, 2004); “Desenvolvimento e Meio Ambiente”, no XXI Encontro Estadual de Geografia (Natal-RN, 2013) e “Ordenamento Territorial Urbano”, no XXII Encontro Estadual de Geografia (Natal-RN, 2014).

Como ministrante de um módulo, participei do curso “Paisagem, Território e Lugar: as novas formas de pensar a Geografia”, no Campus de Caicó (1999), e proferi as aulas inaugurais no curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* Geografia do Semiárido, ofertado pelo IFRN no *Campus* de Macau, nos anos de 2010, 2011 e 2012. As temáticas versaram sobre “A reestruturação socioeconômica e a nova geografia econômica do RN” e “Cenários da dinâmica socioeconômica potiguar”.

Também participei de eventos locais, regionais e estaduais como integrante da comissão organizadora, na condição de coordenadora ou colaboradora e, em alguns casos, atuando na comissão científica (Apêndice 22).

Em eventos macrorregionais, cuja escala corresponde ao Nordeste brasileiro, e nacionais, minha participação se fez como expositora/debatedora e mediadora em mesa-redonda, integrante de comissão organizadora e por meio de apresentação de trabalhos produzidos em coautoria (ver Produção Científica).

Nos eventos com abrangência sobre o Nordeste, confiro destaque a minha participação como expositora/debatedora da mesa-redonda sobre “As Reformas Curriculares nos Cursos de Formação de Professores: avanços e retrocessos”, no 1º Encontro Regional de Práticas de Ensino em Geografia (Erepeg), realizado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, em 2012. Integrando a comissão organizadora, inclusive atuando na comissão científica, participei do Encontro Regional de Práticas de Ensino em Geografia (2012, 2014 e 2018) e do II Seminário Regional Comércio, Consumo e Cultura das Cidades: temporalidades, permanências e coexistências (2015).

Em evento nacional, considero relevante minha participação como expositora/debatedora nas mesas-redondas sobre os temas: “Diferentes Linguagens no Ensino de Geografia: novas possibilidades”, no XII Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia

(Enpeg), realizado em João Pessoa-PB, em 2013, e “Objetos Educacionais como Produto dos Mestrados Profissionais”, no I Encontro Nacional de Mestrados Profissionais em Geografia (Egeoprof), ocorrido em Caicó-RN, em 2019.

Minha participação também se fez como mediadora nas mesas-redondas “Geografia e Fenomenologia”, no II Colóquio Nacional de Pós-Graduação em Geografia: teorias e práticas geográficas (Natal-RN, 2005), “Tendências e Inovações no Ensino de Geografia”, no I Encontro Nacional de Mestrados Profissionais em Geografia (Egeoprof) (Caicó-RN, 2019) e “Ações de Pesquisa na Geografia da Saúde: impactos da formação nos serviços de saúde no Brasil”, no I Seminário Nacional de Pesquisa e Inovação: educação medida por tecnologia e seus impactos nos serviços de saúde no Brasil (Senapi, Natal-RN, 2019).

Como integrante de comissão organizadora, participei do XX Encontro de Geografia Agrária (Enga, 2014), do I Seminário Nacional de Pesquisa e Inovação: educação medida por tecnologia e seus impactos nos serviços de saúde no Brasil (Senapi, 2019) e do I Encontro Nacional de Mestrados Profissionais em Geografia (Egeoprof, 2019).

Em eventos internacionais, minha participação ocorreu por meio de exposição/debate e mediação em mesa-redonda, integração em comissão organizadora e apresentação de trabalhos de autoria própria ou produzidos em coautoria (ver Produção Científica).

Avalio que, indiscutivelmente, a participação em evento de maior relevância em minha trajetória correspondeu à atuação como expositora/debatedora na mesa-redonda “Dinâmica Econômica e Redefinições Regionais”, no II Simpósio Internacional sobre Cidades Médias, realizado em Uberlândia-MG, em 2006.

Nessa escala de evento, também participei como expositora/debatedora da mesa-redonda “EaD no RN: estado da arte e perspectivas”

no I Seminário Internacional de Educação a Distância (Semead), realizado em Natal-RN, em 2012.

Na condição de mediadora, em 2005, participei da mesa-redonda “Cultura e Arte”, realizada no International Geographical Union (IGU): Globalização e Marginalidade, sediado em Natal-RN.

Como membro da comissão de organização de eventos simultaneamente nacionais e internacionais, participei do III Seminário Nacional e I Seminário Internacional: o papel do geógrafo no contexto social atual (Natal-RN, 2012) e do XV Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância e IV Congresso Internacional de Educação Superior a Distância (ESUD, 2018), Natal-RN.

Delineada minha trajetória de participação em eventos científico-culturais, avalio que esta propiciou a ampliação e o intercâmbio de conhecimentos, seja em nível intelectual, via difusão e socialização da produção científica, seja em nível pessoal, por possibilitar conhecer lugares e pessoas e aprender a partir das atividades e do entrecruzamento de experiências.

Nesse sentido, considero a participação em eventos uma experiência de produção coletiva do conhecimento científico, que tem contribuído para a construção do meu Ser professor. Ao participar de eventos, especialmente palestras, mesas-redondas, apresentação e publicação de trabalhos, socializo meus discursos e escritos, com o objetivo de estabelecer diálogos e trocas, na mesma medida que me disponho a refletir e discutir a produção de outros para, conjuntamente, aprender.

Outrossim, a participação em eventos também é motivada pela intenção de colaborar com a universidade no cumprimento de seu papel social, enquanto instituição de produção e disseminação do conhecimento. E, na tessitura desse compromisso, se inscrevem desejos e iniciativas de contribuir com a Geografia acadêmica, especial-

mente com a formação de professores, por entender que assim o meu saber-fazer encontra possibilidades de repercutir no chão da escola.

Neste momento em que lembranças entrelaçadas às fontes documentais revelam a trama da minha vida, enxergo, em minha participação em eventos, os rastros dessa trajetória pelas searas da Geografia e do Ensino/Educação, que dizem das (geo)grafias que busquei desvendar e compreender para, quiçá, nelas intervir e colaborar com suas (re)construções.

3.5 ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: PERCURSOS DE UM ACONTECER DIFERENCIADO

Percursos de um acontecer diferenciado se inscreve nas linhas e entrelinhas de uma atuação comprometida com o alargamento de suas fronteiras, levada pelo idealismo que alimenta a esperança de realizar. Trata-se de acontecimentos que, embora tecidos no âmbito do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, que por natureza são pilares das ações universitárias, se fizeram diferenciados pela forma como foram construídos e pelas repercussões positivas na dinâmica acadêmica dos centros onde se efetivaram.

No conjunto desses acontecimentos, a maioria decorre de idealizações compartilhadas com a professora Eugênia Dantas, que se viabilizaram ao assumirmos a liderança dos processos de discussão, planejamento e implementação. Nessa tessitura, cultivamos um ambiente de construção coletiva e colaborativa, envolvendo colegas e, por vezes, alunos.

As ações que representam esse acontecer diferenciado compreendem a criação de laboratório, base de pesquisa (designação da época), evento e cursos de graduação e pós-graduação.

Até 2011, o Ceres foi o cenário principal desse acontecer diferenciado, feito por meio de iniciativas que repercutiram diretamente no

curso de Geografia e, por conseguinte, na dinâmica acadêmica do centro. A partir do segundo semestre de 2011, o CCHLA, mais especificamente o DGE, também se insurgiu como um ambiente propício à idealização e realização de ações dessa natureza.

Nesta escrita memorialista, confiro relevo às ações supramencionadas não somente por terem possibilitado um acontecer diferenciado, que contribuiu para a formação de nossos alunos; mas, também, pelo quão significativas são para mim, por dizerem da minha trajetória de atuação, sobretudo, dos meus sonhos, das minhas lutas, das minhas realizações. São fragmentos de um importante capítulo de minha história de vida, aquele que remete à docência universitária.

3.5.1 LABORATÓRIO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS

No início do século XXI, o curso de Geografia do Ceres, Campus de Caicó, vivenciava um momento de efervescência acadêmica e já se discutia a necessidade de reestruturação da licenciatura e de criação do bacharelado. Reconhecendo a necessidade de melhoria da infraestrutura à disposição do curso, eu e a professora Eugênia Dantas idealizamos a criação de um laboratório que ancorasse nossos projetos de pesquisa, extensão e monitoria, bem como os alunos a eles vinculados.

Assim, por volta do ano 2000, criamos o Laboratório de Estudos Geográficos (Laborgeo)¹⁰⁹, a partir do desmembramento do Laboratório Interdisciplinar vinculado ao Dese, departamento que reunia professores de Pedagogia, História e Geografia. A coordenação e a vice-coordenação do Laboratório foram assumidas por mim e pela professora Eugênia Dantas, respectivamente.

A criação do Laborgeo objetivou a constituição de um espaço para planejamento e elaboração de projetos nas áreas de Geografia Humana e Ensino de Geografia, bem como o desenvolvimento de

109 A oficialização da coordenação do Laborgeo somente ocorreu por meio da Portaria n. 112/2009 - Ceres, de 8 de agosto de 2009.

ações interdisciplinares, que propiciassem aos alunos a vivência de situações de aprendizagem durante a formação acadêmica.

O Laborgeo ocupava um espaço correspondente à metade de uma sala de aula e, no início, possuía pouquíssimos equipamentos. No entanto, a dinâmica dos processos, a partir dos projetos coordenados, envolvendo aproximadamente 30 alunos, tornava o Laborgeo um espaço diferenciado. As ações realizadas no laboratório repercutiam sobre o curso, gerando impactos positivos na formação acadêmica dos alunos; de modo especial, daqueles vinculados aos nossos projetos. Torna-se ilustrativa a aprovação de um considerável número desses alunos em processos seletivos para ingresso na pós-graduação e no magistério, na Educação Básica e no Ensino Superior. Também considero importante ressaltar que alguns desses alunos se tornaram meus orientandos de mestrado ou doutorado. Portanto, pude acompanhá-los em todo o percurso formativo. Em outros casos, tive o prazer de participar de bancas de defesa de dissertação ou tese.

As atividades desenvolvidas no Laborgeo também repercutiram na dinâmica acadêmica do Ceres, sendo emblemáticas a criação da Base de Pesquisa Sociedade e Espaço e a realização do Sepe, sobre os quais discorrerei adiante. Em suas instalações, também realizávamos as reuniões do grupo de trabalho, encarregado de elaborar um projeto de mestrado para o centro.

Durante o período em que estive lotada no Ceres (Figura 43), desempenhei a função de coordenadora do Laborgeo¹¹⁰. Mediante a remoção para o Campus Central, o laboratório passou a ter uma nova coordenação e continua em atividade.

110 Até 2009, a professora Eugênia Dantas desenvolveu as atribuições de vice-coordenadora.

Figura 43 - Atuação no Laborgeo, Ceres, Campus de Caicó



Fonte: Acervo da autora, 2009 e 2011.

3.5.2 BASE DE PESQUISA SOCIEDADE E ESPAÇO

A dinâmica de funcionamento do Laborgeo, a maturidade intelectual obtida no processo de formação em nível de pós-graduação e a consciência de que o Ceres precisava ampliar sua atuação acadêmica para o nível de mestrado me impulsionaram a propor a

criação de uma base de pesquisa (hoje grupo de pesquisa), que se somaria às duas já existentes¹¹¹.

Assim, em setembro de 2007, submeti à avaliação da Propesq e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) o “Projeto de Criação da Base de Pesquisa Sociedade e Espaço”, elaborado em conjunto com a professora Eugênia Dantas. A justificativa apontava para a necessidade de produção e apropriação do conhecimento acerca da complexa realidade regional e, sendo assim, a base aglutinaria pesquisadores envolvidos com pesquisas voltadas

à organização do espaço, no que diz respeito à cidade, ao campo e à região em uma perspectiva geo-histórica; ao processo de desenvolvimento sócio-ambiental, articulado ao planejamento, gestão e políticas públicas territoriais em diferentes escalas geográficas, detendo-se, especialmente, na realidade do semi-árido nordestino; e às referências culturais problematizadas a partir da memória e da iconografia¹¹².

Conforme previsto no projeto, ao ser criada oficialmente, a base de pesquisa passou a funcionar nas instalações do Laborgeo¹¹³, cuja infraestrutura havia melhorado, mediante a aquisição de alguns equipamentos por meio de recursos de projetos por nós desenvolvidos. Nesse contexto, assumi a liderança da base de pesquisa e a vice-liderança ficou sob a responsabilidade da professora Eugênia Dantas.

A Base de Pesquisa Sociedade e Espaço, inicialmente, possuía apenas a linha de pesquisa Meio Ambiente, Cultura e Desenvolvi-

111 Bases de Pesquisa do Ceres, Campus de Caicó: Educação e Sociedade e Semi-Árido: Natureza, História e Sociedade.

112 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Pró-Reitoria de Pesquisa. Centro de Ensino Superior do Seridó. Departamento de História e Geografia. Projeto de criação de base de pesquisa: Sociedade e espaço. Natal, 2007.

113 Em 2007, já possuíamos dois computadores, uma impressora a jato de tinta, um scanner, uma máquina fotográfica, duas bancadas para computadores, uma mesa de reuniões, cinco cadeiras e dois armários. As bancadas, a mesa e as cadeiras que integravam a mobília do laboratório, de fato, foram peças que a Fundação Norte-Rio-Grandense de Pesquisa e Cultura (Funpec) havia descartado e nós aproveitamos.

mento, a qual estavam vinculados dois pesquisadores permanentes (eu e a professora Eugênia), seis colaboradores¹¹⁴ e quatro interinos (alunos)¹¹⁵. A atuação na base de pesquisa e no Laborgeo configurava-se um universo de possibilidades para mim e para os alunos que integravam nossa equipe, planejando atividades, desenvolvendo projetos e tecendo sonhos (Figura 44).

Figura 44 - Atuação na base de pesquisa sociedade e espaço



Fonte: Acervo da autora, [2007?].

A criação dessa base representava um esforço de estimular a pesquisa e contribuir com seus indicadores no Ceres. Por outro lado, também representava o desejo de conferir maior crédito aos nossos projetos e seus resultados. Acrescente-se que, nesse momento, também estavam em curso as iniciativas que visavam à elaboração de um projeto de pós-graduação *stricto sensu*, a ser ofertado no Ceres. A base de pesquisa era um reforço a essa proposição. Portanto, eram muitas frentes de luta visando fortalecer o Ceres internamente e no contexto da própria UFRN.

114 Professores colaboradores: Josimar Araújo de Medeiros (Geografia - Faculdade Católica Santa Terezinha); Iranilson Buriti de Oliveira (História - UFPB), Maria José Costa Fernandes (Geografia - Uern) e Sandra Kelly de Araújo (Geografia - UFRN).

115 Alunos: Rosenilson da Silva Santos (História), Gênisson Costa de Medeiros (Geografia), Juciclêa Medeiros de Azevedo (Geografia) e Francisco Rafael Morais Fernandes (Geografia) todos do Ceres.

Durante o período em que estive lotada no Ceres, a base de pesquisa manteve sua dinamicidade, inclusive com a ampliação de linhas de pesquisa e de professores pesquisadores. Todavia, a partir da minha remoção para o Campus Central, o acúmulo de atividades desenvolvidas gerou dificuldades para a manutenção das atividades, o que contribuiu para que, em 2012, passasse à condição de inativa.

3.5.3 LICENCIATURA EM GEOGRAFIA A DISTÂNCIA

A Licenciatura em Geografia a Distância surgiu em um contexto no qual o MEC, diante da carência de professores licenciados em áreas específicas, difundiu a política de formação de professores por meio da Educação a Distância. A adesão da UFRN a essa política representou uma nova fase em sua história, “em consonância com a realidade midiática, tecnológica e em rede que se vivencia no século XXI” (DANTAS; TROLEIS; MORAIS, 2012, p. 128).

A primeira oferta de graduação a distância na UFRN ocorreu em 2005, envolvendo os cursos de Química, Física e Matemática, sendo a instituição uma das pioneiras na formação de professores nessa modalidade de ensino no Brasil. Essa oferta inicial foi viabilizada pelo Programa de Formação Inicial para Professores dos Ensinos Fundamental e Médio (Pró-Licenciatura), que tinha como objetivo criar cursos de graduação a distância para a formação de professores da Educação Básica, prioritariamente direcionados a profissionais que atuavam em sala de aula (MORAIS, 2018).

Na UFRN, a experiência construída no processo de elaboração dos projetos pedagógicos dos cursos supracitados serviu de estímulo para novas investidas. Em 2004, sob a coordenação da Sedis, foram realizadas articulações que culminaram com a parceria entre a UFRN e a UEPB, visando à elaboração do Projeto Pedagógico da Licenciatura em Geografia a Distância. Participaram desse processo

docentes da UEPB e da UFRN, vinculados ao DGE, CCHLA, e ao DHG, Ceres, no caso, eu e a professora Eugênia.

Considerando que os docentes envolvidos não tinham experiência com Educação a Distância, foram realizadas reuniões de trabalho, sob a coordenação da Sedis, visando à construção do projeto pedagógico, em consonância com a legislação e as diretrizes para a modalidade, e a elaboração do material didático. Nesse processo, entre outros aspectos, o coletivo de professores de Geografia assumiu o modelo já adotado na UFRN, pautado na semipresencialidade e na oferta semestral, bem como a definição do público-alvo do curso, preferencialmente professores das séries iniciais do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, da rede pública, que não possuíam formação na área.

As reuniões de trabalho ocorreram em Natal, João Pessoa e Campina Grande, ao longo dos anos de 2004 e 2005, o que se mostrou um desafio, mediante as atividades cotidianas no Campus de Caicó. Todavia, considerava fundamental participar desse processo por vislumbrar que a Educação a Distância se constituiria uma relevante possibilidade de difusão do Ensino Superior e de fortalecimento da política de interiorização da UFRN. Por fim, pelo meu histórico de vida, acreditava (como acredito) que a educação é revolucionária e, assim, muitas vidas poderiam ser transformadas e muitos sonhos realizados a partir da concretização desse projeto.

Com essa motivação, participei do processo de discussão, delineamento e sistematização do Projeto Pedagógico do Curso, bem como em sua redação e estruturação final, atividade desenvolvida também em parceria com a professora Eugênia Dantas.

Concluída a fase de tramitação e aprovação do projeto nas instâncias competentes, passou-se à elaboração do material didático das disciplinas do curso; processo viabilizado por meio de acordos entre os membros da equipe, relativos à formação de duplas de professores

conteudistas, responsáveis pela autoria do material, e à escolha das disciplinas por área de atuação.

Definido esse quadro situacional, atuei como professora conteudista na elaboração de materiais didáticos relativos às disciplinas Organização do Espaço, Geografia da População e Geografia do Nordeste.

Simultâneo a esse processo, foram tomadas as providências para a criação e implantação do curso, bem como para a realização do processo seletivo visando o ingresso de alunos, do qual participei como elaboradora de provas.

A Licenciatura em Geografia a Distância da UFRN foi criada pela Resolução n. 033/2007-Consepe, de 17 de julho de 2007, sendo a definição do vínculo ao CCHLA estabelecida em 2011. O primeiro processo seletivo para ingresso nesse curso foi realizado entre os meses de julho e agosto de 2007, sendo ofertadas 150 vagas para os polos de apoio presencial de Caicó, Macau e Nova Cruz. Desde a criação do curso aos dias atuais, ocorreu ingresso de alunos nos semestres 2007.2, 2009.1, 2010.1, 2012.2, 2014.1 e 2017.2. Ao longo desse período, o curso foi ofertado nos polos de Caicó, Currais Novos, Lajes, Extremoz, Martins, Luís Gomes, Marcelino Vieira, Macau e Nova Cruz, portanto em todas as regiões do Rio Grande do Norte.

Essa configuração espacial é um elemento que ajuda a pensar a importância da Educação a Distância, uma das políticas públicas mais efetivas em termos de democratização do Ensino Superior e inserção social. Isso por conta da capilaridade no território, gerando possibilidades de transformação social em microescalas e lugares, onde somente o ensino mediado por tecnologias consegue chegar.

Após a implementação da Licenciatura em Geografia a Distância (2007.2), minha atuação no curso somente ocorreu em 2008, ao integrar sua primeira gestão, como vice-coordenadora. Nessa função permaneci até agosto de 2010, quando assumi a coordenação do curso, cuja gestão foi concluída em novembro de 2012. Desde 2011.2, quando fui removida para o DGE, minha atuação no Ensino de gra-

duação tem se voltado prioritariamente para o referido curso, o que, somado às atividades na coordenação geral da Sedis, fortaleceu e ampliou meu envolvimento com a Educação a Distância na UFRN. Nesse ínterim, foram muitos os momentos marcantes, dentre os quais destaco as colações de grau (Figura 45).

Figura 45 - Colações de grau da Licenciatura em Geografia a Distância da UFRN, polos de Caicó e Nova Cruz (2011.2)



Fonte: Acervo da autora, 2011.

3.5.4 BACHARELADO EM GEOGRAFIA

A criação do Bacharelado em Geografia no Ceres, Campus de Caicó, ocorreu na tessitura do Projeto de Reestruturação e Expansão na UFRN, vinculado ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Esse programa foi instituído pelo Decreto n. 6.096, de 24 de abril de 2007, como uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), em reconhecimento ao papel estratégico das universidades federais para o desenvolvimento econômico e social¹¹⁶.

116 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Superior. Diretoria de Desenvolvimento das Instituições Federais de Ensino Superior. Programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais: Reuni 2008 – Relatório de primeiro ano. Brasília,

Nesse período, estava em curso minha quarta gestão na coordenação da Licenciatura em Geografia no Ceres (agosto de 2006 a agosto de 2008). Nessa condição, coordenei as atividades de discussão, levantamento de dados e sistematização dos documentos, dentre eles o Projeto Pedagógico. Esse projeto significou o redimensionamento do curso de Geografia por meio da reestruturação da licenciatura (presencial) e da oferta do bacharelado; um anseio de egressos e da comunidade local/regional.

As discussões para a construção e os trâmites para a aprovação desse projeto ocorreram ao longo de aproximadamente dois anos. As reuniões foram muito tensas, sobretudo por divergências nas concepções basilares do curso, especialmente no tocante a carga horária e disciplinas. Alguns insistiam em proposições que evidenciavam a divisão entre as áreas humana e física —fato que se distanciava da concepção de um currículo alicerçado em interação e interface. O ambiente de discussão tornava visível que, de fato, existia uma muralha entre os professores. Não obstante, entre tensões e avanços, o projeto foi construído, sendo apresentada a primeira versão em 2007 e a versão final, em 2008.

Em meu acervo documental, tenho o Formulário para Projeto de Reestruturação e Expansão na UFRN, que serviu de base para a tramitação do processo de criação do curso, no qual consta meu nome como responsável pela proposta. O resumo explicita:

Este projeto visa criar o Bacharelado em Geografia, considerando a necessidade de qualificação de profissionais para atuar em áreas como meio ambiente e planejamento urbano e regional e a iminente criação de um Programa de Pós-Graduação no CERES, em nível de mestrado. Objetiva-se, também, a implementação do suporte acadêmico e infra-estrutural imprescindível ao funcionamento do curso¹¹⁷.

O referido formulário ainda contém elementos como a justificativa e a relevância da criação de um Bacharelado em Geografia no Ceres. Os argumentos apontavam para os impactos sociais decorrentes da ampliação de vagas de Ensino Superior, o que contribuiria para

DF, out 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2069-reuni-relatorio-pdf&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 16 nov. 2019.

117 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Ensino Superior do Seridó. Formulário para projeto de reestruturação e expansão na UFRN. Caicó, 2008.

as políticas de inclusão social, desenvolvimento regional e expansão do mercado de trabalho para o geógrafo. Também ressaltava a importância da articulação entre ensino de graduação e pós-graduação, visto que a proposta de um mestrado se encontrava em elaboração.

O projeto de criação do Bacharelado em Geografia foi elaborado em consonância com a reestruturação da licenciatura, posto que a orientação da Prograd era constituir um curso com duas habilitações; direcionamento que explica a estrutura e a designação do projeto aprovado pelas instâncias competentes — Projeto Pedagógico do Curso de Geografia — modalidades Licenciatura e Bacharelado¹¹⁸. No segundo semestre de 2008, mudaram as orientações quanto à implementação desse projeto e, assim, as habilitações passaram a constituir cursos independentes.

Em setembro de 2008, concluí a gestão na coordenação do curso de Geografia do Ceres, em pleno processo de implantação do Bacharelado, cuja primeira oferta de disciplinas ocorreu no semestre 2009.1. Não obstante, continuei a colaborar com o referido curso ao ministrar disciplina, orientar monografias de alunos da primeira turma concluinte (Figura 46) e integrar banca de defesa de monografia.

Figura 46 - Colação de grau da 1ª turma concluinte do Bacharelado em Geografia do Ceres, Campus de Caicó (2012)



Fonte: acervo da autora, 2012.

118 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Projeto pedagógico do curso de geografia: modalidades licenciatura e bacharelado. Caicó, 2008.

3.5.5 SEMINÁRIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Em 2009, havia concluído as atividades de coordenação do grupo de professores que elaborou a primeira proposta de criação de um mestrado no Ceres, que sequer chegou a ser submetido à avaliação da Capes. O meu sentimento à época se traduzia na palavra frustração.

Nessa tessitura, transformando a frustração em ação, convidei professores e alunos do Ceres para uma reunião na qual apresentei a proposição de um evento que conferisse visibilidade a nossos trabalhos e produções, por meio de uma estrutura organizacional que primasse pela articulação entre Ensino, Pesquisa e Extensão, bem como a integração entre a comunidade acadêmica dos *campi* de Caicó e Currais Novos, que formam o Ceres. Isso porque havia um certo distanciamento entre os professores desses *campi*, apesar do avanço que representou a reestruturação, implementada em 1995.

As discussões foram profícuas e algumas sugestões contribuíram para aprimorar a proposta inicial, resguardando sua essência — visibilidade e articulação. No âmbito das discussões, consegui convencer os demais sobre a relevância de o evento acontecer no Campus de Caicó, mesmo sem contar com auditório. A ideia era que este fosse conhecido pelos participantes, principalmente os professores convidados na condição de conferencistas e debatedores. Além disso, também argumentei sobre a necessidade de a direção do Ceres assegurar as condições para a vinda de professores e alunos de Currais Novos, visto que não seriam meros participantes, pois estariam diretamente envolvidos na realização de atividades.

Da encruzilhada entre uma realidade adversa, relativa à frustração com o projeto de mestrado, e o sonho de um futuro promissor, surgiu o I Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão (Sepe), projeto de extensão classificado na categoria de evento, cujo objetivo primaz era estimular,

socializar e divulgar a produção do Ceres em ensino, pesquisa e extensão, a partir de uma ação que favorecesse a integração entre os campi.

A organização do evento contou com uma coordenação geral, por mim assumida, assessorada pelos comitês¹¹⁹ de Ensino, Pesquisa e Extensão, que aglutinaram professores e alunos por segmentos. A estratégia foi implementada na perspectiva de construir uma experiência descentralizada e colaborativa. O trabalho dos comitês ocorreu, desde a organização até a apresentação de trabalhos de professores e alunos, por segmento.

Os trabalhos de Pesquisa foram apresentados na modalidade de comunicação oral; os de Ensino, resultantes de projetos de monitoria, consistiram em apresentações orais no formato de relato de experiência. Já os de Extensão foram expostos em banners, acompanhados de esclarecimentos aos interessados. Essa exposição foi realizada nos corredores do Campus de Caicó em meio a uma atividade cultural, designada “Café com Cultura”.

Além das apresentações de trabalhos, a programação do I Sepe contou com conferências, mesas-temáticas, painéis, exposição de materiais didáticos, oficinas, sessões de cinema e atividades culturais (oficina de cordel, teatro e dança). A ideia de mesa temática surgiu da inexistência de um auditório no Ceres que possibilitasse mesas-redondas para um grande público. A alternativa por mim encontrada foi a proposição de que cada curso se responsabilizasse por até três mesas temáticas, voltadas para assuntos de seus respectivos interesses, que teriam lugar em salas de aula. Em alguns horários foram realizadas, simultaneamente, 15 mesas temáticas. Apenas na abertura e no encerramento, as atividades foram destinadas a todos os participantes do evento, sendo realizadas no espaço onde hoje se localiza a praça do Campus de Caicó.

119 Coordenadora do Comitê de Ensino: professora Otilia Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas (Dese); coordenador do Comitê de Pesquisa: Antônio Lisboa Leitão de Souza (Dese); coordenadora do Comitê de Extensão: Professora Grinaura Medeiros de Morais (Dese).

No projeto submetido à aprovação da Pró-Reitoria de Extensão (Proex), justifiquei a importância da realização do evento vinculada à iniciativa de potencializar as atividades acadêmicas do Ceres, sobremaneira no campo da Pesquisa, tendo em vista a criação de uma pós-graduação *stricto sensu*. Nesse sentido, este foi mais um projeto que coordenei no intuito de, somando esforços e dividindo responsabilidades, coletivamente construir as condições para a aprovação de um mestrado no Ceres. No projeto de evento, ainda se encontra o registro de que esse deveria ter continuidade, aprimorando-se suas estratégias, de forma a se inserir no calendário das atividades acadêmicas do centro e possibilitar a articulação com outras instituições universitárias que atuam na Região do Seridó.

O Sepe já totaliza 10 edições, das quais coordenei as duas primeiras¹²⁰ (Figura 47). Ao longo desse tempo, foi inserido no calendário das atividades acadêmicas da UFRN e, embora tenha sido redimensionado em alguns aspectos, mantém-se cumprindo o papel de conferir visibilidade à produção do Ceres e promover a integração entre os seus *campi*.

Figura 47 - Registros do I e II Sepe (2009-2010)



Fonte: Acervo da autora, 2009 e 2010.

120 Tenho em meu acervo documental os projetos, as programações, as listas de frequência e de certificados, dentre outros documentos, que guardam a memória das edições que coordenei.

Em sua 10ª edição (2019), na condição de idealizadora do evento, fui homenageada pela comissão organizadora, na ocasião representada pela professora Sandra Kelly de Araújo, diretora do Ceres. Nessa oportunidade, fiquei muito grata pelo reconhecimento e pela sutileza das homenagens que se traduziu, entre outros, na atribuição de meu nome ao principal auditório do centro durante a realização do evento (Figura 48).

Figura 48 - Homenagem no X Sepe, Ceres (2019)



Fonte: Acervo da autora, 2019.

3.5.6 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA — MESTRADO PROFISSIONAL

O desejo de que a pós-graduação *stricto sensu* se estabelecesse no Ceres era acalentado desde meu retorno do doutorado, em 2004, o que se comprova pela disposição em coordenar três iniciativas com esse objetivo, todas malsucedidas. No entanto, encontrei as condições para a concretização desse projeto quando já estava atuando no Campus Central, mais especificamente na Sedis.

Em 2013, tomei conhecimento de que a Sedis estava dando suporte técnico à implementação do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), curso presencial oferecido em rede nacio-

nal, que visa à capacitação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental.

A ideia do programa em rede, envolvendo dezenas de instituições de diferentes regiões do país, me despertou para a possibilidade de uma proposição voltada para a formação de professores em Geografia que se efetivasse na UFRN, a partir de uma oferta *multicampi*. Acrescente-se a isso a experiência exitosa de elaboração do Projeto Pedagógico da Licenciatura a Distância, que reuniu professores do Ceres, do CCHLA e da UEPB.

Nesse contexto, comecei a delinear a proposição de um mestrado com enfoque no Ensino de Geografia, integrando docentes do Ceres e do CCHLA, com turmas ofertadas simultaneamente nos *campi* de Caicó e Central, e logo fui em busca de parcerias. Apresentei a ideia à pró-reitora de Pós-Graduação, Edna Maria Silva, que de imediato apontou caminhos para sua concretização. Por sua recomendação, dei início aos primeiros contatos com alguns professores dos citados departamentos sobre a proposta, o que possibilitou perceber a aceitação.

Realizadas as primeiras conversações, passamos à fase dos encaminhamentos, quando assumi a coordenação dos trabalhos de elaboração do projeto, que durou alguns meses e contou com a colaboração de colegas. Enfim, sistematizou-se o Projeto Institucional de Pós-Graduação em Geografia — Mestrado Profissional (Geoprof), com área de concentração em Ensino de Geografia e oferta *multicampi*, envolvendo o CCHLA e o Ceres.

Após tramitação e aprovação internas, o projeto foi submetido à avaliação da Capes em maio de 2014, e, mediante sua aprovação em outubro do mesmo ano, foram tomadas as providências para sua implementação. No âmbito dessas providências, delineou-se o processo seletivo, que transcorreu de março a junho de 2015, com vagas ofer-

tadas para os *campi* Central e de Caicó. Finalmente, estava criado o primeiro programa de pós-graduação do Ceres¹²¹, com o diferencial de ser o primeiro do Brasil com área de concentração em Ensino de Geografia. Enfim, coordenei um processo de elaboração de projeto de pós-graduação exitoso.

No projeto submetido à avaliação da Capes, constou meu nome como Coordenadora do Programa, função assumida no decurso da primeira gestão. Minha atuação no Geoprof tem sido ininterrupta desde sua criação, seja por meio da gestão, da docência ou da orientação de trabalho final do curso, conforme exposto anteriormente

Durante a elaboração do projeto e implantação do Geoprof, pensei muito sobre a dimensão desse sonho que se fez realidade e o poder da construção coletiva, pois um projeto dessa envergadura não se realiza sozinho. Ademais, em minha trajetória, nunca encontrei sentido na construção solitária. No entanto, tenho ciência de que os desafios são enormes para manter ativo um programa de pós-graduação. Os esforços devem ser continuamente ampliados no sentido de atender exigências da CAPES e nossas próprias expectativas, enquanto docentes comprometidos com uma formação qualificada.

Confesso ainda que, às vezes, penso que este é o último grande projeto de minha trajetória profissional, por já ter integrado os requisitos para a aposentadoria desde 2016. Indiscutivelmente, esta é a minha realidade. Mas, sendo a realidade multifacetada, prefiro lançar luzes sobre representações que tornam opaco o fim e luminoso o ápice.

121 O Geoprof, anualmente, realiza processo seletivo para ingresso no programa, que já conta com cinco turmas. A oferta de disciplinas ocorre no CCHLA e no Ceres. Os professores assumem as disciplinas a partir de seus interesses e disponibilidade, em geral, atuando nos centros aos quais são vinculados, embora essa ação possa ocorrer em qualquer um deles. Ao ingressar no programa, o aluno é vinculado ao campus por ele indicado na inscrição do processo seletivo, onde, em geral, são cumpridas as atividades acadêmicas do programa. Todavia, existe a possibilidade de cursar disciplina no outro campus. As atividades podem integrar professores e/ou alunos dos dois campi, sendo ilustrativa a oferta do componente curricular Colóquios Temáticos, pelo qual sou responsável, cuja realização implica reunir os alunos ingressantes e professores, ora no Campus Central, ora no Campus de Caicó.

Mediante a criação do Geoprof, o que ocorreu superou minhas expectativas acerca da criação de uma pós-graduação *stricto sensu* no Ceres, Campus de Caicó. O pioneirismo da proposta, em termos de área de concentração, a construção fundamentada em uma práxis coletiva *multicampi*, as contribuições à Educação Básica, as microrrevoluções produzidas na vida dos alunos, a inserção do ensino a ser ensinada e apreendida, simultaneamente em nosso cotidiano docente são repercussões que ultrapassaram minhas expectativas.

Particularmente, não estou feliz somente por ser o Geoprof o primeiro programa de pós-graduação implantado no Ceres, mas também pelo seu processo de construção articulado ao CCHLA, no qual me propus a ser ponte e para o qual contei com a imprescindível colaboração de professores e gestores desses centros.

Em meu percurso docente, o Geoprof tem sido uma singular oportunidade de aprender sobre a Geografia Escolar, por vezes tão obscurificada nos meandros da Geografia acadêmica, e de aproximação entre universidade e escola — o que se efetiva por meio dos nossos alunos. A partir deles temos (re)conhecido a realidade escolar de lugares próximos, no território potiguar, e longínquos, como Pernambuco, Ceará, Paraíba e Maranhão, mais precisamente a Ilha de Upaon-Açu, onde se situa a capital São Luís, que dizem de (geo)grafias tão diversas.

Nesse momento tão especial em minha vida, considero que o Geoprof é uma síntese de saberes e experiências. Mescla de sonhos, vivências em espaços múltiplos e tempos diversos que convergem não para delinear o fechamento de um ciclo, mas para demarcar um ponto de cruzamento entre ensino e pesquisa pelos caminhos da Geografia (Figura 49).

Figura 49 - Atuação no Geoprof



Fonte: Acervo da autora, 200-.

3.6 TRILHAS DIVERSAS E OUTROS FAZERES ACADÊMICOS

Minha atuação na UFRN ultrapassa os segmentos de Gestão, Pesquisa, Extensão e Ensino, além de se inscrever por trilhas diversas, mas tangenciais, que geram possibilidades de realizar outros fazeres acadêmicos e acrescentam à minha condição de ser professora, em constante processo de (re)construção. A seguir, algumas referências das trilhas que percorri e ainda percorro, construindo conhecimento, lapidando a ação docente, exercitando a práxis política e contribuindo com as ações institucionais.

3.6.1 COLAÇÕES DE GRAU

Em minha trajetória na UFRN, participar de colações de grau se faz recorrente. No decurso de 20 anos de atuação docente no Ceres, fui homenageada por 18 turmas (Figuras 50 e 51) e várias vezes ministrei a Aula da Saudade; além disso, tive oportunidade de presidir solenidades de colação de grau para as quais fui designada pela Reitoria (Figura 52). No CCHLA, já estive presente em solenidades dessa natureza, especialmente naquelas dos cursos à distância.

Figura 50 - Colação de grau de meus primeiros alunos no Ceres, Licenciatura em Geografia – Turma 1991.2



Fonte: Acervo da autora, 1991.

Figura 51 - Colação de grau da Licenciatura em Geografia - Ceres (2001 e 2013)



Fonte: Acervo da autora, 2001 e 2013.

Figura 52 - Presidindo colação de grau de cursos à distância
Polo de Apoio Presencial de Caicó (201-).



Fonte: Acervo da autora, 201-.

A homenagem em algum dos ritos da colação de grau é para um reconhecimento pelo trabalho realizado e uma deferência que me faz feliz e amplia o senso de responsabilidade. Mas, independentemente da condição de homenageada, gosto de participar da colação de grau e vivenciar com os alunos, familiares e amigos esses momentos de alegria e gratidão.

Dentre as solenidades desta natureza, uma se inscreve de forma indelével em minha história. Trata-se da colação de grau da turma 2001.2, do Ceres, Campus de Caicó, que reuniu alunos dos cursos de Geografia e Matemática (Figura 53). Nesta solenidade, em que fui escolhida para ser paraninfa, dentre os alunos aptos a receberem o diploma estava minha mãe. Aos 57 anos, ela realizava o sonho de concluir a Licenciatura em Matemática. Uma merecida conquista, obtida com muito esforço, dedicação e superação, em meio ao enfrentamento das sequelas da diabete, que comprometeu sua visão e qualidade de vida, e das viagens noturnas diárias de Cruzeta, onde residia, a Caicó. Este é mais um exemplo de coragem, obstinação e superação, que minha mãe nos deixou como legado.

Figura 53 - Colação de grau da turma 2001.2, Ceres, Campus de Caicó





Fonte: Acervo da autora, 2001.

Esta colação de grau tornou-se um marco em minha trajetória na docência universitária. Certamente poucos tiveram a oportunidade e o privilégio de viver um momento tão significativo; mas também é ilustrativo do meu sentimento em relação à participação em solenidades dessa natureza; uma vivência que considero extremamente valorosa. É um momento da vida dos alunos, no qual término e começo são duas faces da mesma travessia. Uma travessia na qual eles seguem e eu, mesmo ficando, teimo em acreditar que seguirei com eles através do que possivelmente ensinei.

3.6.2 BANCAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Minha participação em bancas de TCC é norteadada pelo desejo de colaborar com o trabalho e encarada como um ato de grande responsabilidade, ante a importância desse momento para o examinando. Esse tipo de atividade tem ocorrido tanto na condição de orientadora de alunos de graduação e pós-graduação, quando exercito a atribuição de convidar colegas para avaliar a produção de meus orientandos, como na condição de examinadora, convidada por colegas para avaliar os trabalhos de alunos por eles orientados.

Ao longo do tempo, esse tipo de atividade, desenvolvida em cursos de graduação, especialização, mestrado e doutorado, bem como em exame de qualificação, tem se mostrado crescente. Também nesse caso, atribuo essa tendência ao percurso da formação continuada, tendo em vista que a conclusão do doutorado habilita para atuar nesse nível de formação, e, sobretudo, a minha inserção como docente em programas de pós-graduação. Todavia, para além dos números, há contextos diferenciados em minha trajetória profissional, o que me permite reconhecer a importância dessa prática em cada uma dessas fases.

No decurso de minha lotação no Ceres (1991.2 a 2011.1), a participação em bancas de TCC representou um esforço de contribuir com os cursos de graduação em Pedagogia, História, Turismo e Geografia (bacharelado), que enfrentaram o desafio de exigir monografia para integralização curricular. Também participei de bancas em cursos de especialização, nos quais depositávamos a esperança de, a partir deles, reunir as condições para a criação de um mestrado. Com minha remoção para o Campus Central, onde o cenário da pós-graduação já se afigura com maior solidez e o bacharelado tem como exigência a elaboração e apresentação de uma monografia para integralização curricular, ampliaram-se as oportunidades de orientação e participação em bancas.

Nesse contexto, o aumento no número de participações em bancas de TCC está diretamente vinculado ao envolvimento com as atividades na graduação e na pós-graduação. Essas atividades ocorrem nos segmentos de Ensino, especialmente em disciplinas na área de Metodologia do Trabalho Científico, e Pesquisa, por meio das orientações de iniciação científica, monografia, dissertação e tese. Acrescente-se, ainda, o esforço realizado visando publicações e participações em eventos, o que oportuniza, a outros, a leitura de nossos escritos e nos faz (re)conhecidos. São situações que justificam convites para examinar trabalhos produzidos, inclusive em outras instituições de ensino superior do país.

A participação em bancas de trabalho de conclusão de curso, em seus diferentes níveis, constitui uma atividade importante e contributiva por gerar possibilidades de aprendizagem que se efetivam por meio de uma relação dialógica que envolve o texto e, a partir dele, se estabelece a interlocução com o autor, o orientador e os colegas avaliadores.

Esse tipo de atividade oportuniza a vivência de momentos peculiares de ensinar e aprender por meio de situações que me desafiam. Este desafio consiste não somente em imergir no texto para decifrá-lo e contribuir com sua elaboração, pondo em relevo suas qualidades e possíveis fragilidades, mas, especialmente, na comunicação de tal avaliação, o que pressupõe cuidado com o que e como dizer.

3.6.3 ORIENTAÇÕES DE ESTÁGIO DE DOCÊNCIA

No Brasil, os desafios da qualificação docente para atuação no ensino superior conferiram relevância para a pós-graduação *stricto sensu*, tanto como espaço de construção de conhecimentos científicos, quanto de processos formativos voltados à docência. Nessa tessitura, constituiu-se um marco a Portaria n. 52, de 26 setembro de 2002, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que

aprovou o Regulamento do Programa de Demanda Social. De acordo com esse documento, que se constitui o anexo da citada Portaria,

o estágio de docência é parte integrante da formação do pós-graduando, objetivando a preparação para a docência, e a qualificação do ensino de graduação sendo obrigatório para todos os bolsistas do Programa de Demanda Social (CAPES, 2002).

A partir da vigência dessa portaria, as instituições ofertantes de programas de pós-graduação, atendendo suas prescrições, passaram a ofertar o estágio de docência, que visa à preparação do pós-graduando para a atuação docente no ensino superior, devendo esta ser compatível com a área de pesquisa a qual está vinculado.

Em sintonia com a legislação, a UFRN aprovou a Resolução n. 063/2010-Consepe, de 20 de abril de 2010, que estabelece normas e regulamenta as atividades de Assistência à Docência na Graduação, cujo anexo corresponde ao Regulamento do Programa de Assistência à Docência (PADG). De acordo com o referido regulamento, a concepção de docência assistida remete “a atuação do aluno de pós-graduação em atividades acadêmicas sob a supervisão direta de professor do quadro efetivo da UFRN”. O PADG tem como objetivos contribuir na formação para a docência de alunos de pós-graduação por meio de atividades acadêmicas na Graduação; para a melhoria da qualidade de ensino nos cursos de graduação, e para a articulação entre graduação e pós-graduação (BRASIL, 2010). Ressalta-se que as atividades de docência assistida somente são obrigatórias aos bolsistas do Programa de Demanda Social da Capes, do Programa de Bolsas Reuni de Assistência ao Ensino e que se inserem em projetos ou programas financiados pela UFRN, nas modalidades de assistência ao ensino e de apoio à pós-graduação (BRASIL, 2010).

Considerando o que preceitua o PADG, desde 2010 ampliei minha atuação docente na UFRN ao assumir o desafio da super-

visão de atividades da Assistência à Docência desenvolvidas em disciplinas da Licenciatura em Geografia, tanto nos cursos ofertados nas modalidades presencial quanto a distância. Entre 2010 e 2020, já supervisionei as atividades didático-pedagógicas de sete estagiários em docência.

A partir das experiências derivadas da minha adesão ao PADG, reconheço nele um instrumento importante na política de formação para a docência. Creio que minha atuação como supervisora tem contribuído para o aprimoramento de minha práxis, na medida em que requisita um pensar e um agir diferenciados para orientar e acompanhar as atividades do estagiário.

3.6.4 CONSELHOS, COLEGIADOS E COMISSÕES

A participação em colegiados e comissões também integra o elenco de atividades por mim desenvolvidas na UFRN ao longo do tempo; totalizam mais de uma centena. Dentre elas, confiro relevância a minha participação como representante do Ceres no Consepe, no Consuni e na Comissão Permanente de Desenvolvimento Institucional (CPDI). Também destaco a participação nas comissões que objetivaram a criação de programa de pós-graduação e de graduação.

Registro ainda que integrei comissões vinculadas a atividades das pró-reitorias, dentre as quais destaco a Comissão de Pesquisa da PPG; Comissão de Pesquisa e de Avaliação dos Trabalhos de Iniciação Científica, no CIC, promovido pela Propesq, e a Comissão de Seleção de Projetos do Programa Melhoria da Qualidade do Ensino de Graduação da Prograd. Além da atuação em comissões, sou parecerista ad hoc de projetos de pesquisa e de ações de extensão da UFRN.

Esse tipo de participação também se efetiva por meio de atividades em colegiados de curso de graduação e comissões de diferentes

naturezas como: Avaliação de Memorial Descritivo, Acompanhamento de Plano Departamental, Avaliação das Atividades Acadêmico Científico Culturais, Avaliação do Estágio Probatório, Processo Seletivo Simplificado para Professor Substituto, Concurso Público para Ingresso no Magistério Superior, Seleção de Tutores do Curso de Geografia, Seleção para Ingresso no Geoprof e no PPGe.

Integrar coletivos de natureza e finalidades tão diversas propiciou a vivência de práticas colaborativas, favoreceu as relações interpessoais e possibilitou, por vezes, liderar discussões, decisões e encaminhamentos; ora em clima de amenidades e manifestações consensuais, ora em ambientes de tensões, conflitos e divergências. No decurso dessas experiências, avultam aprendizagens significativas, somente possíveis em um contexto democrático.

3.6.5 PARECERISTA DE PERIÓDICO

A atuação como parecerista de artigos submetidos à avaliação para fins de publicação em periódicos é uma experiência que teve início em 2012 e vem sendo ampliada. Nessa condição, atuo nos seguintes periódicos:

- Holos, publicação on-line do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) que tem um perfil interdisciplinar;

- REN, Revista Econômica do Nordeste, publicação mantida pelo Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste (Etene) e patrocinada pelo Banco do Nordeste do Brasil, que divulga trabalhos técnico-científicos com enfoque prioritário sobre o tema desenvolvimento regional;

- Revista Mundi Sociais e Humanidades, publicação on-line do Instituto Federal do Paraná (IFPA), que publica artigos científicos com abordagens interdisciplinares;

- Sociedade e Território, publicação do Departamento de Geografia da UFRN, que divulga trabalhos sobre temas ligados à Geografia;

- Revista da Anpege, vinculada à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, que publica artigos científicos na referida área;

- Revista Geoaraguaia, periódico vinculado ao curso de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso/Araguaia, com publicações nas áreas de Geografia, Ciências Ambientais, Interdisciplinar e ciências afins;

- EmRede - Revista de Educação a Distância, publicação mantida pela Associação Universidades em Rede (UniRede), cujos artigos contemplam a área de Educação a Distância.

- Sociedade e Natureza – periódico vinculado à UFU, que publica trabalhos inéditos de revisão crítica sobre tema pertinente à Geografia e áreas afins ou resultado de pesquisa de natureza empírica, experimental ou conceitual.

As atividades como parecerista têm contribuído para a ampliação dos conhecimentos em ciências sociais, especialmente na área da Geografia, e para o aprimoramento da prática de revisão de textos — um exercício exigente em termos cognitivos, de linguagem e de normalização técnica. Em minha atuação como revisora de periódico, tenho buscado articular essas dimensões na perspectiva de uma avaliação pertinente e cuidadosa, que possibilite a elaboração de um parecer bem fundamentado; o que é para mim um exercício prazeroso e instigante.

3.6.6 PROCESSO SELETIVO VESTIBULAR DA UFRN

O ingresso nos cursos de graduação da UFRN, até o ano de 2013, ocorria por meio do processo seletivo vestibular realizado

pelo Núcleo Permanente de Concursos (Comperve).¹²² No período de 1999 a 2013, com exceção de alguns anos, participei desses processos seletivos, atuando em bancas de correção, revisão e elaboração das provas de Geografia e na coordenação da equipe de correção. Todas as atividades que envolvem esse tipo de trabalho fundamentam-se no compromisso com o sigilo e a responsabilidade com prazos e se revelam extremamente tensas, haja vista a necessária avaliação compartilhada com as equipes de trabalho formadas pela Comperve.

A experiência em processo seletivo vestibular se iniciou como integrante da banca de correção de provas de Geografia, na condição de examinadora. Nessa etapa do trabalho, minha atribuição era corrigir as questões discursivas da prova, à luz dos critérios anteriormente discutidos e definidos pela equipe de examinadores. Essa é uma experiência interessante do ponto de vista da construção coletiva, que se faz necessária no processo de correção das provas como uma forma de assegurar equidade à avaliação.

Coexistindo com esse trabalho, passei a atuar como revisora da prova discursiva de Geografia. Nesse papel, minha atribuição era contribuir com a equipe de elaboradores no sentido de avaliar a formulação das questões e as expectativas de respostas, a partir de aspectos teórico-conceituais, gráficos, cartográficos, dentre outros, e do atendimento aos parâmetros curriculares vigentes.

Nos primeiros anos da década de 2000, fui convidada para compor a banca de elaboradores das provas de Geografia, juntamente com a professora Eugênia Dantas. Essa atividade foi por nós desenvolvida em sequenciados processos seletivos, somente sendo interrompida quando da participação de nossos filhos nos certames.

122 Minha atuação na Comperve ocorreu em processos seletivos vestibulares e de outra natureza, como concursos públicos.

Após alguns anos atuando como membro da banca de elaboradores, assumi também a Coordenação da Banca de Correção da Prova de Geografia. O trabalho, embora fosse de outra natureza, era igualmente tenso, pois lidava com uma equipe de aproximadamente 20 professores, bastante heterogênea em termos de comportamento. Um trabalho extremamente exigente em muitos aspectos, dos quais destaco a concentração, atuação em grupo e disciplina, leia-se pontualidade e silêncio.

Meu trabalho se iniciava com as primeiras reuniões para definição das diretrizes de elaboração da prova e somente se encerrava com a avaliação dos recursos impetrados, após a publicação dos resultados pela Comperve e a organização de suas respostas.

Considerando que o início do processo de elaboração da prova ocorria em março e o resultado do processo seletivo era divulgado em janeiro do ano seguinte, sendo ainda estabelecido um prazo recursal, o vestibular estava na pauta dos meus fazeres, por um tempo correspondente a aproximadamente 11 meses. Concluída a etapa de recursos, já estávamos nos mobilizando para começar o trabalho novamente.

As experiências como examinadora, revisora e elaboradora de provas do processo seletivo vestibular da UFRN deixaram lições que repercutem em minha prática docente, especialmente no que se refere à formulação, definição de critérios e correção de instrumentos de avaliação. A atuação como coordenadora da equipe foi igualmente importante pela oportunidade de liderar um grupo seletivamente convidado para esse trabalho, que envolvia majoritariamente professores da UFRN, Campus Central, e de outras instituições de ensino do Rio Grande do Norte. Sendo assim, foi uma experiência que possibilitou conhecer esses professores e ser por eles conhecida, o que rendeu boas amizades e semeou o respeito e o reconhecimento mútuos.

Nesse sentido, além das contribuições para o plano pessoal, considero que minha participação no vestibular da UFRN, indiscutível-

mente, favoreceu a práxis política e a docência, na medida em que todas as etapas desse processo eram marcadas por fazeres coletivos que, embora eivados de tensões, deixaram um legado de aprendizagens.

3.6.7 AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SERIDÓ

A Agência de Desenvolvimento Sustentável do Seridó (Ade-se) foi criada a partir da implementação do Plano de Desenvolvimento Sustentável do Seridó (PDSS)¹²³, em 2000. A iniciativa de elaboração desse plano surgiu no contexto de acentuação dos problemas regionais, com destaque para a escassez d'água, e do fortalecimento das discussões que apontavam o desenvolvimento sustentável como paradigma para as problemáticas que envolviam economia, meio ambiente e pobreza.

Nesse processo, foram envolvidas as principais lideranças políticas, empresariais, sindicais e religiosas da região. Sob a coordenação de representantes do Governo do Estado, construiu-se uma experiência pioneira e inovadora em termos de planejamento estratégico participativo, com base no desenvolvimento sustentável, que se tornou referência para a elaboração de planos regionais, contemplando o território potiguar.

Minha inserção no processo de elaboração do Plano de Desenvolvimento Sustentável do Seridó ocorreu por iniciativa própria e os resultados foram amplamente satisfatórios. Além das aprendizagens obtidas em uma experiência dessa magnitude, sob a coordena-

123 O PDSS foi elaborado sob a coordenação de consultores do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA). Contou com o envolvimento de representantes das várias instituições e organizações públicas e privadas da região em reuniões municipais, sub-regionais e regionais e nos seminários de divulgação. Essa experiência de planejamento descentralizado e participativo resultou na elaboração de um Plano de Desenvolvimento que consta de dois volumes. No primeiro, tem-se um diagnóstico da região através da caracterização das dimensões ambiental, tecnológica, econômica, sociocultural e política-institucional. No segundo, são demonstrados estratégias, programas, projetos e sistema de gestão por dimensão (MORAIS, 2016).

ção da professora Tânia Bacelar de Araújo, também possibilitou conhecer a professora Eleonora Bezerra de Melo Tinôco Beaugrand, que coordenou o Grupo de Trabalho da Dimensão Econômica, do qual eu fazia parte; posteriormente, a referida professora tornou-se minha orientadora no Doutorado de Ciências Sociais.

Em janeiro de 2015, na condição de representante da UFRN, fui eleita para assumir a Presidência da Adese, pelos membros do seu colegiado, formado por representantes da sociedade civil e prefeitos dos municípios que integravam essa organização.

A gestão durou apenas quatro meses, mas foi possível desenvolver ações visando ao equilíbrio financeiro da instituição e dar continuidade aos projetos que já se encontravam em execução. Minha atuação na presidência da Adese, cuja sede está localizada em Caicó, foi inviabilizada mediante as demandas regionais, que requisitavam uma dedicação exclusiva, e o acúmulo de atividades no Campus Central da UFRN.

Apesar da curta duração, essa experiência foi interessante no sentido de oportunizar uma práxis política que extrapolou o ambiente universitário, sendo marcada pelo esforço de dialogar com atores sociais diversos, sobretudo lideranças políticas de diferentes níveis de atuação. Além de buscar possibilidades para contribuir com a mitigação ou resolução de questões/problemas de escala local-regional.

EPÍLOGO: ENTRE O VIVIDO E O DEVIR, O PRESENTE

Nesta escrita memorialista, a narrativa de minha trajetória de vida revela feições do meu eu, que dizem da identidade construída no entrelace de papéis cujas atribuições se projetam, ora em um plano mais individual/pessoal, ora mais coletivo/social, sem perder de vista o caráter de unicidade. O que sou?

Sou família; tenho em meus pais os alicerces da minha existência e na família que construí os horizontes do meu viver. Meus filhos são o que de mais precioso conquistei na vida e concederam a mais significativa identidade: Ser Mãe (Figura 54).

Figura 54 - Minha família





Fonte: Acervo da autora, 2014, 2011, 2009.

Não obstante, no âmbito do que sou há uma feição identitária que aflora, pulsa e anima meu existir: Ser professora.

Nesse sentido, a docência no Ensino Superior representa o ápice do meu sonho de Ser professora e me proporciona oportunidades de viver experiências marcantes que acrescentam a minha condição humana e trajetória profissional.

Nesse percurso em que a UFRN foi roteiro e cenário em minha vida, enquanto espaço de atuação profissional e de realização pessoal, busquei exercer minhas atividades com base no respeito, no diálogo, no compromisso e na empatia, trilhando os caminhos da ética, da ciência e do humanismo.

Minha trajetória de formação continuada no âmbito dos estudos urbanos e regionais e de atuação nas áreas de Ensino, Pesquisa, Extensão e outras atividades docentes, explicitados ao longo deste trabalho, revelam o meu esforço intelectual e operativo de contribuir para a Geografia, enquanto ciência e disciplina escolar, e, por conseguinte, para a formação de alunos de graduação e pós-graduação.

Nesse percurso em que minha prática docente se faz movida pelo ensinar, deixando marcas e rastros, encontro referências de suas repercussões nas situações vivenciadas em salas de aula e além delas, em trilhas formativas e itinerários de vida que delinham a trajetória dos meus alunos.

Indiscutivelmente, no universo das experiências docentes, avulta a atuação na Licenciatura em Geografia, de modo que é na seara da formação de professores que tenho realizado intensivos cultivos e obtido generosas colheitas. Nessas sementeiras, aprendi a conceber e perceber a Geografia como ciência, arte e vida; ciência que desvenda, arte que revela e vida que pulsa na (po)ética do espaço!

Na Gestão, as atividades desenvolvidas no âmbito da administração central, dos centros acadêmicos, dos departamentos, dos cursos, dos colegiados e das comissões representam contribuições do meu exercício profissional junto à universidade. A responsabilidade e o zelo com o bem público reverberam no cumprimento das atribuições inerentes às funções e cargos assumidos nos 29 dedicados ao trabalho na UFRN, assim como nas iniciativas que possibilitaram a criação de laboratório, cursos, grupo de pesquisa e evento, traçando percursos de um acontecer diferenciado para a formação em Geografia. Tais iniciativas referenciam o meu compromisso com ações institucionais que têm contribuído para o fortalecimento da UFRN, especialmente no que concerne às políticas de interiorização, inclusão social e democratização do Ensino Superior.

Rememorando o itinerário percorrido, sinto-me feliz por ser partícipe da construção de pontes que propiciaram o fazer coletivo e pelas pessoas que encontrei nessa trajetória. Algumas permanecem no meu presente; outras, no futuro, desejo reencontrar, e há aquelas cuja relação transcende o tempo, por ser a memória o lugar de seu habitar.

Avaliando o percurso acadêmico e profissional empreendido, de forma crítica e responsável, sou levada a pensar que, embora tenha

enfrentado alguns percalços, construí uma trajetória exitosa, que se inscreve nas linhas e entrelinhas destes escritos e até em suas lacunas, decorrentes da incapacidade e inviabilidade de tudo contar.

Transitando do vivido ao devir, me detenho no presente e este impõe uma leitura do contexto atual. No momento em que escrevo este epílogo, o calendário assinala 15 de abril de 2020 e o contexto é de pandemia da Covid-19, sendo notificados registros de uma expansão geométrica no número de acometidos e mortes. O cenário mundial é catastrófico e o nacional caminha para um quadro situacional de consequências imprevisíveis, que apontam para momentos ainda mais críticos entre os meses de maio e junho, segundo os especialistas.

A pandemia impôs mudanças na vida das pessoas, interferindo nos comportamentos e processos da sociedade, e na dinâmica do mundo, repercutindo sobre as relações políticas e econômicas internacionais.

É como se a sociedade estivesse sob a égide de um novo contrato social, que não foi por nós pactuado, mas somos obrigados a seguir, dada a ameaça que o vírus representa por sua rápida capacidade de disseminação e pela inexistência de remédios e vacinas até o momento. Nessa tessitura, as mais eficientes medidas de contenção da pandemia, conforme os especialistas, são aquelas que restringem, controlam ou impedem a circulação de pessoas. Assim, emergem os decretos governamentais que incidem sobre nossos comportamentos, ao restringir a livre circulação, e são recomendados códigos de postura que repercutem sobre atitudes simples como lavar as mãos, recorrentemente, usar álcool em gel e não tocar nosso rosto nem os outros. Particularmente, choca-me essa realidade na qual abençoar com o entrelace de mãos e abraçar com o entrelace de corpos são atos não recomendáveis, porque precisamos preservar a vida.

A metáfora de que o mundo parou nunca pareceu tão realista diante das medidas de restrição e/ou controle de circulação das pessoas,

adotadas pelos países no enfrentamento da calamidade; sendo emblemáticos o fechamento de fronteiras e o pagamento de multas aos que descumprirem as determinações governamentais de ficar em casa.

Desse modo, em algum dia do calendário de 2020, nós, brasileiros, e muitos outros pelo mundo, exceto os que atuam na saúde e em outros serviços essenciais, fomos convocados e conduzidos à vivência de alguma forma de distanciamento ou isolamento social, traduzida na simples expressão “fique em casa”. Uma estratégia de proteção, simultaneamente, individual e coletiva.

Não obstante, como professora de Geografia, tenho buscado caminhos interpretativos que me ajudem a refletir sobre esse tempo de pandemia, a partir do arsenal de informações circulando em diferentes meios de comunicação (o que exige acurada seleção), mas também de leituras e releituras, dentre as quais destaco “Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro”, de Edgar Morin. Esse esforço se justifica pela necessidade que tenho de compreensão intelectual (objetiva) e humana (intersubjetiva), no sentido empregado por Morin (2002, p. 94-95), sobre as ocorrências e intercorrências que estão reestruturando a vida humana em nível mundial.

Ademais, em tempos de distanciamento social, minha ação docente persiste por meio do uso de dispositivos tecnológicos, como o AVA e WhatsApp, a partir dos quais mantenho conexões com meus alunos da Licenciatura em Geografia a Distância e orientandos de graduação e pós-graduação. Nessa ação, quase que diária, busco saber como estão, como estão os seus e a localidade onde residem. Teço comentários sobre aspectos relativos à vida e ao contexto atual associados à Geografia, em especial às disciplinas deste semestre, e compartilho referências que considero contributivas para a compreensão dos eventos atuais; instigando-os à leitura, à reflexão e ao debate.

Vivendo as angústias e medos desse momento e me reinventando como professora em um processo de ensino-aprendizagem que se faz

em meio à paralisação das atividades acadêmicas, arvorei-me apresentar alguns apontamentos sobre o contexto atual, pretensamente seletivos, articulados à cosmovisão cultivada no isolamento social.

A escalada da Covid-19 recolocou em relevo a relação entre o homem e a natureza ou sociedade e natureza, uma questão basilar nos estudos geográficos. Aspectos ambientais, políticos, econômicos e culturais se entrelaçam, na tessitura desse cenário de crise sanitária sem precedentes — e revelam a natureza geográfica da pandemia, que se efetiva como um fenômeno mundial em tempo de globalização.

A vivência desse momento confere sentido ao que Morin (2002, p. 70-71) anteviu ao tratar do legado do século XX e dos novos perigos, enxergando no vírus desconhecido que surge e nas bactérias mais resistentes aos antibióticos as forças da morte.

Dessa forma, a morte reintroduziu-se com virulência em nossos corpos, que acreditávamos estarem aqui para a frente assepticizados. Enfim, a morte ganhou espaço em nossas almas (MORIN, 2002, p. 71).

Por outro lado, para além da pandemia, a percepção que tenho é que o planeta agonizante clama por vida e a vida pede uma pausa. Os estudos e a literatura apontam há algum tempo o descompasso nas relações entre a sociedade e a natureza. Em minha leitura, a degradação ambiental é uma feição visivelmente nítida da degradação da vida e, nesta, incluo e ressalto a vida humana.

Nesse sentido, reconheço a existência de uma encruzilhada com base na premissa de que a vida acontece no tempo e no espaço. Sendo assim, em que medida a vida pode acontecer, considerando esse ínfimo tempo que o homem tem dedicado a simplesmente viver, no sentido apazível que deveria ter/ser, e o espaço desestruturado e degradado para habitar? Esse é um dos dilemas que colocam em questionamento o modo de vida contemporâneo

e tem sido objeto de estudo na Geografia e em outras ciências. Por outro lado, esse dilema se faz cotidiano na vida de milhares de pessoas pelo mundo; pessoas que de tanto lutarem para manter os sinais vitais em seus corpos, estão cansados demais para alimentar a alma e vão perdendo o sentido de viver.

Acrescente-se a esse dilema a ameaça que representa a pandemia para a humanidade, assinalando o ano de 2020 como aquele em que o mundo se viu refém de um inimigo invisível e devastador. A difusão do vírus impôs novos códigos de postura e medidas restritivas ou de controle de circulação de pessoas, promovendo compulsoriamente um retorno das pessoas e, nestas eu me incluo, à casa e à família. Nesse tempo de virulência, fomos levados a redescobrir o sentido de casa como lar, lugar de abrigo familiar, e a desempoeirar o significado de família, em seu sentido primaz, enquanto grupo de pessoas que compartilham a mesma casa.

Acompanhando os discursos que ecoam a partir de diferentes vozes e me inserindo no universo de análise, considero que, no ambiente doméstico, somos levados a aprendizagens cotidianas que dizem de um novo modo de vida no qual o espaço de morar é também de trabalho (ou retorna a ser?). Por outro prisma, as vivências intrafamiliares no lar que, para muitos, nunca tinham sido experimentadas por tanto tempo, têm oportunizado (re)descobertas de valores e sentimentos, além de um exercício diário de companheirismo, colaboração, paciência, tolerância, empatia, dentre outros, que juntos delineiam o sentido de Amor.

De repente, para muitos, inclusive eu, professora itinerante, vivências adiadas sob o pseudoargumento da falta de tempo tornaram-se tão valiosas e queridas ante a ameaça de não ter tempo para vivê-las, que o caminho de casa e o estar em casa se transformaram em algo familiarmente salutar. Indiscutivelmente, em casa, também fomos leva-

dos a uma imersão interior, a um encontro interior que, possivelmente, será revelador do que realmente importa e faz sentido em nosso existir.

No ambiente social, a perversa capacidade de disseminação do vírus impõe o distanciamento social, inclusive daqueles que amamos, como os idosos e, por vezes, até os filhos, requisitando de cada um de nós o compromisso e o cuidado com o outro. Nesse sentido, o contrato social, que não pactuamos, preceitua em seus artigos primeiros que a preservação da vida requisita de nós vivificar sentimentos que pareciam um tanto adormecidos em tempos de apologia ao individualismo, como a solidariedade e a empatia. A solidariedade entre as gerações, tão criticada nas abordagens do desenvolvimento sustentável, assume uma nova conotação e se evidencia como compromisso familiar e social.

No cenário mundial, enquanto o noticiário anuncia que, através do intercâmbio de conhecimentos e experiências, cientistas de diferentes nacionalidades estão engajados na pesquisa de fármacos e vacinas capazes de debelar a pandemia, assistimos perplexos à quebra de protocolos de relações comerciais em meio à prevalência do poderio político e econômico de alguns países, em detrimento de outros, e à formulação de acusações de omissão de dados por parte de alguns países — conhecimento que poderia ter contribuído para a redução do nível de letalidade da doença. Ou seja, a pandemia não se efetiva somente como uma crise sanitária, mas também como geradora de conflitos de natureza econômica e política. De fato, é uma tragédia humanitária. Aliás, projetando essa análise para o Brasil, verifica-se que, internamente, esse é o contexto que o país vive.

Eis, portanto, o meu relato do presente, que se faz inacabado e lacunar, até porque está sendo escrito num contexto de avalanche de fatos e, tão somente, como uma forma de pontuar eventos e impressões que, na minha visão, estão demarcando este momento do século XXI: o tempo presente nestes escritos.

Neste presente, estou apreendendo cada vez mais sobre a sociedade e o espaço, em suas dimensões culturais, políticas, econômicas e ambientais, e em suas diferentes escalas — local, nacional, regional e mundial. Indiscutivelmente, as aprendizagens dessa trágica experiência têm servido para clarificar minha visão acerca da necessidade de pausar e desacelerar a vida, em suas múltiplas formas de manifestação, como estratégia de não acelerar ainda mais o dispositivo *delete*. O que considero válido tanto para o plano do indivíduo como da sociedade.

Contemplado o presente que se interpõe entre o vivido e o devir, a narrativa que se faz epílogo requisita dizer das minhas expectativas, aqui traduzidas pelo termo esperança, no sentido do verbo esperar, ou seja, levantar, ir atrás, construir, não desistir, conforme nos ensina Freire (1997).

Penso que, passada essa fase de crise e reconfiguradas as condições de convivência social, não ocorrerá um retorno, mas um prosseguir. Minha esperança é continuar pelos caminhos da docência, ensinando Geografia e outras grafias possíveis, trilhando percursos de descobertas e de partilha de conhecimentos em um exercício de realização pessoal e responsabilidade social.

A esperança que alimenta e move o mundo remete a uma continuidade que não se encerra na repetição do vivido, mas comporta a abertura para novas experiências. Espero que esse devir continue animando minha vida de professora e pesquisadora. O vivido será sempre possível de reviver, na medida em que considerar oportuno. Todavia, é reconhecível que cada momento e cada turma são únicos e, assim, esse fazer sempre implica algo novo que repercute sobre o ensino e a aprendizagem. Quanto ao devir, este comportará aprendizagens que acrescentem ao meu repertório de conhecimentos e experiências, em termos de abordagens, práticas de ensino e objetos de

estudo, geradores de possibilidades de transitar pelos horizontes da docência, ampliando ou (re)criando itinerários de atuação.

Nesse sentido, ainda no plano laboral, espero realizar uma investigação sobre a dinâmica urbana de Caicó no século XXI, complementar ao trabalho do mestrado, e retomar os apontamentos sobre o contexto da pandemia, que escolhi registrar nestes escritos, para comparar a visão de mundo de hoje, que será passado, no futuro que será presente.

No plano pessoal, nesse momento em que finalizo esta escrita memorialista, ainda vivendo a condição de refém da pandemia, concentro minhas orações e meus sentimentos na esperança de que logo sejam anunciadas as descobertas de fármacos e vacinas eficientes no enfrentamento ao coronavírus, contribuindo para mitigar e debelar a crise sanitária. Penso que, somente assim, possivelmente estaremos libertos e poderemos viver a reconquista de alguns comportamentos simples, como o toque com as mãos, e básicos, como o livre arbítrio para ir e vir.

Ainda no plano pessoal, mas entremeada às vivências familiares, acalento o desejo de sentir o amor maternal duplamente e experienciar o que é ser avó. Todavia, tenho consciência de que, diferentes de outras designações e títulos por mim conquistados, essa condição de ser não depende de mim e, assim, serenamente projeto-a na seara da esperança.

Por fim, minhas considerações sobre a experiência de escrever uma produção memorialista. Desde cedo, cultivei o hábito da escrita como um exercício prazeroso para dar vazão aos pensamentos que povoam meu imaginário, eivado de utopias (quase sempre realizáveis) e sentimentos. Sendo assim, embora tenha enfrentado alguns desafios, sinto-me gratificada por essa escrita memorialística que, decerto, já se faz marcante pelo significado em minha trajetória de vida, pelo seu conteúdo que é, essencialmente, a minha história, e pelo atípico contexto em que foi produzida, no qual medo e angústia teimam em sufocar a esperança, esta que sempre foi minha companheira.

Hoje, ousou afirmar que este foi o texto mais simples e mais complexo que já escrevi. Simples na medida em que sua construção foi tecida a partir das memórias que compõem a feição lembrada da minha história de vida. Complexo no sentido de que, mesclando razão e emoção, sua construção se fez na urdidura entre lembranças, relatos e documentos. E, nesse constructo, se entrelaçaram os fios da simplicidade, no sentido do que é autêntico, e da complexidade, na perspectiva de juntar, incluir, ligar e entrelaçar pessoas, eventos e lugares que fazem sentido no meu existir.

Também ousou afirmar que este foi o texto mais prazeroso que já escrevi. Certamente, pelo contexto que envolve sua escrita, em um momento da minha trajetória que sinaliza o crepúsculo da atividade laboral. Assim sendo, o prazer dessa escrita reside na oportunidade de imersão em minha história de vida; não simplesmente para relembrar, mas para contá-la de forma cuidadosa e sistematizada. Cuidadosa, porque uma vez escrita se faz documento, e neste se impõe a responsabilidade com o dito e o não dito. Sistematizada, porque busquei construir uma narrativa marcada pelo ordenamento das fases da minha história de vida.

Ainda ousou afirmar que este foi o texto mais desafiante que já escrevi. Isso porque, ao revisitar o passado, por meio do reavivamento das lembranças e do manuseio do acervo documental, acionei os dispositivos da consciência sobre o vivido. Isso possibilitou (re)encontros com situações que marcaram minha vida, feliz ou infelizmente. Nessa tessitura, em que me (re)encontrei com presenças indeléveis e ausências impreenchíveis, mesclaram-se sentimentos que provocaram riso, choro e saudade (imensurável). Mas também foram vivificadas convicções acerca das escolhas, decisões e ações que nortearam a trajetória percorrida; que me conferiram papéis e atribuições e delinearam os percursos trilhados em busca da construção do que sou.

E o que sou, por mais que as designações sejam comuns, é por natureza múltiplo e único, como é da condição humana. No âmbito

das designações comuns, encontro referências do que sou, quando me reconheço e sou por outros reconhecida como Professora. Foi essa condição de ser que me colocou o desafio de construir este livro.

Nessa perspectiva, mais que a narrativa de minha história de vida, conferi alma a essa escrita memorialista, na qual me revelo construindo o Ser professor, a partir de (re)territorializações existenciais que possibilitaram transitar por lugares de memória e espaços de vivências, que dizem das terras e grafias impressas nas (geo)grafias da minha trajetória. E, assim, passados 40 anos de atuação docente, celebro o tempo, que se faz “compositor de destinos”¹²⁴, na certeza de que...

Para tudo na vida existe um tempo,
um tempo certo a se configurar
Coisas que só com a experiência,
passamos a decifrar.
Um tempo de aprender com o tempo
e também de ensinar
Onde sementeiras e colheitas
são expressões do realizar.
Um tempo que transcende ao tempo
e nos faz acreditar
Que entre o vivido e o devir,
o presente possibilita sonhar!

124 Oração ao Tempo, de autoria de Caetano Veloso, Emmanuel Viana e Teles Veloso.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Márcio Moreira; BAPTISTA, Artur Batista. As eleições de 1978 no Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 3, dezembro, 1979, p. 29-52. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/003/Alves_e_Baptista_pp29-52.pdf Acesso em: 11 nov. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação - MEC. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Resolução n. 063/2010-Consepe**, de 20 de abril de 2010. Disponível em: https://sigrh.ufrn.br/sigrh/public/colegiados/filtro_busca.jsf. Acesso em: 11 maio 2020.
- CALLAI, Helena Copetti. **Educação geográfica: reflexão e prática**. Ijuí: Ed. Ijuí, 2011.
- CALVINO, Ítalo. **O caminho de San Giovanni**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CAMPOS, Natércia (org.). **Em alpendres d'Acauã: conversa com Oswaldo Lamartine de Faria**. Natal: Fundação Jose Augusto/Imprensa Universitária, 2001.
- CAMPOS, Alexandrina de Oliveira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Cruzeta: retalhos de sua história**. Natal: (s. n.), 2010.
- CANO, Wilson. Dinâmica da economia urbana de São Paulo: uma proposta de investigação. **Revista de Administração de Empresas**. Rio de Janeiro, p. 15-25, jan./mar.1985.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da terra: geografia, história e toponímia do Rio Grande do Norte**, Natal: Sebo Vermelho/Fundação José Augusto, 2002.
- CASTRO, Iná Elias de. Seca *versus* seca: novos interesses, novos territórios, novos discursos. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Brasil: questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, p. 283-323.
- CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. **Economia e urbanização: o Rio Grande do Norte nos anos 70**. Natal: UFRN/CCHLA, 1995.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

COSTA, Rogério Haesbaerth da. **RS: latifúndio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

DANTAS, Eugênia Maria; TROLEIS, Adriano Lima; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. Entre pontos e conexões: o território-rede no Rio Grande do Norte a partir do EAD. **MNEME**. Revista de Humanidades. Caicó, RN, v. 13, n. 31, p. 117-129, out. 2012. Disponível em: file:///C:/Users/Supporte/Downloads/2123-Texto%20do%20artigo-5975-1-10-20121019%20(3).pdf. Acesso em: 17 nov. 2018.

FARIA, Adriano; FONTENELLE, André. **Especial - Senado 74: a eleição que abalou a ditadura**. nov.2014. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/11/14/especial-senado-74-2013-a-eleicao-que-abalou-a-ditadura>. Acesso em: 21 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil — 1964-1985: um estudo sobre a política educacional**. Campinas, 1990. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/js-pui/handle/REPOSIP/251894?mode=full>. Acesso em: 21 jun. 2020.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GÓES, Terezinha de Medeiros Jesus. **Noções de geografia e história do município de Cruzêta**. Rio Grande do Norte: [s.n.], 1971.

HISTÓRIA da CNEC. **Nossa história**. [19-]. Disponível em: <http://www.cneec.br/nossa-historia>. Acesso em 7 nov. 2019.

IBGE. **Censo demográfico de 1960**: Rio Grande do Norte - Paraíba, Rio de Janeiro, v. I, t. V, [196-].

MACEDO, Muirakytan Kennedy de. **A penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense**. Natal: Ed. Sebo Vermelho, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Superior. Diretoria de Desenvolvimento das Instituições Federais de Ensino Superior. **Programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais: Reuni 2008 — Relatório de primeiro ano**. Brasília, DF, out 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index>.

php?option=com_docman&view=download&alias=2069-reuni-relatorio-pdf&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 16 nov. 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Projeto pedagógico do curso de geografia**: modalidades licenciatura e bacharelado. Caicó, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Relatório de gestão 2003-2011**. Natal: EDUFRRN, 2011.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. Cenários e experiências de educação a distância na UFRN: delineando a trajetória da SEDIS. In: ZAROS, Lillian Giotto; REGO, Maria Carmem Freire Diógenes; TORRES NETO, José Correia. **Educação a distância na Universidade Federal do Rio Grande do Norte**: 15 anos de prática. Natal: SEDIS-UFRN, 2018. Capítulo 1, p. 12-84. Disponível em: <http://sedis.ufrn.br/wp-content/uploads/2019/04/Sedis-15-anos.pdf>. Acesso em 15 nov. 2019.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Desvendando a cidade**: Caicó em sua dinâmica espacial. Brasília: Senado Federal, 1999.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Evolução urbana de Cruzeta**. Caicó, 1983. Datilografado.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Seridó norte-rio-grandense**: uma geografia da resistência. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2016.

MOREIRA, Jaqueline Costa Castilho. Saberes da história da educação física em Presidente Prudente: desfile escolar uma tradição de práticas pedagógicas (1937-1971). **Colloquium Humanarum**, v. 15, n. Especial 2, jul./dez. 2018, p. 591-598. Disponível em: <http://www.unoeste.br/site/enepe/2018/Acesso em: 21 jun. 2020>.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

NUNES, Clarice. O “velho” e “bom” ensino secundário: momentos decisivos. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, RJ, n. 14, p. 35-60, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a04>. Acesso em 4 nov. 2019.

OLIVEIRA, Francisco de. O terciário e a divisão social do trabalho. **Estudos CEBRAP**. Petrópolis, n. 24. p. 137-168, 1980.

PIZZATO, Maria Dilonê. A geografia no contexto das reformas educacionais brasileiras. **Geosul**. Florianópolis, SC, v. 16, n. 32, p. 95-137, jul./

dez. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/14021/12871>. Acesso em: 11 nov 2019.

QUEIRÓS, Vanessa. A lei n. 5692/71 e o ensino de 1º grau: concepções e representações. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, XI, 2013, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013, p. 21026-21043. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8356_5796.pdf. Acesso em: 4 nov. 2019.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. Uma breve história da formação do(a) professor(a) de Geografia no Brasil. **Revista Terra Livre**. São Paulo, SP, n. 15, p. 129-144, 2000. Disponível em: <https://agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/364>. Acesso em: 11 nov 2019.

SANTOS, Milton. **Manual de geografia urbana**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda. **Metamemória – memórias: travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 1991.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. **Ata da 189ª (centésima octogésima nona) sessão de avaliação de trabalho final de doutorado em ciências sociais**. Natal, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Ensino Superior do Seridó. **Formulário para projeto de reestruturação e expansão na UFRN**. Caicó, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Pró-Reitoria de Pesquisa. Centro de Ensino Superior do Seridó. Departamento de História e Geografia. **Projeto de criação de base de pesquisa: Sociedade e espaço**. Natal, 2007.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2002.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Funções administrativas assumidas na UFRN (1992.1 a 2011.1)

FUNÇÃO	DATA/PERÍODO	PORTARIA
Vice-Coordenadora do Curso de Geografia – CERES/Campus de Caicó	19 de março de 1992 a 27 de abril de 1993	Portaria n. 165/92–R, de 19 de março de 1992 Reitor: Geraldo dos Santos Queiroz
Coordenadora do Curso de Geografia – CERES/Campus de Caicó	28 de abril de 1993 a 28 de abril de 1995	Portaria n. 432/93–R, de 20 de julho de 1993 Reitor: Geraldo dos Santos Queiroz
Coordenadora do Curso de Geografia – CERES/Campus de Caicó	20 de junho de 1995 a 16 de março de 1997	Portaria n. 588/95–R, de 20 de junho de 1995 Reitor: José Ivonildo do Rêgo
Chefe do Departamento de História e Geografia – CERES/Campus de Caicó	28 de julho de 1999 a 28 de julho de 2001	Portaria n. 547/99–R, de 28 de julho de 1999 Reitor: Ótom Anselmo de Oliveira
Coordenadora da Especialização em Desenvolvimento Sustentável no Semiárido Nordestino – CERES/Campus de Caicó	30 de maio de 2001 a 03 de abril de 2002	Portaria n. 016/2001 – CERES Diretora: Maria das Graças do Lago Borges
Vice-Chefe do Departamento de História e Geografia – CERES/Campus de Caicó	21 de agosto de 2001 a 02 de abril de 2002	Portaria n. 390/2001, de 21 de agosto de 2001 Reitora em exercício: Técia Maria de Oliveira Maranhão
Coordenadora do Curso de Geografia – CERES/Campus de Caicó	25 de agosto de 2004 a 25 de agosto de 2006	Portaria n. 463/2004–R, de 25 de agosto de 2004 Reitor: José Ivonildo do Rêgo
Coordenadora do Curso de Geografia – CERES/Campus de Caicó	28 de agosto de 2006 a 28 de agosto de 2008	Portaria n. 472/2006–R, de 28 de agosto de 2006 Reitor: José Ivonildo do Rêgo
Vice-Coordenadora do Curso de Geografia a Distância – Secretaria de Educação a Distância	2 de setembro de 2008 a 31 de agosto de 2010	Portaria n. 685/08–R, de 28 de agosto de 2008 Reitor: José Ivonildo do Rêgo
Coordenadora Pró-tempore do Curso de Geografia a Distância – Secretaria de Educação a Distância	1º de setembro de 2010 a 22 de novembro de 2010	Portaria n. 1059/2010–R, de 10 de setembro de 2010 Reitor: José Ivonildo do Rêgo
Coordenadora do Curso de Geografia a Distância – Secretaria de Educação a Distância*	23 de novembro de 2010 a 23 de novembro de 2012	Portaria n. 1392/2010–R, de 23 de novembro de 2010 Reitor: José Ivonildo do Rêgo

Secretária Adjunta da Secretaria de Educação a Distância da UFRN	22 de maio de 2012 aos dias atuais	Portaria n. 821/2012-R, de 22 de maio de 2012 Reitores: Ângela Maria Paiva Cruz e José Daniel Diniz
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado Profissional (GEOPROF) – CERES/CCHLA	1º abril de 2015 a 1º abril de 2017	Portaria n. 555/2015-R, de 27 de março de 2015. Reitora em exercício: Maria de Fátima Freire de Melo Ximenes
Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado Profissional (GEOPROF) – CERES/CCHLA	7 de abril de 2017 a 27 de agosto de 2017	Portaria n. 652/2017-R, de 07 de abril de 2017 Reitora: Ângela Maria Paiva Cruz
Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado Profissional (GEOPROF) – CERES/CCHLA	28 de setembro de 2017 a 28 de setembro de 2019	Portaria n. 2130/2017-R de 28 de setembro de 2017. Reitora: Ângela Maria Paiva Cruz

Fonte: Sistema Integrado de Gestão de Recursos Humanos da UFRN – Sigrh, 2020. Acervo da autora, 2020.

* Em 2011 o referido curso foi vinculado ao DGE-CCHLA.

Apêndice 2 - Ensino de graduação na UFRN, por disciplina, semestre, curso e centro (1991.2-2011.1)

CÓDIGO	DISCIPLINA	SEMESTRE LETIVO				
Licenciatura em Geografia (Ceres – Campus de Caicó)						
DGE 0102	Cartografia I (Geral)	1991.2				
DGE 0118 DHG 0117	Geografia dos Continentes e Países	1991.2 2004.1	1992.2 2005.1	1993.2 2006.1	1995.1	1999.1
DGE 0123	Geografia Regional do Brasil	1991.2 1995.2	1992.2	1993.1	1993.2	1994.2
DGE 0104	Organização do Espaço	1991.2	2009.2			
DGE 0114 DHG 0113	Geografia Regional	1992.1 2000.2	1993.1 2001.2	1994.1 2004.2	1995.2 2005.2	1999.2
DGE 0109 DHG 0127	Geografia da População	1992.1	1994.1	1996.1	1999.1	2000.1
DGE 0110	Geografia Econômica	1992.2	1994.2			
EDU 0237 DHG 0145	Prática de Ensino de Geografia	1993.1 1996.1 2001.2	1993.2 1996.2 2004.2	1994.2 1999.1 2005.2	1995.1 1999.2 2006.2	1995.2 2000.2
DGE 0044	Geografia Humana IV	1994.1				
DGE 0119 DHG 0118 DHG 0214	Geografia Urbana	1996.2 2010.2	2000.1	2001.1	2006.2	2008.2
DHG 0121 DHG 0218	Geografia do Rio Grande do Norte	2001.1 2007.1	2001.2 2008.1	2004.1 2009.1	2005.1 2010.1	2006.1
DHG 0202	Seminário de Geografia Regional	2005.2 2010.2	2006.2	2007.2	2008.2	2009.2
-	Estágio Curricular Supervisionado I	2006.1	2007.1			
-	Estágio Curricular Supervisionado II	2006.2	2007.1	2007.2		
DHG 0216	Geografia Regional do Mundo	2007.1				
-	Estágio Curricular Supervisionado IV	2007.2				
DHG 0200	Introdução à Ciência Geográfica	2010.1	2011.1			

Licenciatura em Pedagogia (Ceres — Campus de Caicó)						
ESE 0232 ESE 0518	O Ensino de Geografia no 1º Grau I	1999.2	2001.1	2002.1	2003.1	2008.1
ESE 0233 ESE 0524	O Ensino de Geografia no 1º Grau II	2000.1 2008.2	2000.2	2001.2	2002.2	2003.2
ESE 0527	Prática de Ensino na Escola de 1º Grau	2004.1	2008.1			
ESE 0528	Prática de Ensino na Escola de 2º Grau	2004.1				
Bacharelado em Turismo (Ceres — Campus de Currais Novos)						
DHG 0065	Geografia Aplicada ao Turismo	2007.2	2009.1	2010.1		
Bacharelado em Geografia (Ceres — Campus de Caicó)						
DHG 0200	Introdução à Ciência Geográfica	2011.1				

Fonte: UFRN. CERES. Departamento de Geografia; UFRN. Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas (Sigaa), 2020.

Apêndice 3 - Ensino de graduação na UFRN, por disciplina, semestre, curso e centro (2011.2-2020.1)

CÓDIGO	DISCIPLINA	SEMESTRE LETIVO				
Bacharelado em Geografia (CCHLA — Campus Central)						
DGE 0121	Técnica de Pesquisa Geográfica	2011.2 2015.2	2012.2	2013.1	2013.2	2014.2
DGE 0201	Introdução à Geografia	2012.1				
DGE 0220	Preparação de Monografia	2012.1	2013.1	2014.1	2014.2	2015.2
DGE 0166	Metodologia do Trabalho Científico	2015.1	2015.2			
DGE 0217	Planejamento Urbano e Regional	2017.2				
Licenciatura em Geografia a Distância (CCHLA — Campus Central)						
DGD 0021	Geografia Regional do Mundo I	2011.2 2016.2	2020.1 2012.1	2012.2	2013.2	2015.1
DGD 0026	Geografia Regional do Mundo II	2011.2	2012.1	2013.1	2017.1	
DGD 0019	Pesquisa e Ensino de Geografia	2012.1	2012.2	2013.2	2017.1	2018.1
DGD 0022	Geografia Regional do Brasil	2013.2	2017.2	2018.2	2019.1	2020.1
DGD 0004	Metodologia Científica	2014.1				
DGD 0047	Geografia da População	2016.1	2019.2			
DGD 0044	Geografia do Nordeste	2017.2	2018.2			
DGD 0002	Organização do Espaço	2018.1				
DGD 0009	Didática e Ensino de Geografia	2018.2				
DGD 0013	Formação Territorial do Brasil	2019.1				
DGD 0040	Geografia Urbana	2019.2				
Tecnólogo em Gestão Pública a Distância - CERES - Campus de Caicó						
TGP 0017	Metodologia do Trabalho Científico	2014.2				
TGP 0025	Seminário do TCC	2015.1				
TGP 0028	Estágio Supervisionado	2015.2	2016.1	2016.2		
TGP 0029	Trabalho de Conclusão de Curso	2015.2	2016.1	2016.2		

Fonte: UFRN. Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas (Sigaa), 2020.

Apêndice 4 – Projeto de Ensino – Licenciatura em Geografia a Distância da UFRN (2014.1)

DESCRIÇÃO	
Identificação	Projeto Interdisciplinar
Disciplinas, professores e tutores a distância	Introdução a Ciência Geográfica – Eugênia Maria Dantas – Juciléa Medeiros de Azevedo de Medeiros Metodologia Científica – Ione Rodrigues Diniz Morais – Jeyson Ferreira Silva de Lima
Polos de apoio presencial e tutores presenciais	Caicó – Izabel Cristina da Silva, Francivan D. da Silva e Maira Jaira Mariz Batista Currais Novos – Antonio Marcos de Moraes Costa Macau – Aurislande Batista de Oliveira Souza e Francisco Canindé Carvalho Costa
Conteúdo	As Correntes de Pensamento Geográfico A Metodologia do Trabalho Científico
Objetivos	Compreender e aplicar os conteúdos que envolvem as matrizes de pensamento geográfico, a situação que envolve a espacialidade geográfica, levando em consideração a metodologia científica de produção do conhecimento; Elaborar e executar um plano de trabalho com elementos que envolvem a pesquisa; Elaborar artigo científico; Organizar e apresentar seminário.
Metodologia	Atividade em grupo; Leitura e interpretação de textos que subsidiem o entendimento dos conteúdos; Levantamento/Pesquisa bibliográfica especializada; Análise e sistematização das ideias levantadas por meio de fichamento; Confecção de artigo científico; Preparação e realização de seminário para apresentação dos resultados da pesquisa.
Resultados esperados	Apropriação e aplicação dos conteúdos referentes às Correntes de Pensamento Geográfico – Determinismo, Possibilismo, Nova Geografia, Geografia Crítica e Geografia Cultural – e à Metodologia do Trabalho Científico. Desenvolvimento de atitudes e valores pertinentes à formação em Geografia e sua aplicação ao ensino; Elaboração de conhecimentos sobre problemas relativos à sistematização do conhecimento geográfico, à interface com outras linguagens e com o ensino de GGeografia; Produção de artigo científico; Organização e realização de seminário

Etapas e período de execução	<p>Definição dos grupos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Número de alunos por grupo: até 5 alunos; • Data para sorteio do conteúdo e definição dos grupos no polo com o tutor presencial: até 19/04; • Forma de envio: fórum página das disciplinas; • Os conteúdos que serão objeto para o sorteio são: Determinismo, Possibilismo, Nova Geografia, Geografia Crítica e Geografia Cultural; • Exploração dos temas pelos grupos: • Definição de plano de pesquisa pelo grupo e envio para análise (ver Anexo 1 com modelo de plano de pesquisa a ser elaborado pelo grupo); <p>Análise dos planos de pesquisa pelas equipes das disciplinas e disponibilização da avaliação para os grupos;</p> <p>Pesquisa com levantamento de dados e informações referentes ao tema;</p> <p>Sistematização de dados e informações da pesquisa;</p> <p>Elaboração do artigo científico;</p> <p>Postagem do artigo científico: último prazo para envio 19/04;</p> <p>Organização do seminário;</p>										
Cronograma da atividade presencial	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th style="width: 33%;">POLO</th> <th style="width: 33%;">DATA</th> <th style="width: 33%;">HORÁRIO</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Macau</td> <td>22 de maio</td> <td rowspan="3" style="text-align: center; vertical-align: middle;">9:00 as 14:00</td> </tr> <tr> <td>Currais Novos</td> <td>23 de maio</td> </tr> <tr> <td>Caicó</td> <td>24 de maio</td> </tr> </tbody> </table>	POLO	DATA	HORÁRIO	Macau	22 de maio	9:00 as 14:00	Currais Novos	23 de maio	Caicó	24 de maio
POLO	DATA	HORÁRIO									
Macau	22 de maio	9:00 as 14:00									
Currais Novos	23 de maio										
Caicó	24 de maio										
Anexos	<p>Modelo de Plano de Pesquisa</p> <p>Orientações para elaboração do Texto Científico</p>										

Apêndice 5 - Projeto de Ensino – Licenciatura em Geografia a Distância da UFRN (2015.1)

DESCRIÇÃO	
Identificação	Projeto Interdisciplinar
Tema	Espaço geográfico em múltiplas escalas: explorações para a sala de aula
Disciplinas*, professores e tutores a distância	Geografia Regional do Brasil – Eugênia Maria Dantas – Juciléa Medeiros Azevedo e Francisca Elizonete de Souza Lima Geografia Regional do Mundo I – Ione Rodrigues Diniz Moraes – Jeyson Ferreira Silva de Lima e Camila da Silva Pereira Espaço, Tecnologia e Globalização – Celso Donizete Locatel – Bruno Clayton Oliveira e Mariana de Vasconcelos Pinheiro Instrumentação para o Ensino de Geografia IV – Adriano Lima Troleis – Joseara Lima de Paula e Dalyson Luiz Araújo de Moraes Estágio Supervisionado I – Djanni Martinho dos Santos Sobrinho – Kelson de Oliveira
Polos de apoio presencial e tutores Presenciais	Marcelino Vieira – Jose Elomark Paiva Rego Luís Gomes – Tâmara Maria Moreira Ferreira – Tereza Cristiany Paiva Nunes Martins – Claudia Maria Nunes – Francisco Lindomar Carlos Nova Cruz – Marcones Laurentino Ramos – Sonia Ferreira da Silva Macao – Francisco Canindé Carvalho Costa Caicó – Izabel Cristina da Silva – Francivan Dantas da Silva – Maira Jaíra Mariz Batista
Conteúdo	Agricultura – contexto da produção agrícola no Brasil e no mundo, considerando a produção de soja e sua espacialização nas diferentes escalas geográficas; Blocos Econômicos – contexto da formação dos blocos econômicos regionais e cartografia dos principais blocos; o Brasil, no contexto do Mercosul; Cidades Globais – aspectos conceituais e sua espacialização em escala mundial; o papel de São Paulo e Rio de Janeiro no contexto do desenvolvimento econômico mundial; População e Mercado de Trabalho – perfil demográfico em escala mundial; análise comparativa da estrutura etária de Portugal e do Brasil; tendências demográficas do Brasil e as mudanças no mercado de trabalho; Recursos Hídricos – potencial hídrico em escala mundial e sua espacialização; os diferentes usos da água no território brasileiro.
Objetivos	Compreender a dinâmica espacial no contexto das relações globais-regionais da contemporaneidade; Analisar aspectos geoeconômicos e ambientais em diferentes escalas geográficas; Elaborar e executar um plano de aula sobre temas geográficos.

Metodologia	<p>Atividade em grupo (máximo 5 alunos);</p> <p>Leitura e interpretação de textos que subsidiem o entendimento das temáticas;</p> <p>Uso da bibliografia recomendada como suporte para o planejamento e a execução de aulas (sugere-se livros didáticos do Ensino Médio e paradidáticos);</p> <p>Elaboração e execução do plano de aula (planejar uma aula de 60 minutos);</p> <p>Confecção de recursos metodológicos para uso em sala de aula.</p>
Resultados esperados	<p>Apropriação dos conteúdos geográficos e didáticos fundamentais à formação do professor de Geografia;</p> <p>Desenvolvimento de atitudes e valores pertinentes ao exercício docente;</p> <p>Construção de conhecimentos sobre temas geográficos considerando as diferentes escalas de abordagem, o contexto da globalização, as diversidades econômicas e tecnológicas;</p> <p>Produção de plano de aula;</p> <p>Prática docente por meio de uma aula a ser ministrada pelo grupo de alunos.</p>
Etapas e período de execução	<p>Definição de grupos e do tema, no polo, com o tutor, de acordo com orientação prévia dada pela coordenação das disciplinas envolvidas no projeto, com postagem na página do Estágio – de 02 a 06/04;</p> <p>Exploração dos temas pelos grupos, no decorrer da segunda unidade, visando fundamentar a seleção dos conteúdos que comporão o plano de aula – até 19/04;</p> <p>Disponibilização do plano de aula na página do Estágio pelos grupos – até 19/04;</p> <p>Retorno da avaliação do plano de aula pela equipe das disciplinas – até 26/04; Reorganização e disponibilização do plano de aula (no Moodle) pelos grupos – até 09/05</p> <p>Organização definitiva da aula – até 19/05;</p> <p>Realização das aulas a serem ministradas pelos alunos e avaliadas pelos professores nos polos – de 20 a 22/05.</p>

Cronograma da atividade presencial	POLO	DATA	HORÁRIO
	Marcelino Vieira	20 de maio	13:30 às 17:30
	Luís Gomes	21 de maio	08:00 às 13:00
	Martins	22 de maio	08:00 às 13:00
	Nova Cruz	21 de maio	08:00 às 13:00
	Macau	22 de maio	08:00 às 13:00
	Caicó	22 de maio	08:00 às 13:00
Avaliação	<p>O projeto prevê que cada grupo deve desenvolver duas atividades para a sua concretização, quais sejam:</p> <p>Plano de aula (postado na página da disciplina do estágio supervisionado)</p> <p>Aula prática (que será realizada no polo)</p> <p>Notas atribuídas as atividades por disciplina (Plano de aula + Aula prática realizada no polo) respectivamente:</p> <p>Estágio Supervisionado I – 2,0 + 2,0</p> <p>Instrumentação para o Ensino de Geografia IV – 1,5 + 1,5</p> <p>Geografia Regional do Brasil – 2,5 + 2,5</p> <p>Geografia Regional do Mundo I – 2,5 + 2,5</p> <p>Espaço Tecnologia e Globalização – 2,5 + 2,5</p> <p>O aluno terá a pontuação (zero) na etapa não realizada.</p>		

Apêndice 6 - Projeto de Ensino – Licenciatura em Geografia a Distância da UFRN (2016.2)

DESCRIÇÃO	
Identificação	Projeto Interdisciplinar
Tema	Espaço geográfico em múltiplas escalas: explorações para a sala de aula
Disciplinas*, professores e tutores a distância	Geografia Regional do Brasil – Eugênia Maria Dantas – Rosimeri de Lourdes Estevão Cunha Geografia Regional do Mundo I – Ione Rodrigues Diniz Morais – Juciléa Medeiros de Azevedo Instrumentação para o Ensino de Geografia IV – Alessandro Dozena – Fabiana Menezes Estágio Supervisionado I – Djanni Martinho dos Santos Sobrinho – Rute Soares Paiva
Polos de apoio presencial e tutores presenciais	Macau – Maria do Socorro de Lima Caicó – Francivan Dantas da Silva Currais Novos – Antonio Virgínio Martins Neto
Conteúdo	Agricultura – contexto da produção agrícola no Brasil e no mundo, considerando a produção de soja e sua espacialização nas diferentes escalas geográficas. Blocos Econômicos – contexto da formação dos blocos econômicos regionais e cartografia dos principais blocos; o Brasil e o contexto do Mercosul. Cidades Globais – aspectos conceituais e sua espacialização em escala mundial; o papel de São Paulo e Rio de Janeiro no contexto do desenvolvimento econômico mundial. Migrações – principais fluxos de migrantes para a Europa e tendências migratórias no Brasil na atualidade. Recursos Hídricos – Potencial hídrico em escala mundial e sua espacialização e crise hídrica no Brasil.
Objetivos	Compreender a dinâmica espacial no contexto das relações globais-regionais da contemporaneidade; Analisar aspectos geoeconômicos e ambientais em diferentes escalas geográficas; Elaborar e executar um plano de aula sobre os temas geográficos indicados.
Metodologia	Atividade em grupo com no máximo cinco alunos (ação desenvolvida com o tutor presencial); Leitura e interpretação de textos que subsidiem o entendimento das temáticas; Uso da bibliografia recomendada como suporte para o planejamento e a execução das aulas (sugere-se livros didáticos do Ensino Médio, paradidáticos e fontes documentais impressas ou virtuais); Elaboração e execução do plano de aula (planejar uma aula de 60 minutos); Confecção de recursos metodológicos para uso em sala de aula.

<p>Resultados esperados</p>	<p>Apropriação dos conteúdos geográficos e didáticos fundamentais à formação do professor de Geografia;</p> <p>Desenvolvimento de atitudes e valores pertinentes ao exercício docente;</p> <p>Construção de conhecimentos sobre temas geográficos considerando as diferentes escalas de abordagem, o contexto da globalização, as diversidades econômicas e tecnológicas;</p> <p>Produção de planos de aula;</p> <p>Prática docente por meio de uma aula a ser ministrada pelo grupo de alunos.</p>										
<p>Etapas e período de execução</p>	<p>Definição dos grupos e escolha do tema – 20 a 25/09;</p> <p>Exploração do conteúdo e elaboração da primeira versão do plano de aula – até o 10/10;</p> <p>Avaliação e retorno pela equipe das disciplinas dos planos de aula – até 20/10; Reorganização e postagem dos planos definitivos pelos grupos – até 30/10;</p> <p>Organização definitiva das aulas de acordo com os planos de aula – até 12/11.</p> <p>(Postagem dos produtos/informações – página da disciplina Estágio).</p>										
<p>Cronograma da atividade presencial</p>	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse; text-align: center;"> <thead> <tr> <th style="width: 33%;">POLO</th> <th style="width: 33%;">DATA</th> <th style="width: 33%;">HORÁRIO</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Macau</td> <td>10 de novembro</td> <td rowspan="3">9:00 as 14:00</td> </tr> <tr> <td>Currais Novos</td> <td>11 de novembro</td> </tr> <tr> <td>Caicó</td> <td>12 de novembro</td> </tr> </tbody> </table>	POLO	DATA	HORÁRIO	Macau	10 de novembro	9:00 as 14:00	Currais Novos	11 de novembro	Caicó	12 de novembro
POLO	DATA	HORÁRIO									
Macau	10 de novembro	9:00 as 14:00									
Currais Novos	11 de novembro										
Caicó	12 de novembro										
<p>Avaliação</p>	<p>O projeto prevê que cada grupo desenvolva duas atividades para a sua concretização, quais sejam:</p> <p>Plano de aula (postar na página da disciplina do estágio supervisionado)</p> <p>Aula prática (realizada no polo)</p> <p>Notas atribuídas às atividades por disciplina (Plano de aula + Aula prática realizada no polo) respectivamente:</p> <p>Estágio Supervisionado I – 2,0 + 2,0</p> <p>Instrumentação para o Ensino de Geografia IV – 3,0 + 5,0</p> <p>Geografia Regional do Brasil – 2,5 + 2,5</p> <p>Geografia Regional do Mundo I – 2,5 + 2,5</p> <p>O aluno terá a pontuação (zero) na etapa em que deixar de realizar</p>										

Apêndice 7 - Projeto de Ensino – Licenciatura em Geografia a Distância da UFRN (2017.1)

DESCRIÇÃO	
Identificação	Projeto de Ensino Integrado
Tema	Prática docente em Geografia
Disciplinas, professores e tutores a distância	Geografia Regional do Mundo II – Ione Rodrigues Diniz Morais – Jucicléa Medeiros de Azevedo Estágio Supervisionado II – Djanni Martinho dos Santos Sobrinho – Rute Soares Paiva
Polos de apoio presencial e tutores presenciais	Macau – Maria do Socorro de Lima Currais Novos – Antônio Virgínio Martins Neto Caicó – Francivan Dantas da Silva
Conteúdo	Temas referentes aos aspectos físicos e humanos dos continentes africano, asiático e Oceania
Objetivo	Planejar e elaborar um plano de aula e, com base neste, ministrar uma aula sobre os continentes africano, asiático e Oceania no Ensino Fundamental
Metodologia	Envolverá orientação para fins de planejamento e elaboração do plano de aula e para a realização da aula com base no citado documento e atividade de prática como componente curricular por meio do desenvolvimento de atividade que corresponderá à ministração de uma aula pelos grupos de alunos previamente estabelecidos. Cada aula ministrada por um grupo de alunos será avaliada pela equipe responsável pela execução do projeto.
Recursos didáticos	Livro didático e outras bibliografias impressas ou virtuais; uso de projetor multimídia, entre outros.
Produto	Plano de aula, que servirá de base para a aula a ser executada em atividade grupal.
Etapas e período de execução	Etapa I – Sorteio dos temas por grupo (tema geral) África: aspectos físicos África: aspectos econômicos, políticos e sociais Ásia: aspectos físicos Ásia: aspectos econômicos, políticos e sociais Oceania: aspectos físicos, econômicos, políticos e sociais Etapa II – Elaboração do plano de aula O grupo deverá elaborar um plano de aula contendo os seguintes elementos: cabeçalho, tema, objetivos, metodologia, avaliação e referências (anexo 1). É importante que se escolha livros didáticos trabalhados no Ensino Fundamental para ajudar na construção do plano. Entrega do plano – 20/03 a 20/04. Etapa III – Postagem do plano de aula Postar o plano de aula na página do Estágio Curricular Supervisionado até o prazo determinado. Somente um componente do grupo deverá postar o plano. Neste caso, ao escolher o aluno que postará o plano, é importante que o mesmo seja responsável por todas as demais postagens.

	<p>Etapa V – Postagem da versão final dos planos</p> <p>Ao refazer os planos de aula, considerando as orientações dos professores da disciplina, o grupo deve postar novamente na página do Estágio Curricular Supervisionado.</p> <p>É importante obedecer ao prazo estabelecido. Já estamos chegando na reta final da atividade.</p> <p>Postagem final do plano – 27/04 a 20/05</p> <p>Etapa VI – Realização da atividade nos polos</p> <p>Nessa etapa, as aulas já foram preparadas; os alunos-professores já estão com os planos de aulas em mãos. Agora é hora de executá-los.</p> <p>Cada grupo terá 30 minutos para realizar a aula; todos os participantes do grupo devem participar do seu desenvolvimento.</p> <p>A ordem das apresentações será a sequência estabelecida no Quadro I (previamente divulgado).</p>										
<p>Cronograma da atividade presencial</p>	<table border="1"> <thead> <tr> <th data-bbox="316 649 520 683">POLO</th> <th data-bbox="520 649 714 683">DATA</th> <th data-bbox="714 649 878 683">HORÁRIO</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td data-bbox="316 683 520 718">Macau</td> <td data-bbox="520 683 714 718">25 de maio</td> <td data-bbox="714 683 878 794" rowspan="3">9:00 as 14:00</td> </tr> <tr> <td data-bbox="316 718 520 753">Currais Novos</td> <td data-bbox="520 718 714 753">26 de maio</td> </tr> <tr> <td data-bbox="316 753 520 788">Caicó</td> <td data-bbox="520 753 714 788">27 de maio</td> </tr> </tbody> </table>	POLO	DATA	HORÁRIO	Macau	25 de maio	9:00 as 14:00	Currais Novos	26 de maio	Caicó	27 de maio
POLO	DATA	HORÁRIO									
Macau	25 de maio	9:00 as 14:00									
Currais Novos	26 de maio										
Caicó	27 de maio										
<p>Avaliação</p>	<p>Esta atividade corresponde a uma parte da nota da 2ª avaliação.</p> <p>Geografia Regional do Mundo II – 7,0;</p> <p>Estágio Curricular Supervisionado II – 3,0.</p> <p>A atividade está organizada em etapas, que devem ser cumpridas rigorosamente e possuem pontuação específica.</p>										

* Todas as disciplinas do nivelamento neste semestre.

**Apêndice 8 - Ateliê de Ensino – Licenciatura em Geografia a Distância da UFRN
(2017.2)**

DESCRIÇÃO											
Identificação	Projeto Disciplinar										
Disciplina	Geografia do Nordeste										
Professor	Ione Rodrigues Diniz Morais										
Tutor a distância	Juciléa Medeiros de Azevedo										
Estagiária à docência	Silmara Lopes de Souza										
Polos de apoio presencial e tutores presenciais	Caicó – Francivan Dantas da Silva Currais Novos – Antônio Virgínio Martins Neto Macau – Francisco Canindé Carvalho Costa										
Período	24 de julho a 11 de novembro de 2017										
Ementa	O Ateliê de Ensino se constitui uma atividade de prática como componente curricular que visa oportunizar aos envolvidos a reflexão acerca da ação docente. Envolve aspectos teóricos, metodológicos e avaliativos.										
Tema	A Geografia na sala de aula										
Objetivos	Compreender aspectos associados a temáticas da disciplina Geografia do Nordeste, correspondentes a II unidade; Avaliar a práxis docente no ensino de Geografia.										
Conteúdo	Aspectos socioeconômicos do Nordeste										
Metodologia	Etapa 1 A estagiária irá ministrar duas aulas consecutivas, cujo conteúdo remete a temáticas da disciplina Geografia do Nordeste (II unidade); No decurso da aula, será realizada uma atividade de avaliação, cuja nota obtida pelo aluno será considerada na média da II unidade da disciplina; Etapa 2 Após as referidas aulas, serão desenvolvidos procedimentos de avaliação da práxis docente que dizem respeito a ações de planejamento e execução de uma aula, envolvendo a equipe de execução do Ateliê e os alunos.										
Avaliação	A atividade do Ateliê de Ensino corresponderá a 40% da nota da 2ª avaliação (4,0 pontos). O aluno será avaliado em termos de desempenho obtido no instrumento aplicado no decorrer da aula e de participação no conjunto das atividades do Ateliê.										
Cronograma da atividade presencial	<table border="1"> <thead> <tr> <th>POLO</th> <th>DATA</th> <th>HORÁRIO</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Macau</td> <td>9 de novembro</td> <td rowspan="3">8:00 as 13:00</td> </tr> <tr> <td>Currais Novos</td> <td>10 de novembro</td> </tr> <tr> <td>Caicó</td> <td>11 de novembro</td> </tr> </tbody> </table>	POLO	DATA	HORÁRIO	Macau	9 de novembro	8:00 as 13:00	Currais Novos	10 de novembro	Caicó	11 de novembro
	POLO	DATA	HORÁRIO								
	Macau	9 de novembro	8:00 as 13:00								
	Currais Novos	10 de novembro									
Caicó	11 de novembro										

Apêndice 9 - Ateliê de Ensino – Licenciatura em Geografia a Distância da UFRN (2018.1)

DESCRIÇÃO	
Identificação	Projeto Disciplinar
Disciplina	Organização do Espaço
Professor	Ione Rodrigues Diniz Morais
Tutor a distância	Francisca Diane Pereira de Farias
Polos de apoio presencial e tutores presenciais	Currais Novos – Antônio Virgínio Martins Neto Lajes – Mário Eugênio Amorim da Silva Macau – Francisco Canindé Carvalho Costa Nova Cruz – José Roberto Ferreira
Período	19 de fevereiro a 20 de junho de 2018
Ementa	O Ateliê de Ensino se constitui uma atividade prática que visa oportunizar aos envolvidos o aprofundamento dos conteúdos disciplinares e a práxis docente. Envolve aspectos teóricos, metodológicos e avaliativos.
Tema	Conceitos básicos da Geografia: vivenciando a práxis docente
Objetivos	Compreender os conceitos básicos da Geografia: espaço, região, território, lugar e paisagem; Vivenciar a práxis docente no ensino de Geografia na perspectiva do planejamento, da elaboração e execução de uma aula voltada para a disciplina Geografia no Ensino Fundamental II – do 6º ao 9º ano.
Conteúdo	Conceitos básicos da Geografia: região, território, lugar e paisagem;
Metodologia	do ao tutor presencial coordenar essa divisão. Em seguida, caberá ao tutor presencial sortear o tema da aula de cada grupo. Os temas correspondem às abordagens conceituais acerca de REGIÃO, TERRITÓRIO, LUGAR e PAISAGEM. O Ateliê de Ensino será desenvolvido com base nas seguintes etapas: Etapa 1 – Planejamento Após a definição do tema, cada grupo deverá: Selecionar as referências bibliográficas que servirão de suporte para o aprofundamento teórico do conceito que será abordado pelo grupo na aula. Essas referências são: material didático da disciplina, livros didáticos e paradidáticos do Ensino Fundamental, artigos científicos, entre outros. Planejar a aula considerando o nível de ensino escolhido pelo grupo (do 6º ao 9º ano) e o tempo disponível: 50 minutos para cada grupo. No decurso do planejamento, já estando pré-definido o tema da aula, o grupo deverá definir o conteúdo, a metodologia, a avaliação e as referências. Etapa 2 – Plano de aula O plano de aula será elaborado de acordo com o modelo a ser disponibilizado na página da disciplina no fórum específico para esta atividade. O referido plano deverá ser submetido à apreciação da equipe da disciplina, até o dia 27 de abril. A equipe dará retorno dos planos de aula até o dia 7 de maio. Após essa apreciação deverão ser feitos os ajustes recomendados pela equipe e finalizado o plano para sua execução (não será feita outra avaliação pela equipe da disciplina).

	<p>Os alunos de cada polo serão divididos em 3 grupos (com até 6 alunos), cabendo ao Plano de Aula, após realizados os ajustes indicados na primeira apreciação, deverá ser submetido a nova avaliação até o dia 17 de maio.</p> <p>Etapa 3 – Execução da aula</p> <p>A aula será executada nos polos de acordo com o cronograma da atividade.</p> <p>A equipe da disciplina (professor, tutor a distância e tutor presencial) deverão receber uma cópia do plano logo no início da aula.</p>												
Avaliação	A atividade do Ateliê de Ensino corresponderá a 60% da nota da 2ª avaliação (6,0 pontos).												
Cronograma da atividade presencial	<table border="1"> <thead> <tr> <th data-bbox="303 469 490 508">POLO</th> <th data-bbox="490 469 680 508">DATA</th> <th data-bbox="680 469 974 508">HORÁRIO</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td data-bbox="303 508 490 548">Lajes</td> <td data-bbox="490 508 680 548">12 de junho</td> <td data-bbox="680 508 974 548" rowspan="4">8:00 as 13:00</td> </tr> <tr> <td data-bbox="303 548 490 588">Macau</td> <td data-bbox="490 548 680 588">13 de junho</td> </tr> <tr> <td data-bbox="303 588 490 627">Nova Cruz</td> <td data-bbox="490 588 680 627">14 de junho</td> </tr> <tr> <td data-bbox="303 627 490 669">Currais Novos</td> <td data-bbox="490 627 680 669">15 de junho</td> </tr> </tbody> </table>	POLO	DATA	HORÁRIO	Lajes	12 de junho	8:00 as 13:00	Macau	13 de junho	Nova Cruz	14 de junho	Currais Novos	15 de junho
POLO	DATA	HORÁRIO											
Lajes	12 de junho	8:00 as 13:00											
Macau	13 de junho												
Nova Cruz	14 de junho												
Currais Novos	15 de junho												

Apêndice 10 - Ateliê de Ensino – Licenciatura em Geografia a Distância da UFRN (2018.2)

DESCRIÇÃO	
Identificação	Projeto Disciplinar
Disciplina	Didática e Ensino de Geografia
Professor	Ione Rodrigues Diniz Moraes
Tutor a distância	Juciléa Medeiros de Azevedo
Polos de apoio presencial e tutores presenciais	Currais Novos – Antônio Virgínio Martins Neto Lajes – Mário Eugênio Amorim da Silva Macau – Francisco Canindé Carvalho Costa Nova Cruz – José Roberto Ferreira
Período	30 de julho a 19 de novembro de 2018
Ementa	O plano de aula como instrumento de orientação da atuação docente. Concepção e elementos básicos de um plano de aula. O professor e as estratégias de planejamento e elaboração de um plano de aula
Tema	O professor e o plano de aula: da concepção a elaboração, transitando por itinerários formativos.
Objetivos	Geral Realizar atividade prática que envolve aspectos teóricos, metodológicos e avaliativos relativos à elaboração de um plano de aula Específicos Compreender a importância do plano de aula para a atuação docente. Entender o papel do professor no processo de elaboração de um plano de aula. Identificar os procedimentos que envolvem processo de elaboração de um plano de aula. Vivenciar a práxis docente na perspectiva do planejamento e da elaboração de um plano de aula na disciplina Geografia no Ensino Fundamental II – do 6º ao 9º ano.
Conteúdo	O plano de aula como instrumento de orientação da atuação docente; Plano de aula: concepção e elementos básicos; O professor e as estratégias para planejar e elaborar um plano de aula.
Recursos	Livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental II – do 6º ao 9º ano. Computador (preferencialmente notebook). Obs.: Cada grupo de alunos deverá trazer até duas coleções de livros didáticos e um computador/notebook para uso no Ateliê. Caso não disponham de computador portátil, será solicitado ao tutor presencial a reserva de computadores no laboratório do polo.

Metodologia	<p>O Ateliê de Ensino será desenvolvido nos 4 polos de apoio presencial onde há alunos matriculados na disciplina. Os alunos de cada polo serão divididos em grupos formados por até 3 alunos, cabendo ao tutor presencial coordenar essa divisão.</p> <p>O Ateliê de Ensino será desenvolvido com base nas seguintes etapas:</p>		
	ETAPAS	DURAÇÃO*	EXECUTORES
	Orientações didáticas	15 min	Professor
	Exposição dos conteúdos	30 min	Tutor a distância
	Elaboração do plano de aula	45 min	Alunos
	Socialização e avaliação dos planos de aula	15 min por grupo/ 15 min para avaliação	Alunos, professor e tutores
	Avaliação do Ateliê de Ensino	15 min	
Avaliação	A atividade do Ateliê de Ensino corresponderá a 50% da nota da 2ª avaliação (5,0 pontos).		
Cronograma da atividade presencial	POLO	DATA	HORÁRIO
	Lajes	6 de novembro	8:00 as 13:00
	Macau	7 de novembro	
	Nova Cruz	8 de novembro	
	Currais Novos	9 de novembro	
Anexo	Plano de Aula (modelo básico)		

Apêndice 11 - Ateliê de Ensino – Licenciatura em Geografia a Distância da UFRN (2019.1)

DESCRIÇÃO	
Identificação	Projeto Disciplinar
Disciplina	Formação Territorial do Brasil
Professor	Ione Rodrigues Diniz Moraes
Tutor a distância	Jucicléa Medeiros de Azevedo
Polos de apoio presencial e tutores presenciais	Currais Novos – Jarivan Marcos Medeiros Batista Lajes – Mário Eugênio Amorim da Silva Macau – Francisco Canindé Carvalho Costa Nova Cruz – José Roberto Ferreira
Período	10 de abril a 3 de junho de 2019
Ementa	Planejamento e elaboração de um plano de aula. Linguagens, recursos didáticos e instrumentos de avaliação no Ensino de Geografia.
Tema	O plano de aula e a prática docente em Geografia.
Objetivos	<p>Geral</p> <p>Elaborar um plano de aula de Geografia, considerando abordagens teórico-conceituais, metodológicas e avaliativas</p> <p>Específicos</p> <p>Elaborar um plano de aula, considerando os elementos básicos que o compõem, tendo como referência os conteúdos das aulas de número 8 a 12 da disciplina Formação Territorial do Brasil.</p> <p>Construir um recurso didático, vinculado aos objetivos e procedimentos metodológicos definidos no referido plano de aula, com base em uma das diferentes linguagens usadas no ensino de Geografia (Ex. poesia, música, mapa, maquete, jornal ou revista (impresso ou digital), vídeo, charge, cartaz, entre outros.)</p> <p>Elaborar um instrumento de avaliação, vinculado ao conteúdo, aos objetivos e aos procedimentos metodológicos definidos no referido plano de aula, contendo 2 questões discursivas e 3 questões objetivas</p> <p>O Ateliê de Ensino será realizado por meio do ambiente virtual de aprendizagem (Moodle Mandacaru) no período 15 de abril a 27 de maio de 2019.</p> <p>O plano de aula, o recurso didático e o instrumento de avaliação deverão ser postados no Moodle Mandacaru em local especificamente destinado para esse fim.</p> <p>Para cada polo foi indicada uma quantidade de grupos e de alunos por grupo (ver Quadro 1). Caberá ao tutor presencial coordenar essa divisão e considerar para a formação dos grupos, as especificidades dos alunos, respeitando a definição do número total de grupos por polo.</p> <p>Cada grupo é responsável pela elaboração de um plano de aula e, a partir dele, de um recurso didático, utilizando uma das linguagens escolhidas, e um instrumento de avaliação, conforme definido nos objetivos do Ateliê de Ensino.</p> <p>O conteúdo do plano de aula será definido tendo por base os conteúdos das aulas de número de 8 a 12 da disciplina Formação Territorial do Brasil.</p> <p>A seguir, definições preliminares sobre o número de grupos por polo e de alunos por grupo em cada polo:</p>

Quadro 1 – Ateliê de ensino: O plano de aula e a práxis docente em Geografia.					
Metodologia	Polos de Apoio Presencial	Nº de Grupos e alunos	Identificação do Grupo	Alunos	Conteúdo / aula
	Currais Novos	4 grupos (16 alunos)	Grupo 1		Aula 8
			Grupo 2		Aula 9
			Grupo 3		Aulas 10 e 11
			Grupo 4		Aula 12
	Lajes	5 grupos (20 alunos)	Grupo 1		Aula 8
			Grupo 2		Aula 9
			Grupo 3		Aula 10
			Grupo 4		Aula 11
			Grupo 5		Aula 12
	Macau	4 grupos (17 alunos)	Grupo 1		Aula 8
			Grupo 2		Aula 9
			Grupo 3		Aulas 10 e 11
Grupo 4				Aula 12	
Nova Cruz	5 grupos (20 alunos)	Grupo 1		Aula 8	
		Grupo 2		Aula 9	
		Grupo 3		Aula 10	
		Grupo 4		Aula 11	
		Grupo 5		Aula 12	

As atividades do Ateliê de Ensino serão desenvolvidas a partir da sequência didática e do cronograma a seguir (Quadro 2):

Quadro 2 – Sequência Didática do Ateliê de Ensino em Geografia		
Sequência didática	Período	Observações
Orientações didáticas sobre a atividade	10 de abril a 20 de maio	
Plano de aula	15 a 29 de abril	Postagem: até 15 de abril. Retorno avaliação prévia: até 13 de maio.
Recurso didático	13 a 20 de maio	Postagem: até 13 de abril. Retorno avaliação prévia: até 27 de maio.
Instrumento de avaliação	13 a 20 de maio	Postagem: até o dia 13 de abril. Retorno avaliação prévia: até 27 de maio.
Postagem final do plano de trabalho, recurso didático e instrumento de avaliação	15 de abril a 20 de maio	Resultado final da atividade: 03 de junho
Avaliação	<p>A atividade do Ateliê de Ensino corresponderá a 60% da nota da 2ª avaliação (6,0 pontos).</p> <p>A avaliação será realizada durante a II unidade da disciplina Formação Territorial do Brasil, sendo considerado para fins de atribuição de nota os seguintes instrumentos e suas respectivas pontuações:</p> <p>Plano de aula – 2,0</p> <p>Recurso didático – 2,0</p> <p>Instrumento de avaliação – 2,0</p>	
Anexo	Plano de Aula (modelo básico)	

Apêndice 12 - Ateliê de Ensino – Licenciatura em Geografia a Distância da UFRN (2019.2)

DESCRIÇÃO	
Identificação	Projeto Disciplinar
Disciplina	Geografia Urbana
Professor	Ione Rodrigues Diniz Morais
Tutor a distância	Jucicléa Medeiros de Azevedo
Estagiária à docência	Lais Ariane Martins Barbosa Correia
Polos de apoio presencial e tutores presenciais	Currais Novos – Jarivan Marcos Medeiros Batista Lajes – Mário Eugênio Amorim da Silva Macau – Francisco Canindé Carvalho Costa Nova Cruz – José Roberto Ferreira
Período	22 de julho a 20 de setembro de 2019
Ementa	O Ateliê de Ensino se constitui uma atividade prática que visa oportunizar aos envolvidos o aprofundamento dos conteúdos disciplinares e a práxis docente. Envolve aspectos teóricos, metodológicos e avaliativos.
Tema	A aula de campo como estratégia metodológica no ensino da Geografia Escolar: a cidade como laboratório de prática docente
Objetivos	Aplicar os conceitos básicos da Geografia Urbana à análise espacial da cidade objeto da aula de campo; Aprender a relação entre a cidade ensinada, a cidade vivida e o ensino de Geografia; Compreender a importância do estudo do lugar para a leitura do espaço; Reconhecer a atividade de campo como instrumento que possibilita as práticas de observação, registro, análise e interpretação do espaço geográfico; Vivenciar a práxis docente no ensino de Geografia na perspectiva da elaboração de um plano de aula de campo e de sua execução, tendo a cidade como conteúdo básico e o enfoque articulado à disciplina Geografia no Ensino Fundamental II ou Ensino Médio.
Conteúdo	A produção do espaço urbano Planejamento urbano: a gestão da cidade Cidade e meio ambiente A cidade ensinada e a cidade vivida: encontros e reflexões no ensino de geografia; A importância do estudo do lugar para a compreensão do espaço geográfico; Travessias da aula em campo na Geografia Escolar;
	Os alunos de cada polo serão divididos em 3 grupos (com até 6 alunos), sendo o tutor presencial responsável por coordenar essa divisão. Cada grupo deverá elaborar um plano de aula e um roteiro de campo, sendo este último um anexo do primeiro. Ou seja, será elaborado um plano para a realização de uma aula de campo e o roteiro é parte fundamental deste plano. O plano de aula e o roteiro de campo deverão contemplar pelo menos dois tópicos do Conteúdo identificado neste Projeto (disciplina Geografia Urba

<p>Metodologia</p>	<p>na), sendo recomendado que estes conteúdos possam ser abordados a partir de uma situação concreta existente na cidade objeto da aula de campo. Neste sentido, recomenda-se, ainda, que na escolha do local para a realização da aula de campo, seja privilegiado o entorno do polo, tendo em vista o tempo disponível para cada grupo e as limitações de deslocamento dos alunos, professores e tutores.</p> <p>A aula de campo, que deverá contemplar conteúdos conforme já explicitado, deverá se voltar para uma das séries do Ensino Fundamental II ou Ensino Médio. Portanto, faz-se necessário relacionar o conteúdo do Projeto (de Geografia Urbana) com aqueles que constam no currículo escolar.</p> <p>O Ateliê de Ensino será desenvolvido com base nas sequências didáticas a seguir:</p> <p>1. Planejamento</p> <p>Após a definição do conteúdo, cada grupo deverá:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Selecionar as referências bibliográficas que servirão de suporte para o aprofundamento teórico do conteúdo que será abordado pelo grupo no decorrer da aula. Essas referências são: material didático da disciplina, livros didáticos e paradidáticos do ensino fundamental e artigos científicos. • Planejar a aula considerando o ano de ensino escolhido pelo grupo (Fundamental II ou Médio) e o tempo disponível para uma aula de campo: 50 minutos para cada grupo. No decurso do planejamento, já estando pré-definido o conteúdo da aula, o grupo deverá escolher a metodologia, a avaliação e as referências a serem utilizadas. <p>Esse exercício de planejamento resultará no plano de aula.</p> <p>2. Plano de aula</p> <p>O plano de aula, incluindo o roteiro de campo, será elaborado de acordo com o modelo disponibilizado na página da disciplina.</p> <p>O referido plano, neste incluído o roteiro de campo, deverá ser submetido à apreciação da equipe da disciplina, até o dia 17 de agosto. A equipe dará retorno dos planos de aula até o dia 24 de agosto.</p> <p>Após essa avaliação prévia, os grupos deverão fazer os ajustes recomendados pela equipe. Alerta-se que, após essa avaliação prévia, o plano somente será avaliado após sua execução.</p> <p>O plano de aula (e seu anexo), após realizados os ajustes indicados na avaliação prévia, deverá ser entregue à equipe da disciplina, em 4 vias impressas, no dia da aula de campo para acompanhamento de sua execução.</p> <p>A postagem do plano de aula (e seu anexo) na plataforma para avaliação final deverá ocorrer até o dia 31 de agosto.</p> <p>3. Execução da aula de campo</p> <p>O Ateliê de Ensino será desenvolvido nos 4 polos de apoio presencial a saber: Lajes; Macau; Nova Cruz; Currais Novos.</p> <p>A equipe da disciplina (professor, tutor a distância, estagiária docente e tutor presencial) deverá receber uma cópia impressa do plano de aula (e seu anexo), logo no início da atividade no polo.</p> <p>Em cada polo serão realizadas no máximo 3 aulas de campo sobre os conteúdos contemplados por cada grupo.</p>
--------------------	--

	<p>As atividades presenciais do Ateliê de Ensino cumprirão o seguinte cronograma:</p> <table border="1" data-bbox="322 216 777 535"> <thead> <tr> <th>ATIVIDADES</th> <th>DURAÇÃO*</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Encontro no polo para fins de orientações gerais</td> <td>8:30 – 8:45</td> </tr> <tr> <td>Aula de Campo Grupo 1</td> <td>9:00 – 9:45</td> </tr> <tr> <td>Aula de Campo Grupo 2</td> <td>9:50 – 10:35</td> </tr> <tr> <td>Aula de Campo Grupo 3</td> <td>10:40 – 11:20</td> </tr> <tr> <td>Retorno ao polo</td> <td>11:20 – 11:35</td> </tr> <tr> <td>Avaliação das Aulas de Campo</td> <td>11:40 – 12:40</td> </tr> <tr> <td>Avaliação do Ateliê de Ensino</td> <td>12:40 – 13:00</td> </tr> </tbody> </table>	ATIVIDADES	DURAÇÃO*	Encontro no polo para fins de orientações gerais	8:30 – 8:45	Aula de Campo Grupo 1	9:00 – 9:45	Aula de Campo Grupo 2	9:50 – 10:35	Aula de Campo Grupo 3	10:40 – 11:20	Retorno ao polo	11:20 – 11:35	Avaliação das Aulas de Campo	11:40 – 12:40	Avaliação do Ateliê de Ensino	12:40 – 13:00
ATIVIDADES	DURAÇÃO*																
Encontro no polo para fins de orientações gerais	8:30 – 8:45																
Aula de Campo Grupo 1	9:00 – 9:45																
Aula de Campo Grupo 2	9:50 – 10:35																
Aula de Campo Grupo 3	10:40 – 11:20																
Retorno ao polo	11:20 – 11:35																
Avaliação das Aulas de Campo	11:40 – 12:40																
Avaliação do Ateliê de Ensino	12:40 – 13:00																
Avaliação	<p>A avaliação ocorrerá por meio da participação dos alunos nas atividades realizadas, conforme critérios definidos em função das especificidades de cada sequência didática e dos instrumentos e momentos que lhes são pertinentes. É fundamental a correlação entre plano, roteiro e aula ministrada. Nessa perspectiva, a pontuação atribuída às atividades do Ateliê de Ensino corresponderá a 80% da nota da I Unidade, conforme exposto a seguir:</p> <table border="1" data-bbox="322 728 866 906"> <thead> <tr> <th>ATIVIDADES AVALIATIVAS</th> <th>Pontuação</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Plano da Aula de Campo</td> <td>1,5</td> </tr> <tr> <td>Roteiro de Aula de Campo</td> <td>1,5</td> </tr> <tr> <td>Execução da Aula de Campo</td> <td>5,0</td> </tr> <tr> <td>Total</td> <td>8,0</td> </tr> </tbody> </table>	ATIVIDADES AVALIATIVAS	Pontuação	Plano da Aula de Campo	1,5	Roteiro de Aula de Campo	1,5	Execução da Aula de Campo	5,0	Total	8,0						
ATIVIDADES AVALIATIVAS	Pontuação																
Plano da Aula de Campo	1,5																
Roteiro de Aula de Campo	1,5																
Execução da Aula de Campo	5,0																
Total	8,0																
Cronograma da atividade presencial	<table border="1" data-bbox="322 931 799 1108"> <thead> <tr> <th>POLO</th> <th>DATA</th> <th>HORÁRIO</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Lajes</td> <td>27 de agosto</td> <td rowspan="4">8:00 – 13:00</td> </tr> <tr> <td>Macau</td> <td>28 de agosto</td> </tr> <tr> <td>Nova Cruz</td> <td>29 de agosto</td> </tr> <tr> <td>Currais Novos</td> <td>30 de agosto</td> </tr> </tbody> </table>	POLO	DATA	HORÁRIO	Lajes	27 de agosto	8:00 – 13:00	Macau	28 de agosto	Nova Cruz	29 de agosto	Currais Novos	30 de agosto				
POLO	DATA	HORÁRIO															
Lajes	27 de agosto	8:00 – 13:00															
Macau	28 de agosto																
Nova Cruz	29 de agosto																
Currais Novos	30 de agosto																

Apêndice 13 - Ateliê de ensino – licenciatura em Geografia a Distância da UFRN (2020.1)

DESCRIÇÃO	
Identificação	Projeto Interdisciplinar
Disciplinas	Geografia Regional do Brasil Geografia Regional do Mundo I
Professor	Ione Rodrigues Diniz Moraes
Tutor a distância	A definir
Estagiário de docência	Taynan Araújo de Oliveira e Laís Ariane Martins Barbosa Correia
Polos de apoio presencial e tutores presenciais	Currais Novos – a definir Lajes – a definir Macau – a definir Nova Cruz – a definir
Período	17 de fevereiro a 4 de julho de 2020
Ementa	As regiões do Brasil e suas relações com os continentes americano e europeu. A pesquisa bibliográfica e o seminário temático como metodologia de ensino no processo de formação de professores
Tema	Seminário temático como metodologia de ensino na Geografia Escolar: as relações globais-regionais na contemporaneidade
Objetivos	<p>Geral</p> <p>Vivenciar experiências de pesquisa bibliográfica em diferentes fontes e de apresentação de trabalhos em seminário temático como estratégias de ensino e aprendizagem no processo de formação dos professores.</p> <p>Específicos</p> <p>Identificar elementos ou aspectos que articulam uma das regiões brasileiras a um dos continentes estudados – América ou Europa;</p> <p>Compreender a dinâmica espacial empreendida por estes elementos ou aspectos no contexto das relações globais-regionais da contemporaneidade;</p> <p>Elaborar um artigo científico e os recursos didáticos (slides) para fins de apresentação no Seminário Temático;</p>
Conteúdo	As relações entre o Brasil e os Continentes Americano e Europeu a partir de elementos e/ou aspectos das regiões Nordeste, Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul Obs.: Caberá a cada grupo, após o sorteio da região pela qual ficará responsável, escolher qual o elemento ou aspecto desse recorte que evidencia o estabelecimento de relações entre o Brasil e países dos continentes americano e europeu na atualidade, o qual será alvo da pesquisa cujos resultados serão apresentados no Seminário Temático.
	Os alunos de cada polo serão divididos em, no máximo, quatro grupos e, mediante sorteio, será definido o tema (tópico de conteúdo do Ateliê de Ensino que envolve uma dada região do Brasil) que ficará sob a responsabilidade de cada grupo para fins de apresentação no Seminário Temático, sendo o tutor presencial responsável por coordenar essa divisão. Cada grupo de alunos será responsável pela elaboração de um artigo científico e do recurso didático a ser utilizado no Seminário Temático;

Metodologia	<p>Nesta versão, o Ateliê de Ensino será desenvolvido com base nas sequências didáticas a seguir:</p> <p>Planejamento</p> <p>Após a definição do tema, cada grupo deverá:</p> <p>Selecionar as referências bibliográficas que servirão de suporte para o aprofundamento teórico do conteúdo que será abordado pelo grupo na elaboração do artigo científico (material didático da disciplina, livros didáticos e paradidáticos do ensino fundamental, entre outros).</p> <p>Elaborar um artigo científico e um recurso didático para ser usado no seminário temático na perspectiva de evidenciar elementos e/ou aspectos regionais que revelam as relações entre o Brasil e os continentes americano e europeu na contemporaneidade.</p> <p>Esse exercício de planejamento resultará no artigo científico, cujo título será escolhido pelo grupo levando em conta o tema sorteado.</p> <p>Artigo científico e recurso didático</p> <p>O artigo científico será elaborado de acordo com o modelo disponibilizado na página da disciplina no fórum específico para esta atividade.</p> <p>A proposta do referido artigo, contendo o tema, os objetivos e as fontes de pesquisa deverá ser submetida à apreciação da equipe da disciplina até o dia 03 de abril. A equipe dará retorno dessas proposições aos alunos até o dia 12 de abril.</p> <p>Após essa avaliação prévia, os grupos deverão considerar os ajustes recomendados e/ou sugestões da equipe e investir na elaboração do artigo científico e do recurso didático (slides) que será usado no seminário temático. Alerta-se que, após essa avaliação, o artigo científico somente será avaliado após a realização do seminário temático.</p> <p>A postagem do artigo científico na plataforma para avaliação final deverá ocorrer até o dia 20 de maio, portanto, antes do início da atividade presencial. Não será necessário que os grupos imprimam o material para a equipe da disciplina; essa responsabilidade é nossa.</p> <p>Seminário Temático</p> <p>O Ateliê de Ensino será desenvolvido nos 4 polos de apoio presencial a saber: Lajes; Macau; Nova Cruz e Currais Novos.</p>														
Metodologia	<p>As atividades presenciais do Ateliê de Ensino cumprirão o seguinte cronograma:</p> <table border="1" data-bbox="331 1192 848 1450"> <thead> <tr> <th>ATIVIDADES</th> <th>DURAÇÃO*</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Abertura do Seminário Temático</td> <td>8:30 – 8:45</td> </tr> <tr> <td>Grupo 1</td> <td>8:45 – 9:20</td> </tr> <tr> <td>Grupo 2</td> <td>9:25 – 10:05</td> </tr> <tr> <td>Grupo 3</td> <td>10:10 – 10:50</td> </tr> <tr> <td>Grupo 4</td> <td>10:55 – 11:35</td> </tr> <tr> <td>Avaliação do Ateliê de Ensino</td> <td>11:35 – 12:30</td> </tr> </tbody> </table> <p>Obs.: A quantidade de grupos será de acordo com o número de alunos das turmas, devendo cada grupo ser formado por no mínimo 4 alunos (alterações nessa configuração poderão ser negociadas com a professora da disciplina).</p>	ATIVIDADES	DURAÇÃO*	Abertura do Seminário Temático	8:30 – 8:45	Grupo 1	8:45 – 9:20	Grupo 2	9:25 – 10:05	Grupo 3	10:10 – 10:50	Grupo 4	10:55 – 11:35	Avaliação do Ateliê de Ensino	11:35 – 12:30
ATIVIDADES	DURAÇÃO*														
Abertura do Seminário Temático	8:30 – 8:45														
Grupo 1	8:45 – 9:20														
Grupo 2	9:25 – 10:05														
Grupo 3	10:10 – 10:50														
Grupo 4	10:55 – 11:35														
Avaliação do Ateliê de Ensino	11:35 – 12:30														

Avaliação	O processo de avaliação do Ateliê de Ensino ocorrerá por meio da participação dos alunos nas atividades realizadas, conforme critérios definidos em função das especificidades de cada etapa e do produto gerado. A pontuação atribuída às atividades corresponderá a 80% da nota da II Unidade, conforme exposto a seguir:		
	ATIVIDADES AVALIATIVAS		Pontuação
	Artigo Científico		
	Resumo		1,0
	Introdução		1,5
	Desenvolvimento		2,0
	Considerações Finais		1,5
	Referências		0,5
	Seminário Temático		
	Estética e organização do recurso didático		0,5
	Fluidez na exposição oral		1,5
	Qualidade e pertinência da exposição oral		1,5
	Total		10,0
Cronograma da atividade presencial	POLO	DATA	HORÁRIO
	Nova Cruz	16 de junho	8:00 as 13:00
	Macau	17 de junho	
	Lajes	18 de junho	
	Currais Novos	19 de junho	
Anexo	Artigo científico – orientações sobre a forma/formatação dos textos (conforme Revista Sociedade e Território do DGE–CCHLA–UFRN.)		

Apêndice 14 - Capítulos de livros publicados (2006-2019)

ARTIGO	AUTORIA/ COAUTORIA	LIVRO	ORGANIZADO- RES	EDITORA/ LOCAL	ANO
Geografia Urbana e Regional					
Seridó Norte- -Rio-Granden- se: cenários de resistência	Ione Rodrigues Diniz Moraes	Cidade e re- gião: múltiplas histórias	Eugênia Maria Dantas; Iranilson Buriti. (Org.)	Ideia Editora (João Pessoa-PB)	2006
A construção do Seridó	Ione Rodrigues Diniz Moraes	Bom dia sertões.	Isaura Amélia de R. Maia; Helder Alexandre M. de Macedo. (Org.)	Fapern (Natal)	2005
As relações campo-cidade no Sertão do Seridó	Ione Rodrigues Diniz Moraes	Litoral e Ser- tão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro	José B. da Silva; Eustógio W. C. Dantas; Maria Elisa Zanella; Antonio Jeovah de A. Mei- reles. (Org.)	Expressão Gráfica (Fortaleza-CE)	2008
Entre o Seridó e o Vale do Açu: uma leitura da construção identitária dos jucurutuenses	Marcos Antônio Alves de Araújo; Ione Rodrigues Diniz Moraes	Globalização e marginali- dade: o Rio Grande do Norte em foco	Marcio Moraes Valença; Mariana Fialho Bonates (Org.)	EDUFRN (Natal- -RN)	2008
Seridó Norte- -Rio-Granden- se: planejando a sustentabilidade do desenvolvi- mento regional	Ione Rodrigues Diniz Moraes	Globalização e marginali- dade: o Rio Grande do Norte em foco	Marcio Moraes Valença; Mariana Fialho Bonates (Org.)	EDUFRN (Natal- -RN)	2008
Espaço e memória na morfologia da cidade: um desafio do planejamento urbano	Eugênia Maria Dantas; Ione Rodrigues Diniz Moraes	Cultura e cidades	Joel C. de S. Andrade; Eugênia Maria Dantas; Iranilson Buriti; Antonio Clarindo B. de Souza (Org.)	EDUFCG (Campina Grande- PB)	2009
Reestruturação urbano regio- nal: o Seridó em análise	Ione Rodrigues Diniz Moraes; Eugênia Maria Dantas	Geo-grafias: cidade e re- gião em tem- pos diversos	Ione Rodrigues Diniz Moraes; Eugênia Maria Dantas (Org.)	EDUFRN (Natal- -RN)	2014

Espaços públicos e territorializações: as praças públicas caicoenses	Jeyson F. Silva de Lima; Ione R. D. Morais; Alessandro Dozena	Geo-grafias: cidade e região em tempos diversos	Ione Rodrigues Diniz Morais; Eugênia Maria Dantas (Org.)	EDUFRN (Natal-RN)	2014
Da educação ambiental às novas práticas sustentáveis: as mulheres no contexto da aqüicultura em Rio do Fogo-RN	Soneide Moura da Costa; Ione Rodrigues Diniz Morais	Territórios em risco	Vitória Régia Fernandes Gehlen; Helena Lúcia Augusto Chaves; Marx Prestes Barbosa (Org.).	Editora da UFPE (Recife-PE)	2015
Tessituras cidadinas: por entre pontos, bifurcações e memória	Eugênia Maria Dantas; Ione Rodrigues Diniz Morais	A construção do saber geográfico do/no Rio Grande do Norte	Celso Donizete Locatel; José Lacerda A. Felipe, Rafael Pereira da Silva (Org.)	Sedis-UFRN (Natal-RN)	2017
Cartografias seridoenses: limites regionais e fragmentações territoriais	Ione Rodrigues Diniz Morais; Eugênia Maria Dantas	A construção do saber geográfico do/no Rio Grande do Norte	Celso Donizete Locatel; José Lacerda A. Felipe, Rafael Pereira da Silva (Org.)	Sedis-UFRN (Natal-RN)	2017
Ensino de Geografia e Educação Mediada por Tecnologias					
Ensino de Geografia e a imagem: universo de possibilidades	Eugênia Maria Dantas; Ione Rodrigues Diniz Morais	Metodologia do ensino e da pesquisa: caminhos de investigação.	Eugênia Maria Dantas; Iranilson Buriti (Org.).	Ideia /EDUFCG (Campina Grande-PB)	2008
Diferentes linguagens no ensino de Geografia: novas possibilidades	Ione Rodrigues Diniz Morais	Formação, pesquisas e práticas docentes: reformas curriculares em questão.	Maria Adailza Martins de Albuquerque; Joseane Abílio de Souza Ferreira (Org.).	Mídia (João Pessoa-PB)	2013
Educação e tecnologia: o ensino de Geografia articulando os territórios e sujeitos	Ione Rodrigues Diniz Morais; Eugênia Maria Dantas; Adriano Lima Troleis	Coletânea internacional de artigos de Educação a Distância	Aline de Pinho Dias; José Correia Torres Neto; Kaline Sampaio de Araújo (Org.)	EDUFRN Natal-RN)	2014
Ensino e Geografia: refletindo a práxis e a identidade do professor	Ione Rodrigues Diniz Morais; GARCIA, T. C. M.	Educação geográfica: ensino e práticas	Ione Rodrigues Diniz Morais; Tânia Cristina Meira Garcia (Org.)	EDUFRN (Natal-RN)	2014

Ensino de Geografia: conectando tecnologias, territórios e sujeitos	Ione Rodrigues Diniz Moraes; Eugênia Maria Dantas	Geografia e ensino	Eugenia Maria Dantas; Ione Rodrigues Diniz Moraes. (Org.)	EDUFRN (Natal-RN)	2017
Linguagens e tecnologias educacionais: discussões sobre práticas na Geografia Escolar em escolas de Caicó-RN	Iana Raquel Dantas de Oliveira; Ione Rodrigues Diniz Moraes; Djanni Martinho Santos Sobrinho	A consciência prática e o ensino de Geografia: lugares da prática na formação docentes	Francisco Kennedy Silva dos Santos; Lucas Antônio Viana Bôtelho; Mateus Ferreira Santos; Ronaldo dos Santos Barbosa. (Org.).	EDUFPE (Recife-PE)	2018
Cenários e experiências de educação a distância na UFRN: delineando a trajetória da Sedis	Ione Rodrigues Diniz Moraes	Educação a distância na Universidade Federal do Rio Grande do Norte: quinze anos de prática	Lilian Giotto Zarus; Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo; José Correia Torres Neto (Org.)	EDUFRN (Natal-RN)	2018
Impactos do Avasus nos serviços de saúde no Brasil*	Ione R. D. Moraes; Ricardo Alexandro de M. Valentim; Soneide M. da Costa; Aline de P. Dias; Karilane D. Coutinho; Rodrigo Dantas da Silva	Formação mediada por tecnologia: impacto do Avasus nos serviços de saúde no Brasil	Ione Rodrigues Diniz Moraes; Ricardo Alexandro de Medeiros Valentim; Soneide Moura da Costa (Org.)	Sedis/ UFRN (Natal-RN)	2019
Alcance espacial do Avasus: integrantes do Programa Mais Médicos como referência de análise*	Ione R. Diniz Moraes; Ricardo Alexandro de M. Valentim; Soneide M. da Costa; Carlos Alberto P. de Oliveira; Gustavo F. de S. Moraes	Formação mediada por tecnologia: impacto do Avasus nos serviços de saúde no Brasil	Ione Rodrigues Diniz Moraes; Ricardo Alexandro de Medeiros Valentim; Soneide Moura da Costa (Org.)	SedisEDIS/ UFRN (Natal-RN)	2019

Fonte: UFRN. Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas (Sigaa), 2020. * Versão impressa e em e-book.'

Apêndice 15 - Artigos publicados em periódicos (1997-2020)

TÍTULO	AUTORIA/ COAUTORIA	PERÍODICO/ LOCAL	ANO
Geografia Humana			
Migração e crescimento urbano: o Seridó Potiguar em análise	Ione Rodrigues Diniz Moraes; Eugênia Maria Dantas	Scripta Nova - Revista Electronica de Geografia y Ciencias Sociales (Universidad de Barcelona. Online)	2000
Dinâmica demográfica e desenvolvimento no Brasil	Ione Rodrigues Diniz Moraes	MNEME (UFRN/CE-RES, Caicó-RN. Online)	2001
Planejamento e desenvolvimento regional: notas sobre a experiência do Rio Grande do Norte	Ione Rodrigues Diniz Moraes	Sociedade e Território (UFRN-DGE, Natal. Online)	2012
O desafio da gestão ambiental urbana: análise sobre o Açude Recreio, Caicó-RN	Ione Rodrigues Diniz Moraes; Diego Salomão C. de O. Salvador; Daniele Patrícia dos Santos	Sociedade e Território (UFRN/DGE, Natal-RN. Online)	2013
Turismo e transformações socioespaciais: uma aproximação teórica e conceitual	Ana Matilde Vasconcelos do Nascimento; Lorena Kallyni Silva Rocha; Francisco Fransualdo de Azevedo; Ione Rodrigues Diniz Moraes	Turismo e Sociedade (UFPR, Curitiba-PR. Online)	2013
Espaço, iniquidade e transporte público: avaliação da acessibilidade urbana na cidade de Natal/RN por meio de indicadores de sustentabilidade	Luzimar Pereira da Costa; Ione Rodrigues Diniz Moraes	Sociedade & Natureza (UFU, Uberlândia-MG. Online)	2014
Cultura e espaço: das práticas festivas de folguedos a um lugar geográfico	Ione Rodrigues Diniz Moraes; Wagner C. Lopes; Eugênia Maria Dantas	Holos (IFRN, Natal-RN. Online)	2015
Plano diretor e ordenamento territorial: uma análise do espaço urbano de Natal	Eugênia Maria Dantas ; Adriano Lima Troleis; Ione Rodrigues Diniz Moraes	Novos Cadernos - NAEA (UFPA, Belém-PA. Online)	2015
Planejamento ambiental participativo na promoção ao turismo sustentável: atuação do conselho gestor em unidades de conservação do RN	FARIAS, M. F ; PAIVA, N. V. M.; Francisco Fransualdo de Azevedo; Ione Rodrigues Diniz Moraes	Revista Querubim (UFF, Rio de Janeiro-RJ. Online)	2015

População e território: variáveis demográficas e processos socioespaciais no Rio Grande do Norte	Ione Rodrigues Diniz Moraes; Eugênia Maria Dantas	Sociedade e Território (UFRN/DGE, Natal/RN. Online)	2017
Avaliação do nível de oferta de bens e serviços urbanos: a cidade média em referência	Luziana Maria N. Queiroz; Magdhi A. I. Aloufa; Ione R. Diniz Moraes	Revista Geotemas (Uern/Camean. Pau dos Ferros-RN. Online)	2017
Produção do espaço urbano e políticas públicas: a operacionalização do Observatório do Aedes Aegypti no Rio Grande do Norte-RN.	Ione Rodrigues Diniz Moraes; Ricardo Alexandro de Medeiros Valentim; Soneide Moura da Costa	Hygeia. Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde (UFU. Uberlândia-MG. Online)	2018
Uma proposta de indicadores de vulnerabilidade de infraestrutura urbana: a cidade média como referência	Luziana Maria Nunes Queiroz; Magdhi A. I. Aloufa; Ione Rodrigues Diniz Moraes	Connexio - Revista Científica da Escola de Gestão e Negócios (UNP. Natal-RN. Online)	2018
Expansão urbana e vulnerabilidade socioeconômica: carto(grafias) da cidade	Luziana Maria N. Queiroz; Ione R. Diniz Moraes; Magdhi A. I. Aloufa;	Desenvolvimento em Questão (Unijui. Ijuí-RS. Online)	2019
Aspectos socioambientais e econômicos da favela (c. quercifolius), espécie-chave cultural do bioma caatinga: estudo de caso	Josimar Araújo de Medeiros; Magdhi A. I. Aloufa; Ione Rodrigues Diniz Moraes	Revista da Casa da Geografia de Sobral (UVA. Sobral-CE. Online)	2020
Ensino de Geografia e Educação Mediada por Tecnologias			
Vivendo o final do século XX: imaginário e informação na relação ideal/real	Ione Rodrigues Diniz Moraes	Revista do CERES (UFRN/ Ceres. Caicó/RN. Impressa)	1997
Entre pontos e conexões: a construção do território-rede no Rio Grande do Norte	Ione R. Diniz Moraes; Eugênia Maria Dantas; Adriano Lima Troleis	MNEME (UFRN/Ceres. Caicó-RN. Online)	2012
Uma abordagem jurídica sobre o Projeto Telessaúde	Valfredo Batista; Bruno G. de Araújo; Ricardo Alexandro de M. Valentim; Janaína Luana R. da Silva; Ione R. Diniz Moraes	Revista Brasileira de Inovação Tecnológica em Saúde (UFRN. Natal-RN. Online)	2014
Institucionalização da Educação a Distância na Universidade Federal do Rio Grande do Norte: uma abordagem teórico-empírica	Ione Rodrigues Diniz Moraes João Paulo R. Nascimento; Maria Carmem F. D. Rego	Em Rede: Revista de Educação a Distância (UniRede. Online)	2016

Tramas geográficas - ligações complexas: filme, ciência e ensino	Eugênia Maria Dantas; Ione Rodrigues Diniz Morais	Revista Formação (Unesp. Presidente Prudente/SP. Online)	2016
Geografia escolar e avaliação: uma análise no ensino médio em escolas de Caicó-RN	Djanni M. dos Santos Sobrinho; Ione R. Diniz Morais; Tânia Cristina Meira Garcia	Revista Pensar Geografia (Uern. Mossoró/RN. Online)	2017
Geografia: entre o sensível e o científico, um conhecimento complexo	Eugênia Maria Dantas; Ione R. Diniz Morais	Geographia (UFF. Rio de Janeiro-RJ. Online)	2018

Fonte: Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas da UFRN (Sigaa), 2020.

Apêndice 16 - Trabalhos publicados em anais de eventos locais, regionais e estaduais, por título, local e ano (2011-2018)

TÍTULO	EVENTO	LOCAL	ANO
Análise do desmatamento causado pelas indústrias de cerâmica vermelha no município de Cruzeta-RN	Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão CERES	Caicó-RN	2011
A constituição geo-histórica de Tenente Laurentino Cruz-RN			
Principais problemas causados pelo trânsito no núcleo central da cidade de Caicó-RN			
Formas espaciais concretas que tem a capacidade de intervir na paisagem urbana de Caicó	XX Encontro Estadual de Geografia do Rio Grande do Norte	Natal-RN	2013
A Incubadora Oasis e sua atuação em algumas associações de Natal-RN: reflexões sobre o território da mulher			
O processo de desenvolvimento de parques eólicos no Rio Grande do Norte			
A pesquisa no âmbito da Geografia Escolar: refletindo sobre a prática docente em Geografia	V Simpósio de Pós-Graduação em Educação da UERN	Mossoró-RN	2017
Linguagens e tecnologias educacionais: discussões sobre práticas na geografia escolar em escolas de Caicó-RN	III Encontro de Práticas de Ensino da UFPE	Recife-PE	2018

Fonte: UFRN. Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas (Sigaa), 2019.

Apêndice 17 - Trabalhos publicados em anais de eventos nacionais, por título, local e ano (2004-2019)

TÍTULO	EVENTO	LOCAL	ANO
Trabalhos de autoria própria			
Reestruturação produtiva e novas territorialidades: o setor ceramista no Seridó Potiguar	XVII Encontro Nacional de Geografia Agrária	Gramado-RS	2004
Seridó norte-rio-grandense: planejamento e reestruturação regional	XI Encontro Nacional da ANPUR	Salvador-BA	2005
Sobreposição de tempos, coexistência de formas: a geografia citadina	IX Simpósio Nacional de Geografia Urbana	Manaus-AM	2005
Planejamento regional: o Seridó Potiguar nas trilhas do desenvolvimento sustentável	VI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos	Aracajú-SE	2008
Dinâmica urbana e centralidade regional: a trajetória da cidade de Santa Cruz-RN	XIV Simpósio Nacional de Geografia Urbana	Fortaleza-CE	2015
Trabalhos produzidos em coautoria			
A cidade e o espetáculo da memória	IX Simpósio Nacional de Geografia Urbana	Manaus-AM	2005
Cidades médias do Rio Grande do Norte: um olhar a partir do perfil socioespacial de Caicó	XVI Encontro Nacional de Geografia	Porto Alegre-RS	2010
Geografiação: aprender brincando			
O estágio na pós-graduação em Geografia: reflexões e experiências rumo à docência	XII Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia	João Pessoa-PB	2013
Vulnerabilidade socioambiental e sustentabilidade na cidade	XIV Simpósio Nacional de Geografia Urbana	Fortaleza-CE	2015
Geografia Escolar e avaliação: uma análise no Ensino Médio em escolas de Caicó-RN	13º Encontro Nacional de Práticas e Ensino de Geografia	Belo Horizonte-MG	2017
Avaliando a aprendizagem a partir da pesquisa: uma experiência da ação docente no Ensino Médio	I Congresso Nacional de Avaliação da Aprendizagem	Salvador-BA	2019

Fonte: UFRN. Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas (Sigaa), 2019.

Apêndice 18 - Trabalhos de autoria própria publicados em eventos internacionais, por título, local e ano (2000-2018)

TÍTULO	EVENTO	LOCAL	ANO
Geografia Urbana e Regional			
Igreja e educação: veredas de desenvolvimento — a cidade de Caicó em análise	III Congresso Luso-Brasileiro — História da Educação — Escolas, Culturas e Identidades	Coimbra-Portugal	2000
Migração e crescimento urbano: o Seridó Potiguar em análise	III Colóquio Internacional de Geocrítica	Barcelona-Espanha	2001
Seridó Norte-Rio-Grandense: planejando a sustentabilidade do desenvolvimento regional	International Geographical Union (IGU): Globalização e Marginalidade	Natal-RN	2005
Região e capital social: a reinvenção do Seridó nos fios silenciosos da cultura	III Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional	Santa Cruz do Sul-RS	2006
Desenvolvimento sustentável e planejamento regional: a experiência do RN-Brasil	VII Congresso Latino Americano de Sociologia Rural	Quito-Ecuador	2006
Redefinindo as relações campo-cidade, tecendo um novo perfil regional: Seridó Potiguar	III Simpósio Internacional de Geografia Agrária	Londrina-PR	2007
Sociedade e meio ambiente: análise desertificação no Seridó Potiguar	II Semiluso — Seminário Luso-brasileiro Agricultura familiar e desertificação	João Pessoa-PB	2008
Degradação ambiental do Seridó: nas entrelinhas da relação sociedade, cultura e natureza	I Colóquio Internacional de História	Campina Grande-PB	2008
O planejamento sustentável como ferramenta para o desenvolvimento regional	3º Congresso Luso Brasileiro para o Planejamento Urbano e Regional, Integrado e Sustentável (Pluris)	Santos-SP	2008
Redefinindo a gestão territorial, pelas trilhas do desenvolvimento sustentável	IV Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional	Santa Cruz do Sul-RS	2008
Urbanização e rede urbana: nas entrelinhas do fenômeno urbano, a pequena cidade	12º Encuentro de Geografos de America Latina	Montevideu-Uruguai	2009

Rede e reestruturação espacial: contribuições ao planejamento e a gestão territorial	XIV Colóquio Ibérico de Geografia	Guimarães- Portugal	2014
Educação a Distância			
Institucionalização da Educação a Distância em instituição de ensino superior: uma abordagem teórico-prática	I Congresso Internacional de Ensino Superior a Distância	Salvador- BA	2015
Ensino de Geografia			
Ateliê de ensino: o saber-fazer docente na Educação a Distância	IV Congresso Internacional de Educação Superior a Distância — ESUD e XV Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância	Natal- RN	2018

Fonte: Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas da UFRN (Sigaa), 2019.

Apêndice 19 - Trabalhos em coautoria publicados em eventos internacionais, por título, local e ano (2000-2018)

TÍTULO	EVENTO	LOCAL	ANO
Geografia Urbana e Regional			
Dilemas entre sobrevivência e sustentabilidade na construção de um Plano de Desenvolvimento Sustentável na Região do Semi-Árido Nordestino	VI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología Rural	Porto Alegre-RS	2002
Entre o Seridó e o Vale do Açu: uma leitura da construção identitária do Seridó	International Geographical Union (IGU): Globalização e Marginalidade	Natal-RN	2005
Espaços do lazer: o vão do lazer e o desvão das políticas públicas — um estudo de caso... Caicó-RN	II Seminário Urbicentros	Maceió-AL	2011
A configuração de novos territórios urbanos em Porto Alegre-RS/Brasil	XII Colóquio Internacional de Geocrítica	Bogotá-Colômbia	2012
A territorialização das mariculturas de Rio do Fogo	Fórum Internacional do Meio Ambiente	João Pessoa-PB	2012
Pequenas cidades: um olhar sobre as relações econômicas e ambientais	III Seminário Nacional e I Seminário Internacional O papel do geógrafo no contexto social atual	Natal-RN	2012
Reestruturação produtiva e centros regionais do Rio Grande do Norte: um estudo do perfil socioeconômico e espacial de Santa Cruz-RN			
Mulher e território: o trabalho das maricultoras em Rio do Fogo-RN			
Cruzeta-RN: nas entrelinhas da relação entre crescimento, economia e meio ambiente urbano			
Planejamento, gestão territorial e políticas educacionais	XIV Colóquio Ibérico de Geografia	Guimarães-Portugal	2014
Sustentabilidade e desenvolvimento local: uma análise sobre a atividade faccionista têxtil no município de São José do Seridó-RN/Brasil	XV Encuentro de Geógrafos de América Latina: por una América Latina unida y sustentable	Havana-Cuba	2015
O setor eólico-elétrico e as transformações socioespaciais no território do Rio Grande do Norte/Brasil			
Vulnerabilidade socioambiental nas cidades brasileiras: uma análise a partir do zoneamento de Natal-RN			
Dinâmica territorial da Microrregião da Serra de Santana-RN a partir da produção de energia eólica			

Ensino de Geografia, Formação de Professor e Educação a Distância			
A formação do professor: considerações sobre o Estágio Supervisionado no Probá-sica/UFRN	Congresso Internacional de Formação Continuada e Profissionalização Docente	Natal-RN	2005
Imagem e Geografia: abordagem para uma inteligência espacial	12º Encuentro de Geógrafos de América Latina	Montevideu-Uruguai	2009
Ensino de Geografia: linguagem, representação e símbolos	IV Fórum Internacional de Pedagogia	Natal-RN	2012
Imagem-ensino tecendo uma Geografia Complexa	XIV Colóquio Ibérico de Geografia	Guimarães-Portugal	2014
Recursos didáticos utilizados no ensino de Geografia em nível médio: o que nos revelam os professores de uma escola pública de Caicó-RN	XV Encuentro de Geógrafos de América Latina: por una América Latina unida y sustentable	Havana-Cuba	2015
O papel do tutor a distância e a atuação docente na EaD da UFRN	I Congresso Internacional de Ensino Superior a Distância	Salvador-BA	2015
Reconhecimento de cursos a distância: abordagem analítica do processo de avaliação			

Fonte: UFRN. Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas (Sigaa), 2019.

Apêndice 20 - Eventos de extensão, por ano e local (colaboradora) (2012-2020)

TÍTULO	ANO	LOCAL
Geografia		
VI Seminário de Estudos Geográficos	2012	Ceres
VII Seminário de Estudos Geográficos	2013	Ceres
XX Encontro Estadual de Geografia do Rio Grande do Norte	2013	CCHLA
Geografia, meio ambiente e cidadania	2013	CCHLA
XXI Encontro Estadual de Geografia do Rio Grande do Norte	2014	CCHLA
XXII Encontro Nacional de Geografia Agrária (Enga)	2014	CCHLA
II Seminário Regional: comércio, consumo e culturas nas cidades	2015	CCHLA
XXIV Encontro Estadual de Geografia do Rio Grande do Norte	2018	CCHLA
Ensino de Geografia		
IV Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão (Sepe)	2012	Ceres
I Encontro de Educação Geográfica	2014	Ceres
II Encontro de Educação Geográfica	2015	Ceres
Livro didático de Geografia: potencializar o uso em sala de aula	2018	CCHLA
VIII Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão (Sepe)	2017	Ceres
I Seminário do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRN	2019	CCHLA
Encontro Nacional dos Mestrados Profissionais em Geografia (Egeoprof)	2019	Ceres
Educação a Distância		
2º Encontro Regional de EaD	2012	Sedis
Encontro de tutores a distância	2018	Sedis
Seminário de conteudistas para produção de material didático para EaD	2018	Sedis
I Seminário Nacional de Pesquisa e Inovação	2019	Sedis
I Semana Universitária da EaD da UFRN: formação e integração acadêmica	2019	Sedis
A EaD em pauta: cenário, desafios e perspectivas na oferta das IES associadas Nordeste	2019	Sedis
Desafios para a formação no século 21: diálogos entre pedagogias, competências e ambiente digitais	2019	Sedis
EaD na UFRN: itinerários (in)formativos	2019	Polos*
Enade EaD 2020: orientando para o bom desempenho	2020	AVA

Fonte: UFRN. Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas (Sigaa), 2019.

*Polos de Apoio Presencial da EaD.

Apêndice 21 - Participação como palestrante em eventos locais, regionais e estaduais, por local e ano (2000-2016)

EVENTO	LOCAL	ANO
I Encontro de Professores do Seridó	Currais Novos	2000
VII Encontro Estadual de Geografia	Mossoró	2000
IX Encontro Estadual de Geografia	Caicó	2002
III Jornada de Pesquisa Ceres	Caicó	2002
Turismo Histórico-Cultural como Pedagogia da Memória	Currais Novos	2003
III Semana de Estudos Históricos	Caicó	2003
XI Encontro Estadual de Geografia	Natal	2004
Semana de Estudos Históricos Ceres	Caicó	2004
XII Encontro Estadual de Geografia	Caicó	2005
VI Semana do Administrador Ceres	Caicó	2005
Panorama da Desertificação do RN	Natal	2005
Seminário Bom dia Sertões	Natal	2006
II Jornada Geográfica	Pau dos Ferros	2006
II Encontro Regional da Anpuh-RN	Caicó	2006
I Encontro de Estudos, Pesquisa e Extensão da Faculdade do Seridó	Currais Novos	2006
Conferência das Cidades	Currais Novos	2007
Conferência das Cidades	Parelhas	2007
Conferência das Cidades	Santana do Matos	2008
III Conferência Regional sobre Meio Ambiente	Caicó	2008
3º Encontro de Geografia do Cefet-RN	Natal	2008
XVI Encontro Estadual de Geografia	Natal	2009
VIII Curso Superior de Polícia Militar da Academia de Polícia Militar	Caicó	2009
Semana Pedagógica do IFRN	Caicó	2010
Encontro de Pedagogia — Faculdades Integradas de Patos	Patos	2012
Encontro de Educadores da área de Ciências Humanas	Patos	2012
7º Encontro de Tutores da UFRN	Natal	2013
Aspectos Educacionais e Cultura do Semiárido Brasileiro	Caicó	2016

Fonte: UFRN. Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas (Sigaa), 2019.

Apêndice 22 - Participação em comissão organizadora de eventos locais, regionais e estaduais, por edição (1992-2020)

EVENTO	EDIÇÃO						
Encontro Estadual de Geografia	1992	1999	2005	2010	2013	2014	2018
Seminário de Estudos Geográficos	2007	2008	2011	2012	2013		
Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão do Ceres	2009	2010	2011	2012	2017		
Encontro Regional de EaD	2012	2013					
Encontro de Tutores	2011	2013	2014	2018			
Encontro de Educação Geográfica	2014	2015					
Livro didático de Geografia: potencializando o uso...	2018						
Semana Universitária da EaD da UFRN	2019						
EaD na UFRN: itinerários (in)formativos	2019						
ENADE EaD 2020: orientando o bom desempenho	2020						

Fonte: UFRN. Sistema Integrado de Gestão das Atividades Acadêmicas (Sigaa), 2020.

Feliz daquele que transfere o que sabe e
aprende o que ensina.
(Cora Coralina)

Ione Rodrigues Diniz Morais

Retratos da
Trajetória
da vida

















Este livro foi composto em fonte Minion Pro,
em e-book formato pdf, com 300 páginas
Julho de 2021



ISBN 978-856796043-2
9 788567 960432